

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**A EDUCAÇÃO SEXUAL SOB O PRISMA DA
GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA**

RANILCE MASCARENHAS GUIMARÃES

BRASÍLIA

2000

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca examinadora da Universidade Católica de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Professora Dr.^a Stella dos Cherubins Guimarães Trois e co-orientação da Professora Dr.^a Jacira da Silva Câmara.

COMISSÃO EXAMINADORA

Stella dos Cherubins Guimarães Trois

Prof.^a. Dr.^a. Stella dos Cherubins Guimarães Trois

Orientadora

Jacira da Silva Câmara

Prof.^a. Dr.^a. Jacira da Silva Câmara

Co-orientadora

Jerusa Maria Figueirêdo Netto

Prof.^a. Dr.^a. Jerusa Maria Figueirêdo Netto

Membro da Banca Examinadora

Se uma sociedade nega desde cedo, ao jovem, o desejo do desejo, pela negação de uma oportunidade de educação plena, essa sociedade está destruindo no cidadão o embrião libertório que reside em seu corpo e é a mola do sonho, do encantamento, da busca e da força transformadora.

Isaura Guimarães

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo Dom da vida;

Aos meus pais e aos meus irmãos, pelo amor e aconchego familiar;

À professora Stella, pela compreensão e pelo apoio constante;

À professora Jacira, pelos sábios conselhos;

A professora Jerusa, pelo carinho e preciosa colaboração;

Aos adolescentes e às famílias envolvidas, pela gentil disponibilidade e contribuição;

A Direção, equipe pedagógica e professores da escola pesquisada, em especial ao diretor e aos assistentes, pela disponibilidade e calorosa recepção;

À Fundação Educacional do Distrito Federal, pela liberação do Afastamento para Estudos;

Às minhas tias, tios e primos, pelo aconchego e incentivo constante, em especial à tia Chaguinha e ao tio Fabrício;

Ao Pró-Reitor de Assuntos Comunitários e Extensão da Universidade Católica de Brasília, Pe. José Romualdo Degasperi, pelo confiança depositada em mim;

Às queridas amigas e educadoras Maria Helena, Luciana, Cristina, Irne, Tatiana, Maria, Arilda, Sônia, Gardênia e Lindalva pela torcida silenciosa;

Aos meus colegas de trabalho, Távora, Nilson, Carlinhos, Paulo, Mateus, Reinaldo, Hiran, Wellington, Evenilson, Angélica e Maristela.

A todos os que acreditaram no meu potencial e que me incentivaram sempre na realização deste sonho.

HOMENAGEM

A minha avó, Júlia Andrade Guimarães, exemplo de generosidade, força, alegria e amizade, que soube amar a todos de modo grandioso e incondicional.

Ao meu avô, Raimundo Ferreira Mascarenhas, que com suas palavras firmes, sempre demonstrou confiar no meu potencial, depositando em mim muito dos seus sonhos e esperanças.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Gonzaga e Ranilde, por terem me ensinado desde cedo o significado do amor, do diálogo e da responsabilidade. Por terem me ensinado gradativamente a descobrir o valor da família. Por terem me ensinado através da saudável convivência familiar as primeiras e mais importantes noções de educação sexual. Pelas inúmeras vezes em que os vi namorando, conversando, sorrindo, brincando carinhosamente um com o outro. Simplesmente... Porque eles se amam verdadeiramente. Simplesmente... Porque eles propiciam a seus filhos um ambiente familiar de harmonia, respeito e amor.

SUMÁRIO

RELAÇÃO DE TABELAS.....	ix
RESUMO.....	x
ABSTRACT.....	xi
INTRODUÇÃO.....	01
JUSTIFICATIVA.....	05
I - REVISÃO DA LITERATURA.....	11
1. Concepção de Sexualidade e de Educação Sexual.....	11
2. Finalidades e objetivos da Educação Sexual.....	21
3. Manifestações da Educação Sexual.....	23
3.1. Na Família.....	23
3.2. Na Escola.....	28
3.3. Na Mídia.....	36
4. O adolescente e sua Sexualidade.....	42
5. Panorama da Gravidez na Adolescência.....	47
6. A Educação Sexual como mecanismo de Prevenção da Gravidez na adolescência.....	51
II - CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO E DOS OBJETIVOS.....	53
III - REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	58
1. Método de Abordagem.....	58
2. Escola Selecionada / Sujeitos Participantes da Pesquisa.....	59
3. Procedimentos, Instrumentos e Coleta de Dados.....	61
4. Definição de Termos.....	62
IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	66
V - CONCLUSÕES DO ESTUDO.....	167
VI - EDUCAÇÃO SEXUAL: PROPOSTAS, DESAFIOS RECOMENDAÇÕES.....	179
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	186
ANEXOS	

RELAÇÃO DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição quanto aos participantes da pesquisa.....	61
Tabela 2 - Distribuição das adolescentes quanto ao sexo.....	67
Tabela 3 - Distribuição dos adolescentes quanto à idade.....	68
Tabela 4 - Distribuição dos adolescentes quanto à série do Ensino Médio que estavam cursando.....	68
Tabela 5 - Distribuição dos adolescentes quanto à idade na primeira relação sexual.....	69
Tabela 6 - Distribuição dos adolescentes quanto ao estágio da vivência da gravidez.....	70
Tabela 7 - Distribuição dos adolescentes quanto ao estado civil.....	70
Tabela 8 - Distribuição dos adolescentes quanto ao local onde residiam.....	72
Tabela 9 - Distribuição dos adolescentes quanto à situação de trabalho.....	73
Tabela 10 - Distribuição dos familiares entrevistados quanto ao sexo.....	99
Tabela 11 - Distribuição dos familiares quanto ao grau de parentesco com o adolescente envolvido em situação de gravidez.....	99
Tabela 12 - Distribuição dos familiares quanto ao estado civil.....	100
Tabela 13 - Distribuição dos familiares quanto ao grau de escolaridade.....	101
Tabela 14 - Distribuição do pessoal da escola quanto ao sexo.....	123
Tabela 15 - Distribuição do pessoal da escola quanto à função exercida na escola.....	124

RESUMO

O presente estudo se propõe a identificar o posicionamento que a escola, os pais e os adolescentes envolvidos em situação de gravidez apresentam com relação à vivência da gravidez na adolescência e à inclusão da educação sexual no currículo escolar. Utiliza-se da metodologia etnográfica, tendo como cenário da investigação uma escola de ensino médio da Rede Pública do Distrito Federal, situada na cidade satélite de Ceilândia. Através de entrevistas, análise documental e observação do ambiente escolar foram considerados e analisados os seguintes aspectos: caracterização do/a adolescente envolvido/a em situação de gravidez, o/a adolescente frente à descoberta da gravidez; o/a adolescente e sua visão da postura da família e da escola frente à sua gravidez; o/a adolescente envolvido/a em situação de gravidez e sua relação com a escola; o/a adolescente envolvido/a em situação de gravidez e sua percepção de educação sexual; a família e o caso da gravidez na adolescência; a família e a concepção de educação sexual; a escola e os casos de gravidez na adolescência; a escola e sua percepção de educação sexual. A pesquisa constata que a gravidez entre adolescentes altera os seus projetos de vida, principalmente no que se refere às suas perspectivas educacionais e profissionais. Aponta a necessidade de escola e de família firmarem parcerias no trato das questões ligadas à educação sexual de crianças e jovens. Denuncia que, apesar de a escola reconhecer a gravidez na adolescência como um problema social, ainda não se encontra técnica e humanamente preparada para lidar devidamente com o problema. Os resultados evidenciaram que a inclusão da educação sexual no currículo escolar, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio, pode representar um dos mecanismos de prevenção mais viáveis dos casos de gravidez na adolescência e de outros problemas ligados direta ou indiretamente ao exercício da sexualidade. Conclui que, a inclusão da educação sexual no currículo escolar poderá contribuir para que a aprendizagem se torne muito mais significativa, contribuindo para a formação de cidadãos mais afetivos, saudáveis, livres, éticos e conscientes de seus limites, preparados para exercer sua sexualidade de modo prazeroso, harmonioso, responsável e com amor.

Palavras Chave: gravidez na adolescência; educação sexual; currículo.

ABSTRACT

The present study intends to identify what the position of both the school and the **parents**, as well as of the teenagers, involved with pregnancy situations is, when dealing with **pregnancy in the adolescence** and about the inclusion of **sexual education** in the school **curriculum**. The working tool is the ethnographic methodology, and as the site of investigation an official public high-school of the Federal District Government, located in Ceilândia, a satellite city of Brasilia. By means of interviews, documental analysis and environmental observations of the school the following aspects were considered and analyzed: characterization of the teenager involved in a pregnancy situation; the teenager facing the discovery of pregnancy, the teenager's viewpoint of the position of the family and of the school in relation to her/his pregnancy; the teenager involved in pregnancy and her/his relation with the school; the teenager involved in pregnancy situation and her/his perception of the sexual education, the family and the pregnancy affair in the adolescence, the family and its conception of sexual education; the school and the pregnancy affair in the adolescence; and the school and its perception of the sexual education. The research ascertains that the pregnancy among teenagers changes their life projects, mainly in what concerns their professional and educational expectations. It also points out the need of both school and family to establish a partnerships in treatment of the questions related to the sexual education of children and teenagers. It denounces that despite the school's recognition of the pregnancy in the adolescence as a social problem, it is neither technically and humanely prepared to properly deal with such problem. The results of the research make evident that the insertion of the sexual education in the school curriculum, from the basic education to the high-school levels, may become one of the most feasible tools in the prevention of pregnancy affair. The research infers that the inclusion of the sexual education in the school curriculum will certainly contribute to a more meaningful learning, and to the building up of more affective, healthier, free and concerned citizens, furthermore, citizens with clear knowledge of their social limits and well-prepared to develop their sexuality with pleasure, harmony, responsibility and love.

Key words: pregnancy in the adolescence: sexual education ; curriculum.

INTRODUÇÃO

Que se pretende quando se quer esconder das crianças - ou digamos dos adolescentes - as explicações sobre a vida sexual dos seres humanos? Teme-se despertar neles precocemente o interesse por estas coisas, antes que este interesse desperte espontaneamente?... Ou então pretende-se realmente e seriamente vê-los julgar mais tarde tudo que se liga ao sexo como algo de vil e de abominável do qual seus pais e seus educadores quiseram mantê-los afastados tanto quanto possível?

(Sigmund Freud)

Nas últimas décadas temos presenciado, um número cada vez mais elevado de casos de gravidez na adolescência, que deixou de ser algo restrito ao recesso familiar e ganhou espaço público. Os noticiários se reportam diariamente a casos de adolescentes que têm de lidar com a difícil tarefa da maternidade e da paternidade precoce. Pais, educadores e diversas instituições governamentais e não-governamentais têm se preocupado com tal realidade e procurado soluções e propostas política e socialmente viáveis para enfrentar essa problemática.

A desestruturação familiar, a escassez de certos valores, a liberação dos costumes, o estímulo constante à erotização têm contribuído cada vez mais para a precocidade do início da atividade sexual de nossos jovens. A mídia, principalmente a televisão, tem colocado o jovem em constante contato com questões relacionadas à sexualidade, muitas vezes, erotizando e despertando o interesse precoce pelo sexo, oferecendo apenas informações, sem a devida preocupação com a formação de nossas crianças e adolescentes. O jovem é "bombardeado" o dia inteiro com cenas de sexo na TV, vendo apenas o lado "romântico" destas relações. Como na TV, dificilmente as jovens engravidam e/ou têm que assumir a responsabilidade por tal acontecimento, nossos jovens também passam a acreditar que poderão ter suas relações sexuais sem ter que se preocupar com a contracepção. Tanto as meninas quanto os meninos que estão

gravidez na adolescência deve ser analisada tanto do ponto de vista da jovem grávida como do ponto de vista do jovem pai, uma vez que muitos adolescentes têm se tornado pai cada vez mais cedo. Não é apenas a adolescente que se tem visto envolvida em situação de gravidez precoce, mas também o adolescente do sexo masculino, que, muitas vezes, se vê diante de uma situação de gravidez da qual ele contribuiu para acontecer, mas sem saber como agir ou o que fazer. A gravidez na adolescência tem gerado conflitos diversos na vida dos adolescentes, sejam eles "garotos" ou "garotas".

Estes adolescentes, ainda são quase crianças, acabaram de sair da fase infantil e, na maioria dos casos, ainda não estão suficientemente preparados para encarar as responsabilidades da vida adulta. Estão dando início a suas relações, estão aprendendo a namorar, a conviver com pessoas do sexo oposto. Estão começando a desfrutar da "liberdade" de poder ir a festas, a *shows*, viajar sozinhos. Querem "curtir a vida", conhecer pessoas, "ficar", ter um "rolô", namorar, fazer sexo, experimentar. Poucos estão preocupados com relações estáveis, com a possibilidade de um casamento, com o risco de contágio de doenças sexualmente transmissíveis, com o uso de métodos preventivos na relação sexual. Entretanto, de repente, acontece a possibilidade de ser pai ou mãe na adolescência. Alguns desejavam que isso acontecesse, ficam felizes e sentem-se mais seguros, mais fortes; outros ficam desesperados, com medo, sozinhos, rejeitam esta gravidez. Em alguns casos, a rejeição não é somente do/a adolescente, mas da família e dos amigos, o que leva o/a adolescente a optar por soluções mais drásticas, como por exemplo o aborto. Quando nos referimos à gravidez na adolescência, algumas questões centrais nos aflora, tais como: *Como era a vida sexual desses adolescentes antes da gravidez? Como o/a adolescente convive com a gravidez? Como esses adolescentes se comportam na escola no período da gravidez? O que esses/essas adolescentes esperam do papel da família e da escola ao tomarem conhecimento da gravidez? Como o/a adolescente percebe a educação sexual? Como a escola lida com a gravidez na adolescência? Como o corpo administrativo, pedagógico e docente percebem a educação sexual? Como a família enfrenta a gravidez na adolescência e o que ela espera do papel da escola e da educação sexual?* São muitos os questionamento que nos direcionaram para a realização do presente estudo.

Costa, 1986 (apud Fruet, 1995) pontua que a adolescência representa um período de ricas transformações na vida de cada indivíduo, sendo uma fase repleta de descobertas e experiências importantes para o desenvolvimento emocional. Se estas experiências forem positivas, facilitam a formação de vínculos sociais e afetivos, essenciais para a vida sexual, caso sejam negativas, trarão conseqüências diferenciadas na formação desses vínculos. A educação sexual tem sido apontada como uma das formas mais viáveis para lidar com as questões referentes à sexualidade humana: desenvolvimento sexual, doenças sexualmente transmissíveis, principalmente a AIDS, violência e exploração sexual e gravidez na adolescência. Apesar de polêmico, este assunto tem permeado as discussões e as mais recentes propostas educacionais do País e do mundo. Busca-se uma educação sexual que trabalhe a sexualidade do nosso educando em todas as suas dimensões, respeitando-o como sujeito ativo do processo de aprendizagem. Uma educação sexual que esteja inserida no projeto pedagógico da escola e preocupada com a prevenção do avanço da AIDS e da gravidez precoce. Uma educação sexual voltada para a conscientização das conseqüências da vivência inadequada e irresponsável da sexualidade e que privilegie o desenvolvimento harmônico e saudável da saúde reprodutiva dos nossos jovens. Uma educação sexual que transcenda a concepção biológica, compreendida a partir de todas as suas dimensões e com abordagens diferenciadas.

Muitas escolas têm encontrado inúmeras dificuldades para lidar com qualquer que seja o problema relacionado à sexualidade, optando pela omissão ou negligência diante de tais problemas. Uma vez que a escola se omite no papel de promover a prevenção da gravidez na adolescência, estará ela continuando a se omitir no momento em que toma conhecimento do caso?

Dessa forma, foi abordada a questão da inclusão da educação sexual no currículo de uma escola do ensino médio, sob o prisma da gravidez na adolescência. Esse assunto é muito polêmico, uma vez que muitas dessas gravidez não chegam ao final, ou melhor, são interrompidas através das mais variadas práticas de aborto. O presente estudo dirigiu-se a estudar o problema da gravidez que se cumpriria, ou seja, cuja terminalidade pretendida fosse a maternidade e a paternidade. Cabe ressaltar, entretanto, que por abranger várias questões, a educação sexual abre caminho para ser estudada e proposta à luz dos mais diferenciados aspectos, neste caso, foi privilegiada, essencialmente, a problemática da gravidez na adolescência.

A finalidade deste estudo foi identificar a representação que adolescentes envolvidos em situação de gravidez têm a respeito da inclusão da educação sexual no currículo escolar e

verificar o trabalho que a escola desenvolve junto a estes adolescentes, quando tomam conhecimento de que estão vivenciando uma gravidez, tanto no aspecto masculino quanto no feminino. Buscou-se ainda, identificar a concepção de educação sexual do ponto de vista do corpo administrativo, pedagógico e docente da escola, dos pais dos adolescentes e dos próprios adolescentes. É importante salientar que, com vistas a uma maior compreensão da realidade estudada, buscamos conhecer o ponto de vista também daqueles adolescente que já são mães ou pais, principalmente daqueles que se encontram nessa situação a menos de um ano. Trabalhamos com adolescentes na faixa etária entre 15 e 19 anos, faixa etária bastante comum entre os alunos do ensino médio. A análise dos dados obtidos possibilitou a obtenção de informações importantes sobre a gravidez na adolescência, sobre a importância da inclusão da educação sexual no currículo da escola e suas implicações no processo educativo de modo geral.

JUSTIFICATIVA

Todo indivíduo tem direito a receber informação e educação sobre a sexualidade, além dos meios para vivê-la como pessoa.

(Conferência sobre Direitos Humanos, 1968)

A educação sexual vem ganhando espaço dentro das mais recentes propostas educacionais e vem se apresentando como uma das formas mais adequadas e eficientes para se trabalhar a sexualidade do educando, de modo a lhe propiciar o desenvolvimento de sua sexualidade de maneira responsável e saudável. Muitas escolas, apesar de apresentarem indícios da necessidade de incluir a educação sexual no seu currículo, ainda não acordaram para tal realidade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de 5^a a 8^a série - PCN (Brasil, 1998), mostram que essa realidade vem sendo transformada, e que a discussão sobre a inclusão da temática sexualidade no currículo das escolas de ensino fundamental e médio vem se intensificando desde a década de 70, provavelmente em função das mudanças comportamentais dos jovens dos anos 60, dos movimentos feministas e de grupos que pregavam o controle de natalidade. Um longo caminho ainda precisa ser trilhado para que as escolas brasileiras coloquem, realmente, em prática a educação sexual dentro de suas propostas pedagógicas. Uma mudança de postura da escola, tratando a educação sexual com mais clareza e amplitude não poderia contribuir para a redução de vários problemas ligados à vivência da sexualidade pelo adolescente, tais como as doenças sexualmente transmissíveis e os casos de gravidez na adolescência?

Com o advento de toda uma alteração hormonal trazida pela puberdade, a sexualidade passa a assumir um lugar de destaque na vida do adolescente. Se a escola souber trabalhar com essa realidade, reconhecendo e sabendo lidar com a sexualidade de seus educandos, talvez, poderá contribuir para a construção da identidade de um indivíduo mais responsável e feliz. O adolescente precisa ser sujeito e não objeto do processo de inclusão da

educação sexual no currículo escolar, suas opiniões e suas experiências de vida precisam ser levadas em consideração. A visão dos adolescentes, em relação à inclusão da educação sexual dentro do currículo da escola do ensino médio, será de grande relevância, na medida em que tal compreensão poderá oferecer apoio e orientações adequadas de como os adolescentes devem proceder com relação à sua vida sexual. Além disso, até que ponto a inclusão da educação sexual no currículo da escola poderá contribuir, também, para a discussão de questões referentes à sexualidade de modo mais transparente, eliminando os tabus que a sociedade nos impõe?

Se é papel social da escola oferecer uma educação ampla e abrangente ao educando, não podemos esquecer que dentro dos termos "ampla" e "abrangente" estão incluídas, também, as questões relacionadas à sexualidade. Neste caso, cabe-nos a seguinte indagação: a escola investigada estava desempenhando o seu papel social frente à problemática da sexualidade e, mais especificamente, frente aos casos de gravidez na adolescência? Diante dessa indagação, esta pesquisa procurou identificar a reação e as medidas tomadas pela escola ao saber que um de seus adolescentes estava enfrentando uma gravidez precoce. A pesquisa buscou, também, identificar a compreensão da escola, da família e dos próprios alunos em relação a inclusão da educação sexual no currículo da escola, numa abordagem abrangente.

O tema é bastante atual e tem sido motivo de preocupação de estudiosos das mais variadas áreas do conhecimento. A compreensão e a defesa da educação sexual à luz da gravidez na adolescência é apenas um recorte dentro de uma área que vem tomando, cada vez mais, espaço dentro do mundo científico: a sexualidade dos nossos jovens. A gravidez na adolescência é uma questão que deve ser tratada com seriedade, considerando as conseqüências, não apenas na vida do adolescente em si, como na sociedade de um modo geral. O Ministério da Saúde, também volta-se para a questão e vem realizando pesquisas e seminários com o objetivo de discutir e propor alternativas viáveis para abordar com eficiência e eficácia os casos de gravidez na adolescência. A *Revista Época*, de 12 de abril de 1999:48-53, traz uma reportagem do Ministério da Saúde no que se refere à vivência da sexualidade na adolescência que apresenta os seguintes dados:

30% das meninas com idade entre 15 e 19 anos têm vida sexual;

A taxa de fecundidade nessa faixa etária cresceu 26 pontos percentuais entre 1970 e 1991;

14% das garotas usam anticoncepcionais;

18% delas já engravidou pelo menos uma vez;

54 % das afirmam que a gravidez foi indesejada;

Apenas 3,6 % das meninas e 22 % dos meninos usam camisinha para evitar o vírus HIV.

As estatísticas são preocupantes e revelam ainda mais a importância do tema e a necessidade de estudos científicos voltados para essa problemática. A gravidez na adolescência é vista pelo Ministério da Saúde como uma consequência das dificuldades econômicas dos jovens, da pressão do grupo de amigos, da carência de afeto, do baixo nível de escolaridade, da falta de perspectiva de trabalho e, ainda, de dificuldades nos relacionamentos familiares. Não será, também, uma consequência da limitação de propostas educacionais eficientes e comprometidas com a formação sexual do indivíduo?

A gravidez na adolescência é uma realidade que vem sendo cada vez mais presenciada em toda a sociedade mundial, exigindo que se busquem respostas adequadas para esta problemática. A família, a escola e os meios de comunicação têm papel importante a desempenhar frente a esta realidade. Dados divulgados pelo Ministério da Saúde apontam que 27% dos partos feitos pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em 1999, foram em meninas entre 10 e 19 anos, que ainda deveriam estar às voltas com livros e não com fraldas e mamadeiras. São 705.312 adolescentes que viraram mães antes mesmo de saber o que isso representa. No Distrito Federal, 25% das gestações são de adolescentes, segundo dados da Secretaria de Saúde.

Os dados nos mostram que o tema é de grande relevância política, social, econômica e educacional. A gravidez precoce tem se mostrado como fator agravante na perpetuação da pobreza e da própria violência social e por isso, precisa ser encarada além dos dados do Ministério da Saúde. Não seria necessário que houvesse um interesse político coletivo para lidar com este problema? As políticas públicas do país têm se mostrado suficientes para enfrentar com seriedade e com eficiência a problemática da gravidez entre um número cada vez maior de adolescentes? Essas políticas estão voltadas para o reconhecimento e estabelecimento da educação sexual de qualidade para toda a população?

A gravidez na adolescência altera todo o projeto de vida do adolescente, trazendo, na maioria das vezes, insegurança e traumas para a vida desses jovens. Portanto, é preciso reconhecer a necessidade do aluno que está envolvido em situação de gravidez na adolescência, seja ele do sexo feminino ou masculino, receber também o apoio psicológico e/ou emocional adequado para enfrentar o fato de uma paternidade ou de uma maternidade precoce. É sabido que a gravidez precoce tem levado muitos adolescentes a abandonarem a escola. Este abandono não

seria um sinal claro da falta de uma proposta educacional que tenha como um de seus objetivos orientar e apoiar este aluno e sua família? As despesas aumentam e os adolescentes têm que, na maioria dos casos, deixar a escola para trabalhar e contribuir com a renda familiar, para sustentar a sua nova família. Sem a preparação adequada, candidatam-se, na maioria das vezes, a subempregos ou se envolvem com uma vida de alto risco: drogas, assaltos e prostituição. A questão econômica é um motivo de preocupação para estes adolescentes. Muitas vezes, acabam abandonando os seus filhos nas ruas levando-os à marginalização. A escola tem dialogado com este adolescente, incentivando-o a fazer o planejamento familiar, a discutir a responsabilidade da maternidade e paternidade? A escola tem procurado apoiar também as famílias desses alunos? Os pais ficam cada vez mais apreensivos frente à constatação de que a gravidez na adolescência e/ou as doenças sexualmente transmissíveis invadem cada vez mais os lares das famílias brasileiras. As famílias já começam a reconhecer a importância de a escola trabalhar com temas ligados à sexualidade dentro da sala de aula, ainda que encontrem dificuldades em falar diretamente com seus filhos ou, até mesmo, de participar dos trabalhos realizados pela escola. Como a família deve lidar com essa problemática?

As escolas de Ensino Médio do Distrito Federal - DF vêm apresentando um número cada vez mais elevado de casos de gravidez na adolescência, o que tem sido motivo de preocupações. Um trabalho voltado para este tema não poderia contribuir para uma melhor compreensão desta realidade, tanto por parte dos educadores e pais como e, principalmente, por parte dos educandos? No momento atual, mudanças estão sendo propostas no Currículo do Ensino Médio com vistas a aproximá-lo cada vez mais da realidade da sua clientela. Por que não aproveitar esse momento para propor que as escolas passem a trabalhar realmente com o tema?

Apesar dos avanços científicos na área de educação sexual, Werebe (1998) coloca que ainda é bastante reduzido o número de estudos voltados para a questão da sexualidade do adolescente mais jovem, que ainda se encontra no ensino médio, afirmando que, a maioria das pesquisas sobre adolescentes, têm como sujeitos adolescentes universitários. É importante ressaltar que toda e qualquer questão relacionada à sexualidade ainda continua, nos dias de hoje, sendo motivo para grandes polêmicas políticas, éticas, religiosas educacionais, devido aos mais variados motivos: preconceitos, interesses pessoais, tabus, receios e rejeições, omissões e repressões, o que possivelmente justifique, em parte, a limitação de trabalhos científicos na área. Para melhor compreendermos a juventude moderna e toda a sua revolução precisamos compreender e respeitar também o desenvolvimento da sua sexualidade e ajudá-lo a desenvolvê-la com saúde e responsabilidade.

As Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio, determinam que o currículo deve abranger questões que fazem parte da vida do indivíduo e que são úteis para sua formação cidadã, tais como: a ética, a sexualidade, a diversidade, a delicadeza, a afetividade, a solidariedade, a responsabilidade, a reciprocidade, a competência técnica e humana. Tanto os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (1^a a 4^a e, 5^a a 8^a) deixam claro as diretrizes para o trabalho na escola na área de educação sexual (tema transversal: orientação sexual), quanto as Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio fixam que a sexualidade deve estar contextualizada, devendo ser abordada por todos os professores, de acordo com a necessidade. Outro fato importante diz respeito à *Lei 1.575 de 22 de Julho de 1997*, que no seu Artigo 1º, torna obrigatória a inclusão de conteúdos de Educação Sexual nas matérias e atividades curriculares do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. O que seria necessário para que essa Lei se tornasse uma realidade?

A clientela do Ensino Médio, em grande parte, encontra-se na adolescência (principalmente na faixa etária entre 15 e 19 anos) e esta fase representa um período de grandes preocupações sociais uma vez que o indivíduo passa por um período de grandes transformações da sua sexualidade (psicológico, biológico e sócio-cultural). Essas transformações, quando não compreendidas e respeitadas, podem acarretar grandes prejuízos futuros, principalmente no que se refere ao fato de uma gravidez precoce. Os educadores da escola investigada apresentavam uma preocupação real com essas questões?

Atuando na área de Orientação Educacional a pesquisadora percebeu a necessidade de desenvolver um estudo mais aprofundado com relação à inclusão da educação sexual no currículo do ensino médio, no intuito de analisar as implicações presentes nesse processo. A rede de ensino oficial do Distrito Federal tem se voltado para esta questão? Tem se preocupado com a capacitação de profissionais aptos a discutir os temas e as formas de se trabalhar a educação sexual dentro das escolas?

A dificuldade que algumas escolas encontram para iniciar e desenvolver o trabalho na área, principalmente no que se refere à problemática da gravidez na adolescência é facilmente perceptível. A escola selecionada para desenvolver o estudo, é uma escola de Ensino Médio que apresentava um índice elevado de adolescentes envolvidos em situação de gravidez o que vinha preocupando bastante a direção e todo o corpo docente da escola. Apesar desse fato, ainda não existia um projeto voltado para a questão da educação sexual incluindo particularmente a problemática da maternidade/paternidade precoces.

Espera-se que este trabalho contribua para a constatação de pontos científicos referenciais que poderão fornecer um quadro mais amplo sobre a questão da educação sexual, tanto no que se refere à concepção de educação sexual presente na escola e na família desses educandos, como no que diz respeito à concepção dos alunos envolvidos em situação de gravidez na adolescência. Tais constatações poderão contribuir para a elaboração de propostas educacionais necessárias para a área de educação sexual dentro das escolas, sejam do Ensino Fundamental ou Ensino Médio.

Em particular, espera-se também, conhecer um pouco mais sobre o perfil dos alunos adolescentes que estão envolvidos em situação de gravidez: Como era a vida sexual desses adolescentes antes da gravidez? Moram com os pais ou com o parceiro? Quais as suas perspectivas de futuro? Como percebem a educação sexual?

A importância da pesquisa residiu no fato de que o jovem de hoje precisa de conhecimentos que lhe permita lidar, de forma responsável e sadia com sua sexualidade. O adolescente não necessita apenas de informações isoladas e carregadas de mitos, preconceitos e tabus, mas de informações que lhe permitam formar posicionamentos e atitudes conscientes e responsáveis com relação à sua sexualidade, à saúde reprodutiva, à perspectivas positivas de trabalho e de vida. A educação sexual útil será aquela que oferece, não apenas informação, mas aquela que informe e forme concomitantemente. A educação moderna deve preocupar-se com o bem-estar dos adolescentes, possibilitando-os levar à frente suas perspectivas de vida, de futuro, de emprego, sem ter que interromper ou mudar, drasticamente, seus projetos de vida devido a uma gravidez não planejada ou, até mesmo, devido a uma doença sexualmente transmissível grave como é o caso da AIDS. A educação sexual poderá contribuir para a qualidade de vida da população e, conseqüentemente, para melhores condições de cidadania.

I - REVISÃO DA LITERATURA

A ignorância e o desconhecimento dos fatos sexuais constitui a causa da dificuldade sexual atual

(Organização Mundial de Saúde)

1. Concepção de sexualidade e educação sexual

A sexualidade apresenta-se como algo inerente a todo e qualquer ser humano, entretanto tem sido entendida e discutida, ao longo da história, à luz de vários preconceitos, crenças e tabus. Tal fato acabou contribuindo para o fortalecimento de uma visão deturpada e diminuída da sexualidade humana, principalmente dentro do ambiente educacional. Por muitos anos, a escola manteve suas portas fechadas para a discussão a respeito do desenvolvimento da sexualidade e da necessidade de propiciar uma educação sexual apta, não apenas a informar, mas, principalmente, a formar um cidadão consciente dos seus desejos e limites. No que se refere à melhor forma metodológica para a educação sexual, Maia, Guimarães & Lopes (1993) acreditam que a informação, por si só, não modifica a postura e que a mudança de atitudes e de comportamento só é constatada quando trabalhamos paralelamente com a formação - vivência - e com a informação.

Apesar de alguns avanços em relação à concepção de sexualidade, a sociedade ainda a entende de modo muito limitado. Bernardi (1985) pontua que a sexualidade em nosso ambiente social ainda parece condicionada pelo sentimento de culpa, pela negação do corpo, pela sua substituição pelo dinheiro, pela ameaça da hierarquia e da intolerância. O autor acredita que o homem parece temer sua própria sexualidade e pontua que a sexualidade continua a reservar o ângulo oculto, o isolamento, continua a ser inconfessável. A sexualidade é vítima de uma doutrina milenar vigorosa e operante que inculca a identificação dela com o "mal" e com os seus sombrios horrores. Bernardi conclui seu pensamento afirmando que a repressão sexual e a

repressão sociopolítica nascem do mesmo tronco e crescem juntas, como tristes irmãs gêmeas. Sendo que um indivíduo que foi levado a inibir e a renunciar a sua sexualidade pode ser facilmente levado a renunciar a todo o resto, liberdade e direitos humanos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de 5^a a 8^a série (Brasil, 1998) salientam que a sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois além da sua potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental das pessoas. É algo que se manifesta desde o nascimento até a morte, de modos diferenciados a cada etapa do desenvolvimento humano. A sexualidade é construída ao longo da vida, assim como a própria inteligência humana. A criança, o adolescente, o adulto, o idoso, todos têm uma sexualidade que lhes é inerente e particular. O texto enfatiza também que cada sociedade adota regras que representam parâmetros fundamentais para o comportamento sexual das pessoas. Essa realidade resulta de um processo social que passa pelos interesses de grupos sociais organizados, que é mediado pela ciência, pela religião e pela mídia, e sua resultante é expressa tanto pelo imaginário coletivo quanto pelas políticas públicas coordenadas pelo Estado.

Werebe (1998) salienta que a sexualidade dos jovens foi marcada e orientada segundo regras sociais, morais e/ou religiosas rígidas e repressivas. Nas últimas décadas houve, porém, um afrouxamento destas regras, principalmente, devido à liberação dos métodos contraceptivos, o que representou a "liberdade" para muitas jovens.

Atualmente, a educação sexual alcançou grande destaque no cenário sócio-educacional devido ao avanço acelerado da AIDS e do aumento assustador de casos cada vez mais surpreendentes de gravidez na adolescência. Tal acontecimento pode oferecer uma idéia da amplitude e diversidade que o tema sexualidade mobiliza nos dias atuais. A sociedade começa a se voltar também para as lutas dos homossexuais, por direitos iguais para este grupo e, principalmente, para o espaço que a mulher vem alcançando rumo à conquista de seus direitos de igualdade sexual. A questão da demanda demográfica também tem forçado os governantes a elaborar políticas públicas que se voltem para a questão do planejamento familiar, reconhecendo ser, a educação sexual, o meio mais viável para o alcance de tais objetivos.

Ao falarmos de educação sexual não podemos nos esquecer que esta representa uma parte da educação integral da pessoa humana, uma vez que uma das suas principais finalidades é contribuir para o desenvolvimento pleno do indivíduo. Schmidt e Pereira (1964) pontuam que a educação sexual não se distingue do próprio processo educativo e que assim como a educação geral ela tem início no berço e se desenvolve através de imagens de vida fornecidas pelos pais e professores, de vivências de disciplina dos sentidos, de formação da consciência, e da adesão

apaixonada a ideais positivos. Uma discussão mais aprofundada no que se refere à concepção de educação a ser empregada neste trabalho pode facilitar a compreensão mais ampla da concepção da educação sexual pretendida. Falamos de uma educação que possibilite ao indivíduo conhecer a si próprio e a sua história; que discuta os valores e as diferenças étnicas; que instrumentalize o indivíduo técnica e humanamente para viver neste mundo, cada vez mais globalizado. Uma educação onde o indivíduo seja considerado como sujeito pensante do processo do aprender a aprender. Campos (1985) afirma ser a educação o meio por excelência para elevar o indivíduo à sua condição de pessoa humana, abrindo seus horizontes e fazendo com que se sinta totalmente membro da comunidade humana mais ampla e não, simplesmente, um ser isolado.

O *Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI, organizado por Delors (1996)*, chama a atenção para o fato de que a educação não pode ser encarada como uma cura milagrosa ou como uma fórmula mágica capaz de solucionar todos os enigmas e problemas sociais do mundo moderno. Ressalta o papel que cabe à educação no desenvolvimento individual e social do indivíduo neste fim de século. O Relatório reconhece na educação a possibilidade de se buscar respostas, de modo efetivo e eficiente, para a redução significativa dos problemas sociais que atingem a sociedade atual, tais como: a pobreza, o analfabetismo, a exclusão, a opressão. Uma educação permanente, ao longo de toda a vida, que vise o desenvolvimento humano equilibrado, profundo e harmonioso. Uma educação que se preocupe em fazer com que o indivíduo compreenda a si mesmo e ao outro, através do melhor conhecimento do mundo. A educação desejada deve resgatar, ou melhor, fazer surgir um novo humanismo, comprometido com a ética essencial, com o conhecimento e com o respeito, com as raízes culturais e com os valores particulares de cada indivíduo e de cada civilização. O Relatório apresenta, com muita propriedade, a experiência do sistema educacional asiático, onde tem sido buscada uma interação entre educação e cultura, com vistas ao desenvolvimento econômico e humano. Tal experiência tem revelado a importância de alguns valores culturais universais que a educação deve cultivar para promover a ética global, dentre eles estariam: o reconhecimento dos direitos humanos universais; a compreensão e tolerância em relação às diferenças e ao pluralismo cultural; a solidariedade e o espírito de cooperação, a criatividade; o espírito aberto à mudança, o respeito entre os sexos (apresentado como o caminho para a luta contra a pobreza) e; o sentido das responsabilidades com relação à proteção ambiental e ao desenvolvimento sustentável. O Relatório vai além e concebe a educação como um tesouro a descobrir, apontando alguns pilares que devem sustentar a educação pretendida para o século XXI, estes seriam: *aprender a conhecer*, onde o indivíduo aprenderia a aprender, a exercitar a

atenção, a memória, o pensamento, a discernir; *aprender afazer*, ser capaz de inovar, de criar, de ser autônomo, *aprender viver juntos*, capacidade de perceber a si e ao outro, de descobrir o outro e respeitar suas diferenças, de buscar objetivos coletivos e; *aprender a ser*, a educação voltada para a construção do desenvolvimento total da pessoa: espírito, corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade individual, espiritualidade. A pessoa humana deve ser preparada, essencialmente devido à educação que recebe na juventude, para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de maneira a poder decidir, por ele mesmo, como agir diante das diferentes facetas que vida apresenta. Um dos maiores desafios da educação moderna será o de formar indivíduos responsáveis e justos.

Essa concepção de educação para o século XXI, onde o conhecimento de si e do outro, o respeito à diferença e os princípios de solidariedade, cooperação e responsabilidade são ressaltados como base de sustentação para a formação geral do indivíduo, nos coloca de frente com as finalidades da educação sexual, uma vez que esta pode contribuir para o desenvolvimento e discussão de tais valores. A educação sexual possibilita o fortalecimento das relações democráticas, do respeito às diferenças, do processo de conhecimento individual e coletivo. Como parte integrante da educação geral, a educação sexual estará alicerçada pelos pilares citados acima, propiciando ao indivíduo a capacidade de aprender a discutir, construir e reconstruir conhecimentos e valores. O indivíduo poderá discernir com mais propriedade entre o certo e o errado. Assim, a compreensão do processo histórico social e particular da sexualidade dependerá, também, da forma de como estes pilares estarão organizados dentro da educação oferecida à pessoa.

As Diretrizes para uma Política Educacional em Sexualidade (Brasil, 1994) são bastante claras quando afirmam que assim como a educação geral a educação sexual não pode ser entendida simplesmente como um processo de transmissão cultural, por meio do qual uma geração transfere para outra suas invenções e descobertas, crenças, valores e tabus sexuais. A educação sexual precisa reconhecer a sua importância como instrumento democrático, inserida em um contexto histórico em contínuo fluxo de mudanças, contexto este, imerso à graves problemas de saúde pública, violência, promiscuidade, gestação indesejada, drogas. Enfim, a educação sexual deverá atuar num contexto onde são negados ao indivíduo os direitos mais básicos de cidadania.

Fogaça (1998) analisa as relações entre educação, cidadania e qualificação e conclui que a educação escolar que prioriza a internalização de valores e que tem por objetivo a socialização do educando, reconhece este educando em seu sentido amplo e valoriza todos os

aspectos da vida pessoal e em sociedade. Desta forma, podemos afirmar que um dos desafios da educação básica deste final de século é saber discutir questões que fazem parte da vida do indivíduo. Assim, temas como o uso indevido de drogas, AIDS, gravidez precoce, ética, emprego, conservação ambiental e outros devem fazer parte de qualquer proposta educacional que realmente se preocupe com a formação total do ser.

Por muito tempo a sexualidade foi compreendida apenas à luz da concepção biológica, cujo entendimento se fundamentava no preconceito, no tabu, no medo e na repressão. Werebe (1998) fala da evolução no modo de se perceber a sexualidade nos dias atuais e pontua que a compreensão desta sexualidade deve transcender à concepção biológica. A sexualidade deve ser entendida a partir de todas as suas dimensões e em função de abordagens diferenciadas. A concepção de educação relacionada à sexualidade, também, envolve um estudo mais abrangente das manifestações da educação sexual em diversos momentos históricos, bem com das abordagens teóricas e ideológicas as quais estavam ligadas.

Ribeiro (1990) salienta que a educação sexual presente nas escolas brasileiras se caracteriza pela omissão total ou por enfoques predominantemente biológicos, psicológicos, distribuídos em disciplinas isoladas, não integradas, excluindo-se os aspectos sociológicos, econômicos, políticos, históricos, religiosos e culturais.

Figueiró (1995) faz um estudo aprofundado acerca da produção científica produzida na área de educação sexual no período de 1980 a 1993 e nos traz uma grande contribuição no sentido em que aponta de, forma precisa e clara, as cinco grandes abordagens que têm marcado a história da educação sexual no país, apontando que as concepções de educação sexual atuais estão direta ou indiretamente vinculadas a uma destas abordagens. Assim, temos: *Abordagem Religiosa Tradicional - Católica*; *Abordagem Religiosa 'Libertadora' - Protestante*; *Abordagem Médica*; *Abordagem Pedagógica e*; *Abordagem Política*. A autora pontua que as duas primeiras estão comprometidas com a formação cristã; a abordagem médica com a díade saúde-doença; a abordagem pedagógica com o processo ensino-aprendizagem e; a abordagem política com a transformação social, relacionada à crítica das relações de poder e ao resgate das minorias.

A *Abordagem Religiosa Tradicional* está diretamente relacionada à influência da Igreja católica sobre as sociedades cristãs, desde os tempos mais antigos e traz consigo todos os processos de repressão desta corrente. A vivência da sexualidade está vinculada ao amor à Deus, a submissão às normas religiosas oficiais, sendo que a educação sexual deve ter por finalidade o desenvolvimento dos valores morais cristãos e da vida espiritual. Nesta concepção o sexo está relacionado ao amor pelo parceiro, pela super valorização do casamento e pela procriação como

função sexual. O matrimônio e a virgindade / castidade representam os únicos meios para viver a aliança com Deus. A educação sexual é entendida como uma educação para o pudor.

A *Abordagem Religiosa Liberadora*, relaciona a vivência da sexualidade ao amor a Deus e ao próximo, visando à conservação dos princípios cristãos fundamentais; o desenvolvimento da vida espiritual e a conscientização do cristão com relação à importância da sua participação no processo de transformação social. Esta abordagem valoriza a informação de conteúdos relacionados com a sexualidade, num contexto do debate, para, através da discussão da sexualidade, levar o indivíduo à tomada de consciência da cidadania. Percebe de forma crítica as normas oficiais da igreja sobre a sexualidade e busca levar o cristão a ser sujeito de sua sexualidade, com liberdade, consciência e responsabilidade. A concepção de educação sexual está ligada a um ato político, incluindo elementos semelhantes aos da abordagem política de educação sexual.

Werebe (1998) coloca que a religião, em todos os momentos históricos, tem influenciado na forma de se conceber e viver a sexualidade. Para autora, essa intervenção religiosa pode ter trazido grandes atrasos para a compreensão da sexualidade como algo inerente a natureza humana e em toda a sua totalidade. A sexualidade se inscreve num contexto cultural, em que a religião representa um fator importante no estabelecimento de normas e preceitos que visam a reger o comportamento sexual. Todas as religiões, em todas as épocas, procuraram determinar os limites da sexualidade humana. A autora chama a atenção para o fato de que

muitos dos preceitos religiosos foram utilizados, ao longo dos anos, para implantar e "inculcar" alguns interesses políticos.

A *Abordagem Médica* se volta para a compreensão dos fatores individuais e familiares que influem positiva ou negativamente a sexualidade do indivíduo ou do casal. Sugere alternativas para melhorar a vivência sexual, seja ela individual, do casal ou de um grupo de indivíduos. Esta abordagem enfatiza a ação terapêutica para tratamento dos desajustes sexuais, de ansiedades e angústias relativas à sexualidade humana. A concepção de educação sexual prioriza, essencialmente, o fornecimento de informações, informações estas relacionadas aos conhecimentos da parte biológica e fisiológica do comportamento sexual, em contexto de relação terapêutica ou de programas preventivos de saúde pública, para assegurar a saúde sexual do indivíduo e da coletividade.

Foucault, 1976 (apud Werebe, 1998) coloca que ao longo do século XIX o sexo parece inscrever-se em dois registros de caminhos bem distintos: a biologia da reprodução, que se desenvolve paulatinamente de acordo com uma normatividade científica geral e uma

medicina do sexo obedecendo a outras regras de formação Werebe ressalta que ainda é vigente a idéia de que a biologia continua sendo a ciência privilegiada para o conhecimento da sexualidade, apesar de muitos estudos realizados em outras áreas científicas contestar esta posição. Para esta autora, não restam dúvidas da contribuição dos estudos biológicos para o campo da sexualidade, entretanto, é necessário destacar que a sexualidade humana, apesar de estar enraizada no biológico, é humana na sua própria estrutura. Neste caso é preciso ir mais longe e reconhecer que o social e o humano não se apresentam apenas como meros prolongamentos da evolução biológica do ser

A *Abordagem Pedagógica* centra-se no processo ensino-aprendizagem e nos conteúdos relacionados à sexualidade, privilegiando os aspectos informativos e formativos desse processo e possibilitando ao educando a discussão de valores, atitudes e preconceitos no intuito de reformular alguns posicionamentos. O indivíduo é considerado na sua totalidade, levando-se em consideração suas dúvidas, sentimentos e emoções direta ou indiretamente ligadas à sexualidade, sendo que nesta abordagem, o processo libertação a nível individual ganha bastante destaque. A concepção de educação sexual desta abordagem tem por finalidade levar o sujeito a conquistar o seu bem-estar, no que se refere à vivência plena as sexualidade.

Werebe (1981) define os dois tipos clássicos de educação sexual: a educação sexual informal, aquela que se apresenta como o primeiro modelo de educação sexual, que abrange o processo global, sem intencionalidade, que abrange toda a ação exercida sobre o indivíduo, no seu cotidiano, desde o nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre sua vida sexual, seria principalmente, a educação sexual oferecida pela família; por outro lado, a educação sexual formal é deliberada, institucionalizada e se realiza dentro ou fora da escola. A autora acredita em matéria de educação sexual, a escola influi sobre os alunos devido a sua organização, distribuição de alunos, atividades propocionadas e, sobretudo, pelos modelos humanos que lhes oferece diariamente. Figueiró (1995) conclui esta linha de pensamento salientando que a responsabilidade da escola na educação sexual pode ser acentuada na medida em que existe uma conscientização de que através dela, especialmente da escola pública, é possível chegar a um número significativo de crianças e adolescentes.

A *Abordagem Política* direciona a educação sexual para a busca do resgate do gênero, do erótico e do prazer na vida das pessoas e contribui para a compreensão das normas sexuais e da forma como foram construídas ao longo da história da sociedade. As informações de conteúdos pertinentes à sexualidade são consideradas muito salutares, bem como o alerta das repressões ou auto-repressões. Esta abordagem possibilita o despertar do posicionamento crítico

a partir de questionamentos filosóficos e ideológicos, encarando a questão sexual como uma questão ligada diretamente ao contexto social, influenciando e sendo influenciada por esse. Neste sentido, ressalta o valor da participação da sociedade em lutas coletivas em prol das transformações sociais. A concepção de educação sexual está voltada para a mudança de valores, atitudes e preconceitos sexuais do indivíduo para o alcance de sua liberação e realização sexual. Visualizando esse processo como um caminho mais democrático e seguro para se chegar a novos valores sexuais, possibilitando ao indivíduo a vivência de uma sexualidade com liberdade e responsabilidade, que transcenda o nível individual e chegue à sociedade de um modo geral.

Werebe (1998) no seu livro: *Sexualidade, Política e Educação*, analisa as relações entre política e sexualidade, poder e desejo, dominação e submissão. A autora se remete ao fato de que o comportamento sexual pode ser a expressão do amor, da fusão do corpo e da alma, de necessidades e desejos, mas pode também ser a experiência de uma vontade de dominação, de humilhação ou de desprezo. Coloca que o papel do homem e da mulher na construção de suas relações com conotação sexual é influenciado pelas expectativas dos estereótipos dos papéis sociais que a sociedade determina para ambos. Sendo que o papel das condições em que as atividades sexuais se realizam varia segundo as particularidades de cada indivíduo, segundo suas relações com o mundo, segundo suas expectativas e exigências culturais pessoais. A autora reporta-se ainda à contribuição que a participação da mulher na sociedade tem trazido para uma compreensão mais desmistificada e abrangente dos assuntos referentes à sexualidade humana. Volta-se profundamente para a questão política da sexualidade, referindo-se ao fato da importância que os determinantes políticos têm alcançado dentro dessa área, seja na regulamentação da vida sexual, seja na atribuição de objetivos e na organização de atividades educacionais e políticas públicas. Entretanto, afirma estar ciente de que uma mudança de postura ligada à sexualidade pode influir, essencialmente, sobre as orientações políticas adotadas pelos governantes.

Figueiró (1995) frisa que a maioria dos escritos que caracterizam a abordagem política de educação sexual estão de acordo com as idéias ou estudos de Foucault, Freud, Reich, Marcuse, Aries, Donzelot e outros, com ênfase para a influência de Foucault em quase todos os textos. No Brasil, faz referência aos estudos de Parker e Vainfas como autores que têm se preocupado em estudar a história da sexualidade brasileira, buscando compreendê-la dentro de uma perspectiva sócio-cultural e histórica.

Nunes, 1987 (Apud Figueiró, 1995) enfatiza que, para compreendermos a sexualidade, precisamos lançar mão de alguns recursos metodológicos inerentes, tais como: a

história, a antropologia, a moral e a evolução social. A autora afirma ser impossível se falar de sexualidade de modo fragmentado e estanque, uma vez que as relações sexuais representam relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que fazem parte de interesses particulares de cada época. Por isso é salutar que se tenha uma consciência histórico-crítica ao se falar de sexualidade. A colocação de Nunes é muito pertinente quando afirma que a ânsia da sociedade brasileira por superar os tabus repressivos da educação sexual tradicional suprimiu a sua capacidade crítica, tornando-se permissiva e questionando muito superficialmente a visão do sexo consumista objetual, quantitativo e pornográfico moderno. Tal atitude tem levado as pessoas a se tornarem "discípulas" do consumismo sexual capitalista, presente em tudo que fazemos nos dias de hoje, trazendo conseqüências desastrosas para a sociedade. Figueiró (1995) complementa este pensamento e chama atenção para a necessidade de fazer com que o indivíduo de todas as esferas sociais compreenda realmente a sexualidade e suas relações e manifestações sociais, caso contrário nunca será quebrado o círculo vicioso de uma compreensão diminuída ou deturpada da questão, conduzindo as pessoas a uma falsa idéia de liberdade uma vez que tudo é permitido, de que não se cobra a responsabilidade por atitudes e comportamentos sexuais individuais irresponsáveis. É preciso compreender que não há neutralidade nesta questão, que o poder controlador, com todas as suas ideologias se apresenta disfarçado, ditando regras e moldando o comportamento e as atitudes das pessoas.

Caberia a educação sexual discutir estas questões, muitas vezes, tão implícitas, despertando o senso crítico e alertando a sociedade com relação a esta situação.

Guimarães (1995) pontua que para o estudo da sexualidade humana, precisamos de uma abordagem multidisciplinar, tanto quanto possível, uma vez que os fundamentos da biologia, da antropologia, da filosofia, da psicologia, da sociologia, da economia, da erótica estão intrinsecamente implicados nela. Afirma que a educação sexual pode estimular a capacidade de aprender, provocando o amadurecimento emocional, o exercício da habilidade de decisão e escolhas, e a discussão de questões ético-morais. A educação sexual é encarada como uma corrente educacional inovadora, uma vez que pode provocar uma transformação e reconstrução do pensamento de geração para geração, uma vez que desencadeará aprendizagem tanto do jovem quanto do adulto, quanto a atualização destes modelos amorosos, que mudam a cada geração. A autora pontua que a sociedade que nega desde cedo o desejo do jovem, através da negação de uma oportunidade de educação plena, está destruindo no cidadão a gênese libertatória que reside em seu corpo e é a mola do sonho, do encantamento, da busca e da força transformadora. A escola precisa descobrir e valorizar o aluno como um todo, como alguém

que tem necessidade de conhecimento e movimento corporal, de expressar suas emoções, de usar sua criatividade, de utilizar o lúdico, o belo, o amor.

O comportamento agressivo de muitos alunos, bem como a própria dificuldade para aprender, pode estar diretamente relacionada ao aprisionamento ou repressão escolar do seu lado subjetivo, do seu lado essencialmente humano. A educação sexual, ao reconhecer a necessidade de se trabalhar este lado, estaria atuando também como instrumento para a paz escolar e, principalmente, para a paz interior de cada aluno.

A Educação Sexual tem sido entendida, segundo as Diretrizes para uma Política Educacional em Sexualidade (Brasil, 1994, p. 17-18), em sentido amplo e abrangente como "educação para a plenitude do exercício da sexualidade humana", que tem por objetivos *"promover a sexualidade seja na dimensão biológica (saúde sexual e reprodutiva), seja na dimensão sócio-cultural (sexualidade como expressão emanada de um bem coletivo, regida pelos valores, normas e crenças de um povo), seja, finalmente, na dimensão psicológica (sexualidade como um bem individual a serviço do enriquecimento e crescimento harmonioso da pessoa humana)."*

A educação sexual, oferecida pela escola, poderá contribuir para um amadurecimento sexual saudável e responsável do indivíduo. Este indivíduo precisa ser considerado como sujeito ativo no processo de aprendizagem, não sendo visto apenas como um simples receptor de conhecimentos, informações e orientações.

Werebe (1988) define como educação sexual informal todas as ações, intencionais ou não, que se exercem sobre o indivíduo, desde seu nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões e valores ligados à sexualidade. É bastante enfática ao afirmar que a educação sexual não pode ser vista como mágica ou milagrosa, capaz de resolver todos os problemas ligados à sexualidade humana, uma vez que suas ações têm um poder limitado e seus efeitos só podem ser percebidos a longo prazo. Neste sentido, é ilusório pretender que a educação resolva todos os problemas sociais, econômicos e demográficos de um país. A autora sintetiza o seu pensamento afirmando que não restam dúvidas de que a educação sexual poderá ajudar as crianças e jovens a viver sua sexualidade de modo harmônico, saudável e positivo, possibilitando-lhes o alcance de projetos de vida pessoal e coletivo como seres sexuados.

Matarazzo & Manzini (apud. Albuquerque, 1991) entendem a educação sexual como o processo educativo que inclui todas as medidas educacionais viáveis e capazes de ajudar um jovem a compreender o processo de amadurecimento sexual e a se preparar para enfrentar

eventuais problemas relativos a este processo, os quais fazem parte da experiência de vida de cada ser humano.

As concepções de educação sexual são tão diversas quanto a forma de se perceber a sexualidade ao longo da história. No estudo, em questão, estaremos compreendendo a educação sexual à luz da concepção do modelo relacionai, que considera que a dimensão sexual do indivíduo deve ser estudada, compreendida, assimilada, integrada e bem vivida como qualquer outra dimensão. Netto (no prelo) pontua que a *Concepção Relacionai* da sexualidade humana consiste em assumir a sexualidade como uma dimensão da pessoa, portanto como algo natural, sem tabus, mitos, preconceitos, proibições ou permissividades. A sexualidade é vista como algo que propicia o prazer e que promove a relação e a convivência. A concepção relacionai baseia-se no princípio de que toda pessoa humana é sexuada e que o fato de ser sexuado radica na potencialidade de ser homem ou mulher com as implicações que isto traz consigo. Esta potencialidade deve ser cultivada, com vistas a uma vivência sexual saudável e feliz.

2. Finalidades e objetivos da educação sexual

A discussão em torno das finalidades e objetivos da educação sexual tem permeado as discussões de muitos educadores e estudiosos da área, estando sempre de acordo com a abordagem da corrente teórica ou metodológica adotada pelo autor em questão. Figueiró (1995) estuda as publicações de diversos estudiosos da área e conclui que as discussões em torno dos objetivos da educação sexual têm se voltado, essencialmente, para a preocupação em levar o educando ao desenvolvimento harmônico e satisfatório de sua sexualidade, bem como a uma vivência saudável e feliz da sexualidade. Voltam-se, principalmente, para a discussão de normas, valores e atitudes relacionados com a sexualidade humana.

As Diretrizes para uma Política Educacional em Sexualidade (Brasil, 1994) fixam que as finalidades da educação sexual vão além da transmissão de conhecimentos biológicos. A educação sexual deve discutir as crenças, os valores e as atitudes sexuais de cada sociedade ou do indivíduo em particular. Deve contribuir para a construção social e individual do indivíduo, comprometendo-se com a felicidade da pessoa humana. Deve ser capaz de rever constantemente suas finalidades, reconhecendo o contexto social no qual se encontra inserida e suas constantes metamorfoses.

A educação sexual deve estar comprometida com o bem estar e com a satisfação do indivíduo, voltando-se também para o bem estar coletivo. Cavalcanti (1993) afirma que a

educação sexual deve ter por finalidade a felicidade da pessoa humana, preparando-a para ser um agente eficaz da promoção da felicidade individual e coletiva através do uso responsável da liberdade.

Bernardi (1985) pontua que a educação sexual deve levar o indivíduo a reconstruir todas as informações e formações, positivas ou negativas, que o indivíduo tenha recebido e vem recebendo ao longo da vida, seja na escola, na família ou na sociedade de maneira geral. O autor sugere ao educador sexual um processo contínuo de "reeducação sexual", repensando seus valores e reciclando seus conhecimentos.

Os objetivos atuais da educação sexual superam o posicionamento acima e estão essencialmente relacionados com o progresso e libertação da pessoa enquanto ser sexuado, que convive numa sociedade de relações.

Vasconcelos (1993) afirma que um dos grandes objetivos da educação sexual é substituir a monótona atitude de curiosidade pelas coisas do sexo, por uma atitude nova, de respeito, crítica e inteligência.

Goldberg (1988) propõe um modelo de programa de educação sexual escolar que deva ir além da mera transmissão das informações científicas, com a finalidade de trabalhar os aspectos afetivos e psicológicos da sexualidade humana, considerando o meio em que vive o educando e os meios pelos quais pode, cooperativamente, ajudar a transformá-lo. A autora acredita que com esta finalidade a educação sexual possa ajudar o indivíduo a encontrar prazer em sua sexualidade, levando uma vida mais saudável e feliz.

Werebe (1999) acredita que os objetivos de uma autêntica educação sexual devam estar centrados, essencialmente, na pessoa humana: criança, jovem, tendo suas necessidades como ponto de partida e chegada. Frisa que a educação sexual autêntica deve oferecer elementos para que o indivíduo conheça seu próprio corpo, seu funcionamento e exigências, reconhecendo-o como corpo sexuado, conheça seu desenvolvimento psicosssexual em todas as fases da vida; compreenda as dimensões afetivas da sexualidade, aceitando-a como fonte de satisfação e prazer; compreenda o que significa viver como homem e como mulher. A educação sexual deve contribuir para que o indivíduo aprenda a respeitar o outro sexo, rejeitando a discriminação em relação aos dois sexos e as diferentes etnias e nacionalidades. Ele irá conhecer e compreender as diferentes orientações sexuais, respeitando os diferentes valores culturais e morais ligados à sexualidade. Saberá que nas relações afetivas sexuais é indispensável respeitar seus parceiros. Assumirá comportamentos responsáveis com relação à sua saúde sexual, à contracepção, à

prevenção de moléstias sexualmente transmissíveis. Para tanto, Werebe deixa claro que o posicionamento, as dúvidas e as curiosidades da criança ou do jovem devem ter espaço no trabalho com a educação sexual.

Ao discutir a concepção relacionai de sexualidade Netto (no prelo) traça algumas finalidade e objetivos centrais que devem permear o trabalho da educação sexual Deve ter por finalidade a personalização da sexualidade. A autora acredita que a educação sexual deve buscar formar atitudes positivas de cultivo da sexualidade. Deve fornecer o conhecimento científico necessário relacionado à sexualidade e desenvolver atitudes de aceitação/cultivo de sua sexualidade. Caberia ainda à educação sexual favorecer o diálogo com respeito em relação às diferentes formas de expressão da sexualidade, possibilitando que o indivíduo adquira critérios éticos em relação à vivência de sua sexualidade.

3. Manifestações da educação sexual:

3.1. Na Família

Campos (1985) lembra que a família constitui o primeiro grupo de referência da criança, desde o seu nascimento. A família oferece, não apenas, as condições mínimas para sua sobrevivência física, mas lhe propicia a possibilidade de se desenvolver psíquica, intelectual e socialmente, de tal modo que sem esta ação do grupo familiar, ou de outro qualquer que venha a substituí-lo, o ser humano se tornaria um ser subumano, uma vez que é a família que proporciona a socialização primária do indivíduo. Campos analisa o *estudo de Morrish, 1973*, e conclui que o equilíbrio dos filhos está diretamente ligado à estabilidade da família. Quanto mais equilibrada for a família mais os filhos terão uma personalidade bem desenvolvida e segura. A família poderá atuar de modo positivo ou negativo na formação de seus filhos, sendo capaz de formar indivíduos seguros, criativos, responsáveis e cômicos do papel social a ser desempenhado por eles, ou, ao contrário, indivíduos perturbados, carentes, seja física ou emocional mente, passivos, irresponsáveis quanto a assumir uma função na sociedade ou impossibilitados de contribuir com o grupo do qual fazem parte. A autora ressalta que é na família que a criança irá formar as suas primeiras atitudes sociais, desenvolver sua autoconscientização, a conscientização do valor do outro, sabendo colocar-se no lugar do outro, aprendendo os valores humanos essenciais.

Uma vez que a família representa a primeira instituição responsável pela educação da pessoa humana, ainda que de modo informal, mas nem por isso menos significativa, esta não pode, de modo algum se furtar ao papel de oferecer uma educação sexual segura e responsável

para seus filhos. Uma educação sexual que os possibilite viver, durante todas as fases de sua vida, uma sexualidade responsável, prazerosa e plena. Campos (1995) chama atenção para a necessidade de superação do fato de que muitos pais consideram ser os donos absolutos da razão, acreditando que apenas suas verdades podem ser importantes para educação de seus filhos. Muitas vezes se omitem da responsabilidade de conhecer mais, de buscar parcerias e renovar seus conhecimentos para educar seus filhos de modo a contribuir efetivamente para a sua vida. Aratagy (1999) também discute sobre o assunto e acredita que se os pais admitissem que não podem suprir tudo, poderia ser mais fácil a tarefa de lidar com os adolescentes. Acredita que os pais encontram certa dificuldade em abrir mão da idéia de onipotência originada da crença de que são capazes de atender a todas as necessidades do filho. A autora fala da necessidade dos pais admitirem que são humanos e que o erro, a falha e o engano são inerentes a todo e qualquer ser humano. O pai não tem que ser perfeito para educar um filho. Esta angústia e o medo de errar na educação do filho tem levado muitos pais a perder seus referenciais de valores, de limites e de respeito à individualidade. Essa postura tem dificultado o exercício da sexualidade com responsabilidade por parte de seus filhos. Para a autora, esta postura tem trazido conseqüências angustiantes quando os filhos chegam à adolescência, levando-os muitas vezes a adentrarem de forma desastrosa no universo da sexualidade ou no mundo das drogas.

Recentemente, ao observar um grupo de discussão sobre educação sexual com professores do ensino fundamental, onde foi feita a seguinte pergunta: *Quem recebeu educação sexual familiar na infância?* As respostas foram unânimes, no grupo de 10 professores, todos responderam que não haviam recebido nenhum tipo de educação sexual familiar. Chegaram a colocar algumas experiências de vida com relação ao assunto: *"Meus pais nunca falaram sobre sexo comigo"; "Se eu falasse sobre isso eu apanhava"; "Lá em casa esse assunto era proibido"; "Só recebi educação sexual quando entrei na escola"; "Não recebi educação sexual na infância"*.

Aratagy (1999) afirma que a educação sexual de uma criança inicia muito antes da sua primeira palavra, antes de sua inserção no mundo concreto. Muito antes do professor e da escola. São os pais que transmitem informações e valores sobre sexualidade o tempo todo, mesmo que não falem nisso. Neste caso, mesmo que a escola ofereça a educação sexual formal, os pais não deixam de ser responsáveis pela educação sexual de seus filhos. Os valores e atitudes do indivíduo serão reflexo da convivência familiar, ainda que escola se esforce em oferecer o que existe de melhor e mais atualizado no campo de instrução e educação sexual.

Suplicy (1995) coloca que os pais temem falar sobre sexo com os filhos e que por terem sido educados em outro momento histórico, acham difícil agir de forma diferente, ainda que reconheçam que não receberam a educação sexual adequada na sua época. A autora afirma que tal comportamento tem trazido resultados desastrosos, uma vez que vem cercado de uma ignorância que tem provocado medo e culpa e, conseqüentemente, o corte do canal da comunicação entre pais e filhos. Os pais precisam entender que a conversa constante com seu filho sobre as questões ligadas à sua sexualidade não vai incentivá-lo ou despertá-lo para a vida sexual precoce. Precisam compreender também que a ignorância ou a omissão frente estas questões é que podem ampliar a curiosidade do jovem, empurrando-o para aprender apenas através da experiência.

Ao falarmos de educação sexual familiar, estamos falando não apenas das conversas que os pais têm com seus filhos com relação ao sexo em si, às doenças sexualmente transmissíveis ou aos riscos de uma gravidez indesejada. Estamos falando também das vivências, do respeito à privacidade individual e coletiva, das relações afetivas presentes no seio familiar, da compreensão dos papéis sexuais, dos valores e dos limites que cada família apresenta. Suplicy (1999) pontua que o contato da criança, desde os primeiros meses de vida, com a mãe, principalmente o contato de pele, estimula a capacidade amorosa e erótica, que é fundamental para o desenvolvimento da criança. Reconhece que muitas mães apresentam medo de tocar o filho, de acariciá-lo, de sentir o contato de pelo com pele, não sabendo elas que é justamente esse contato, em conjunto com a empatia com o mundo e com o momento psíquico do bebê, que estabelece as bases para que, futuramente, esta criança possa ter respostas eróticas sem receio e seja capaz de criar vínculos afetivos. Tudo isso representa uma forma de educar sexualmente, ainda que se esteja passando os princípios de uma educação repressora, tradicional, permissiva, consumista ou relacionai. A educação sexual oferecida pela família é aquela que dá a primeira compreensão do indivíduo enquanto ser sexuado e é aquela que mais influi na sua formação de valores.

Guimarães (1995) pontua que a família é o local onde a natureza e a cultura se encontram em estado primeiro, portanto, é nela que a moldagem cultural da natureza é intensa. As bases das atitudes sexuais surgem aí, sendo muito mais culturais do que inatas, uma vez que a família representa um local de sobrevivência, de ajuda mútua, de coesão material e moral. Estrutura a legitimação social da imposição da ideologia e do poder humano, marcando definitivamente a estrutura psicológica do indivíduo. O ambiente familiar é palco de

contradições, nele ocorrem os jogos do amor e do ódio, da construção e da desconstrução, da proteção e da violência.

É na família que a criança vivificará as primeiras manifestações de sua sexualidade, é no seu seio que esta mesma criança compreenderá a representação dos papéis sexuais, as noções de amor, de cuidado, de higiene corporal, de valores. A família também educa sexualmente, e mesmo que esta educação possa não vir a ser a educação sexual mais adequada e positiva para o desenvolvimento da sexualidade da criança, é indiscutível a contribuição que o convívio familiar traz para a vivência da sexualidade. A sua vivência sexual será eternamente marcada pela forma como foi iniciada no seio familiar.

Werebe (1998) fala que além da educação sexual formal que deve ser oferecida pela escola, a criança, desde os seus primeiros dias de vida recebe a educação sexual informal, seja no grupo familiar, no grupo de pares ou através dos meios de comunicação. Entretanto, chama atenção para o valor indiscutível da educação fornecida pela família. Lembra que os pais projetam sobre os filhos seus desejos, frustrações, temores e fantasmas. Enfatiza que os pais, em muitos casos, desempenham de modo inconsciente o papel de educadores sexuais, sem avaliar o alcance das medidas que tomam, dos discursos que desenvolvem, das atitudes que assumem sobre questões diretamente ou indiretamente ligadas à vida sexual. Para a autora, os pais educam mais pelo que fazem do que pelo que dizem. Eles representam os primeiros modelos humanos, o primeiro modelo de "par" que a criança conhece como homem e mulher, como marido e esposa e como pessoas sociais. Werebe pontua que nem sempre os pais oferecem aos filhos informações sobre a sexualidade, seja porque não possuem os conhecimentos para fazê-lo, seja porque se sentem constrangidos para tratar do assunto. Os pais acabam transferindo, de modo consciente ou inconsciente, esta responsabilidade para outros grupos sociais: escola, amigos e mídia.

A escola tem assumido muito das responsabilidades familiares no que se refere à educação plena do indivíduo, sendo criticada por alguns especialistas como uma instituição que tem tentado "roubar" ou assumir papel da família. Com as transformações sociais deste mundo globalizado, as revoluções sexuais, a mulher tendo que deixar o lar para ir em busca de emprego, a influência dos meios de comunicação com toda a facilidade de acesso a temas como a sexualidade, a violência, as drogas e outros, a família perdeu um pouco seu referencial, mas não perdeu o seu valor. É certo que a escola também deve contribuir para a formação do indivíduo, mas esta não pode ser vista como única responsável no trato das discussões a respeito da sexualidade, ao contrário, ela deve oferecer subsídios que *complementam* a educação fornecida pela família. Em termos de legislação educacional para a área, as Diretrizes para uma Política

Educacional em Sexualidade (Brasil, 1994) determinam que a educação sexual seja, em primeiro lugar, uma responsabilidade da família, uma vez que os pais são referências na formação da identidade de gênero e no desempenho dos papéis sexuais de seus filhos. Reconhecem, que por motivos culturais diversos, a família tem deixado muito a desejar, o que tem levado a comunicação entre pais e filhos no que se refere à sexualidade ser fluida, quando não ambígua, ausente ou simplesmente repressora. Tal posição tem transferido para a escola a responsabilidade de oferecer uma educação sexual de qualidade, uma vez que além de exercer uma ação direta sobre os educandos, também incentiva, ainda que indiretamente, a comunidade e, principalmente, a própria família para que venha a desempenhar o papel que é seu de direito e dever: a educação integral do jovem. Neste caso, fixa que a escola deve oferecer uma educação sexual bem planejada com vistas a promover a parceria dos pais com os educadores, a trazer a família para as discussões em torno das discussões das grandes questões da sexualidade humana. Família e escola acabariam contribuindo e aprendendo no processo de educação sexual do jovem. Nesta mesma linha, Vizzolto (1997) pontua que uma das tarefas principais da educação sexual deve ser a de trazer os pais para interagir no processo educativo sobre sexualidade, uma vez que este envolve questões de ética, valores, aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais, num contexto sócio-cultural. Ao fazer com que os pais participem, estaremos informando estes pais para que possam vir a assumir novas posturas e abrir-se ao diálogo em torno de questões que poderão ser decisivas para a melhoria da vivência familiar como um todo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental de 5^o a 8^a série (Brasil, 1998), determinam que não compete à escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece. A sexualidade é primeiramente abordada no espaço das relações familiares, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças e adolescentes assumam. Caberá à escola trabalhar o respeito às diferenças, a partir de sua própria atitude de respeitar as diferenças expressas pelas famílias, abordando os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade, visando auxiliar o aluno a construir um posicionamento de auto-referência por meio da reflexão. A única exceção refere-se às situações em que haja violação dos direitos das crianças e dos jovens. Ressaltam que a sexualidade é primeiramente abordada no espaço das relações familiares. Deste modo, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças e adolescentes assumam.

As noções de amor, de respeito aos sexos, a compreensão dos sentimentos serão dadas da vivência familiar e a escola tem que saber reconhecer a importância de se envolver

história da educação sexual no Brasil, sendo marcada pela implantação de diversos programas de educação sexual, principalmente, na grande São Paulo. A autora cita algumas das primeiras experiências na área e fala do lugar de destaque que os Orientadores Educacionais alcançavam na implantação e na coordenação desses programas, geralmente articulados com o plano da Orientação Educacional daquela escola.

As idéias começavam a dar certo, os profissionais começavam a discutir os objetivos, as metodologias e a prática do trabalho com a Educação Sexual escolar, a multiplicar e repassar os resultados. Entretanto, posições ideológicas somadas ao poder externo e repressivo impediram e inviabilizaram a continuidade do trabalho. Figueiró (1995) chama a atenção para o fato de que feitos políticos de grande envergadura no final da década de 60 e, em grande parte da década de 70, forjaram uma rota em sentido contrário ao rumo que vinha tomando a história das experiências de implantação e propagação de programas de educação Sexual nas escolas do país, como um todo.

Algumas tentativas, quase sempre isoladas, por partes de alguns educadores em manter os programas de educação sexual eram reprimidas, o que levava estes educadores ao medo ou a frustração. Matanó (1990) relata que um dos maiores argumentos utilizados no que se referia à repressão às experiências educacionais na rede pública era a 'denúncia' da orientação sexual como imoral e subversiva. As posições de Barroso & Brushini (1982) são bastante interessantes quando afirmam que curiosamente, não existia nenhuma lei ou proibição formal contra a educação sexual na escola. A interdição era difusa e, talvez devido a esse fato, mais eficiente. O tema era tabu, existia, mas comentar sobre ele era feio, proibido. Tal realidade levou orientadores, professores e educadores a assumir a interdição e obedecer uma lei que, na realidade, nunca existiu.

Figueiró (1995) relata que somente a partir de 1978 é que a educação sexual retoma a sua posição dentro do cenário educacional brasileiro, reconhecendo que tal retomada foi lenta e que não ocorreu de forma homogênea, trazendo consigo o peso do período de repressão e todos os tabus que o acompanhavam. Entretanto, muitas idéias novas, somadas à vontade de muitos educadores de fornecer uma educação sexual escolar de qualidade começam a se multiplicar e se transmitir através de eventos realizados na área, grupos de discussão e trocas de experiência. Matanó (1990) diz que o período de 1978 a 1982 foi marcado por muito estudo, discussões e conflitos por partes dos educadores sexuais. Segundo o autor, de um lado estavam os que acreditavam que a educação sexual seria tarefa exclusiva da família, de outro lado estavam os adeptos de que ela deveria ser também de responsabilidade da escola. Em outro extremo, havia os que acreditavam que a natureza seria a melhor mestra.

A clássica pesquisa realizada pela Fundação Carlos Chagas em 1979, coordenada por Barroso e Brushini, teve por objetivo investigar as atitudes e os valores dos jovens de diferentes classes sociais. Este estudo representa um marco para a história da educação sexual no Brasil e seus resultados foram divulgadas pelas coordenadoras em 1982. As autoras chamam a atenção para o valor da informação e sugerem que sejam trabalhados os valores e atitudes relacionados à sexualidade, de forma não diretiva, num clima de discussão, onde os valores humanos essenciais devem ser enfatizados, sendo eles: a liberdade e a integridade pessoal, o respeito ao outro e a igualdade entre os sexos. Ressaltam a importância de discutir assuntos socialmente polêmicos (aborto, virgindade, casamento), mostrando pontos de vistas diferenciados e respeitando os valores individuais do jovem.

A década de 80 representa uma retomada efetiva no que se refere às discussões em torno da sexualidade humana, da educação sexual. Figueiró (1995) enfatiza que foram realizados vários eventos sobre o tema no início desta década, eventos estes, que em sua grande maioria, contavam com o apoio e divulgação dos meios de comunicação de massa. A autora ressalta que a década de 80 foi marcada pela publicação de muitos livros com o objetivo de fornecer 'orientações sexuais' tanto para jovens como para crianças e adultos. Houve também uma gama de publicações de caráter científico, que visavam refletir e repensar a educação sexual, principalmente escolar. É nesta década que começa a surgir os primeiros trabalhos de educação sexual dentro de uma abordagem política, fazendo uma análise mais profunda das relações sociais e políticas presentes no campo da sexualidade humana ao longo dos tempos.

Com base em uma literatura cada vez mais abrangente os educadores começam a fundamentar suas práticas e a tomar segurança e certeza do valor da implantação da educação sexual no currículo escolar. Educação esta comprometida com o desenvolvimento integral da pessoa humana, livre das repressões e tabus dos tempos de outrora. Figueiró (1995) acredita que nos dias atuais, a maioria significativa dos educadores e pesquisadores encontra-se segura quanto à necessidade de que a escola atue de modo planejado e sistematizado na educação sexual dos seus alunos. A necessidade de um trabalho nesse sentido nas escolas brasileiras é gritante. É imprescindível fazer com que nosso aluno, desde as primeiras séries, reflita sobre sua sexualidade, se reconheça como ser sexuado, reconhecendo também a sexualidade do outro.

Apesar dos progressos obtidos, ainda há um longo caminho a ser percorrido. Muitas escolas ainda continuam com seus muros fechados para a implantação dos conteúdos de educação sexual em seu currículo. São várias as questões alegadas para tal postura, falta de incentivo dos órgãos públicos, professores sem a qualificação para lidar com o assunto, receio de que os pais rejeitem a proposta, pouco interesse por parte da direção e outros. No que se refere

aos órgãos públicos responsáveis, Matanó (1990) analisou a trajetória da implantação da educação sexual nas escolas públicas brasileiras e salienta ser necessário o apoio e a colaboração de órgãos oficiais para o desenvolvimento de orientação sexual nas escolas públicas. O estudo aponta que o apoio pode existir ou deixar de existir, dependendo das metas educacionais estabelecidas em cada gestão da Secretaria de Educação e da vontade política de quem exerce o poder.

Atualmente, talvez devido ao avanço generalizado dos casos de AIDS, da violência sexual contra crianças e adolescentes, dos casos de gravidez precoce, da erotização cada vez maior das nossas crianças e jovens através da mídia e outros motivos mais, a educação sexual começa a ganhar espaço dentro das políticas e da legislação educacional brasileira. Nesta direção, os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio podem servir como subsídios na inserção da Educação Sexual no currículo da escola. Este ideário está melhor definido nos PCN do Ensino Fundamental onde a orientação é que esta inserção se desenvolva dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas do currículo, e extraprogramação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema. A transversalidade é entendida aqui como possibilidade de se estabelecer na prática educativa, uma relação entre aprender na realidade e da realidade de conhecimentos sistematicamente sistematizados e as questões da vida real. Os PCN do Ensino Médio defendem a inclusão de temas transversais com a mesma definição apresentada nos PCN do Ensino Fundamental, mas sugerem que tais temas estejam contextualizados dentro da propostas pedagógica da escola, contribuindo para que a aprendizagem seja mais significativa para a vida do educando.

No Distrito Federal, a Lei 1.575 de 22 de julho de 1997, no seu Artigo 1º, fixa a obrigatoriedade do conteúdo Educação Sexual nas matérias e atividades curriculares do Ensino Fundamental e Médio. O que temos percebido é que não é preciso apenas Leis, faz-se necessária uma mudança de postura dos educadores com relação à concepção de educação sexual. A Lei está aí, mas será que a escola já modificou seu modo de pensar a sexualidade? Será que as escolas públicas do Distrito federal estão realmente adotando a educação sexual em seus currículos?

Tomás Tadeu da Silva no livro organizado por Costa (1996) coloca que o currículo da escola básica, nesta virada de século, além de abranger as questões historicamente impostas, deveria centrar-se também nas questões e nos problemas atuais como a AIDS, a pobreza, a alienação, as drogas, o machismo e a violências, o ódio e o racismo, a homofobia e os sexismos. a ganância e destruição ambiental, a exclusão e a repressão. Fica evidente a necessidade de fazer

com que a aprendizagem tenha significado para a vida do aluno. Para tanto o currículo precisa estar dentro de uma abordagem contextualizada e interdisciplinar como determinam os novos Parâmetros Curriculares do Ensino Médio. Neste sentido, a inclusão da educação sexual no currículo, certamente, contribuirá para ampliar o sentido e o valor do currículo escolar, uma vez que esta pode abordar temas como: valorização da pessoa humana, família; violência, AIDS; drogas e outros, fazendo com que a escola se volte para que questões úteis para a vida de seus educandos.

Estamos vivendo um momento de grandes reformas no Ensino Médio. Tais reformas estão voltadas para o resgate do humanismo e da valorização da pessoa dentro das propostas educacionais. Os PCN do Ensino Médio (Brasil, 1999) colocam que diante da fragmentação gerada pela quantidade e velocidade de informação, é para a educação que se voltam as esperanças de preservar a integridade pessoal e estimular a solidariedade. A expectativa é de que a escola contribua efetivamente para a construção de ideais afirmativos para a vida pessoal e para a convivência, levando em consideração os valores estéticos, políticos e éticos que inspiram a Constituição e a LDB, organizados a partir das seguintes consignas: sensibilidade, igualdade e identidade. Ao tratar os conteúdos de ensino de modo contextualizado aproveitando sempre as relações entre os conteúdos e o contexto para dar mais significado ao aprendido, os PCN abrem espaço para que temas ligados à sexualidade humana sejam abordados de modo contextualizados dentro do currículo escolar. Os PCN trazem um exemplo bastante interessante quando defendem a contextualização, afirmando, por exemplo, que conhecer o corpo humano não é apenas saber como funcionam os muitos aparelhos do organismo, mas também entender como funciona o próprio corpo e que conseqüências isso tem em decisões pessoais de grande relevância como fazer dieta, usar drogas, consumir gorduras ou exercer sua sexualidade. Os PCN ressaltam que a adolescente que aprendeu tudo sobre aparelho reprodutivo mas não entendeu o que se passa com seu corpo a cada ciclo menstrual não aprendeu de modo significativo. O Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal - Ensino Médio (Secretaria de Educação / FEDF, 2000), reafirmam a importância das aprendizagens significativas com vistas ao desenvolvimento e ao aprimoramento das competências do educando. Este documento chama a atenção para o fato de que permeando todo o currículo do Ensino Médio encontram-se os *Temas Transversais*, como meio de orientar a educação escolar em seus princípios básicos: dignidade da pessoa humana, igualdade de direitos, participação, co-responsabilidade pela vida social.

A escola ocupa um lugar de destaque na formação da pessoa, por isso é importante que ela procure oferecer uma educação formal que esteja efetivamente de acordo com as

necessidades da população e do contexto onde ela se encontra inserida. Se é sabido que a sexualidade precoce dos nossos jovens representa hoje uma das maiores preocupações da sociedade em todo o mundo, a escola precisa assumir a sua parcela de responsabilidade, abandonar preconceitos e tabus e enfrentar esta realidade com competência e responsabilidade. Não precisamos de leis para perceber a importância de trabalhar a educação sexual na escola, esta necessidade é gritante: são milhares de jovens envolvidos cada vez mais cedo em situação de gravidez; com doenças sexualmente transmissíveis- AIDS, envolvidos em prostituição.

Mediante a discussão em torno da importância da educação sexual na escola, voltamo-nos para a discussão em torno de alguns pontos de vista em relação à forma como deverá ocorrer tal inclusão. Vizzolto (1997) ressalta, que a Educação Sexual não deve resumir-se apenas em atividades esporádicas, como, por exemplo, palestras, atividades extracurriculares, eventos, mas sim em uma ação pedagógica sistemática, inserida no currículo, que permeie todas as disciplinas ou áreas de estudo. Nessa mesma linha teórica, Werebe (1998) pontua que a educação sexual não pode ser diminuída a uma única disciplina do currículo escolar, salientando que as experiências de educação sexual devem fazer parte de todas as atividades educativas e ser uma parte integrante do projeto educativo da escola. Tal proposta deverá estar centrada no educando, levando em consideração suas indagações, suas aspirações, valores, desejos e experiências. Nesta mesma linha de pensamento situa os maiores problemas que dificultam a implantação da educação sexual nas instituições educativas, sendo elas: a formação dos educadores sexuais, a prática avaliativa e a participação dos pais.

Figueiró (1995) alerta para o fato de que a educação sexual não seja encarada e desenvolvida como um programa à parte, mas que, pelo contrário, esteja vinculada ao contexto escolar como um todo. No momento em que a escola cria um espaço para concretizar a educação sexual dos jovens ela assume a função do questionamento das normas e dos valores relativos à sexualidade, fortalecendo e abrindo um espaço dialógico, democrático e crítico. Para esta autora, o potencial dinamizador da educação sexual poderá ser explorado em todas as suas dimensões, se for somado a um trabalho de instrumentalização do educando, visando um sujeito ativo em todo o processo do aprender a aprender. A autora é muito pertinente quando chama a atenção para a importância dos programas de educação sexual estarem efetivamente comprometidos com a instrumentalização do sujeito, possibilitando-o continuar se auto-educando, caso contrário, cada vez que emergir algum problema relacionado à sexualidade, esse indivíduo precisará buscar novamente "inscrever-se" em algum outro curso ou programa de educação sexual. Sugere a contextualização da educação sexual dentro do processo de formação do aluno leitor, acreditando ser o tema 'sexualidade' bastante atrativo, o que de um lado favoreceria o interesse pela leitura,

enquanto que por outro lado estaria abordando questões sociais, políticas e individuais indiscutivelmente importantes para a formação integral do educando

A educação sexual deve fazer parte da Proposta Pedagógica da escola, estando incluída em vários momentos do currículo escolar. A educação sexual em uma disciplina à parte é vista pelas autoras como algo negativo, que fragmentaria e reduziria as finalidades de uma educação sexual plena e contextualizada.

A educação sexual pretendida deve estar comprometida com a autonomia do educando, visando à formação de atitudes e reflexões críticas e flexíveis frente aos acontecimentos e problemas ligados direta ou indiretamente com as manifestações da sexualidade na sociedade em que vive. Uma educação sexual moderna, voltada para os grandes desafios da educação para o terceiro milênio deve possibilitar, ao educando, chegar com sucesso ao processo do aprender a ser, do aprender a conviver, aprender a aprender. O educando deve participar ativamente da elaboração de propostas de educação sexual, do seu processo de avaliação e reconstrução, se auto-avaliando a todo momento, repensando os valores e atitudes pessoais e coletivos no que se refere à sexualidade e à convivência em sociedade.

A escola deste final de século encontra-se frente a grandes desafios sociais e um deles é fornecer ao seu educando uma formação que lhe possibilite viver sua sexualidade com vistas à saúde, à responsabilidade, ao respeito e ao prazer. Entretanto, muitos são os entraves que a escola tem enfrentado para realizar sua tarefa e um dos maiores tem sido, realmente, a questão da formação do educador sexual. A formação do educador, dentro da perspectiva de educação sexual é essencial para a construção de uma postura profissional positiva e hábil frente a esse tema. Nota-se, porém, a precariedade na formação do professor em relações a temas relacionados à sexualidade ocasionando assim, uma visão diminuída de suas várias dimensões. Privilegia-se o aspecto fisiológico em detrimento dos aspectos psicológicos e sociais.

Werebe (1998) ressalta que a educação de educadores sexuais deve abranger desde uma formação pessoal à uma formação científica, sendo que tal fato ocorrerá a partir de treinamento técnico, através de cursos, seminários e especializações e; ainda, de discussões em grupo que focalizem a própria sexualidade do educador, seu valores, suas experiências individuais. Somando-se a isto a necessidade de se instrumentalizar esse profissional com o material didático moderno e atualizado para que o trabalho em sala seja atraente, dinâmico e criativo.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1^a a 4^a série (Brasil, 1997) ressaltam tanto a necessidade de uma formação a nível teórico do educador quanto um repensar de seus próprios valores e crenças para discernir com maior clareza as questões a serem discutidas com os alunos,

de modo a não impor seus valores e crenças, mas sim, apresentar uma postura de problematizador mediante questões relacionadas ao tema. O Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal - Ensino Médio (Secretaria de Educação/FEDF, 2000) fala da importância do profissional de educação estar em constante formação, considerando as transformações em todos os ramos do conhecimento, reorganizando suas próprias concepções diante de várias situações que solicitam sua intervenção, com equilíbrio e criatividade. O documento se reporta também à necessidade de fazer com que todos os agentes da comunidade escolar assumam o seu papel dentro da escola, conscientizando-se do relevante papel que a educação escolar ocupa na vida do ser humano. Afirma ainda que a escola que cumpre sua função social, que atende aos anseios da comunidade onde está inserida ganha o respeito da comunidade que a preserva e a valoriza. A Proposta Pedagógica da escola deve ser elaborada com a participação de representantes de todos os segmentos da comunidade escolar, voltando-se essencialmente para a realidade e para o contexto dos seus educandos. O educador precisa estar atento e flexível às mudanças e transformações.

As questões relacionadas à sexualidade ainda representam um mistério e um grande problema para muitos educadores. O educador pretendido dentro das novas propostas que regem a educação nacional precisa buscar no conhecimento, na flexibilidade e na formação continuada o modo mais adequado e correto para vencer tais dificuldades e preconceitos. Omitir-se na missão de ensinar, seja qual for o assunto, não é a função de um verdadeiro educador. Ao oferecer conhecimentos significativos que instrumentalize ética, técnica e humanamente o educando para realizar suas escolhas e levar uma vida mais saudável e feliz o educador, contribuirá não apenas para o crescimento de uma pessoa - o educando- mas também para o seu próprio crescimento, contribuirá, na verdade, para o crescimento coletivo, para o desenvolvimento de toda a sociedade. Eis um dos maiores desafios do professor.

O problema é que esta mudança de postura só acontecerá a partir de uma mudança do modo de pensar. Esta mudança de pensamento só ocorre a partir do momento que o professor tem oportunidades de aprender efetivamente algo novo, de discutir novas teorias, de trocar experiências e de socializar conhecimentos. Muitos professores acabam se perdendo frente a novos modelos teóricos e metodológicos e isso acaba fazendo com que não ocorra as mudanças necessárias no modo de abordar certos assuntos dentro de sala de aula. Não restam dúvidas quanto à importância do trabalho em educação sexual dentro da escola bem como da importância da formação adequada e comprometida dos profissionais da educação para lidar com o tema. Ao falarmos de educação sexual, não basta falar por falar, informar por informar, é preciso informar e formar concomitantemente e a escola não poderá jamais esquecer deste fato, caso contrário ao

invés de educar irá deseducar os seus alunos, acarretando prejuízos irreparáveis para a vivência sexual de seus educandos.

3.3. Na Mídia

Para compreendermos o comportamento humano neste final de século não podemos nos deter apenas na análise da influência recebida da família ou da escola, precisamos analisar também, e com muita profundidade a influência recebida dos diferentes meios de comunicação de massa, principalmente, da televisão. A educação informal não tem sido privilégio, apenas da família, da igreja ou do grupo de pares, pelo contrário, em alguns casos esta educação tem ficado mais a cargo da televisão do que dos próprios pais, que nos tempos modernos não têm tido muito tempo para estar com seus filhos, ou muito menos, para dialogar com eles. A televisão, além da função de entretenimento, tem ocupado também a função de educar grande parte de nossas crianças e jovens, passando-lhe os seus valores, seus modelos éticos, seu modo de ver o mundo e a realidade. Campos (1995) coloca que com a acelerada transformação da sociedade moderna, a educação deixou de transcorrer apenas no âmbito familiar ou escolar, uma vez que os meios de comunicação atingiram um desenvolvimento tal e uma estratégia de ação tão abrangente, que hoje, não adianta simplesmente criticá-los ou procurar subtrair crianças e jovens de sua influência. A autora chama a atenção para a importância de se conhecer a maneira de atuação desses meios de comunicação, suas potencialidades, com vistas a aproveitar o máximo deles, buscando minimizar seus diversos e diferentes efeitos negativos. Pontua que o rádio e a televisão exercem maior influência sobre os educandos, devido sua acessibilidade aos lares, oferecendo modelos de papéis que apresentam estilos de vida diferentes para os jovens, que em muitos casos, mantém com esses meios de comunicação uma experiência de interação parasocial.

A psicóloga *Ceres Araújo*, citada por Pinheiro (1999) aponta que as crianças estão expostas a um excesso de informação e não sabem como organizar tudo o que ouvem. Acredita que as crianças de hoje não são mais ou menos obcecadas pelo sexo do que as crianças de outrora, entretanto, afirma que elas estão sobrecarregadas de informações não elaboradas. A reportagem mostra que, até nos telejornais, as crianças estão sendo bombardeadas com informações sobre sexo: são notícias de prostituição, de adultério, de sexo oral, são campanhas contra AIDS pouco efetivas. A AIDS, a gravidez precoce, a homossexualidade e outros temas polêmicos são apontados na reportagem como os principais "responsáveis" pela proliferação das questões sobre sexo no meio da família, da escola, dos meios de comunicação. Conclui

ressaltando que muitas pesquisas têm demonstrado que, quanto mais informados estiverem nossas crianças e jovens, maiores serão as chances de terem uma iniciação sexual segura e bem resolvida, por isso, é importante que os pais discutam, que falem sobre sexo com seus filhos.

Não restam dúvidas quanto a importância dos pais manterem um diálogo permanente com seus filhos, diálogo este que deve se voltar para todos os assuntos que podem contribuir para o seu desenvolvimento saudável e pleno. Falar sobre sexo com os filhos é muito importante, fortalece a relação, amplia os sentimentos. Os pais não podem esquecer da responsabilidade em discutir com seriedade as informações sobre sexo, muitas vezes distorcidas, que bombardeiam diariamente seus lares através da mídia. Seus filhos estão sendo diariamente explorados sexualmente pela televisão e erotizados. É preciso contribuir para que estas informações não se tornem prejudiciais para o desenvolvimento da personalidade da criança ou do jovem.

Sordili e Sallum (1999) apresentam um estudo *da Academia Norte-Americana de Pediatria*, cujo resultado recomenda que as crianças assistam à televisão por menos tempo, sendo que as crianças até dois anos não deveriam assistir televisão. Nesta reportagem é colocado que os pais são os maiores responsáveis pela programação que seu filho assiste e que eles têm que saber escolher entre os programas que podem contribuir para a educação do seu filho e aqueles que podem prejudicá-la. A *diretora de programas infanto-juvenis da TV Cultura* é citada na reportagem e afirma que a criança deve brincar, desenhar, ler e não somente assistir TV. Para ela, quanto mais equilibrada for a diversão, melhor será a formação da criança. Ela acredita que as crianças seguem os hábitos dos pais e coloca que se os pais assistem televisão o dia inteiro, as crianças vão seguir o exemplo. A *psicanalista Ana Olmos*, também citada na reportagem, afirma que a TV pode ser tanto útil quanto danosa. Segundo a psicanalista, alguns programas podem contribuir para desenvolver o vocabulário da criança, para explicar melhor alguns conceitos acadêmico-científicos, para compreender algumas atitudes e relações sociais. Entretanto, seus efeitos negativos podem ser danosos, podendo afetar os aspectos físicos, psicológicos e pedagógicos. Segundo ela, o mau uso da televisão pode trazer a obesidade, por falta de atividade; a insônia; o uso do tabaco e do álcool; a tendência à imitação e submissão; a atividade sexual precoce; o isolamento e a apatia, o comportamento violento; o consumismo excessivo, a redução da comunicação familiar; a redução da capacidade crítica; o uso de respostas estereotipadas; a inibição da criatividade e curiosidade. A reportagem coloca também o posicionamento do *Pediatra Clóvis Francisco Constantino* que acredita que a TV por si só não agride, não faz mal à criança, mas sim o uso indisciplinado que os pais vêm fazendo dela. Neste caso, caberia aos pais escolher, com responsabilidade a programação a ser assistida diariamente

por seus filhos, limitando cada vez mais o tempo destinado a esta atividade e discutindo com eles os assuntos polêmicos exibidos.

A televisão realmente tem influenciado o comportamento humano nos dias atuais. Muitos jovens chegam a valorizar mais sua televisão do que qualquer outro objeto da casa. Ao observamos algumas conversas de adolescentes sobre a possibilidade de um assalto em sua residência, eles costumam afirmar: " Desde que não levem a televisão, tudo bem!. À primeira vista, essa colocação pode até parecer uma brincadeira, mas na verdade, a televisão tem se tornado tão importante na vida de nossas crianças e jovens, que muitos deles não saberiam mais como viver sem ela, como se comportar. Numa sociedade onde as pessoas vivem isoladas, com medo da violência, até mesmo os pais preferem que seus filhos fiquem o dia inteiro diante da televisão ao invés de ter que deixá-los na rua, com um grupo de amigos, que muitas vezes eles não conhecem. Em casa, a televisão é quem comanda, na maioria das vezes, os poucos diálogos da família, quem dita os assuntos que devem ser discutidos, isto, quando os pais ainda se preocupam em discutir com os filhos alguns dos assuntos polêmicos tratados. Na maioria das vezes, os pais exigem que os filhos façam silêncio na hora do jornal, do futebol, da novela, do filme, etc.

Ceneviva (1999), denuncia a baixa qualidade de certos programas de televisão exibidos no Brasil no últimos anos e mostra que muitos deles podem estar trazendo danos para formação da infância e da juventude. O *vice-presidente do SBT-Sistema Brasileiro de Televisão*, José Roberto Maluf é citado na reportagem e propõe a criação de um Conselho de ética de radiodifusão brasileiro como o primeiro passo a ser dado nesta direção. Reconhece que este ainda seria um passo apenas teórico e pouco prático uma vez que os interesses econômicos e as preocupações com a audiência tem preponderado na busca desordenada pelo lucro. Para ele, se aplicado corretamente, este Código seria o caminho mais viável para fazer com que a sociedade exigisse e cobrasse mais qualidade e respeito dos meios de comunicação.

Os valores éticos de nossa sociedade, os padrões comportamentais e, até mesmo, as mais simples formas de cumprimento entre as pessoas têm sido definidas pelo que nos mostra o filme, a novela, as propagandas televisivas, sem que tenhamos o direito ou a possibilidade de avaliar ou de decidir sobre o que queremos ver. A sociedade parece robotizada, comandada pelos controles da televisão, do vídeo, do som.

Schiavo (1998) relata que enquanto meio de comunicação de massa, a TV é o de segunda maior penetração na sociedade brasileira, só sendo superada pelo rádio, portanto ao se pretender realizar uma atividade sócio-educativa em grande escala; ou estudar os efeitos das

transformações sociais, a televisão deve ser sempre considerada como uma das mais importantes variáveis intervenientes. O autor lembra que a sexualidade nas telenovelas chegou lentamente e foi se intensificando à medida em que o País também foi se tornando sexualmente mais liberal. Atualmente, a sexualidade é mostrada contrapondo-se com as convenções tradicionais, com a virgindade, a fidelidade e o sexo-procriativo. Com muita pertinência, denuncia que no mesmo ritmo em que se reduzia a fecundidade da mulher brasileira e aumentava a prevalência do uso de métodos anticoncepcionais, os personagens das telenovelas 'transavam' e não tinham filhos, reproduzindo as inovações em termos de comportamento sexual adotadas pela sociedade, sobretudo pelos segmentos mais jovens, inaugurando a era do sexo-recreativo. O autor denuncia que as telespectadoras não conseguem entender porque elas engravidam e as mulheres das novelas têm suas relações a todo momento e não 'pegam barriga'. A idéia de sexo-prazer precisa ser melhor trabalhada por este instrumento de comunicação.

Werebe (1998) pontua que os filmes e telenovelas veiculam valores, normas de conduta, apresentam modelos masculinos e femininos idealizados, de acordo com os ideais de beleza, os estereótipos de feminilidade e de masculinidade. Modelos estes, que na maioria dos casos, não correspondem à realidade que vivem nossas crianças e adolescentes. O sexo na televisão é cada vez mais freqüente e banalizado, principalmente no que se refere à figura da mulher, que tem sido associada à mero objeto, com vistas aos mais variados interesses de consumo. Segundo a autora, a influência da mídia é fundamental e não somente quando as mensagens são claras e explícitas, uma vez que ela pode até mesmo ser mais intensa quando as mensagens são indiretas, subliminares. Entretanto, a autora, assim como outros estudiosos preocupados com o assunto, concorda que a ação da mídia também pode ser altamente positiva e educativa, principalmente quando se volta para a transmissão de mensagens ou programas, cujos objetivos estão relacionados com a prevenção ao uso indevido de drogas, à prevenção da AIDS, a discussão de problemas sociais e outros.

Vitiello, N. e Vitiello F. (1993) falam da *Trindade da Comunicação*, fazendo referência à imprensa, ao rádio e à televisão como os meios de comunicação mais influentes. Afirmam que grande parte das pessoas não têm consciência dessa influência, apesar de não saber explicar os motivos pelos quais os utilizam. Afirmam que o consumismo dos tempos modernos resulta da influência desta *Trindade*, colocando que as fases da infância e da adolescências são as fases mais susceptíveis às mensagens recebidas, devido sua insegurança e instabilidade. Salientam que nos dias de hoje, nosso estilo de vida, nossos costumes e, até mesmo, nossas opiniões são, em grande parte, induzidas pelos meios de comunicação. Não condenam os meios

de comunicação em todas as suas manifestações, entretanto, esperam que esses apresentem novidades e mudanças nas mais diversas áreas, e que, ao mesmo tempo, mantenham a estabilidade dos valores sociais. Os autores falam da influência que os meios de comunicação têm alcançado no campo da sexualidade, principalmente nas três últimas décadas e afirmam que a liberação sexual pregada nos anos 60 resultou no culto ao corpo e à sensualidade, atualmente tão abusados pelos meios de comunicação. Reconhecem também a utilidade de alguns trabalhos e admitem que se manejados adequadamente, os meios de comunicação poderiam tornar-se preciosos auxiliares na informação, formação e educação dos jovens, podendo contribuir efetivamente com a melhoria da qualidade de vida e da felicidade das pessoas.

Guimarães (1995) pontua que o jovem de hoje recebe informações sexuais fragmentadas através dos meios de comunicação, de acordo com os interesses do consumo, sendo que tal realidade contrapõe-se a um grande silêncio das vozes educativas, que, na escola se calam, e na família, se esfriam.

As crianças e os jovens deste final de século, principalmente aquelas economicamente mais favorecidas, podem contar também com meios de comunicação mais modernos e dinâmicos, como é o caso do computador, do acesso à Internet. Através da Internet eles podem ter acesso às mais diversas informações, de todo o planeta, através de segundos. O sexo na Internet gira a solto. Várias discussões têm sido realizadas em torno dos riscos que este acesso pode trazer para a formação da criança e do jovem. Mais uma vez o papel dos pais é fundamental, eles precisam conversar com seus filhos, orientá-los. E a escola, como poderá tratar a questão?

Bezerra (1999), autor do livro *Manual do Telespectador Insatisfeito*, acredita ser necessário a criação de políticas públicas que ajudem a sociedade a exigir uma programação melhor na televisão, uma vez que este meio de comunicação tem forte peso na formação de nossas crianças e jovens. O livro aponta que 58% das famílias brasileiras fazem as refeições e conversam com a televisão ligada; 44% das crianças não conseguem diferenciar a realidade do que vêem na telinha e que; 50% das crianças, no mundo, passam mais tempo vendo tevê do que se dedicando a outras atividades fora da escola. O autor acredita que a escola precisa discutir com seus alunos e com os pais a programação da TV, contribuindo assim para o despertar do senso crítico e minimizando a influência da TV sobre a vida das pessoas.

Os PCN de 5^a a 8^a série (Brasil, 1998) ressaltam que a mídia, nas suas múltiplas manifestações, assume papel de destaque, ajudando a moldar visões e comportamentos. Ao veicular imagens eróticas que estimulam crianças e adolescentes a televisão incrementa a

ansiedade e alimenta as fantasias sexuais. Apontam que as campanhas educativas divulgadas nem sempre são dirigidas e adequadas às crianças e aos adolescentes, contribuindo muitas vezes, para moralizar e reforçar preconceitos, produzindo conceitos e explicações tanto errôneas quanto fantasiosas.

A televisão tem também o seu lado positivo, muitos programas informam e contribuem para a educação das pessoas, entretanto, é preciso que tais programas sejam superiores àqueles que "deseducam" as crianças e os jovens. Enquanto esta realidade não chega, o caminho mais viável é levar esta discussão para dentro das famílias, da escola e da sala de aula. No que se refere à educação sexual por exemplo, são vários os programas da "telinha" que falam sobre sexo, mas são raros àqueles que realmente tratam a questão de modo coerente e educativo. A mídia descobriu que falar de sexo dá *ibope*, que os adolescentes, que a população gosta de assistir programas que falem do assunto, neste caso, não importa se o programa vai educar ou não, se vai passar mensagens positivas ou não, o que importa é se o programa vai dar *ibope*. A valorização da pessoa e dos seus sentimentos fica em segundo plano. Joga-se qualquer pessoa "famosa" falando sobre sexo, dando suas opiniões particulares a respeito de alguns temas ligados ao sexo e pronto. Não há uma preocupação real com o fato de que muitos adolescentes se espelham nas pessoas que eles idealizam, em seus ídolos famosos. Podemos citar aqui *A Novela Malhação* da Rede Globo de Televisão, esta novela é dedicada ao público jovem e discute muitas questões relacionadas à sexualidade do adolescente, recentemente, em um de seus episódios, foi colocada uma situação onde uma adolescente descobria que estava grávida. Em meio a muitas indecisões a adolescente resolveu fazer um aborto, sendo impedida de fazê-lo porque o namorado chegou na hora certa e disse que queria casar-se com ela e assumir o filho. Os dois se casaram, continuaram a estudar normalmente, sem que nenhum dos dois tivesse que trabalhar para sustentar o filho. Como presente de casamento os pais do garoto alugaram uma casa para eles. Para completar o quadro de "conto de fadas", a família do rapaz ainda cedeu a empregada para cuidar do bebê e da casa enquanto o casal vai para a escola, no turno matutino. Se por um lado foi importante ver o assunto sendo discutido na novela, o desfecho dado ao caso foi muito fantasioso, distanciado da realidade da maioria das famílias brasileiras. Se um programa de televisão optar por tratar de assuntos polêmicos como drogas, gravidez precoce, violência e outros, é preciso que faça isso com bastante fidedignidade e responsabilidade, pois não é desconhecido a influência e o poder que tem os meios de comunicação, principalmente, a televisão na formação de nossas crianças e jovens.

4. O adolescente e sua sexualidade

A adolescência é geralmente apontada como a fase da vida mais complicada e difícil. O adolescente é, muitas vezes, apontado pelos próprios pais e educadores como "aborrecentes", chatos, temperamentais. Esta postura de encarar a adolescência como uma fase turbulenta e complicada não estaria contribuindo para a limitação do diálogo entre adolescentes, pais e professores? A adolescência é uma fase da vida como qualquer outra, com descobertas e medos, segurança e insegurança. Entretanto, a pressão sobre esta fase tem sido tão grande que pode estar contribuindo para que ela não se processe de modo natural e equilibrado. Por julgar os adolescentes irresponsáveis, a sociedade pode estar criando uma juventude realmente despreocupada com a conseqüência individual e coletiva dos seus atos. Justificam-se sempre com a desculpa de que são adolescentes e que por isso não sabiam muito bem o que faziam. Desta forma, é cada vez mais comum o número de jovens envolvidos em crimes, assaltos, estupros; jovens com AIDS ou outras doenças sexualmente transmissíveis, jovens tendo que enfrentar a paternidade ou a maternidade precoce.

Werebe (1998) afirma que a adolescência, tal como é compreendida hoje, caracteriza-se como uma idade intermediária durante a qual, sem que haja acesso às responsabilidades adultas, os jovens estendem a preparação para assumir estas responsabilidades. Sendo que isso, ocorre, principalmente, no caso dos jovens de família mais favorecidas, quando estes têm a possibilidade de fazer estudos longos ou, por outro lado, devido ao desemprego, que atinge um número cada vez maior de jovens, em todas as classes sociais, prolongando a fase de "não-participação" na vida ativa, profissional e familiar.

Vitiello (1998) caracteriza o adolescente como o indivíduo que se encontra em fase particular de transição biopsicossocial. Período marcado por transformações biológicas em busca de uma definição de seu papel social, determinado pelos padrões culturais de seu meio. O autor acredita que se o adolescente tiver a oportunidade de relacionar-se positivamente consigo e com o outro neste período, ele se desenvolverá de modo positivo. Terá condições de buscar por ele mesmo soluções para seus próprios problemas e poderá viver plenamente sua sexualidade.

Neves et all. (1997), lembra que o conceito de adolescência vem do latim "adolescentia", e que esta fase da vida humana representa a fase que sucede a infância, marcado por intensos processos conflituosos e persistentes esforços de auto-afirmação. Corresponde ao período de absorção de valores sociais e construção de projetos que implicam plena integração social.

Tiba (1986) coloca que a palavra "adolescere" vem do latim e significa crescer, engrossar, tornar-se maior, atingir a maioridade. Segundo este autor, os humanos são os únicos seres vivos que vivem a adolescência como uma importante etapa do desenvolvimento, sendo que nesta fase o corpo cresce, surgem novas sensações sexuais, a mente se desenvolve, o ambiente se modifica, a qualidade das sensações afetivas e sexuais se transformam.

O artigo de Costa, 1991 (Apud. Moretti e Queiroz, 1998) traz uma definição bem contextualizada desta fase. Afirma que a adolescência é um fenômeno psicossocial, cujas manifestações variam ou dependem do momento histórico e da sociedade em questão, podendo ser compreendida como o período que se situa entre a maturidade biológica, que é constatada nas modificações anatômicas e fisiológicas responsáveis pela adaptação frente à imagem corporal e a maturação sexual. Andrade, 1991 (op.cit.) complementa e afirma que, para compreendermos a adolescência, é indispensável também que sejam observadas as questões econômicas e sócio-culturais.

O comportamento do adolescente bem como a sua sexualidade é reflexo das relações culturais, sociais e econômicas da comunidade onde vive. Para poder conhecer um pouco mais sobre sua realidade é necessário buscar saber um pouco mais sobre ele, suas necessidades, seus posicionamentos, seu perfil.

Vitiello (1998) fala da dificuldade para se definir a adolescência e, principalmente, para se fixar os limites desta fase, deixando claro que a tentativa de delimitar limites cronológicos apresenta falhas na dependência fatores sócio-culturais, familiares e pessoais.

As discussões em torno da definição da adolescência são as mais variadas possíveis, fazendo parte dos estudos de muitos pesquisadores. A Organização Mundial de Saúde - OMS, compreende como adolescente aquele indivíduo que se encontra na *segunda década da vida*. Muitas pesquisas têm sido realizadas com a população na faixa etária de 15 a 24 anos, compreendida como uma população jovem. Oliveira et all. (1996) relatam que o contingente da população brasileira entre 15 e 24 anos passou de 8,2 milhões em 1940, para 31,1 milhões, em 1996. Berquó (1999) aponta que o planeta Terra conta atualmente com cerca de 1,1 bilhão de pessoas de 15 a 24 anos. Este é o maior contingente de jovens que o mundo já obrigou. Chama a atenção para os riscos que esta população corre em todo o mundo: são aproximadamente 333 milhões de novos casos de doenças sexualmente transmissíveis curáveis, sendo que um em cada vinte adolescentes contraem DST Por ano são 5,2 milhões de pessoas infectadas pelo HIV e mais da metade com menos de 24 anos, sendo que 5 jovens contraem a infecção a cada minuto. A gravidez precoce é outro problema que esta população tem enfrentado cada vez mais cedo.

Berquó (1996) salienta que a juventude representa uma fase da vida repleta de expectativas por parte das famílias e da sociedade como um todo. É no período dos 15 aos 24 anos que se constitui a consolidação da maturação sexual, iniciada na puberdade. A pesquisa apresentada por essa autora mostra que essa fase representa também um período onde o jovem se encontra em situações de grande vulnerabilidade. Cita como exemplo os casos de gravidez, desejadas ou não, muito frequentes nesta fase, que levam, muitas vezes, a uniões precoces, legalizadas ou não e que acabam mudando o curso de suas vidas. Segundo Berquó, os jovens com menor contingente de instrução se casam mais cedo e afirma que a precocidade na união conjugal mantém relações estreias com o nível de escolaridade dos jovens.

Tavares (1999) diz que a adolescência é o período mais difícil na tarefa de educar um filho. Segundo esta autora, para entender melhor a adolescência é preciso compreender muito bem a infância, uma vez que a adolescência é parte integrante da vida e implica como foi a infância e a expectativa de inserção no mundo adulto. Nessa fase, o jovem está construindo a sua identidade sexual e por isso precisa estar em sintonia com o seu papel sexual, sintonia esta resultante de um processo biopsicodinâmico. É uma fase de redescoberta do corpo e das sensações, de enamoramento, do amor apaixonado, correspondido ou não, das carícias. É a fase dos segredos, da recepção dos amigos distante da presença da família, da contestação dos pais e da sociedade, das discussões acaloradas, da música tocando o dia todo, da apatia, do culto aos ídolos, dos acessos de fúria ao menor sinal de desagrado, da busca de ideologia.

Cada indivíduo vive a adolescência de um modo único e particular. Muitos terão dificuldade na estruturação das suas relações sociais e, conseqüentemente, na construção de identidade sexual, o que geralmente acaba trazendo-lhes sérias conseqüências para a sua vida futura, como é o caso de jovens que se envolvem com drogas, crimes, brigas, prostituição e, até mesmo, que tem que enfrentar uma gravidez não planejada ou a AIDS. Entretanto, outros passarão por esta fase de modo natural, sem grandes conflitos. Para tanto a comunicação estabelecida com este jovem precisa ser clara, democrática e de modo a deixá-lo seguro e confiante.

Tavares (1999) pontua que na convivência com o adolescente, os pais deixam muito a desejar na clareza de seus papéis junto ao filho. Relutam em assumir o crescimento do filho, perdendo com isso a rica oportunidade de usufruir de uma convivência capaz de restaurar o significado de suas próprias vidas.

Rouco (1999) afirma que, no plano psico-afetivo, a adolescência se apresenta como uma transição da dependência para a independência, que gera múltiplas rupturas ou

transformações, perdas e novas aquisições e também muita insegurança. Sendo que esse crescer é angustiante, implicando a perda da infância, do corpo e da identidade infantil, com todos os benefícios implícitos nessa condição.

Muitos adolescentes ficam confusos mediante a situação familiar que lhes é imposta nesta fase, em alguns casos, quando conveniente para os pais, são considerados como crianças, tendo que se portar como tal, em outras são cobrados para que tenham um comportamento maduro.

Zagury (1999) fala das conclusões obtidas no estudo que realizou com 943 adolescentes de seis capitais brasileiras e aponta alguns dados importantes para que possamos compreender um pouco mais o adolescente brasileiro neste fim de século: mais de 92% considerou que estudar é muito importante para a sua vida e que não precisam ser obrigados a estudar pelos pais; 54% apontou que a escola apresenta conteúdos úteis e inúteis para suas vidas. Com relação à vida sexual, a pesquisa mostrou que 60% dos entrevistados não tinham vida sexual ativa, entretanto, 20,6% aos 14 anos já tinham tido sua primeira relação. A virgindade não é mais uma exigência para 45% dos jovens, e apenas 25,4% a consideram importante. Dos jovens entrevistados, 88,3% declararam-se heterossexuais, outro dado importante revela que apenas 20% dos jovens têm a liberdade de conversar com seus pais sobre todos os assuntos: drogas, homossexualismo, prazer sexual, outros. 90% crê em Deus e 70% deles acompanha o que acontece no mundo da política. O estudo aponta que o adolescente de hoje acredita que é possível ser feliz, acredita no amor, tem mais respeito à diversidade, se preocupa com a situação política e econômica do país. Ressalta que os adolescentes de hoje não precisam mais lutar por liberdade e liberação sexual, como fizeram seus pais, pois eles herdaram as conquistas das lutas iniciadas por seus pais na geração passada.

Caridade (1999), pontua que a sexualidade vivida pelo adolescente ganha a feição do contexto cultural onde ele se insere, sendo definida pela linguagem e pelos valores vigentes de sua época. A autora vai além e coloca que o adolescente contemporâneo vive sua sexualidade em meio às referências que invadem seu imaginário, assumindo a postura de ator integrante do espetacular de nossa cultura, consumindo mais imagens do que refletindo sobre elas ou elaborando coisas novas. Nosso adolescente é levado a permanecer na periferia de si mesmo, tendo tolhida sua capacidade reflexiva e, conseqüentemente, sua capacidade de construir projetos pessoais que lhe reconhecem-se como alguém de valor. Neste processo de auto-desvalorização ele também desvaloriza o outro. Cria-se um ambiente onde a sua vida e a vida do outro deve ser colocada constantemente em estado de perigo, aumenta-se o número de violências, de suicídios,

de depressões, de AIDS, de abortos: a vida parece ir perdendo seu valor. Caridade admite que nos dias atuais o sexo saiu da privacidade, da intimidade da casa para a rua, para as telas, para a luz do dia, desembaraçou-se dos direitos e deveres, dos laços, das obrigações e direitos adquiridos. O sexo está cada vez mais liberado e exposto está liberado e exposto. Para ajudar nossos jovens a conviver com essa cultura precisamos mostrar-lhe o limite ético, condição que se aprende no seio familiar. É com esta condição que o jovem aprenderá a respeitar o outro, a tolerar as diferenças, a valorizar a vida e as pessoas, a viver com dignidade. Mas a sociedade também educa / deseduca eticamente, ao expor uma sexualidade desumanizada, ou ao mostrar faces sadias e perversas, como se não houvesse diferenças entre elas. A mídia vive um clímax publicitário em torno do sexo, da violência e do sofrimento contemporâneo. A grande maioria dos adolescentes, por falta dessa educação ética, acaba absorvendo esse mal-estar, esses modelos sociais e sexuais. Tornam-se meros e inescrupulosos consumidores de corpos ao invés de partilharem afeto e prazer. Em sexualidade, ético diz respeito aquilo que é bom e vivido de mão dupla, que atende ao interesse de ambos, que não violenta ninguém. Caridade cita Costa, 1994, quando afirma que em matéria de sexo, 'bom' é tudo aquilo que possa contribuir para nossa maior autonomia na hora de fazermos escolhas, respeitando as escolhas do outro; 'mau' é tudo o que pode comprometer essa liberdade de escolha. Precisamos estar abertos, disponíveis e sem máscaras e preconceitos caso queiramos realmente compreender a sexualidade dos nossos jovens de hoje, dessa forma poderemos contribuir positivamente para sua formação ética.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de 5^a a 8^a série (Brasil, 1998) salientam que as expressões da sexualidade constituem aspectos centrais na vida dos adolescentes, está em todos os lugares, na escola ou fora dela, na intensificação das relações amorosas, nas mudanças do corpo, nas malícias ou piadinhas, nos bilhetinhos, nas atitudes, no modo de se vestir. Ao reconhecer estes acontecimentos a escola pode canalizar essa energia, que é vida, para produzir conhecimentos, o respeito a si mesmo, ao outro e à coletividade.

Se o adolescente encontrar espaço na família e na escola para tirar dúvidas referentes à sua sexualidade, discutir sobre as mudanças que estão acontecendo com seu corpo, com seus sentimentos, com os seus interesses, terá maiores possibilidades de levar uma vida mais plena e segura, com uma maturidade que lhe permitirá decidir com responsabilidade durante toda a vivência de sua sexualidade.

5. Panorama da Gravidez na Adolescência

Nos dias atuais é comum encontrar uma adolescente grávida ou um adolescente que será pai. O número de casos de gravidez precoce é cada vez maior, e o que é mais preocupante, os casos estão se tornando comuns entre adolescente cada vez mais novos. Antes mesmo de abandonar as bonecas muitas meninas já têm que lidar com as fraldas, com uma criança de verdade. Muitos meninos ficam tão assustados que acabam tomando as mais diferentes medidas: uns assumem o filho outros desaparecem. Numa fase onde eles começam a ter mais liberdade para sair com os amigos, onde começam a conhecer melhor sua personalidade, a conquistar sua individualidade, eles se vêem diante um fato que marcará para sempre suas vidas: um filho. Berquó (1999) pontua que a gravidez precoce e, muitas vezes, indesejada vulnerabiliza adolescentes e jovens, principalmente mulheres; roubando-lhes vidas e oportunidades de um pleno desenvolvimento a que tem direito. Um estudo realizado pela Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil divulgado pela divulgado por Vieira et all. (2000), aponta que a gravidez apresenta-se como o principal motivo de abandono da escola, no que se refere às adolescentes entre 15 e 19 anos de idade. De acordo com a pesquisa, apenas 5% continuam os estudos após o nascimento da criança. 50% dependem de parentes para cuidar dos filhos e apenas 29% assumem a responsabilidade para si.

Grande parte dos meninos envolvidos em situação de gravidez, na adolescência, acabam abandonando suas parceiras e em muitos casos, não toma conhecimento do nascimento do filho. As estatísticas referentes ao número de adolescentes do sexo masculino que serão ou que já são pais é bastante escassa o que evidencia que a gravidez ainda é vista por muitos como algo que diz respeito apenas à mulher. Não seria uma questão de educar as novas gerações para que compreendam que assim como existiu a cumplicidade do homem e da mulher na hora de fazer a criança é preciso que haja cumplicidade na hora de arcar com a responsabilidade de ser pai e de ser mãe? Mas para que haja esta consciência é preciso que haja educação, diálogo, informação. Segundo Conger, 1980 citado por Albuquerque (1991), a maioria da gravidez precoce ocorre fora do matrimônio. Tal fato tem levado muitas jovens à ansiedade e à insegurança para encarar a família e a sociedade, uma vez que o preconceito em cima destas adolescentes é maior do que sobre os seus parceiros. Lyra (1998) diz ser urgente que a sociedade descubra maneiras de incentivar o aumento da responsabilidade masculina durante a adolescência, principalmente nas conseqüências de seu comportamento sexual. Para tanto é preciso que esta sociedade deixe de perceber a gravidez como responsabilidade única da mulher,

admitindo e cobrando a participação do homem em todos os momentos que envolvem o período de uma gestação.

Cannon (1998) salienta que a gravidez na adolescência, antes considerada como um problema exclusivamente familiar, resolvido por um casamento às pressas ou por um exílio temporário com parente em locais distantes, hoje ameaça o futuro da jovem e do jovem, considerados os riscos físicos, emocionais e sociais dela decorrentes. A autora chama a atenção para os riscos que a gravidez na adolescência podem trazer a curto e a longo prazo: os riscos a curto prazo estão relacionados com o período gravídico, o parto e pós-parto imediato, associados com anemias, desenvolvimento pélvico incompleto, nascimento de crianças de baixo peso para a idade gestacional, precária assistência pré-natal e ao parto e, em alguns casos, o próprio aborto. Os riscos a longo prazo estariam relacionados ao futuro do casal adolescente e de sua descendência. Os jovens pais têm menor chance para completar sua vida escolar, o que pode levar à redução de oportunidades de trabalho, dentre outros fatores.

Dados do Ministério da Saúde apontam que em 1999 31.800 meninas entre 10 e 14 anos deram a luz no Brasil e; 673.512 adolescentes entre 15 e 19 anos tornaram-se mães. Ao todo, as mães meninas representam 26,96% do total de mães no país. Dados da Secretaria de Saúde do Distrito Federal revelam que, nos últimos dois anos, a gravidez de meninas e jovens de 10 a 19 anos aumentou 2,65%, sendo que o quadro se agrava nas regiões mais carentes. Na cidade do Plano Piloto o percentual não chega a 15%, enquanto que no Setor O da Ceilândia o índice ultrapassa os 30%. Os dados evidenciam que a gravidez na adolescência representa um dos grandes problemas da sociedade moderna. Uma sociedade onde os jovens têm que abandonar a escola mais cedo para cuidar de uma família, abdicar de seu projeto de vida, antecipar o seu ingresso no mercado de trabalho, ainda que sem a qualificação adequada, está condenada a assistir à proliferação das desigualdades sociais, da violência e da miséria.

Ao se preocupar com as estatísticas internacionais que evidenciam um amplo crescimento da incidência de gestações entre adolescentes após a década de 50, Vitiello (1997), se preocupa também com as estatísticas brasileiras recentes que mostram que o contingente de partos entre adolescentes é de seiscentos mil a cada ano, fora o número de abortamentos, que chega a aproximadamente, quinhentos mil. Não é difícil constatar que mais de um milhão de nossas adolescentes tem engravidado a cada ano. Vitiello chama a atenção para o fato de que mais de 60% dessas parturientes não têm uma união estável com o parceiro, esta realidade contribui, em muitos casos, para que estas mães acabem abandonando seus filhos. Lamentavelmente, o resultado dessa ação é, muitas vezes, a inadequação social dessas crianças

que contribui para a mortalidade infantil ou para a delinquência juvenil. O autor afirma que a situação de gravidez entre adolescentes no Brasil é cada vez mais acentuada, fato comum não somente na população de baixa renda, mas, também, na população de classe alta, uma vez que as informações sobre sexualidade são precárias em todas as classes. Ressalta que nesta última, talvez, devido às melhores condições financeiras, o número de interrupção de gestações em clínicas privadas é maior.

Estudos recentes vêm mostrando que países mais desenvolvidos como Estados Unidos, Inglaterra e França já se mobilizaram com relação a essa problemática, traçando políticas públicas competentes que vem minimizando paulatinamente o número de adolescentes grávidas nestes países. Entretanto, dados do Ministério da Saúde apontam que entre 1993 e 1997 o número de partos aumentou 26% entre meninas de 10 a 14 anos e 12% entre 15 e 19 anos. A gravidez na adolescência não representa apenas um problema para as estatísticas brasileiras, mas um problema social grave. Uma gravidez nessa faixa etária aumenta os riscos de o bebê nascer prematuro, ter retardado o crescimento intrauterino e até morrer. A gravidez é, em geral de alto risco e em alguns casos, a mãe não resiste e morre.

Camarano (1998) salienta que a fecundidade do grupo de 15 a 19 anos é geralmente caracterizada como precoce não apenas por razões biológicas, mas, principalmente, porque a gestação nesta fase antecipa os movimentos socialmente institucionalizados para a reprodução, provocando uma série de resultados indesejados para os adolescentes e para seus filhos. Segundo a autora, a tendência da fecundidade do grupo de 15 a 19 anos no Brasil como um todo é de um aumento não-monotômico, sendo que ocorreu um acréscimo nos anos 30, seguido de um decréscimo até os anos 60, quando voltou a crescer. O aumento da fecundidade entre adolescentes não é visto pela autora como um fenômeno tipicamente brasileiro ou mesmo de países em desenvolvimento, ocorrendo também em vários países europeus e nos Estados Unidos. Chama a atenção para o fato de que dentro do território nacional, este processo tem acontecido diferenciadamente pelo espaço e por grupos sociais, atingindo mais as regiões mais pobres, áreas rurais e mulheres menos educadas. Camarano acredita que a educação é uma variável importante no que se refere a esse problema.

Conforto et al. (1998) no relatório da pesquisa sobre a "Saúde Sexual e Reprodutiva na Adolescência", realizada pelo Projeto GDF/FNUAP em 1996 junto 895 adolescentes entre 10 e 19 anos, em duas Regiões Administrativas do Distrito Federal, Paranoá e Samambaia, constataram que no universo dos adolescentes com vida sexual ativa, cerca de 77% não utilizou qualquer método na primeira relação. 68% das meninas que têm vida sexual ativa revelaram já

ter engravidado, apesar da grande maioria admitir que a gravidez não foi desejada. A maioria dessas meninas engravidou do noivo ou de um namorando com quem já tinha um relacionamento há algum tempo. Outros dados interessantes foram constatados pelo estudo com relação ao posicionamento dos jovens frente a alguns conceitos e valores: 53% acreditam que a mulher deve casar virgem, 50% afirmaram que os homens entendem mais de sexo do que as mulheres; 55% ainda acreditam que as pessoas que carregam camisinha estão procurando sexo e, 58% consideram que o uso da camisinha atrapalha a relação sexual. Cabe ressaltar aqui que dos 895 adolescentes entrevistados 49,83% pertenciam ao sexo masculino e 50,17% ao sexo feminino.

Os dados evidenciam ainda mais a necessidade de intervenção junto à educação sexual de nossa juventude. Não podemos permitir que os jovens de hoje vivam sua sexualidade de modo imaturo e irresponsável, sem medir as conseqüências de suas atitudes. As nossas crianças e os nossos jovens têm direito de levar uma vida protegida, sem ter que ver desmoronar os seus projetos de vida e sem ter que queimar etapas importantes. O ideário sexista, onde um sexo é superior, ou que sabe mais que o outro não pode permear a mente dos jovens da sociedade moderna e que construirá a sociedade do amanhã.

Piovesan & Pirotta, 1998 (apud. Pirotta & Pirotta, 1999) ressaltam que apesar de conter grandes avanços com relação à legislação anterior, o atual Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, ainda é bastante tímido no que se refere aos direitos reprodutivos e sexuais, principalmente, se considerado o valor que a vida sexual adquire com advento da adolescência e as implicações que este período da vida tem sobre a idade adulta. Talvez este Estatuto poderia ter traçado políticas mais claras e que assegurassem que o adolescente tivesse o direito de receber uma educação que lhe permitisse viver a sua sexualidade de modo natural e saudável, sem queimar etapas ou trazer prejuízos para a sua vida. Uma criança fora de hora pode representar o fim da autonomia e dos planos de muitos jovens, podendo se transformar também num fardo para toda a família.

O panorama atual da gravidez na adolescência confirma a necessidade premente da adoção efetiva tanto pela sociedade como um todo, como pela escola, em particular, de uma aplicabilidade da educação sexual no processo de construção da identidade do cidadão.

6. A educação sexual como mecanismo de prevenção da gravidez na adolescência

Vários países do mundo têm discutido sobre o crescimento desmedido de casos de gravidez entre adolescentes, buscando alternativas para conter esta realidade. Werebe (1998), salienta que a Conferência Internacional para População e Desenvolvimento, realizada no Cairo em 1994, se voltou bastante para a questão da sexualidade do adolescente. Pontuou ser indispensável e urgente favorecer o estabelecimento de relações de respeito mútuo e de equilíbrio entre os sexos, respondendo efetivamente às necessidades dos adolescentes em matéria de educação e de serviços, com vistas a possibilitar que o adolescente assuma sua sexualidade de modo positivo e responsável. No que se refere à saúde reprodutiva dos jovens, ficou definido que as sociedades deveriam basear-se na informação que os ajudasse a atingir o nível de maturidade necessário para assumir decisões responsáveis. Estas informações devem estar disponíveis para ajudar o adolescente a compreender a própria sexualidade e protegê-los contra gravidez indesejadas, moléstias sexualmente transmissíveis e subseqüentes riscos de infertilidade. A autora conclui que a educação sexual deverá contribuir também para que os jovens do sexo masculino partilhem com suas respectivas parceiras as responsabilidades no que se refere à sexualidade e à reprodução.

Barroso (1986) afirma que a educação sexual tem sido considerada por muitos como um meio de prevenção da gravidez indesejada e de outras possíveis decorrências da prática da sexualidade. A autora acredita que um trabalho de qualidade de orientação pode trazer em seu bojo, informações que possibilitem ao jovem o exercício de uma sexualidade livre de acontecimentos indesejados, como a gravidez precoce. Muitos dos países desenvolvidos já reconhecem na educação sexual o meio mais viável para evitar o avanço da AIDS e da gravidez indesejada entre os jovens. Os investimentos nessa área têm sido cada vez maiores, entretanto, tem-se percebido que é preciso atacar o problema pela raiz. Não basta apenas distribuir camisinhas e falar de métodos contraceptivos, é preciso discutir os valores familiares, resgatar a valorização da pessoa humana, contribuir para que o indivíduo lute para realizar o seu projeto de vida. A educação sexual precisa ser iniciada na escola desde as primeiras séries, respeitando-se o nível de maturidade de cada fase. O Ministério da Educação demonstrou ter percebido essa necessidade ao inserir a educação sexual como um dos temas transversais dos PCN de 1ª a 8ª série. A criança também tem suas curiosidades, suas dúvidas e se elas crescerem com essas dúvidas, sem conhecer o seu próprio corpo, sem respeitar o colega do sexo oposto, desenvolverá sua sexualidade de modo fragmentado e prejudicial.

Albuquerque (1991) acrescenta que a escola não pode deixar de considerar que é crescente a gravidez na adolescência. Quando ela ocorre, de forma não planejada, as

consequências são negativas e bem dolorosas, os problemas decorrentes atingem tanto a mãe quanto o filho. Portanto, a educação sexual deve orientar os adolescentes para a compreensão dos aspectos que regem a sexualidade, suprimindo necessidades de informação no decorrer do desenvolvimento, servindo a finalidades diferentes em diversas fases da vida escolar do educando, esclarecendo dúvidas, propiciando aos alunos uma certa segurança frente às questões da sexualidade.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de 5^a a 8^a série (Brasil, 1998) salientam que o trabalho sistemático com a educação sexual dentro da escola relaciona-se também com a promoção da saúde das crianças, adolescentes e dos jovens. Possibilita a realização de ações preventivas, das doenças sexualmente transmissíveis e de outros problemas graves como o abuso sexual e a gravidez indesejada. No que concerne à gravidez precoce, o debate sobre a contracepção, o conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais, sua disponibilidade e a reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a percepção sobre os cuidados necessários quando se quer evitá-la.

Além de apresentar-se como um forte mecanismo de prevenção da gravidez na adolescência, a educação sexual se apresenta como um mecanismo de resgate de valorização da própria pessoa, de preservação dos seus interesses e objetivos de vida. Como um mecanismo de fortalecimento do respeito entre as pessoas, das questões éticas e da democracia. Mielnik, 1980 (Apud, Albuquerque, 1991) coloca que os pais e os professores não podem fugir à função de educadores. Se educam em outras áreas, se ensinam outros temas, não podem fugir ao imperativo de transmitir conhecimento de ordem sexual.

II - CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO E DOS OBJETIVOS

O que tem-se constituído em preocupação, nos dias atuais, é o crescente número de gestações 'indesejadas', que incidem como um 'efeito colateral' do exercício da sexualidade de adolescentes. Esses jovens, pelas próprias características associadas à faixa etária, ainda não são capazes de avaliar, e principalmente de assumir, o ônus dessa vida sexual ativa.

(Nelson Vitiello)

A cada ano o número de gravidez na adolescência aumenta. Os jovens se iniciam cada vez mais cedo na vida sexual e, apesar de muitos admitirem ter conhecimento sobre o uso dos vários métodos contraceptivos, muitos "optam" por correr o risco de uma gravidez, na maioria dos casos, indesejada. A falta de informações não representa o único problema no que se refere a esta questão. Grande parte dos adolescentes, sabe como engravidar e como pode evitar tal situação, aprende - ainda que de modo deturpado - na rua, com os meios de comunicação, com o grupo de pares, na escola ou em qualquer outro grupo social. Por outro lado, poucos obtiveram tais conhecimentos a partir do diálogo familiar ou de um trabalho educacional voltado, não somente para a informação, mas, sobretudo, para a formação plena do sujeito.

De que modo a gravidez precoce transforma a vida dos adolescentes, sejam eles do sexo feminino ou masculino? Até que ponto uma gravidez na adolescência influi decisivamente na vida de seus familiares? De que modo esse fato pode influenciar o futuro e as expectativas educacionais e profissionais dos adolescentes? A gravidez, na adolescência, diminui as oportunidades do indivíduo viver plenamente essa fase, despertando frustrações, medos e ansiedades. As jovens grávidas geralmente sofrem muito com preconceitos e cobranças por parte da família, dos colegas e, muitas vezes, do próprio "namorado" e sentem muita dificuldade para lidar com tal realidade. Os jovens pais, também encontram dificuldades para enfrentar tal fato. Também se sentem assustados, receosos e confusos, tendo, muitas vezes, que abandonar a escola

para assumir o filho, para trabalhar, isso quando não optam por encontrar motivos para fugir da responsabilidade de ser pai. As dificuldades se acentuam quando a criança nasce, muitas vezes, a jovem mãe tem que deixar a escola por não ter quem cuide do filho enquanto ela vai para a escola e o jovem, quando não se isenta definitivamente, tem que se esforçar ao máximo para enfrentar as suas novas responsabilidades de um pai de família.

Como a escola tem lidado com os casos de gravidez na adolescência? A escola, mesmo com um número cada vez mais abrangente de casos de gravidez na adolescência, não continuaria, na maioria dos casos, a ignorar o fato? Não estaria negligenciando a importância da inclusão da educação sexual no seu projeto pedagógico como um dos meios mais viáveis para auxiliar os jovens que passam por tal situação? Atuando de modo preventivo, a escola não contribuiria para que o jovem compreendesse sua sexualidade em todas as dimensões: biológica, social, psicológica, cultural e política?

A família tem reduzido ou se omitido no seu papel social e formativo no que se refere à sexualidade de seus filhos. Muitas ainda consideram o tema sexualidade como pecado, proibido e feio. O diálogo sobre o tema é praticamente inexistente ou muito falho. Os filhos acabam tendo que conversar sobre sexo com os colegas, com um professor, com o próprio parceiro. Esta postura da família tem contribuído, certamente, para o avanço de casos de gravidez na adolescência. A família acaba delegando para a televisão, para os amigos deles, e, principalmente, para a escola suas responsabilidades frente à sexualidade dos seus filhos. Na verdade, em muitos casos, fecha os olhos para a questão, sendo obrigada a abri-los já em um momento tardio. Afinal de contas, os casos de AIDS, de violência sexual e gravidez na adolescência crescem de modo assustador dentro da população jovem no nosso país.

A gravidez na adolescência representa apenas um recorte, ou seja, um dos enfoques da educação sexual. É um recorte indiscutivelmente relevante, capaz de contribuir para o levantamento de questões suficientemente necessárias para justificar a necessidade da inclusão da educação sexual dentro do currículo do Ensino Médio.

O objeto de estudo desta pesquisa centrou-se na análise de nove questões temáticas, distribuídas e analisadas sob o ponto de vista dos adolescentes envolvidos em situação de gravidez; da família desses adolescentes e da escola onde eles estudam. As questões emergiram da revisão de literatura e foram sendo aprofundadas com o desenvolvimento da investigação. Foram elaboradas de acordo com os objetivos centrais do estudo, e são as seguintes: *1. Caracterização do/a adolescente envolvido/a em situação de gravidez na adolescência* (perfil dos adolescentes; caracterização da sua vivência sexual e; fatores que mais contribuíram para a

gravidez); **2. *O/a adolescente frente à descoberta da gravidez*** (reação do/a adolescente e do/a parceiro frente à descoberta da gravidez; como o/a adolescente convive com a gravidez? Quais as maiores dificuldades que ele/a enfrentou? De que modo a gravidez mudou sua vida e suas perspectivas de futuro); **3. *O/a adolescente e sua visão da postura da família e da escola frente à sua gravidez*** (Qual foi a reação da família e da escola frente à descoberta da gravidez? Qual a postura esperada com relação à família e à escola frente à gravidez?); **4. *O/a adolescente envolvido em situação de gravidez e sua relação com a escola*** (Como conciliar a gravidez precoce com os estudos? Pretendem dar continuidade aos estudos? A escola oferece algum tipo de apoio? O que a escola poderia fazer para prevenir novos casos de gravidez na adolescência?); **5. *O/a adolescente envolvido/a em situação de gravidez e sua percepção de educação sexual*** (Seus pais e/ou professores costumavam conversar com eles sobre questões ligadas à sexualidade? O que o/a adolescente envolvido/a em situação de gravidez entende por sexualidade? O que estes/estas adolescentes entendem por Educação Sexual? Qual o posicionamento dos/das adolescentes acerca da inclusão da educação sexual no currículo escolar?); **6. *A família e o caso da gravidez na adolescência*** (Perfil das famílias entrevistadas, forma como a família toma conhecimento da gravidez, a reação frente à descoberta, a família tinha conhecimento da vida sexual do adolescente? Os fatores que mais contribuíram para a gravidez do adolescente; como o adolescente está convivendo com a gravidez? O/a adolescente está preparado para ser pai/mãe? A gravidez modificou a vida do/a adolescente e/ou da família de alguma forma? O que a família acha que o/a adolescente espera da escola e da própria família ao tomar conhecimento da gravidez?); **7. *A família e a concepção de educação sexual*** (A família costumava conversar com os filhos sobre sexo, DST/AIDS, gravidez com seus filhos? O que a família entende por sexualidade? Qual a sua concepção de educação sexual? Eles têm conhecimento da Lei que torna obrigatória a educação sexual nas escolas públicas do DF? Se posicionam contra ou a favor desta obrigatoriedade? Como a família percebe o seu papel e o papel da escola frente à educação sexual dos adolescentes? A educação sexual poderia prevenir novos casos de gravidez na adolescência? Se a escola desenvolvesse um programa de educação sexual a família participaria?); **8. *A escola e os casos de gravidez na adolescência*** (Como a escola toma conhecimento de um novo caso de gravidez entre os alunos adolescentes? De que modo a escola está organizada para lidar com a gravidez na adolescência? Do ponto de vista da escola, quais os fatores que mais contribuem para a gravidez na adolescência? Como os alunos envolvidos em situação de gravidez na adolescência se comportam na escola? Como fica o rendimento educacional desses alunos? Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelo aluno envolvido em situação de gravidez na adolescência?); **9. *A escola e sua percepção de educação***

sexual (O que a escola entende por sexualidade? Como as questões ligadas à sexualidade são abordadas dentro da escola? O que a escola entende por educação sexual? A escola tem conhecimento da Lei que torna a Educação sexual obrigatória em todas as escola públicas do DF? Qual o posicionamento da escola com relação à inclusão da educação sexual no currículo? A quem caberia a responsabilidade da educação sexual dentro da escola? Os profissionais encontram-se preparados para trabalhar com a área? A FEDF tem oferecido oportunidades de aperfeiçoamento profissional na área? A educação sexual poderia atuar como um mecanismo de prevenção da gravidez na adolescência? O que compete à escola e à família no que se refere à educação sexual de nossos adolescentes?).

Os objetivos do estudo encontram-se diretamente relacionados com as questões indicadas, procuram respostas e esclarecimentos para cada uma delas. Constituíram-se objetivos do estudo:

Objetivo geral:

- Identificar o posicionamento que a escola, os pais e os adolescentes envolvidos em situação de gravidez, apresentam com relação à vivência da gravidez na adolescência e à inclusão da educação sexual no currículo da escola.

Objetivos específicos:

- Identificar o perfil dos alunos envolvidos em situação de gravidez na adolescência e suas perspectivas de futuro,
- Caracterizar a vivência sexual dos adolescentes envolvidos em situação de gravidez e a maneira como eles convivem com a gravidez;
- Detectar a posição do corpo administrativo, pedagógico e docente, no que diz respeito à inclusão da educação sexual no currículo da escola;
- Detectar a reação dos pais e dos próprios adolescentes envolvidos em situação de gravidez, no que se refere à inclusão da educação sexual no currículo da escola,
- Identificar a posição da escola, dos pais e dos adolescentes envolvidos em situação de gravidez com relação à inclusão da educação sexual no currículo e sua relação com a prevenção de casos de gravidez na adolescência,

- Averiguar o que o adolescente, envolvido em situação de gravidez, espera da escola e da família ao tomar conhecimento de sua situação,
- Detectar a percepção dos pais com relação à gravidez na adolescência e ao papel da escola e da família frente a esta realidade,
- Identificar os procedimentos desenvolvidos pela escola junto aos alunos envolvidos em situação de gravidez na adolescência.

III - REFERENCIAL METODOLÓGICO

A sociedade vai tomando pouco a pouco consciência do direito e do dever a uma educação sexual na família e na escola, na qual se começa a introduzir a educação sexual, posto que a situação cultural e social obriga-a a isso.

(Tomás Martinez & Cosme Pascual)

1. Método de Abordagem

O presente estudo se insere dentro de uma abordagem qualitativa, do tipo *estudo de caso etnográfico*. Ludke e André (1986) pontuam que é cada vez mais evidente o interesse dos pesquisadores da área de educação pelo uso das metodologias qualitativas. As autoras fazem referência ao livro *A Pesquisa Qualitativa em educação* de Bogdan e Biklen (1982) que apresenta as principais características da pesquisa qualitativa - pesquisa cuja fonte é o seu ambiente natural e cujo instrumento é o próprio pesquisador; onde os dados coletados são superiormente descritivos; onde a preocupação com o processo supera a preocupação com o produto; onde é valorizada pelo pesquisador, a importância que os indivíduos atribuem às coisas e à sua vida; onde a análise dos dados geralmente segue um processo indutivo. O presente estudo contemplou tais características, sendo, portanto, definido como um estudo qualitativo.

Firestone e Dawson, 1981 (Apud. Ludke e André, 1986), apontam alguns critérios do estudo etnográfico, como a inserção do pesquisador na realidade a ser pesquisada durante o longo período de coleta de dados; a utilização de procedimentos de acesso direto com os sujeitos participantes da pesquisa como observação e entrevistas. O relatório é descritivo, apresentando uma série de dados primários que evidenciam a percepção de vida e de mundo dos sujeitos do estudo. O pesquisador etnográfico, além de ser capaz de tolerar ambigüidades, deve ser capaz de inspirar confiança; ser comprometido e sensível consigo e com os outros.

A pesquisadora atua como Orientadora Educacional, fato que contribuiu para o domínio de algumas exigências relativas ao perfil do pesquisador etnográfico. Atuando na comunidade cenário da investigação, há mais de 3 anos, no Ensino Fundamental da Rede e em uma Escola de Ensino Médio, a pesquisadora teve a oportunidade de acompanhar o comportamento e os problemas mais comuns das famílias, dos jovens e dos educadores dessa localidade. Outro dado relevante é que, tendo residido por mais de 5 anos nessa comunidade, teve um convívio com a realidade em estudo. Questões referentes à educação sexual de crianças e jovens sempre foram motivo de reflexão profissional, levando a pesquisadora a participar constantemente de cursos na área de educação sexual. Esses estudos contribuíram para a formulação de arcabouços teóricos na área de educação sexual e para o despertar de inquietações. Tais acontecimentos foram motivadores para a escolha da abordagem etnográfica, do objeto, dos objetivos da pesquisa e do cenário da investigação.

O uso da abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso etnográfico foi essencial para a obtenção de uma visão mais globalizada e dinâmica do fenômeno, permitindo entender a realidade estudada de modo singular e único, como preconiza seus fundamentos metodológicos.

2. Escola Selecionada / Sujeitos Participantes da Pesquisa

2.1. A escola Selecionada

A escola selecionada foi um Centro de Ensino Médio da Rede Oficial do Distrito Federal - DF, situada em Ceilândia, cidade satélite do DF. A escola é de fácil acesso e atende aproximadamente a 2.600 alunos, em sua grande maioria, adolescentes. Funciona em 3 turnos e atende a alunos da comunidade local e das localidades mais próximas. Contava com 104 professores, 35 auxiliares de educação e um diretor que atua há mais de 4 anos. O Serviço de Orientação Educacional foi instalado no ano letivo de 2000, quando a escola passou a contar com duas orientadoras educacionais. Entretanto, estas profissionais não foram entrevistadas pelo fato de não fazerem parte do coletivo da escola no período das entrevistas, ou seja, no segundo semestre do ano letivo de 1999.

A escola dispunha de espaço físico excelente e encontrava-se em ótimo estado de conservação, sendo bastante conceituada na comunidade. As vagas têm sido disputadas tanto por alunos como por profissionais de educação que pretendem trabalhar na escola. A escola foi selecionada pela facilidade de acesso e pela preocupação de sua direção e demais educadores com o aumento de casos de gravidez entre seus alunos, na maioria, adolescentes. Tal situação pôde ser constatada a partir de um trabalho realizado em Ceilândia sobre as mudanças no Ensino Médio, no segundo semestre de 1998, por um grupo de orientadoras educacionais da rede oficial, grupo do qual a pesquisadora participou.

Cabe ressaltar que a recepção calorosa da direção e demais profissionais da escola tornaram o desenvolvimento da pesquisa de campo bastante agradável e enriquecedor.

2.2. Sujeitos Participantes da Pesquisa

São sujeitos, deste estudo, alunos que estavam envolvidos em uma situação de gravidez na adolescência. Encontravam-se na faixa etária de 15 a 19 anos e freqüentavam regularmente uma das séries do Ensino Médio da escola pesquisada, no segundo semestre do ano letivo de 1999.

Com relação aos adolescentes envolvidos no estudo, foram entrevistados sujeitos de ambos os sexos, um total de 14 adolescentes assim distribuídos. *Sexo feminino*: 8 adolescentes grávidas; 3 adolescentes que já são mães, *Sexo Masculino*: 2 adolescentes cujas namoradas estão grávidas e um adolescente que já é pai. Todos os alunos freqüentavam a escola no turno matutino ou vespertino.

Foram entrevistados também: um pai ou responsável por cada um desses alunos, ou seja, mais um total de 14 sujeitos. Os sujeitos participantes da escola foram 23: todo o pessoal da direção da escola e equipe pedagógico-administrativa - 1 diretor, 1 vice-diretora, 1 assistente administrativo, 4 assistentes pedagógicos, 2 coordenadores pedagógicos e 1 chefe de secretaria. Foram entrevistados, também, 13 professores da escola, um professor de cada área do conhecimento, ou melhor, de cada disciplina, sendo incluídos aí professores das seguintes áreas: Biologia, Química, Português, Matemática, Inglês, Educação Artística, Educação Física, Geografia, História, Ensino Religioso, Física, Sociologia e Filosofia.

Ao todo, foram entrevistados 51 sujeitos, assim distribuídos:

TABELA 1- Distribuição quanto aos Participantes da Pesquisa

PARTICIPANTES	FREQÜÊNCIA	FREQÜÊNCIA PERCENTUAL
ADOLESCENTES	14	27,4%
PAIS/RESPONSÁVEIS	14	27,4%
PESSOAL DA ESCOLA	23	45,1%
TOTAL	51	100%

Fonte: Pesquisa de Campo, 1999

3. Procedimentos, Instrumentos e Coleta de Dados

A coleta de dados realizou-se no período de abril de 1999 a maio de 2000. Foi marcada por três momentos: de abril até agosto de 1999, prevaleceu o uso da observação participante; de setembro a dezembro de 1999, predominou o uso das entrevistas e de Janeiro a maio de 2000, prevaleceu a análise documental. A pesquisa de campo foi realizada a partir da utilização das seguintes técnicas e instrumentos:

- a) *Observação participante* - Este procedimento foi utilizado durante todo o processo de coleta de dados. Alcançou maior destaque no processo inicial da coleta, onde foram feitos os primeiros contatos com o campo e com os sujeitos da pesquisa. Foram observados: entrada e saída dos alunos, pátio da escola na hora do intervalo; sala de coordenação dos professores. A técnica da observação direta como nos coloca Lüdke e André (1986) possibilita ao pesquisador chegar mais perto da 'perspectiva dos sujeitos', obtendo um contato mais estreito com o fenômeno estudado e por isso é um importante instrumento nas abordagens qualitativas. Os dados mais importantes obtidos durante as observações foram registrados em diário de campo e consultados no processo de análise e discussão dos resultados;
- b) *Entrevistas semi-estruturadas* - As entrevistas foram determinantes para a apreensão mais aprofundada da natureza do problema em estudo. Foram realizadas 51 entrevistas. Foram elaborados 4 roteiros diferenciados de entrevistas, destinados a cada segmento estudado: alunos adolescentes envolvidos em situação de gravidez na adolescência, pais ou responsáveis por esses alunos; pessoal da

escola - direção, equipe pedagógico-administrativa e professores - (*vide* roteiros das entrevistas Anexos: I, II, III e IV).

- c) *Análise documental* - Foram analisados todos os Boletins Escolares dos alunos sujeitos do estudo, referentes ao ano letivo de 1999. O Projeto Pedagógico da escola também foi consultado no sentido de verificar se a escola já contava com objetivos da educação sexual dentro de sua proposta educacional. Tal análise visou averiguar a forma como o envolvimento com uma gravidez na adolescência afeta o rendimento educacional dos alunos. Alguns outros arquivos da Secretaria também foram consultados com objetivos diferenciados: ter acesso aos endereços dos responsáveis dos alunos com o objetivo de marcar e realizar as entrevistas; obter dados sobre a escola.

4. Definição de Termos

Existem termos cujo campo semântico é bastante abrangente, podendo dar margem a interpretações diversas. Neste estudo são utilizadas as definições para os seguintes termos:

ADOLESCENTE - Segundo a *Organização Mundial de Saúde*, é considerado adolescente aquela pessoa que se encontra na segunda década da vida, ou seja, com a faixa etária entre 10 e 19 anos. O adolescente encontra-se numa fase intermediária entre a infância e idade adulta marcada por um processo de intensas mudanças biológicas, psicológicas e sexuais.

ADOLESCENTE ENVOLVIDO EM SITUAÇÃO DE GRAVIDEZ - Refere-se àquele adolescente do sexo feminino ou masculino envolvido em situação de gravidez precoce. Adolescentes do sexo feminino grávidas ou mães a menos de um ano; adolescentes do sexo masculino, cuja namorada estava grávida ou caso ele tivesse se tornado pai a menos de um ano.

SEXO - Estrutura básica que define o ser masculino e feminino. O sexo apresenta duas dimensões centrais: a) *biológica* - anatômica, fisiológica e morfológica e; b) *psico-social* - sentimentos de pertinência a um sexo: masculino e feminino. (Brasil, 1994)

SEXUALIDADE - É o modo particular como cada pessoa vive o fato de ser sexuado masculino ou feminino. É uma manifestação psicoafetiva individual e social que transcende a sua base biológica e cuja expressão é normatizada pelos valores sociais vigentes. A sexualidade humana é simultaneamente biológica, sócio-cultural e psicológica. (Brasil: Ministério da Saúde, 1994)

FUNÇÕES DA SEXUALIDADE: a) *prazer* - é o núcleo essencial da sexualidade humana: prazer convivido, compartilhado, em poucas ou várias formas, b) *comunicação/relação interpessoal* - a sexualidade positiva promove as relações interpessoais, a convivência e comunicação; *reprodução* -reproduzir é uma função da sexualidade, porém não é a única nem necessariamente a mais importante, o fato de a pessoa não realizar essa função não significa que ela seja assexuada, nem a impede a vivência de uma sexualidade feliz. (Netto, no prelo)

MÉTODOS CONTRACEPTIVOS - Conjunto de técnicas e procedimentos que visam permitir o coito vaginal sem a ocorrência da concepção. (Brasil: Ministério da Saúde, 1998)

ABORTO - Interrupção da gestação antes que o feto tenha condições de sobrevivência. Pode ser espontâneo ou provocado. (Brasil: Ministério da Saúde, 1998)

SAÚDE SEXUAL - A Organização Mundial de Saúde define o termo Saúde Sexual como a integração dos elementos somáticos, emocionais, intelectuais e sociais do ser sexual, por meios que sejam positivamente enriquecedores e que fortaleçam a personalidade, a comunicação e o amor.

EDUCAÇÃO SEXUAL - Ação educativa realizada pela família, pela escola e pela sociedade de um modo geral. É um processo contínuo, gradativo e sistemático que visa a formação plena da pessoa sexuada. Inicia-se com o nascimento e prolonga-se por toda a vida, acompanhando e adequando-se ao processo de desenvolvimento e formação integral do indivíduo. (Netto, no prelo)

FAMÍLIA- Considera-se família um núcleo formado por pessoas que estabelecem relações caracterizadas por laços de consangüinidade e /ou afetividade, podendo ser formalizados ou não por atos legais. (Netto, no prelo)

ENSINO MÉDIO - Etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos. É a etapa final de uma educação de caráter geral que situa o educando como sujeito produtor de conhecimento e participante do mundo do trabalho. O Ensino Médio tem como finalidade a preparação do educando para exercer, com autonomia, as potencialidades humanas no processo para a (re)construção da vida, sendo solidário, criativo, participativo, ético e crítico. (Brasil: PCN do Ensino Médio, 1999)

CURRÍCULO - Todas as atividades do aluno sob a responsabilidade da escola dentro da sala de aula ou fora dela fazem parte do currículo escolar. O currículo é concedido como uma força ativa e dinâmica que detêm impacto direto na formação do homem no contexto social. O novo currículo do Ensino Médio busca dar significado e aprofundamento ao conhecimento

escolar, mediante a contextualização, a interdisciplinaridade e o desenvolvimento de competências básicas, superando a compartimentalização do conhecimento. O currículo deve contemplar conteúdos e estratégias de aprendizagem que capacitem o aluno para a vida em sociedade, a atividade produtiva e experiências subjetivas. (Brasil: PCN do Ensino Médio, 1999)

INTERDISCIPLINARIDADE - Pressupõe o estabelecimento de ligações de complementaridade, convergência, interconexões e passagens entre os conhecimentos e/ou as linguagens. (Brasil: PCN do Ensino Médio, 1999)

CONTEXTUALIZAÇÃO - Apresenta-se como possibilidade de construir os conhecimentos, desenvolvendo as competências em diálogo permanente com os sujeitos envolvidos no processo. A contextualização evoca áreas ou dimensões presentes na vida pessoal, sociais e cultural, mobilizando competências cognitivas já adquiridas. O currículo passa a ter mais significado e valor para a vida dos alunos. (Brasil: PCN do Ensino Médio, 1999)

TEMAS TRANSVERSAIS - São temas que devem integrar as áreas convencionais do conhecimento, estando presente em todas elas, relacionando-as às questões da atualidade, superando assim o aprender apenas pela necessidade escolar. Tais temas dão sentido social ao currículo educacional. Muitas questões sociais podem ser eleitas como temas transversais para o trabalho escolar, uma vez que o que os norteia, a construção da cidadania e a democracia, são questões que envolvem múltiplos aspectos e diferentes dimensões da vida social. Os temas deverão ser eleitos de acordo com a necessidade da comunidade escolar, devendo constar no projeto pedagógico. Exemplo de temas transversais: meio-ambiente; ética; pluralidade cultural; saúde, orientação sexual; mercado de trabalho e consumo; educação para o trânsito. (Brasil: PCN do Ensino Médio, 1999)

APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA - Pressupõe a existência de um referencial que permita aos alunos identificar e se identificar com as questões propostas. Implica uma relação de intelecção sujeito-objeto e visa gerar a capacidade de compreender e intervir na realidade, numa perspectiva autônoma e desalienante. (Brasil: PCN do Ensino Médio, 1999)

COMPETÊNCIAS - Atributos intelectuais e cognitivos apreendidos a partir de uma ação educativa e disponíveis para o agir eficiente em qualquer situação de vida de cada ser humano. (Brasil: PCN do Ensino Médio, 1999)

PROJETO PEDAGÓGICO - Conjunto de diretrizes, métodos, técnicas e resultados desejados, escolhido pelo coletivo da escola para desenvolver suas ações educativas e que as caracteriza. (Brasil: PCN do Ensino Médio, 1999)

COMUNIDADE ESCOLAR - Conjunto de atores envolvidos no processo escolar.

Compreende alunos, professores, funcionários da escola, pais e outros que se envolvam no projeto pedagógico da escola. (Brasil. PCN do Ensino Médio, 1999)

IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Uma informação correta sobre os fatos sexuais, sobretudo os que tocam de perto o adolescente, pode certamente ajudá-lo a modificar certas atitudes e representações (precisando ou corrigindo os conhecimentos sobre os quais são fundadas), e a adquirir novas. Esta contribuição da educação sexual no plano cognitivo pode ter repercussões no plano das atitudes, e igualmente no plano emocional e, talvez, no plano do comportamento.

(Maria José Werebe)

Os dados foram agrupados, revistos e selecionados de acordo com as questões centrais do estudo que foram emergindo durante a etapa inicial da pesquisa, ou seja, no processo de exploração e conhecimento da realidade a ser estudada. Tais questões contribuíram para uma melhor delimitação do problema a ser estudado e dos seus respectivos objetivos. As questões são as seguintes: *1. Caracterização do/a adolescente envolvido/a em situação de gravidez na adolescência; 2. O/a adolescente frente à descoberta da gravidez; 3. O/a adolescente e sua visão da postura da família e da escola frente à sua gravidez; 4. O/a adolescente envolvido/a em situação de gravidez na adolescência e sua relação com a escola; 5. O/a adolescente envolvido/a em situação de gravidez e sua percepção de educação sexual; 6. A família e o caso da gravidez na adolescência; 7. A família e a percepção de educação sexual; 8. A escola e os casos de gravidez na adolescência; 9. A escola e a percepção de gravidez na adolescência.*

1. Caracterização do/a adolescente envolvido/a em situação de gravidez

Nesta questão buscou-se identificar o perfil dos adolescentes envolvidos em situação de gravidez, a caracterização de sua vivência sexual e os fatores que contribuíram para a gravidez.

1.1. O Perfil do/a adolescente

O perfil dos adolescentes entrevistados considerou os seguintes aspectos: idade, sexo, série que estavam cursando no ensino médio, idade da primeira relação sexual, estágio em que se encontrava com relação à vivência da gravidez precoce, estado civil, local onde residiam e situação de trabalho.

TABELA 2 - Distribuição dos adolescentes quanto ao sexo

SEXO	FREQÜÊNCIA	FREQÜÊNCIA PERCENTUAL
Masculino	3	21,4%
Feminino	11	78,6%
TOTAL	14	100%

Fonte: Pesquisa de Campo, 1999

O número de adolescentes do sexo feminino envolvidos na pesquisa foi amplamente superior, o que contribuiu para a constatação de que os meninos, por não evidenciarem a gravidez, encontram mais dificuldades para assumir o fato de estarem envolvidos em uma situação de gravidez na adolescência e por isso preferem manter o assunto em sigilo na escola. Muitos preferem não assumir que enfrentarão ou que estão enfrentando uma paternidade na adolescência.

TABELA 3 - Distribuição dos adolescentes quanto à idade

IDADE	FREQÜÊNCIA	FREQÜÊNCIA PERCENTUAL
16 Anos	5	35,7%
17 Anos	2	14,3%
18 Anos	4	28,6%
19 Anos	3	21,4%
TOTAL	14	100%

Fonte: Pesquisa de Campo, 1999

A tabela 3 demonstra que a faixa etária predominante dos adolescentes entrevistados era de 16 anos, 35,7%, o que mostra que na realidade estudada, os adolescentes estão enfrentando a paternidade e maternidade precoce cada vez mais cedo.

TABELA 4 - Distribuição dos adolescentes quanto à série do Ensino Médio que estavam cursando

SÉRIE	FREQÜÊNCIA	FREQÜÊNCIA PERCENTUAL
1ª Série	7	50,0%
2ª Série	3	21,4%
3ª Série	4	28,6%
TOTAL	14	100%

Fonte: Pesquisa de Campo, 1999

Os dados da tabela 4 mostram que os alunos com menor escolaridade, ou seja, que ainda se encontram na 1ª série do ensino médio apresentaram um maior índice de envolvimento com a situação de gravidez na adolescência. Por outro lado os alunos que estavam na 3ª série apresentavam mais tranqüilidade e determinação com relação à continuidade dos estudos que os demais. Todos os três adolescentes entrevistados do sexo masculino já estavam no 3º ano, o que representa em termos de porcentagem 21,4%.

Souza (1998) aponta a possibilidade de que o aumento do nível educacional atue diretamente na redução da fecundidade, uma vez que a gravidez tem sido menos freqüente entre adolescentes com maior nível de escolaridade. No entanto, salienta que a queda da fecundidade à medida que aumenta o nível educacional das mulheres pode estar apenas expressando o efeito de outras variáveis positivamente relacionadas à educação que seriam determinantes diretos da fecundidade.

TABELA 5 - Distribuição dos adolescentes quanto à idade na primeira relação sexual

IDADE	FREQÜÊNCIA	FREQÜÊNCIA PERCENTUAL
13 Anos	1	7,1%
14 Anos	2	14,3%
15 Anos	6	42,9%
16 Anos	3	21,4%
17 Anos	2	14,3%
TOTAL	14	100%

Fonte: Pesquisa de Campo, 1999

Dados do Ministério da Saúde de 1999 revelam que 47% dos homens e 32% das mulheres tiveram sua primeira relação sexual antes dos 15 anos de idade. Esse estudo apontou que dos adolescente entrevistados, o maior percentual, 42,9% iniciou-se na vida sexual com 15 anos de idade. Uma das adolescentes entrevistadas teve sua primeira relação aos 13 anos de idade, engravidando aos 14 anos. Essa adolescente teve complicações na gravidez e acabou perdendo a criança com 6 meses de grávida. Aos 16 anos ela voltou a engravidar e hoje é mãe aos 17 anos. O depoimento a seguir mostra que alguns dos adolescentes não dão muita importância para a idade no momento de se iniciar na vida sexual, neste momento o que pesa mais é o sentimento que envolve a sua relação com o parceiro:

Na minha primeira vez eu ainda tinha 15 anos, foi na casa dele, no quarto dele, na cama dele. A gente não se preveniu, eu engravidei nas primeiras vezes. A minha primeira vez doeu muito e eu chorei muito, depois fiquei com medo de uma gravidez e ele também ficou preocupado, mas o importante era que a gente se amava. (C, 16 anos, 8 meses de gravidez)

A fala da adolescente evidencia que a primeira relação sexual geralmente acontece sem um planejamento, sem a prevenção adequada. Essa postura colabora, em alguns casos, para que a gravidez entre adolescentes aconteça logo após as primeiras relações.

Vitiello (1997) afirma que o exercício da sexualidade entre adolescentes não é uma invenção de nossa época. Era comum há apenas duas ou três gerações que nossas avós se casassem aos 14, 15, 16 anos. Segundo o autor, o que se tornou característico, a cerca de três décadas, foi o surgimento da prática da sexualidade por grande número de jovens de sexo feminino, em condições pré-conjugais. Por não ser bem aceito socialmente, esse tipo de sexualidade vem gerando uma série de problemas pessoais, familiares e sociais, que a sociedade ainda não conseguiu resolver.

TABELA 6 - Distribuição dos adolescentes quanto ao estágio da vivência da gravidez na adolescência

ESTÁGIO BA VIVÊNCIA DA GRAVIDEZ	FREQÜÊNCIA	FREQÜÊNCIA PERCENTUAL
Ainda estavam vivenciando a gravidez	9	64,3%
Já estavam vivenciando a paternidade/maternidade	5	35,7%
TOTAL	14	100%

Fonte: Pesquisa de Campo, 1999

A tabela 6 evidencia que a maioria dos adolescentes entrevistados, 64,3%, ainda se encontravam envolvidos com a situação da gravidez. Cabe ressaltar entretanto, que 2 das adolescentes entrevistadas já se encontravam envolvidas com a segunda gravidez, sendo que uma tinha perdido a criança no sexto mês de gestação e a outra tinha deixado a filha para a avó cuidar.

TABELA 7 - Distribuição dos adolescentes quanto ao estado civil

ESTADO CIVIL	FREQÜÊNCIA	FREQÜÊNCIA PERCENTUAL
Solteiros	10	71,4%
Casados	1	7,1%
Amasiados	3	21,4%
TOTAL	14	100%

Fonte: Pesquisa de Campo, 1999

A tabela 7 evidencia que a maioria dos adolescentes entrevistados, 71,7% encontravam-se solteiros. Apenas 7,1%, o que representa um adolescente entrevistado, encontrava-se casado, sendo que o casamento ocorrera em decorrência da gravidez. Muitos dos entrevistados afirmavam que pretendiam se casar em breve com seus parceiros, mas que ainda não sabiam quando. Outros, achavam que não precisariam mais se casar, que morar junto já lhes bastava:

Eu tinha planos que para muita menina poderia ser bobeira, mas eu tinha o sonho de encontrar a pessoa certa e me casar na Igreja e sair de lá já direto para minha casa. Isso tudo mudou muito, eu sei que vai ser um pouco diferente, tem o neném aqui e não sei até quando a gente vai ficar juntos. Acho que não sonho mais com um casamento, acho que só precisa a gente morar junto e pronto. (L, 16 anos, 5 meses de gravidez)

A gravidez acaba contribuindo para que esses adolescentes deixem de acreditar na necessidade de um casamento. Existe até mesmo um sentimento de incerteza com relação à continuidade da relação entre os parceiros e um certo medo de que sua vida se modifique demais a partir do casamento.

Eu acho que hoje não é difícil casar, arrumar um namorado, mas eu acho melhor não me envolver com um namorado por tão cedo porque foi tudo muito doído para mim. O pai da criança sumiu, desapareceu. Mas de repente vai que depois isso volta a acontecer comigo de novo, será que eu vou estar preparada? Então para eu evitar esse tipo de coisa eu preferi me afastar disso, preferi me dedicar mais aos estudos e depois se for da vontade de Deus que eu case, eu me casarei, só que com mais maturidade, pois eu acho que casamento é uma coisa muito séria e também tenho que encontrar alguém que entenda a minha situação. (S, 16 anos, mãe há 4 meses)

A gravidez, neste caso, deixou muitos traumas com relação a novos relacionamentos amorosos, a adolescente parece acreditar que não é mais merecedora de um casamento por ter engravidado antes. Os estudos se apresentam como uma fuga da realidade e o medo de outra gravidez e de ser abandonada novamente a amedronta e a afasta da possibilidade de se envolver tão breve com outra pessoa.

Os três adolescentes do sexo masculino também se posicionaram em relação a essa questão, um colocou que acreditava no casamento e que tinha ficado muito triste por ter engravidado uma garota antes. Afirmou que ainda sonha em se casar um dia na Igreja porque ele é muito religioso e porque na sua família as coisas acontecem assim. Os outros dois colocaram-se a favor da união entre os parceiros, mas não enfatizaram a necessidade do casamento:

Eu fiquei alegre e ao mesmo tempo triste porque eu não queria dar uma decepção dessas para os meus pais, um filho assim, fora do casamento. Eu pensava em casar primeiro e tal, minha família é muito religiosa, casamento para mim é muito importante, mas não deu dessa vez... Quem sabe depois? (C, pai há 1 ano)

Este depoimento mostra a preocupação de um adolescente do sexo masculino com relação ao casamento e o seu sentimento de culpa com relação ao fato de ser pai antes do casamento, principalmente devido a decepção causada aos pais. É interessante notar que em nenhuma outra entrevista com adolescentes do sexo feminino essas precauções surgiram com tamanha profundidade. Grande parte das meninas parecem desenvolver um sentimento maior de culpa, achando que não são mais dignas de um casamento, que erraram e que por isso não têm que esperar mais por muitas oportunidades de um casamento com todas as pompas que elas sonhavam.

A pesquisa da BEMFAM (1997), mostra que o panorama da situação conjugal das adolescentes grávidas ou já mães na faixa etária de 15-19 anos é bastante distinto, sendo que a grande maioria, 96%, permanece ainda solteira. Tal estudo apontou que para 13% das jovens nessa faixa etária que já haviam iniciado a vida reprodutiva, a união havia sido desfeita e as jovens estavam separadas ou divorciadas.

TABELA 8 - Distribuição dos adolescentes quanto ao local onde residiam

LOCAL ONDE RESIDIAM	FREQÜÊNCIA	FREQÜÊNCIA PERCENTUAL
Na casa dos pais	9	64,3%
Na casa dos pais do parceiro	3	21,4%
Na casa de parentes	2	14,3%
TOTAL	14	100%

Fonte: Pesquisa de Campo, 1999

O trabalho indicou que 64,3% dos adolescentes entrevistados residiam, até o momento, com os pais; 21,4% estava morando com a família do parceiro e 14,3% saiu de casa e **mora atualmente com uma tia. Dos adolescentes que residiam com parentes, uma morava com a avó desde que os pais se separaram e a outra foi expulsa de casa pelo pai após a descoberta da**

gravidez e hoje estava morando com os tios. Das adolescentes que moravam com as famílias dos parceiros, duas também tinham sido expulsas de casa pelos pais pelo mesmo motivo citado acima.

TABELA 9 - Distribuição dos adolescentes quanto à situação de trabalho

SITUAÇÃO DE TRABALHO	FREQÜÊNCIA	FREQÜÊNCIA PERCENTUAL
Não trabalhavam ainda	8	57,1%
Estavam trabalhando	4	28,6%
Exerciam atividades informais	2	14,3%
TOTAL	14	100%

Fonte: Pesquisa de Campo, 1999

Quando questionados sobre trabalho, 57,1% respondeu que não estava trabalhando; 28,6% respondeu que trabalhava e; 14,3% afirmou que estava exercendo atividades informais, *fazendo bicos*, na linguagem deles. Dos três adolescentes do sexo masculino entrevistados apenas um trabalhava - trabalhava na empresa do pai -, os outros dois disseram que estavam à procura de emprego, mas que estava muito difícil, principalmente porque eles não preenchiam as exigências do mercado: *dois anos de experiência*.

Com relação ao perfil dos adolescentes do estudo, constatou-se que a maioria dos entrevistados, 78,6% pertencia ao sexo feminino; encontrava-se na faixa etária dos 16 anos, 35,7% e; frequentavam a 1ª série do Ensino Médio, 50,0%. Os adolescentes deram início à sua vida sexual a partir dos 13 anos, sendo que ocorreu uma maior incidência na faixa etária dos 15 anos, 42,9%. Dentre os adolescentes, 64,3% ainda estavam vivenciando o período da gravidez e 35,7% a paternidade/maternidade. A maioria dos adolescentes ainda estavam solteiros, 71,4% e ainda moravam na casa dos pais, 64,3%. Os que ainda não trabalhavam e que dependiam exclusivamente da renda da família atingia um percentual de 57,1%.

1.2. A vivência sexual do/a adolescente envolvido/a em situação de gravidez

Eu já namorava com ele há um ano, a gente trocava carícias, se acariciava nas partes internas e nos dávamos super bem... Eu não usava nada apesar de saber que existiam os métodos anticoncepcionais e nunca tinha ido a um ginecologista. A gente não usou porque não quis, queríamos experimentar a primeira vez para ver

como era e a gente achava que da primeira vez eu não iria engravidar, e além disso, não precisava porque a gente confiava um no outro... A gente não tinha consciência de nada, de que eu podia ficar grávida, tanto que depois da primeira vez a gente passou um mês sem fazer nada para ver o que acontecia, então como eu não havia engravidado, a gente continuou, sem nos prevenir de novo. A gente não queria a gravidez naquele momento, mas conversamos que se aquilo acontecesse a gente daria um jeito de ficar juntos, de cuidar de tudo, de ter nosso filho porque nós nos amávamos muito. (C, 16 anos, 8 meses de gravidez)

O depoimento evidencia uma constatação comum em muitas das entrevistas: as primeiras relações sexuais dos adolescentes envolvidos neste estudo aconteceram geralmente em decorrência de uma relação afetiva duradoura. Outra constatação é que o não uso de métodos contraceptivos pelos adolescentes nas relações sexuais com seus parceiros foi justificada pelo fato de estarem emocionalmente envolvidos com seus parceiros e de sentirem plena confiança neles. Muitos dos adolescentes entrevistados afirmaram ter feito uso de métodos contraceptivos desde as suas primeiras relações sexuais, mas concluíram que tais métodos falharam:

Eu tinha 14 anos quando tive minha primeira relação e eu engravidei já nessa primeira vez, só que eu perdi o meu bebê no sexto mês de gravidez, tive uma infecção muito grande e ele não resistiu, foi triste. Eu só já fiquei com uma pessoa até hoje, com 17 anos eu engravidei de novo dele. Eu não conversava com ele sobre sexo, principalmente nas primeiras relações e por um bom tempo... Eu tinha muita vergonha e muito medo de falar sobre essas questões, a gente ficava, mas não conversava nada sobre isso. Eu era muito inexperiente, como ele era mais velho, o meu medo de perguntar era muito grande... Eu vim perder essa vergonha a pouco tempo, bem depois que perdi o neném. Ficamos um tempo separados mais hoje estamos juntos de novo e com a nossa filha. Antes a gente tinha relação mas não perguntava nada um para o outro, eu não perguntava nada sobre o que ele sentia e nem falava sobre mim, só a relação e pronto. Eu só conversava com minha amiga, era ela que me dava conselhos, só que ela era virgem e da mesma idade que eu. Hoje as coisas mudaram e eu já não tenho mais vergonha de conversar com ele. (S., 17 anos, mãe há 5 meses).

Este depoimento revela que havia manifestação de sentimento de inibição, vergonha e medo na verbalização de questões sobre o assunto. O diálogo com o parceiro era praticamente inexistente. Constatou-se que a dificuldade de conversar sobre sexo não faz parte apenas do universo feminino. Dois adolescentes do sexo masculino entrevistados afirmaram sentir muita dificuldade de conversar sobre sexo seja com suas parceiras ou com qualquer outra pessoa.

Os adolescentes do sexo masculino responderam que já tinham tido relações com outras garotas antes da gravidez. Um dos adolescentes entrevistados disse que sua namorada atual pensava que ele era virgem quando ficou com ela pela primeira vez e que ele preferia que ela pensasse assim porque ela também era virgem e dessa forma as coisas ficavam mais românticas para a sua namorada. Os meninos se disseram adeptos do uso da camisinha,

admitindo a importância do seu uso, principalmente, no caso de uma relação com uma garota desconhecida. Entretanto, no caso de relações mais afetivas e duradouras, disseram ser difícil controlar o desejo no caso de não ter uma camisinha por perto:

Eu acho que tinha uns 15 anos na minha primeira relação, por aí, foi com outra garota, nada importante. Eu sempre usava camisinha quando ficava com alguém. Na época em que eu engravidei a menina eu tinha 17 anos e ela 21, nós namorávamos há uns três meses e até então minha vida sexual não era muito frequente, eu ficava meses sem fazer nada, só namorava mesmo. No dia a gente tinha ido para uma festa, na volta ficamos sozinhos na casa dela e rolou tudo... Não tinha camisinha na hora, eu não tinha e nem ela tinha, mas a vontade foi mais forte. Pronto, foi naquele dia que ela engravidou. (C, 19 anos, pai há 1 ano).

1.3. Fatores que contribuíram para a gravidez

Minhas amigas falavam: 'Nossa! Você ainda é virgem? Não pode!' Então a curiosidade me levou a isso e aí foi dessa primeira vez mesmo que eu engravidei. Nós usamos a camisinha, mas eu acho que ela furou, só pode... Na época da primeira vez nós namorávamos há mais ou menos um mês, eu achava que já gostava dele, que estava na hora, mas depois quando eu parei realmente para pensar não era bem aquilo, mas já era tarde, eu já estava grávida. (L, 16 anos, 5 meses de gravidez)

A influência de amigos, a curiosidade e a falha no uso de métodos contraceptivos foram apontados pelos adolescentes entrevistados como alguns dos fatores que mais contribuíram para a gravidez. A maioria afirmou ter feito uso de algum método contraceptivo, principalmente da camisinha ou de anticoncepcionais, mas justificaram que a gravidez ocorreu em decorrência de alguma falha do método adotado: ou o preservativo não protegeu ou o anticoncepcional falhou:

O que mais contribuiu para que eu engravidasse foi, primeiro, porque eu não tinha uma boa relação com o meu pai, nós brigávamos demais e eu apanhava demais da conta. Eu não sei quantas vezes eu levei meu pai na Justiça porque ele tirava sangue de mim, entendeu? Eu estava louca para sair de casa, eu estava louca mesmo e eu queria fugir de casa só que eu falei para minha mãe e ela não queria aceitar porque ela tinha medo que meu pai batesse nela. Então eu comecei a namorar com o pai do meu filho e a gente namorou bastante tempo e eu peguei e engravidei. A gente ia morar junto, só que meu pai ficou sabendo da gravidez e me colocou para fora de casa. (J., 17 anos, mãe há 4 meses)

O tipo de relação familiar também foi apontado como um fator contribuinte para a ocorrência da gravidez precoce, principalmente, nos casos de dificuldades de relacionamento entre o pai e a filha. Pais muito agressivos, sem abertura para o diálogo, segundo alguns

depoimentos contribuem para que suas filhas se iniciem mais cedo na vida sexual, muitas vezes, visando até mesmo se livrar da relação familiar que elas viviam.

Eu acho que o que mais contribuiu foi o afoito do momento, da gente ter saído naquela noite e porque a gente já estava com uns três meses de frequência. A gente já estava sentindo que podia fazer tudo, eu acho que foi daí que veio a gravidez. Eu pensava que isso não ia acontecer comigo, só uma vez sem camisinha, não podia acontecer nada. (C, 19 anos, pai há 1 ano).

Outro fator que foi apontado, em maior parte, pelos adolescentes do sexo masculino, foi a questão do momento, do impulso natural do adolescente. Os adolescentes falaram da dificuldade de controlar o desejo, principalmente naqueles casos onde a relação já tem um tempo maior de duração. Este tempo não precisa ser tão longo, um mês de namoro já é considerado por muitos, até mesmo pelas meninas, como o tempo ideal para ter relações sexuais com o parceiro. Mas muitos adolescentes afirmaram que o que mais contribuiu mesmo foi que eles não utilizaram nenhum método contraceptivo, ou porque não quiseram mesmo, ou porque não tinham no momento. Uma adolescente que já tinha engravidado uma outra vez afirmou que o motivo da primeira gravidez foi uma falha do anticoncepcional consultado pelo ginecologista, mas que o motivo da segunda gravidez foi uma tentativa não planejada de reconciliação, sem prevenção alguma.

Os depoimentos manifestaram que os adolescentes davam muita importância à relação afetiva, sendo que a sua vivência sexual esteve geralmente vinculada a uma relação de amor, principalmente, do primeiro amor.

Vitiello (1997) salienta que os fatores que tem contribuído para aumentar a incidência de relações sexuais entre adolescentes são múltiplos e complexos, sendo difícil avaliar em cada caso a importância relativa de cada um deles. No entanto, o autor elenca alguns fatores que merecem destaque, como a revolução de costumes iniciada no final da década de 50, o abuso da sensualidade nos meios de comunicação e a elevação da média etária para o casamento, entre outros.

2. O/a Adolescente frente à descoberta da gravidez

Esta questão procurou identificar a reação do adolescente e do parceiro frente à descoberta da gravidez. Procurou identificar também: o modo como o adolescente convive com a gravidez; as maiores dificuldades que ele enfrentou e; de que forma que a gravidez mudou sua vida e suas perspectivas de futuro.

2.1. Reação do/a adolescente

- a) Foi de desespero, minha menstruação atrasou e ela nunca atrasava, aí eu pensei que aquilo deveria ser normal, aí foi atrasando um mês, dois meses e ele sempre dizendo que era imaginação da minha cabeça... Então com dois meses nós resolvemos fazer o exame, ele foi comigo e aí deu positivo. Eu não falei mais nada, eu não comi mais nada e fiquei mais ou menos umas duas semanas dentro de casa... Não vinha para a escola e nem falava com ele também porque o desespero era tão grande que eu não sabia o que fazer e além disso ele ficou mais desesperado do que eu, eu não sabia como contar para minha mãe. A situação ficou mais difícil ainda porque uma prima minha de 12 anos engravidou e os pais dela a colocaram para fora de casa... Meu pai dizia que se eu engravidasse não precisava nem vir na porta de casa. No desespero eu falei para o meu namorado que eu tinha que tirar o bebê, mas ele dizia que aquela não era a melhor solução, mas no fim a gente resolveu tirar. Ele comprou um remédio e eu tomei... Eu passei muito mal durante umas duas semanas, até que um dia eu sangrei muito e pensei que tinha abortado... A dor passou e eu pensei que não estava mais grávida, mas nada da menstruação vir, eu comecei a sentir enjoos, a barriga crescendo, dura... Eu cheguei a pensar que era algum problema do remédio... Neste período eu continuava tendo relação, mas doía muito... Um dia resolvi fazer uma ecografia e a médica me disse que estava grávida... Eu fiquei desesperada, mas ao mesmo tempo fiquei feliz porque não me sentia mais culpada por ter tomado o remédio, afinal eu teria matado uma vida, meu neném. (L., 16 anos, 5 meses de gravidez)

Os depoimentos da maioria dos adolescentes evidenciaram uma alternância de sentimentos frente à descoberta da gravidez, se por um lado eles se sentiam angustiados e desesperados com medo da reação da família e do próprio parceiro, por outro lado eles se sentiam felizes por saber que iriam e que podiam ser pais ou mães. Os conflitos iam se resolvendo na medida em que os adolescentes podiam contar com o apoio da família. Os adolescentes colocaram como se sentiram após a descoberta da gravidez, sufocados, chocados, perplexos, arrependidos, desesperados, estranhos. Alguns que se disseram arrependidos afirmaram ter ficado felizes após o nascimento da criança, como podemos perceber no depoimento a seguir:

Nos primeiros meses eu fiquei besta, eu não saía para lugar algum, não fazia mais nada. Durante os nove meses da gravidez eu entrei naquele estado de depressão e ficava em casa sem fazer nada, não saía, não curtia mais nada. Eu ficava me questionando como era que eu iria ser pai se eu não sabia nem o que fazer. Eu ficava desesperado, eu não queria ver a barriga dela, sei lá, eu me sentia assim... Eu me perguntava como era que eu tinha feito aquilo e para quê. Eu me arrependi até o dia em que ele nasceu. Quando ele nasceu acabou o arrependimento, acabou tudo, foi o dia mais feliz da minha vida, eu era pai. (C, 19 anos, pai há 1 ano).

Alguns dos adolescentes afirmaram ter pensado em abortar assim que tomaram conhecimento da gravidez, foram realizadas algumas tentativas, muitas vezes com o consentimento do parceiro ou até mesmo da família, como pode ser constatado no depoimento abaixo:

A pressão foi demais! Minha mãe ficava falando que meu pai iria matá-la. Ainda tinha o pai do meu filho dizendo que se eu abortasse ele ia colocar a minha mãe na Justiça porque ele não ia abortar um filho dele, foi aquela coisa horrível. Eu combinei com a minha mãe de abortar, tomei um tanto de remédio do mato, foi aquela coisa, meu coração chegava a ficar doendo. Na verdade eu não queria abortar, mas a pressão era tanta que eu já não agüentava mais. Todo mundo fica mandando você fazer o aborto, até que chega uma hora que você concorda. Nossa! Como eu chorava, eu fiquei seca, tão magra que não agüentava mais nem andar. Fiquei assim até os 4 meses, quando eu sair de casa. (J., 17 anos, mãe há 4 meses)

Os dois depoimentos, a seguir, evidenciam que não foram todos os adolescentes que receberam a notícia da gravidez com tristeza e medo:

Eu me senti bem, não fiquei pensando que aquele ou outro fosse brigar comigo, eu não me preocupei muito com os outros não. Eu falava para as minhas colegas que não queria agora, mas eu não me prevenia não, então quando eu descobri eu achei ótimo. Em nenhum momento eu achei ruim, em nenhum momento eu pensei em tirar. Eu acho um absurdo alguém querer abortar. (J., 18 anos, 8 meses de gravidez)

Minha reação foi de muita alegria. Foi maravilhoso saber que iria ser pai. Ela chegou dizendo que achava que estava grávida e eu falei: 'Puxa! Ser pai assim... Deve ser interessante, taí! Gostei! Então ela fez os exames e deu positivo. O pai dela não quis mais ela lá e ela veio para a casa dos meus pais. Em momento algum eu pensei em tirar o bebê (J.K., 18 anos, namorada com 3 meses de gravidez)

2.2. Reação do/a parceiro/a

Ela chegou alegre porque ela viria morar comigo, a casa dela é muito perturbada. Os pais dela, na verdade, o pai dela batia muito nela, então ela chegou até com uma certa alegria quando veio falar que estava grávida. (J.K., 18 anos, namorada com 3 meses de gravidez).

A maioria dos respondentes afirmou que o parceiro reagiu simultaneamente com alegria e medo ao saber da gravidez. Muitos dos entrevistados ainda mantêm relações com os parceiros, outros não mais. Esse afastamento ocorreu, geralmente, ou porque o parceiro não quis assumir a gravidez ou por opção do próprio adolescente envolvido em situação de gravidez. Tais situações podem ser constatadas a partir da leituras dos dois depoimentos a seguir.

Nossa! Ele ficou na maior alegria, ficou dizendo que agora ele casava comigo. Ele era louco para se casar comigo, falou que não queria que eu abortasse, queria casar

comigo. Mas eu pensei muito porque eu ainda não tinha nem namorado ainda direito e já iria me casar? Ele ficou muito triste, mas eu resolvi vim embora. Ele queria ter se casado comigo, principalmente porque é um filho homem, mas eu não quis. (J., 17 anos, mãe há 4 meses)

Ele ficou surpreso e se afastou completamente. Então foi quando minha mãe ficou sabendo, ele ainda foi até a minha casa e minha mãe perguntou se a gente queria ficar juntos, nos casar, mas ele se afastou completamente, viajou e não quis mais saber de nada. (S., 16 anos, mãe há 3 meses)

Um adolescente do sexo masculino respondeu que sua parceira reagiu de modo tão desesperado que sua reação acabou forçando ele a concordar com a tentativa de aborto, tentativa essa que acabou falhando:

Ela estava com muito medo, tinha medo de contar para os pais dela. Eu tentava encorajá-la porque filho para mim é muito importante, mas ela não queria aceitar, só pensava em abortar, me obrigou a comprar um remédio para que ela abortasse. Ela tomou, mas não funcionou. (W. 19 anos, namorada com 7 meses de gravidez)

2.3. Como o/a adolescente está convivendo com a gravidez?

Às vezes é fácil e às vezes é muito difícil. É fácil quando a minha mãe fala que eu vou ter uma menininha para eu cuidar, para eu fazer dela o que eu quiser; quando eu vou olhar roupinha também eu me encanto; quando eu vejo a ecografia eu me apaixono. Mas às vezes eu chego em um lugar e as pessoas parecem que ficam me discriminando e aquilo me joga um pouco no chão, mas é uma coisa com a qual eu vou ter que conviver e enfrentar de frente para poder passar para minha filha a imagem de uma mãe corajosa. Eu só estou bem hoje porque meus pais me apoiaram, sei que posso contar com eles e com o pai do neném também. (L., 16 anos, 5 meses de gravidez)

Não é muito fácil para o adolescente ter que lidar com uma gravidez tão precocemente, são muitas as responsabilidades e ele acaba passado por um período intenso de conflitos internos e externos. É pressão, é cobrança, é discriminação. Percebemos que aqueles adolescentes que podem contar com o apoio da família convivem melhor com a gravidez e com toda a situação que a envolve. Entretanto, aqueles que não contam com o apoio da família ficam muito debilitados emocionalmente, entram em desespero e, muitas vezes, chegam a tentar o aborto. Por outro lado, percebemos também que alguns dos adolescentes entrevistados enfrentam a situação de gravidez na maior naturalidade, sem a mínima preocupação com o futuro ou com que os outros vão pensar a respeito. Algumas das meninas disseram que se sentiam muito deprimidas devido às transformações que seu corpo estava sofrendo em decorrência da gravidez, que tinham medo de perder a forma, de seus parceiros não compreenderem:

No começo ainda foi mais difícil, minha mãe me humilhou muito... A gente fica assim, nossa! - começou a chorar muito - Mas agora eu já me acostumei com a idéia. Eu estou me sentindo um pouco estranha, estou ficando cada dia mais barriguda, começa a nascer estrias, mas depois eu acho que tudo vai voltar ao normal. Eu converso com ele sobre isso e ele acerta, sabe que é normal, não reclama. (J., 17 anos, 6 meses de gravidez)

As adolescentes que ainda estão grávidas e que estão vivendo conflitos familiares ficam mais sensíveis. Muitas delas choraram durante quase todo o tempo da entrevista e acabaram desabafando sobre os seus problemas, sobre as dificuldades em ter que conviver tão cedo com tantos problemas.

2.4. Maiores dificuldades enfrentadas pelo/a adolescente

Estou encontrando muita dificuldade para estudar, tá muito difícil para eu poder me empenhar nos estudos... (L., 16 anos, 5 meses de gravidez)

A maior dificuldade foi com as pessoas porque elas me discriminavam. Quando eu chagava perto já ficam de cochicho, com fofocas, se afastavam completamente. Então foi o período no qual fiquei mais sozinha na minha vida. Tivemos dificuldades financeiras também porque minha mãe é professora, viúva com três filhas para cuidar e, além disso já estava com outras dívidas. Ela tinha mais essa para ela carregar sozinha, foi difícil e até hoje ela ainda está se estruturando financeiramente. (S., 16 anos, mãe há 3 meses)

Constatamos que, tanto os adolescentes do sexo feminino quanto do sexo masculino envolvidos em situação de gravidez, passam por dificuldades. Se por um lado a adolescente sofre maiores discriminações e recriminações por parte da família e da sociedade, o adolescente do sexo masculino enfrenta maiores cobranças pelo lado financeiro. A família passa a exigir que ele trabalhe e que tenha condições de sustentar uma nova família, ele mesmo passa a se cobrar muito. Em meio a tantas cobranças e problemas, os adolescentes, de ambos os sexos, passam a ter dificuldades para se concentrar e dedicar-se aos estudos. As meninas têm o seu problema agravado à medida em que a barriga vai crescendo e, principalmente, quando seus filhos nascem. Quando nascem seus filhos, nem sempre têm com quem deixar as crianças em casa para que elas possam ir para a escola. Muitas vezes, têm que levar as crianças para a sala de aula, caso não queiram desistir de estudar.

A dificuldade financeira foi outro fator constatado no estudo. Alguns dos adolescentes afirmaram que ainda não tinham nenhuma peça do enxoval da criança porque estavam sem trabalhar e sua família não tinha condições de arcar com tais despesas no momento:

Tá muito difícil - chora muito-. Minha mãe sempre joga na minha cara, principalmente porque eu não trabalho. Eu comento com ele, mas ele fala que não pode fazer nada porque ele também não trabalha e a mãe dele também não tem muitas condições, então é difícil, não sei como vou fazer para comprar as roupinhas para ele. A minha mãe é viúva e as coisas lá em casa não são fáceis. (J., 17 anos, 6 meses de gravidez)

Os depoimentos dos adolescentes do sexo masculino ressaltaram também a dificuldade de dialogar com a família das parceiras, dois dos três entrevistados afirmaram ter cortado relações com a família de suas parceiras apesar de terem assumidos seus filhos. O depoimento abaixo demonstra que os meninos pais também temem o preconceito por terem se tornado pais tão jovens e que a discriminação com relação à gravidez na adolescência não atinge apenas às meninas mães:

Foi a dificuldade de transitar e conversar com a família dela porque para eles eu era um bicho papão, um monstro do pânico. Até hoje eu não sou uma pessoa bem vista na casa dela. Nos 3 primeiros meses eu também tive dificuldades lá em casa, minha mãe ficou naquela depressão, mas rapidinho a gente resolveu porque ela percebeu que tinha que me dar força, ela viu que eu cair muito e ela teve que me ajudar. Na escola eu não enfrentei dificuldades, mas também eu nunca fui de falar muito do assunto porque eu percebo que isso acaba afastando certas pessoas, muitas não gostam de relacionamentos com uma pessoa que já é pai. Não só as meninas, os meninos também se afastam, uma grande maioria. Não sei por quê? (C. 19 anos, pai há 1 ano)

Outras dificuldades foram apontadas pelos adolescentes, tais como: discriminação e abandono por parte de colegas; desemprego, medo do parceiro em aceitar e assumir a gravidez, dificuldade em ter que deixar a família para assumir uma relação a dois. Dois adolescentes colocaram que até o momento não tinham encontrado nenhuma dificuldade e que a gravidez tinha servido para melhorar as suas vidas. Entretanto, todos os outros afirmaram ter passado por alguma dificuldade, ainda que em maior ou menor grau. Podemos perceber que aqueles que estavam desempregados e que não contavam com o apoio das famílias encontravam maiores dificuldades para lidar com a situação.

2.5. O que mudou na vida do/a adolescente e quais as suas perspectivas de futuro?

Eu era mais forte, hoje estou muito frágil... Eu fico feliz porque vou ter o meu filho, mas fico triste porque isso tudo atrapalhou muito meus planos, mudou a minha vida - chorou muito. (G., 18 anos, 6 meses de gravidez)

A gravidez mudou minha vida, mas não mudou meus planos. Ainda pretendo terminar de estudar, prestar o vestibular, fazer uma faculdade, começar a trabalhar... Mas agora eu não tenho que pensar só em mim, mas também na minha filha. Hoje eu acho que sou mais determinada. (S., 16 anos, mãe há 2 meses)

Todos os adolescentes respondentes admitiram que a gravidez mudou suas vidas. Alguns disseram que se tornaram mais responsáveis, seguros, caseiros, estudiosos, determinados. Muitos afirmaram que serviu para que eles amadurecessem, para que mudassem seu modo de agir, de ver o mundo, de se relacionar com a família. Duas adolescentes disseram que a gravidez mudou a sua vida porque lhes trouxe a liberdade, porque elas puderam criar coragem para se livrar das agressões que sofriam em casa. Uma adolescente disse que a gravidez mudou os seus planos porque ela pensava muito em casamento. Queria se casar virgem, em uma Igreja e de lá já ir direto para a sua própria casa, com o seu emprego. Os adolescentes do sexo masculino afirmaram que a gravidez mudou suas vidas porque eles agora terão que pensar primeiramente em seus filhos, em um emprego fixo e que por isso, o estudo, a faculdade teriam que ser deixados, no momento, para segundo plano, assim como muitos outros sonhos:

Mudou totalmente, mudou tudo! Eu sempre tive aquela vontade de comprar o meu primeiro carro, mas quando eu fiquei sabendo da gravidez eu tive que cortar essa idéia. Eu vi que não ia dar mais para comprar, que eu tinha que juntar dinheiro para pagar o parto, a cesariana dela em um hospital particular porque eu não ia aceitar que meu filho nascesse em qualquer açougue por aí. Tive que abrir mão de muitas outras coisas, mas agora eu sou pai, tenho que assumir minhas responsabilidades e meu filho merece... A grande maioria dos rapazes pula fora, deixa para seus pais cuidar de tudo ou então só para a mãe da criança, deixa que ela se vire sozinha. Eu não fiz isso por causa das responsabilidades que meu pai me deu desde cedo. Meu pai sempre falou que homem responsável assume todos os seus erros e todos os seus aceitos, então eu acho que a melhor coisa que fiz foi ter assumido meu filho. (C, 19 anos, pai há 1 ano).

O depoimento acima mostra a importância da educação familiar na vida do adolescente. Se a família trabalha com certos valores, se existe diálogo com os filhos, na hora de uma crise esses filhos saberão enfrentar os problemas com maior responsabilidade.

A literatura e as pesquisas voltadas para a gravidez na adolescência têm privilegiado a participação feminina o que acaba limitando uma análise mais aprofundada sobre a participação masculina na gravidez. Lyra (1998) salientou que os atos de conceber e criar filhos constituem experiências humanas atribuídas culturalmente às mulheres, incluindo, muito discretamente, o pai. A paternidade, quando tratada, é concebida, na maioria das vezes, sob a óptica feminina, reforçando a idéia de que são as mulheres que carregam a gravidez. Dificilmente se pergunta ao homem sobre sua participação, responsabilidade e desejo *no processo de* reprodução.

Domingues (1999) afirma que a gravidez não planejada, na adolescência, é considerada como um obstáculo e talvez um fator que pode desviar o adolescente daquilo que tinha como projeto de vida. Segundo o autor, a gravidez faz com que alguns adolescentes ainda continuem acreditando que poderão realizar seus projetos de vida, entretanto, faz também com que alguns comecem a desistir ou refazer seus projetos de vida em função da nova realidade.

3. O/a adolescente e sua visão da postura da Família e da Escola

Nesta questão buscou-se identificar, à luz dos posicionamentos dos próprios adolescentes, a reação da família e da escola frente à descoberta da gravidez. Buscou-se ainda, identificar a postura esperada da família e da escola frente à gravidez.

3.1. Reação da Família frente à descoberta da gravidez

Quando minha família ficou sabendo foi um horror. Minha mãe tinha medo do que meu pai poderia fazer com ela e ele a acusou o tempo todo, foi muito grosseiro com ela e comigo... Meu pai ficou chorando e dizendo que iria me matar e matar meu filho, queria que eu fosse embora de casa, queria que eu fosse morar com uma tia, bem longe dele. Meu pai preferiu que eu viesse embora a ter que me casar tão cedo, ele não me ajudou em nada, eu tive que sair de casa e me virar... (J., 17 anos, mãe há 4 meses)

Três das adolescentes entrevistadas tiveram que sair de casa porque seus pais não aceitaram a gravidez. Elas colocaram que os pais sempre foram muito agressivos e que a situação se tornou insuportável após a descoberta da gravidez. Nestes casos, as mães das adolescentes acabaram levando a culpa também pelo fato de a filha ter engravidado. Em todos os três casos, as mães foram apontadas como culpadas por seus maridos pela gravidez das filhas, sendo impedidas, até mesmo, de ajudar suas filhas.

O depoimento abaixo mostra outra situação, um caso onde a mãe rejeita a gravidez da filha, de modo a quase obrigá-la a fazer um aborto:

Quando a minha mãe ficou sabendo foi terrível, ela disse que se tivesse sabido antes teria me obrigado a abortar, ela ainda quis até comprar o remédio para eu beber, mas o meu namorado não deixou, eu também era contra aquilo. Mas depois ela conversou comigo e disse que já tinha acontecido mesmo e que agora ela tinha que me apoiar. Meus irmãos reagiram normalmente, meu irmão mais velho disse que sabia que isso iria acontecer, só isso. Quando ele disse eu fiquei calada... (J., 17 anos, 6 meses de gravidez)

Muitas vezes, uma gravidez é uma situação desesperadora para uma família que se encontra com inúmeras dificuldades financeiras e que descobre que ainda terá que arcar com

mais as despesas não planejadas de uma gravidez. Apesar de todas as dificuldades, em muitos casos, percebe-se que o amor pelos filhos, o sentimento de proteção acaba falando mais alto e os pais assumem a situação e apoiam seus filhos:

Foi uma surpresa: um dia eu estava namorando e no outro já aparecia grávida. Minhas irmãs se afastaram um pouco, mas depois voltaram a conversar e hoje me ajudam muita com a neném. Minha mãe ficou surpresa e chegou a falar para mim que aquilo tinha sido pior do que a morte do meu pai, porque a morte você sabe que morreu e que nunca mais vai ver aquela pessoa e tudo mais; já com a gravidez era mais difícil porque ela tinha que me ver todo dia com a barriga crescendo. Ela dizia que tinha planos de casamento para mim e tudo mais e de repente viu que ia ser mais difícil para mim, então ela ficou chocada. Depois foi mudando, foi aceitando a situação e hoje é uma mãe e uma avó perfeita. (S., 16 anos, mãe há 2 meses)

A maioria dos adolescentes entrevistados afirmou que a reação da família foi de decepção; que foi terrível, que a família ficou em estado de choque; que recriminou profundamente. Outros colocaram que a família agiu com naturalidade ou até mesmo com alegria ao saber da gravidez, como podemos constatar nos depoimentos abaixo:

Minha família reagiu com naturalidade, de modo normal, sem me repreender. Todos reagiram bem, principalmente quando ficaram sabendo que seria um menino, meus irmãos são loucos com ele. Meu pai ficou calado no momento, mas depois foi muito legal. (P., 19 anos, mãe há 4 meses)

Minha família ficou alegre. Meu pai é que ficou com um pouco de raiva de mim porque ela já estava sustentando sozinho um monte de gente lá em casa e agora teria que sustentar mais outro que ainda está por vir, e a mãe dele também. Então ele ficou com raiva. Ele não entende que emprego está muito difícil para achar, ele pensa que se pode achar emprego toda hora, fica só cobrando, eu me sinto mal. A minha namorada também percebe a cobrança, mas fica calada. Nós estamos na casa dele e não podemos falar nada (J., 18 anos, namorada com 3 meses de gravidez)

Mesmo os adolescentes tendo colocado que as famílias agiram com naturalidade ou com alegria, observou-se sempre que a reação do pai é sempre mais complicada. Os pais cobram mais, principalmente no caso dos meninos que não trabalham ainda. Os pais sabem que vai ser mais uma despesa para ele. Agora uma constatação interessante é que algumas famílias parecem aceitar melhor a gravidez na adolescência quando descobrem que a criança pertence ao sexo masculino.

O que se constatou é que apesar das famílias reagirem inicialmente com espanto ou com rejeição, mais tarde o sentimento de proteção e de amor pelos filhos acaba sendo superior, na maioria dos casos, fazendo com que aceitem a situação e com que passem a apoiar os filhos.

3.2. *Reação da escola frente à descoberta*

A escola encara a gravidez dos alunos com naturalidade, sem cobrar e sem dar nenhum tipo de assistência especial. (S., 17 anos, mãe há 4 meses)

A maioria dos adolescentes respondentes colocou que a escola reage à gravidez de modo natural. Eles colocaram que a recriminação e a rejeição na escola é menor, principalmente porque os colegas sabem que aquilo também pode acontecer com eles, ou em alguns casos, até já aconteceu. Disseram que os colegas apoiam mais que os próprios professores. Algumas das adolescentes coloram que muitos professores pareciam nem perceber que elas estavam grávidas; que nem se preocupavam se elas estavam fazendo acompanhamento médico ou não, que não se preocupavam em saber o porquê delas estarem faltando a tantas aulas. Salientaram que a direção é sempre muito distante dos alunos e que por isso não dava para perceber o que eles achavam da gravidez. Entretanto, duas das adolescentes disseram que alguns professores da escola procuraram apoiá-las ao saber da gravidez, entretanto, ressaltaram que os colegas ainda eram mais solidários do que os professores:

Na escola eu sempre fui bem recebida, nada mudou. Tenho o apoio dos professores e não tenho o que me queixar de ninguém, principalmente dos meus colegas pois eles são os que mais me apoiam de verdade. (J., 18 anos, 5 meses de gravidez)

A maioria dos entrevistados afirmou que a gravidez na adolescência é vista pelos colegas como uma coisa normal que pode acontecer com qualquer um hoje, mas que no fundo eles não podem ajudar muito. Eles colocaram que a escola não discrimina tanto quanto a família mas que ela poderia apoiar mais:

Na escola foi fácil, todo mundo acha bom, acha lindo e todo mundo parece se preocupar com você. Todos perguntam como é que eu estou, principalmente os colegas que perguntam como é que está em casa, se eu preciso de ajuda, mas nunca podem fazer muita coisa. (C., 18 anos, 5 meses de gravidez)

3.3. *O que o/a adolescente espera da família e da escola frente à descoberta de novos casos de gravidez na adolescência?*

Eu acho que tanto a escola quanto a família têm que apoiar, ajudar mais um pouco, explicar como é que fica a vida daqui para frente, dar explicações para que ajude a arrumar emprego porque as coisas estão muito difíceis. É muito difícil porque todos os empregos pedem experiência de serviço, e a gente ainda não tem... Seria bom falar também sobre os cuidados que se deve ter na gravidez, quando o bebê nascer... (J., 18 anos, namorada com 3 meses de gravidez)

Com relação à família, todos os adolescentes foram unânimes em afirmar que eles esperavam mais apoio. Eles colocaram que deveria existir menos discriminação e cobranças e mais apoio. Dessa forma o adolescente encontraria mais força para enfrentar a situação, com mais segurança e maturidade:

A primeira coisa que deveriam fazer era não discriminar porque é tudo muito doído, você está passando na rua ou em qualquer lugar e as pessoas começam a conversar, jogar piadinhas, é difícil. É claro que isso vai depender de família para família, de escola para escola. A escola deveria chegar na pessoa e conversar com ela, perguntar como ela está, ver sua situação e se ela precisa de ajuda. Mas querendo ajudar de verdade, às vezes só em conversar a escola já ajudaria, mas os professores não ligam muito para isso. (S, 16 anos, mãe há 2 meses)

Com relação à escola, a maioria disse que deveria conversar com o aluno que estava passando pela situação, que deveria se informar sobre a vida que eles estavam levando em casa e que, em alguns casos, a escola poderia até mesmo conversar com os pais. Entretanto, dois adolescentes, um do sexo masculino e outro do sexo feminino, colocaram que a escola não deveria fazer nada, que deveria fazer de conta que não estava acontecendo nada de diferente na vida do aluno. Eles se justificaram dizendo que a escola acaba funcionando como um refugio das cobranças da família e que por isso não é interessante que a escola fique abordando o aluno sobre o assunto. Para esses alunos, ao tentar apoiar, a escola pode complicar a sua vida estudantil. O depoimento abaixo evidencia uma dessas considerações:

A escola tem que continuar tratando como se ele fosse um aluno normal, como se não tivesse acontecido nada com ele. No meu caso eu preferi assim, não quis envolver a escola nisso. Com alguns alunos eu acho que não se deveria nem tocar no assunto a não ser que se chamasse em um canto isolado para conversar, para aliviar. (C, 19 anos, pai há 1 ano)

4. O/a Adolescente Envolvido/a em Situação de Gravidez e sua Relação com a Escola

Esta questão procurou investigar de que maneira o adolescente concilia a gravidez precoce com os estudos. Buscou identificar também se os adolescentes pretendem continuar os estudos; se a escola oferecia algum tipo de apoio para os/as alunos/as envolvidos/as em situação de gravidez na adolescência e; o que a escola poderia fazer para prevenir novos casos de gravidez entre os alunos adolescentes.

4.1. O/a adolescente consegue conciliar a gravidez - paternidade/maternidade precoce- com os estudos?

Não estou conseguindo estudar, está um pouco difícil. Até hoje ainda passo mal, eu sinto enjoos. Na maioria das vezes que eu não venho para a escola é porque eu passo mal. Não é preguiça, é porque eu passo mal mesmo, então não dá tempo para fazer os trabalhos. (C, 18 anos, 5 meses de gravidez)

A maioria dos adolescentes entrevistados colocou que a gravidez torna os estudos muito difíceis. A situação se torna ainda mais complicada para as adolescentes do sexo feminino, devido as alterações que ocorrem com ela durante o período da gravidez e também depois que a criança nasce. Muitas vezes, elas têm que levar as crianças para a sala de aula. Os adolescentes do sexo masculino também afirmaram que sentiram dificuldades, principalmente, no início da gravidez, quando estavam mais preocupados com a reação da família, com as novas responsabilidades que eles teriam que assumir. O depoimento abaixo evidencia tal situação:

Agora eu já consigo estudar, mas no começo não, por causa dos problemas que eu tinha na cabeça que não me deixavam. Eu vinha fazer as provas e não estudava, não conseguia me concentrar, ficava pensando na nossa situação, buscando soluções. Para a minha namorada está sendo mais difícil, não sei se ela vai conseguir passar, eu sei que vou. (W., 19 anos, namorada com 5 meses de gravidez)

As adolescentes que já eram mães colocaram que a maior dificuldade com relação aos estudos residia no fato de ter que fazer os trabalhos e as provas da área de exatas, uma vez que elas estavam de licença e que não tinham pego as explicações em sala. Elas disseram que muitas de suas colegas chegaram a desistir da escola por medo de não dar conta. Colocaram, porém, que a maioria dos professores entende a situação, colaborando na medida do possível. Mas outros acabam exigindo muito o que as deixa muito desestimuladas e amedrontadas. As adolescentes que já estavam na segunda gravidez disseram que tinham sido reprovados na primeira vez, mas, dessa vez, elas tinham se esforçado mais, desde o início do ano e que achavam que iriam passar de ano. Entretanto, uma delas afirmou que ainda estava encontrando dificuldades.

Eu passei em todas, só fiquei em física porque o professor quer que eu faça prova e eu não achei ninguém para me explicar a matéria. Nas matérias que não precisam de explicação eu já consegui nota, agora nas que precisam, como física, fica difícil sem ter pego as aulas. Quem já está lá dentro, às vezes não consegue, imagine quem estava de licença, que não pegou nada, só a matéria. Estou com muito medo de não conseguir... Estou com tanto medo de reprovar que meu leite está até secando... (S., 17 anos, mãe há 4 meses)

Por outro lado, três das adolescentes entrevistadas, uma grávida e duas mães, colocaram que a gravidez não alterou em nada o seu desempenho na escola, que elas continuaram estudando da mesma forma ou que passaram até a estudar mais:

Eu consegui durante toda a gravidez e ainda não estou tendo dificuldades com isso, minhas notas sempre foram boas e não caíram durante este período, também, eu aproveitei tudo isso para estudar muito, inclusive voltei para a escola três meses antes de terminar a licença porque não queria perder matéria no último ano do 2º grau. (S., 16 anos, mãe há 2 meses)

A gravidez parece atuar em duas frentes no que se refere ao rendimento educacional dos alunos envolvidos em situação de gravidez. Na maioria dos casos ela provoca uma queda de rendimento, a reprovação e, até mesmo, o abandono da escola. Em outros casos, porém, ela parece provocar um efeito positivo, fazendo com que os alunos se interessem mais pela escola e passem a se dedicar até mais aos estudos.

Souza (1998) pontua que a gestação é um marco que suprime os ritos convencionais de uma fase para outra, forçando as mulheres jovens a assumir abruptamente papéis da vida adulta relacionados à constituição de família e provimento de renda que seriam incompatíveis com a manutenção dos estudos.

4.2. Os adolescentes pretendem continuar os estudos?

Eu pretendo continuar estudando, vou fazer vestibular agora no final do ano. Quero me formar em Direito, consegui um emprego e continuar a minha vida normalmente. (S., 16 anos, mãe há 2 meses)

Todos os respondentes afirmaram que pretendiam continuar estudando. Muitos fazem planos para fazer uma faculdade, para fazer o magistério ou outros cursos. Entretanto, a maioria reconhece que sua vida mudou e que não poderão mais levar apenas aquela vida de estudante que levavam antes. Não terão mais o mesmo tempo para estudar, para se divertir com os colegas da escola, para fazer trabalhos fora de casa. As meninas demonstraram uma maior preocupação com relação às novas responsabilidades de mãe. Aquelas que podem contar com o apoio da família afirmam com mais segurança que irão continuar estudando, as que não contam com esse apoio falaram com um olhar baixo e com a voz mais fina:

Eu pretendo continuar estudando, mas sei que não vai ser fácil porque às vezes o neném fica doente e não dá para ir para a escola, mas minha mãe disse que vai cuidar dele para mim. (W., 16 anos, 5 meses de gravidez)

Alguns dos adolescentes entrevistados responderam que pretendiam estudar à noite no próximo ano. Eles consideram o estudo noturno mais fraco e por isso acreditavam que ficaria

mais fácil para eles cuidarem do filho ou trabalhar durante o dia e ir para escola à noite. Dois dos respondentes afirmaram que apesar de querer continuar estudando, teriam que trabalhar primeiro. Portanto, pretendiam deixar os estudos durante um ano ou dois, mas que pretendiam retornar para a escola depois.

Eu acho que pretendo continuar estudando, se eu passar este ano eu tenho que estudar. Se eu passar eu não sei se vou trabalhar ou se vou fazer um vestibular. Mas, realmente, meus planos hoje é só trabalho. (J.K., 18 anos, namorada com 3 meses de gravidez)

Domingues (1999), enfatiza que muitas adolescentes abandonam a escola devido à gravidez, e que poucas retornam aos estudos. Dentre as que ainda continuam estudando, a maioria está cursando séries atrasadas, em relação à idade cronológica. Para os adolescentes do sexo masculino a situação também não deve ser fácil, principalmente, quando ele assume a gravidez, não conta com o apoio financeiro da família e ainda tem que trabalhar para sustentar sua nova família. Tudo isso de uma hora para outra.

Apesar de todos os adolescentes terem afirmado que pretendem continuar estudando, podemos sentir uma certa incerteza e insegurança por parte da maioria dos adolescentes ao responder esta pergunta. Eles paravam por um bom tempo antes de responder, respiravam fundo, pensavam e só depois davam a resposta. Alguns diziam que tudo iria depender do apoio da família. Outros diziam que os parceiros não queriam aceitar que eles continuassem estudando, que a família queria que eles dessem um tempo. No íntimo todos sonhavam em poder continuar seus estudos, mas muitos temiam que a vida não lhes ofereça tal oportunidade.

Berquó, (1998), aponta que apenas 19% das adolescentes grávidas e, já mães, estavam freqüentando a escola em 1996. As principais razões apontadas para a evasão escolar entre as jovens grávidas ou, já mães, apresentavam relação direta com a vida reprodutiva: 20% referiam-se às questões ligadas à gravidez, 13% ao casamento, 12% à necessidade de trabalhar e 7% à necessidade de cuidar dos filhos. Os ônus relacionados à maternidade e constituição de família dificultam bastante o progresso da escolarização das adolescentes mães.

As adolescentes parecem ser mais prejudicadas no que se refere à continuidade dos estudos do que os adolescentes do sexo masculino. Porém, são poucos os estudos que têm se voltado para analisar os ônus de uma gravidez precoce na vida educacional e profissional dos homens. É certo que eles também acabam tendo seus projetos de vida alterados, ainda que em menor grau e o presente estudo revela, em parte, essa constatação.

4.3. A escola oferece algum tipo de apoio ao adolescente?

Até agora eu não vi nenhum tipo de apoio aqui na escola. Ela só oferece ajuda quando uma pessoa grávida está passando mal, ligam para a família e pronto! Acho que a escola poderia oferecer mais apoio. (C, 16 anos, 8 meses de gravidez)

A grande maioria dos adolescentes respondeu que a escola não oferece nenhum tipo de apoio para os adolescentes envolvidos em situação de gravidez na adolescência. Afirmaram que a escola deixa muito a desejar neste aspecto e que poderia se interessar mais por estes alunos, uma vez que na maioria dos casos eles estão passando por problemas pessoais sérios que acabam comprometendo o seu rendimento e a sua vida na escola. A escola precisaria chamar esses alunos para conversar, saber o que está se passando na sua família, se eles estão recebendo apoio, se estão indo ao médico. Alguns alunos reconheceram que certos professores se esforçam para ajudar o aluno e que procuram apoiar na medida do possível, entretanto, reclamaram daqueles professores que reagem com indiferença:

Muitos professores apoiam, outros não. Alguns até falam que quando a gente tiver a criança poderá trazer para a sala de aula, que nós poderemos pegar as explicações na sala com o bebê... Agora tem uns professores que não estão nem aí, que parecem nem perceber que a gente está grávida... Eles não precisariam tirar nossas dúvidas, só conversar já estava bom... Com relação às dúvidas da gravidez a escola não precisa fazer muito porque lá no Posto eles já explicam, já falam que não pode tomar remédio muito forte porque se não o leite seca e um monte de coisas mais. (G., 18 anos, 6 meses de gravidez)

Alguns dos adolescentes afirmaram que não adianta muito a escola apoiar se o adolescente não se esforçar, não se dedicar aos estudos. Gravidez não é doença e por isso os alunos não podem perder o gosto pelos estudos apenas porque estão envolvidos em uma situação de gravidez ou justificar as suas falhas na escola em nome dessa gravidez. Esses adolescentes acreditavam que a escola poderia apoiar os adolescentes envolvidos em situação de gravidez, estimulando-os para continuar os estudos, dizendo que eles são capazes de enfrentar tudo isso, oferecendo oportunidades para que eles não tivessem que deixar a escola. Para eles, depois que se abandona a escola fica muito mais difícil para retornar, principalmente com um filho pequeno para cuidar. Chamaram a atenção para o fato de que a escola poderia facilitar o estágio remunerado para esses alunos, orientar com relação ao mercado de trabalho, com relação às oportunidades de emprego. Para alguns, os professores precisariam adotar uma postura única com relação às exigências a serem cobradas para as alunas de licença à maternidade,

principalmente os professores da área de exatas, pois segundo os alunas entrevistadas, fica muito difícil ter que fazer certos trabalhos e até mesmo as provas já que elas não assistiram as aulas por um longo período de tempo. Elas colocaram que alguns professores entendem a situação e acabam facilitando as coisas: passam trabalhos, explicam, procuram ajudá-las ao máximo. Outras, porém, afirmaram que a escola precisa oferecer um melhor apoio nesses sentido e que muitos professores são incompreensíveis:

A escola pode até apoiar, ajudar, só que você tem que estudar, tem que se esforçar mesmo. Só que eu acho que não deveria ter prova no período da licença, pelo menos nas matérias de cálculo porque fica muito difícil. Você precisaria estar em sala para pegar a explicação... Eu acho que estes professores poderiam entender mais isso aí, mas muitos não entendem... (S., 17 anos, mãe há 4 meses)

A escola precisa encontrar uma saída para a questão da licença à maternidade, entretanto, essa questão é muito delicada, porque é preciso primar tanto pelo sucesso do aluno na escola como pela qualidade da educação que ele irá receber. Não se pode passar a mão na cabeça das alunas porque elas se tornaram ou se tornarão mães na adolescência. Mas também não podemos negligenciar o fato de que elas precisam de um maior acompanhamento dos professores para que consigam fazer os trabalhos, para que realmente aprendam.

Souza (1998) salienta que o sistema de ensino de jovens não está preparado para receber uma clientela de mães. Sua estrutura física, sua grade de horários e outros fatores, não contemplam aspectos da maternidade como, por exemplo, a amamentação.

4.4. O que a escola poderia fazer para prevenir novos casos de gravidez na adolescência?

A escola teria que ter uma pessoa, uma orientadora só para conversar com os alunos. Eu acho que só a aula de biologia não funciona, tem que ter alguém para conversar, orientar mais, abrir mais a sua cabeça, fora isso eu acho que nada mudará a situação atual. Esse trabalho poderia ser em uma sala separada para que a gente conversasse à vontade. Esse trabalho poderia ajudar também quem já está grávida e quem já é mãe, pois nós também temos ainda muitas dúvidas, tantas perguntas sem respostas... (S., 17 anos, mãe há 4 meses)

A escola deveria oferecer mais palestras sobre sexualidade, namoro, gravidez. Acho que ajudaria as meninas grávidas porque a gente iria ver que tem pessoas realmente se interessando por você, te apoiando. Até mesmo essa entrevista aqui já me ajuda porque são perguntas que ajudam agora e que irão me ajudar lá na frente. O simples fato de conversar sobre o caso já ajuda. (L, 16 anos, 5 meses de gravidez)

Os depoimentos revelaram a importância que a maioria dos entrevistados atribuíram à necessidade de ter alguém para ouvi-los, para escutar os seus problemas e discutir seus pontos de vistas, respondendo, até mesmo, a algumas de suas dúvidas. Muitos afirmaram que, se a escola tivesse alguém para ouvi-los, alguém que despertasse a confiança dos alunos e que fosse bastante carismático, capaz de guardar segredos e aberto para o diálogo, esse alguém poderia abrir espaço para que a escola contribuísse para a prevenção da gravidez na adolescência, uma vez que os alunos o procurariam para tirar dúvidas ligadas à sua vivência sexual. Para eles não basta apenas o trabalho que é feito na disciplina de biologia, seria necessário que a escola colocasse alguém para conversar com eles sobre as questões ligadas ao sexo. Além disso, seria necessário que todos os professores perdessem o medo de falar sobre o assunto. Alguns alunos, acharam que deveria existir uma matéria específica para tratar das questões ligadas à sexualidade, com um professor especializado na área, alguém que conhecesse realmente o assunto e que tivesse facilidade para conversar sobre sexo com os jovens, sem vergonha e sem preconceitos. Outros gostariam que a escola contasse com um orientador educacional ou com um psicólogo para conversar individualmente com eles sobre suas dúvidas, para orientar os jovens, mesmo aqueles que já estivessem vivendo uma situação de gravidez precoce. Outros afirmaram que não é papel da escola prevenir a gravidez, mas que ela poderia ajudar se quisesse, como podemos perceber no depoimento abaixo:

Não é nem a escola que deve fazer isso, isso vai depender da consciência de cada um, mas a escola até que pode ajudar com palestras, explicando melhor. Se tivesse por exemplo professores que explicassem o que é, as conseqüências que causam, seria bem mais fácil, mas eles não costumam explicar. Esse assunto não é muito abordado por aqui. (S., 16 anos, mãe há 2 meses)

Alguns dos respondentes colocaram que a responsabilidade de prevenir a gravidez e, também, as doenças sexualmente transmissíveis não cabe só aos professores, à direção da escola, mas a todas as pessoas que fazem parte da comunidade escolar e da comunidade como um todo. Afirmaram que os alunos também podem ajudar, principalmente aqueles que já passaram por essas situações. Eles poderiam dar depoimentos para seus colegas sobre a situação que viveram. Estes alunos sugeriram ainda que a escola se organizasse de modo a procurar identificar os alunos que tinham vontade de ajudar na prevenção e envolver todos em trabalho que realmente seria útil para todos:

Poderia fazer mais palestras onde os próprios jovens que já passaram por essa situação poderiam dar seus depoimentos, suas opiniões. Eu acho que esse trabalho

poderia ajudar quem já está passando pelo problema, principalmente no começo porque a pessoa precisa aprender muita coisa. Hoje por exemplo, eu preciso aprender mais sobre como ser pai, como cuidar de uma criança. (W., 19 anos, namorada com 5 meses de gravidez)

5. O/a Adolescente Envolvido/a em Situação de Gravidez e sua percepção de Educação Sexual

Nesta questão procurou-se identificar se os pais e/ou professores dos adolescentes envolvidos em situação de gravidez costumavam conversar com eles sobre questões ligadas à sexualidade. Procurou-se ainda, identificar o que esse adolescente entende por sexualidade; por educação sexual e; o seu posicionamento acerca da inclusão da educação sexual no currículo escolar.

5.1. Seus pais e seus professores costumavam conversar sobre sexo, DST/AIDS, gravidez?

Eu não recebi nenhum tipo de educação sexual, nem da escola e da família. Minha família não conversava comigo sobre isso, tanto que quando eu fiquei grávida minha mãe falou que nunca pensou que eu iria engravidar assim porque passava tanta informação na televisão e eu lia tanto. O pessoal de antigamente era muito fechado sobre isso. Na escola esse assunto só foi falado na aula de biologia, só no 1º ano, foi muito pouco. (S., 17 anos, mãe há 4 meses)

Meus pais não conversavam comigo sobre isso. Nem meu pai nem minha mãe. Eu não conversava sobre isso com ninguém, eu tinha dúvidas, mas eu as tirava sempre sozinho... Eu sempre fui muito quieto, então não perguntava nada para o meu pai e nem para a minha mãe. Se alguém estava conversando eu ficava só ouvindo, eu nem procurava revistas, tinha vergonha. Na escola eu também não recebi educação sexual adequada, já falaram sobre camisinha, mas muito pouco e só sobre isso. Foi na aula de biologia e talvez só porque tinha esse assunto na matéria. A professora deu toda a matéria mais depois acabou. Naquele momento ela deu espaço para as dúvidas mas eu acho que não basta só a aula ali, só um bimestre, só uma matéria. Quando acaba aquele bimestre não se fala mais sobre o assunto, não deveria ser assim. Isso tudo só aconteceu no 1º ano, acho que deveria haver mais aprofundamento e que não se deveria tratar sobre o assunto apenas na aula de biologia. (W., 19 anos, namorada grávida de 5 meses)

Com relação à família, a maioria dos adolescentes entrevistados afirmou que seus pais não conversavam sobre sexo em casa. Reclamaram que não existia abertura em casa para dialogar, conversar sobre o assunto e que o assunto só "pintava" quando os pais queriam alertar para que a gravidez não ocorresse. Muitos disseram que seus pais só tocavam no assunto quando sabiam do caso de algum adolescente conhecido que tinha se envolvido em uma situação de

gravidez ou quando passava algo na televisão. No entanto, não davam espaço para uma conversa mais esclarecedora, para o diálogo sobre o assunto:

A minha mãe sempre conversava comigo sobre sexo, falava e não proibia nada. Ela não falava que eu não podia fazer, mas que se eu fosse fazer teria como eu me prevenir das doenças, da gravidez, de tudo. O meu pai sempre foi fechado e não conversava sobre isso. Alguns dos meus professores à vezes falavam, a professora de biologia sempre conversava sobre o assunto, outros professores também falavam, mas a grande maioria demonstra que não gosta de falar sobre essas coisas, são mais fechados ou talvez não sabem como falar. Mas eles precisariam saber... (L, 16 anos, 5 meses de gravidez)

No que diz respeito à escola, a maioria dos entrevistado colocou que a escola não tem oferecido a educação sexual adequada e necessária para os alunos. Reclamaram que apenas os professores de biologia, do 1º ano, abordam o assunto, isso apenas em um certo período, porque faz parte do programa da disciplina. Muitos afirmaram que os professores temem o assunto e que, a grande maioria, não gosta de tocar no assunto, ainda que faça parte do seu conteúdo. Alguns salientaram que se os professores não se sentem muito a vontade para falar no assunto, seria necessário que eles buscassem conhecer mais sobre a sexualidade, já que os jovens que estão na escola precisam conhecer mais sobre a área. Salientaram que a família já não fala abertamente sobre sexo e que escola não pode, também, deixar de falar.

Werebe (1998) afirma que nem sempre os pais oferecem aos filhos informações sobre sexualidade, seja porque não possuem os conhecimentos para fazê-lo, seja porque se sentem constrangidos para tratar do assunto.

Todos os respondentes do sexo feminino colocaram que não conversavam com a família sobre sexo. Por um lado, porque os pais eram muito fechados e, por outro lado, porque tinham vergonha de tocar no assunto com suas mães, principalmente, pelo fato de elas pertencerem ao sexo feminino. Muitos disseram que aprenderam tudo sozinhos. Constatou-se que os meninos eram mais fechados para conversar sobre sexualidade do que as meninas. Elas conversavam sempre com uma amiga mais velha ou com alguma outra pessoa. Os meninos se trancavam mais e sentiam muitas dificuldades para falar sobre sua sexualidade:

Só meu pai conversava comigo sobre isso, muito pouco porque eu não gosto muito de conversar sobre isso, é muito difícil. Eu nunca gostei muito de conversar sobre minha vida particular, meus sentimentos. Com minha mãe eu nunca tive coragem de conversar sobre isso, por parte dela ser mulher e também porque ela nunca tocou no assunto, quando tocava era por alto e sempre arrumava alguma coisa para sair do assunto e a conversa não durava nem um minuto. Eu e meus irmão também não conversávamos sobre o assunto, mesmo sendo todos homens, a gente gostava mais de conversar sobre uma festa, sobre o futuro. Acho que esse assunto é meio

supérfluo, tinha muita vergonha de conversar com alguém sobre isso, na verdade, até hoje ainda tenho, não sei como estou aqui... (C, 19 anos, pai há 1 ano)

Domingues (1999) salienta que, a maioria dos adolescentes, colocam que seus pais encontram dificuldades para discutir esses temas em casa. Para o autor, a família, principalmente, na figura dos pais, poderia discutir e orientar seus filhos, com relação às dúvidas, angústias, tabus e preconceitos tão presentes nessa etapa da vida. A escola poderia ser outro local onde o tema deveria ser melhor explorado, no sentido de oferecer uma orientação adequada sobre sexualidade e métodos contraceptivos. Entretanto, ressalta que o que se observa é que a maioria dos professores são mal preparados para conduzir essa discussão e acabam por adotar posturas discriminatórias e preconceituosas.

5.2. O/a adolescente e sua concepção de sexualidade

Sexualidade? Na minha cabeça já vem logo o sexo, né? O relacionamento ente o homem e a mulher, só isso. (S., 16 anos, mãe há 2 meses)

A concepção de sexualidade dos adolescentes entrevistados estava muito ligada à definição de relação sexual, à concepção biológica e reprodutiva. Os entrevistados sentiram muita dificuldade para discorrer sobre o assunto. Muitos disseram que não sabiam nada sobre sexualidade, que não sabiam o que era e, muito menos, o que significava. Muitos apenas sorriram e disseram que preferiam não falar sobre o assunto.

Todas as entrevistas evidenciaram que os respondentes não apresentavam a concepção de que a sexualidade é algo que está presente em suas vidas desde o seu nascimento. Carregavam uma concepção limitada de sexualidade, ligada apenas ao aspecto biológico, reprodutivo e sexual.

Werebe (1998) salienta que a consideração da sexualidade orientada, exclusivamente, para a reprodução, é fruto de uma visão moralista que tem servido aos interesse políticos dentro de quase todas as sociedades. A autora chama a atenção para o fato de que, quando se inicia a educação sexual formal, o aluno já foi marcado pelos valores e normas que lhes foram inculcados, já possui uma série de conhecimentos, já formou muitas idéias sobre o sexo, sobre sua própria sexualidade e sobre a sexualidade dos pais e de outros membros da família, dos amigos e colegas. Lembra que as intervenções educativas não se fazem sobre uma 'tabula rasa', mas sobre um ser em desenvolvimento, no seio de uma família com suas características próprias,

inserido em grupos de pares e num mundo social e cultural com valores e regras mais ou menos rígidas ou permissivas. Pontua que a educação sexual deve possibilitar que o indivíduo tenha uma visão mais ampla da sexualidade humana, oferecendo às crianças e aos jovens a possibilidade de compreender as dimensões e a significação da sexualidade, de modo a integrá-la positivamente na personalidade, a contribuir para que possam realizar projetos de vida pessoal e social como seres sexuados.

5.3. O/a adolescente e sua concepção de Educação Sexual

É algo que educa a pessoa para que ela possa ter uma vida sexual sabendo se prevenir de doenças, de uma gravidez, ou então, se quiser ter uma gravidez que seja com um planejamento familiar. É uma educação para você não correr risco de pegar uma gravidez, igual aconteceu comigo ou pegar uma doença igual acontece com muitas pessoas. Tem a AIDS por exemplo que é muito pior do que uma gravidez. (C, 18 anos, 5 meses de gravidez)

É alertar, orientar o jovem com relação a sua vida sexual, seus sentimentos. (C, 16 anos, 8 meses de grávida)

A maioria dos depoimentos, evidenciaram que os adolescentes apresentam uma concepção de educação sexual ligada á prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e da gravidez na adolescência. Acreditavam que a educação sexual poderia contribuir para que o jovem se conhecesse mais, soubesse mais sobre sua sexualidade, sobre os seus sentimentos, desejos e atitudes. Uma adolescente colocou que a educação sexual poderia contribuir para que as pessoas soubessem escolher melhor seus parceiros, evitando uma relação familiar cheia de brigas e violências. Outros responderam que a educação sexual é um tipo de educação que pode ajudar os adolescentes e as pessoas, de um modo geral, a perder o medo de falar sobre as coisas ligadas ao sexo. Essa educação pode acontecer em lugares e momentos diferentes:

Seria uma educação que os pais podem dar, a escola, os amigos... Tudo isso relacionado à sexualidade. (W., 19 anos, namorada com 5 meses de gravidez)

Por outro lado, alguns dos entrevistados afirmaram não saber nada sobre educação sexual e que não sabiam o que significava, que nunca aprenderam nada sobre essa educação. Alguns desses ressaltaram o desejo de que a escola e a família oferecessem esse tipo de

educação. Outros afirmaram que não gostariam de tocar no assunto, que não se sentiriam à vontade de receber esse tipo de educação, principalmente com o pessoal da escola:

Eu acho que é conversar, falar sobre sexo, só que é muito difícil falar sobre sexo com qualquer pessoa que seja. Ninguém se sente à vontade Com o pessoal da escola então... Com os professores? Com a direção? Não sei não... (G., 18 anos, 6 meses de gravidez)

Egyto, 1986 (apud. Guimarães, 1995) pontua que se a escola não está tratando o assunto, ela está transmitindo ao aluno que o sexo é um tabu, do qual não se pode falar. É algo tão individual, que cada um guarda para si e não deve comentar com os outros. Ou que é algo sem importância, não faz parte do conhecimento humano, ou, o que é pior, que é alguma coisa feia, da qual se deve envergonhar. Ainda é possível que passe a idéia de que sexualidade não faz parte da educação, é algo que se aprende na rua, com os colegas, através de revista ou do filme pornográfico, ou nas zonas de prostituição.

5.4. Posicionamento do/a adolescente acerca da inclusão da educação sexual no currículo

Eu acho que é bom ter isso nas escolas porque hoje em dia tem muitas pessoas tendo filhos na adolescência, parece modismo, eu acho que todo mundo está pensando que isso é moda. Eu estou achando que é isso porque em todo lugar que você vai tem uma menina de 14, 15, 16, 17 anos grávida... Por isso eu sou a favor da educação sexual, só que o professor tem que está decidido e preparado para o que ele vai fazer. Com isso os alunos vão poder aprender uma coisa útil na escola. (C, 19 anos, pai há 1 ano)

Todos os adolescentes respondentes se colocaram a favor da inclusão da educação sexual no currículo escolar. A maioria ressaltou que, na atualidade, faz-se necessário que a escola alerte mais o jovem, conscientizando-o dos prejuízos que uma gravidez na adolescência pode trazer para o seu futuro e o que uma doença como a AIDS pode fazer com a sua vida. Muitos chamaram a atenção para a importância da formação dos professores que vão trabalhar com o tema. Eles colocaram que a educação sexual não deveria ser dada apenas por um professor e que os professores precisariam se aperfeiçoar mais sobre o assunto para que perdessem o medo de falar de um tema tão importante hoje para os jovens, que é a sua sexualidade:

Eu sou a favor, só que de modo mais aprofundado. A única vez que eu ouvi falar sobre sexo em sala de aula, sobre esses assuntos foi no primeiro ano, só na disciplina de biologia, agora já se passaram 3 anos e nada mais, é como se isso tivesse deixado de existir. (J.K., 18 anos, namorada com 3 meses de gravidez)

Eu sou a favor porque é a escola que pode dar mais apoio para a gente. Às vezes a gente tem muita vergonha de conversar com os pais, então é a escola que tem que ajudar... Só que não deveria ser só em uma aula, só em biologia, deveria também fazer seminários, juntar todos os alunos de uma vez, ficaria mais interessante. Os próprios alunos poderiam dar seus depoimentos... (J., 18 anos, 5 meses de gravidez)

Alguns se colocaram a favor da inclusão sexual na escola, porque acreditavam que essa poderia evitar que acontecesse com outros adolescentes o que aconteceu com eles. Outros disseram que seria muito importante porque a educação sexual poderia ajudar também àqueles alunos que já estavam envolvidos em uma situação de gravidez ou que já estavam com alguma doença. Disseram que a educação na escola poderia torná-la mais útil e mais interessante para os alunos e, até mesmo, para suas famílias. A educação sexual estaria ajudando realmente a educar os alunos para que eles pudessem levar uma vida mais feliz e com mais sucesso:

Eu sou a favor porque tem pessoas que eu conheço que engravidam e não sabem de nada, que não vão fazer um pré-natal, que não querem saber de nada. Então a educação sexual poderia ajudar também nesse sentido. (S., 16 anos, mãe há 2 meses)

6. A Família e o caso da Gravidez na Adolescência

Esta questão procurou identificar o perfil das famílias dos adolescentes envolvidos em situação de gravidez na adolescência; a forma com essas famílias tomam conhecimento da gravidez; sua reação frente à descoberta da gravidez e; se a família tinha conhecimento da vida sexual do adolescente. Procurou identificar ainda, à luz do posicionamento da família, os fatores que mais contribuíram para a gravidez; como o/a adolescente estava convivendo ou tinha convivido com a gravidez; se o/a adolescente estava preparado para a paternidade/maternidade; se a gravidez havia modificado a vida do/a adolescente ou da família. Finalmente, buscou identificar o que a família achava que o/a adolescente esperava que a família e a escola deveriam fazer frente à descoberta da gravidez.

As entrevistas com as famílias dos adolescentes foram surpreendentes e revelaram aspectos singulares para a compreensão do fenômeno estudado. As tabelas 10, 11, 12 e 13 demonstraram um breve perfil dessas famílias.

TABELA 10 - Distribuição dos familiares quanto ao sexo

SEXO	FREQÜÊNCIA	FREQÜÊNCIA PERCENTUAL
Masculino	2	14,3%
Feminino	12	85,7%
TOTAL	14	100%

Fonte: Pesquisa de Campo, 1999

A tabela 10 demonstra que a maioria dos familiares entrevistados pertencia ao sexo feminino, semelhante ao ocorrido com os adolescentes entrevistados.

TABELA 11 - Distribuição dos familiares quanto ao grau de parentesco com os adolescentes envolvidos em situação de gravidez

GRAU DE PARENTESCO	FREQÜÊNCIA	FREQÜÊNCIA PERCENTUAL
Pai	2	14,3%
Mãe	10	71,4%
Avô	1	7,1%
Tia	1	7,1%
TOTAL	14	100%

Fonte: Pesquisa de Campo, 1999

A tabela 11 evidencia uma maior participação das mães nas entrevistas, enquanto que, apenas em dois casos, os pais foram entrevistados. Quando se entrava em contatos com as famílias para falar sobre o adolescente envolvido em situação de gravidez, geralmente, eram as mães que se colocavam à disposição para conversar sobre o assunto. Tal situação ocorria geralmente, ou porque os pais não estavam em casa ou porque eles não gostavam de falar sobre o

acontecido. Em apenas duas das situações tivemos a oportunidade de conversar com os pais. Cabe ressaltar aqui, que os dois pais entrevistados eram pais de dois dos adolescentes do sexo masculino envolvidos em situação de gravidez. A avó e a tia foram entrevistadas porque duas das adolescentes entrevistadas residiam com elas pelo fato de terem sido expulsas de casa pelos pais.

TABELA 12 - Distribuição dos familiares quanto ao estado civil

ESTADO CIVIL	FREQÜÊNCIA	FREQÜÊNCIA PERCENTUAL
Solteiros	1	7,1%
Casados	5	35,7%
Amasiados	4	28,6%
Viúvos	3	21,4%
Divorciados	1	7,1%
TOTAL	14	100%

Fonte: Pesquisa de Campo, 1999

A tabela 12 mostra que 35,7% dos familiares entrevistados eram casados, enquanto que 28,6% eram amasiados e 21,4% viúvos. As mães que tinham ficado viúvas se culpavam mais pela gravidez e achavam que não tinham destinado o tempo necessário para a educação dos filhos e que a gravidez era uma consequência disso. Alguns dos familiares afirmaram que sonhavam com seus filhos casados, com tudo certinho, mas que a gravidez parecia ter acabado com esse sonho. Grande parte dos familiares casados disseram que seus casamentos não era muito feliz e que eles desejavam mais felicidade para os filhos, dentro de um casamento ou não. Constatou-se que muitos dos casais não tinha uma união muito estável. Em algumas das famílias, os pais dos adolescentes eram dependentes do álcool, agrediam os filhos e culpavam as esposas por tudo, deixando a responsabilidade da educação dos filhos apenas para elas. Entretanto, em duas das entrevistas tivemos a oportunidade de conversar com quase toda a família, de perceber que a família era estruturada financeira e emocionalmente, que existia cumplicidade e carinho entre os cônjuges e os filhos.

TABELA 13 - Distribuição dos familiares quanto ao grau de escolaridade

GRAU DE ESCOLARIDADE	FREQÜÊNCIA	FREQÜÊNCIA PERCENTUAL
Ensino Fundamental Incompleto	4	28,6%
Ensino Fundamenta! <i>Completo</i>	4	28,6%
Ensino Médio Incompleto	2	14,3%
Ensino Médio Completo	2	14,3%
Graduação	1	7,1%
Pós-Graduação	1	7,1%
TOTAL	14	100%

Fonte: Pesquisa de Campo, 1999

A tabela 13 evidencia que o nível de escolaridade dos familiares entrevistados era bastante baixo, sendo que 14,3% possuíam o Ensino Médio completo. A maioria contava apenas com o Ensino Fundamental ou ainda não o havia concluído. Muitos disseram que não tiveram as mesmas condições para estudar que os filhos têm hoje, que se casaram muito cedo, que tiveram que cuidar dos filhos e que por isso não deram continuidade aos estudos.

A média de idade dos familiares entrevistados era de 45 anos e a renda mensal média das famílias entrevistadas aproximadamente de R\$ 1.508, 00 (Um mil quinhentos e oito reais), mais de 10 salários mínimos. Cabe ressaltar que, algumas famílias, chegaram a relatar que sobrevivem praticamente apenas com uma renda mensal de um a três salários mínimos. Mas a maioria dos entrevistados afirmou contar com uma renda mensal média de 4 a 8 salários mínimos.

A seguir serão apresentados os posicionamentos das famílias a partir das questões do estudo:

6.1. Modo como a família toma conhecimento da gravidez

Eu desconfiei porque antes ela tinha um brilho no olhar, uma vocação, algo que eu não sabia nem explicar, mas de repente ela tinha perdido aquele brilho, aquele brilho tinha acabado. Ela não era mais tão ativa, eu senti que os peitos dela tinham crescido e que muitas outras coisas estavam mudando. Então eu cheguei para ela e

perguntei se ela ainda era moça, eu sabia que ela estava namorando, ela então me respondeu que não. Então eu olhei para ela e disse que ela podia fazer o exame porque ela estava grávida... Ela ainda nem sabia, mas o exame mostrou que ela já estava grávida há dois meses. (Mãe da W., 44 anos)

Muitos dos familiares entrevistados, principalmente as mães, colocaram que ficaram sabendo da gravidez porque perceberam mudanças no corpo da filha, porque elas começaram a enjoar, a passar mal. Algumas mães disseram que perceberam porque suas filhas deixaram de usar absorventes. As mães dos meninos colocaram que perceberam porque eles passaram a ficar mais em casa, ficaram mais tristes e quase não se concentravam mais em nada, principalmente nos estudos. Os dois pais entrevistados colocaram que eles foram os últimos a tomar conhecimento do caso. Alguns familiares tomaram conhecimento da gravidez de modo traumático, o que dificultou ainda mais a aceitação, como podemos perceber no depoimento abaixo:

Da primeira vez que eu soube da gravidez ela me falou que não era verdade, eu soube porque tinham me falado que ela tinha abortado, mas ela não tinha abortado, ela tinha pego a urina da vizinha que estava grávida, fez o exame e mostrou para o namorado para tentar prender ele, eu acho que foi para isso. Dessa vez eu só descobri mesmo porque ia ter uma apresentação aqui na escola que ela tinha que usar uma saia vermelha. Eu fiz então uma saia e um blusa com a barriga de fora para ela usar, quando ela vestiu a roupa eu notei que ela estava grávida. Eu perguntei então de novo se ela estava grávida e ela disse que eu estava louca. Eu e meu marido resolvemos pegar ela e levar na Clínica para fazer o exame, já que ela não quis confirmar. Ela fez o exame de sangue e deu positivo. Eu só perguntei o que ela iria fazer... Ela já estava com 4 meses, eu acho que ela não tinha tentado tirar não. Agora no cartão do Hospital dela está escrito que ela já fez um aborto, mas eu não sei nada disso não. Eu nunca perguntei nada para ela sobre isso. Eu já imaginava que ela estava grávida, eu só não queria assumir aquilo. O pior é que quando eu descobrir veio tudo de uma vez nos três primeiros meses, eu descobri até que ela estava usando drogas, que ela tinha passado o aniversário dela em uma festa na casa de uma colega de aula e que esta festa tinha recebido o nome de Festa do Pó. Essa menina tirava ela do colégio para ir beber em um bar, eu não sei se ela ainda usa isso, ela me diz que nunca mexeu com isso, disse que só fumava, mas uma pessoa me falou que ela mesmo grávida ainda continua fumando. Ela nega, mas eu não acredito nela mais. (Mãe da C, 53 anos)

Grande parte dos familiares tomaram conhecimento da gravidez através de outras pessoas: através de amigos e/ou colegas de escola do filho ou até mesmo através de familiares dos parceiros dos filhos. Alguns pais tomaram conhecimento da gravidez até mesmo através de telefonemas anônimos. O depoimento a seguir apresenta o caso de uma mãe que ficou sabendo da gravidez da filha através dos pais do rapaz, ela não tinha conhecimento de que a filha já namorava:

O pai do rapaz é que veio aqui na minha casa e me contou, eu nem sabia que a minha filha namorava. Então o pai do rapaz veio dizer que o filho dele era menor, que minha filha estava grávida, mas que infelizmente ele não podia fazer nada e pronto. Eu acho que era um envolvimento de 4 meses, eu não sei onde ela o conheceu e também nem procurei saber. Eu pensava que minha filha era uma menina bem orientada, que nunca tinha nem namorado, mas eu só achava. Na época ela tinha 15 anos, hoje a menina dela já está com 8 meses (Mãe da S, 35 anos)

6.2. *Reação da família frente à descoberta da gravidez*

Naquela hora eu acho que fiquei até anestesiada, eu tremia, o coração batia, foi inesperado. Depois eu reagir bem pois tive que apoiá-los, mas aquilo me emocionou muito porque ele ainda é um garoto, muito novo, não trabalhava ainda e tinha tantos planos... O meu marido assumiu tudo e nós fomos até a casa da menina conversar com os pais dela... (Mãe do W, 42 anos)

Foi um choque. A gente já tinha avisado para ele que era isso que ela queria mesmo, que aquele namoro não ia dar certo, mas ele ficou com raiva e disse que não ia mais trazer ela aqui, só que pouco tempo depois ela já estava grávida. A nossa reação foi de ir lá na hora e de conversar com ela que não ia ter casamento porque ele ainda era menor, ela já era maior. Mas nós falamos que íamos criar a criança, que daríamos de tudo, que não ia faltar nada, que teria o nome dele, mas que primeiro a gente iria fazer o DNA porque tudo tinha acontecido muito rápido, na verdade, só tinha 10 dias de namoro quando ela ficou grávida. Nós dissemos que se fosse comprovada a paternidade nós iríamos fazer tudo pela criança, mas que casamento não teria porque ele não trabalha, não tem condições de ter uma família, se ele se casasse nós tínhamos que arcar com tudo sozinhos. Como mãe eu choro até hoje, fiquei muito abalada, entrei em depressão mas tive que me recuperar para ajudá-lo a subir também. (Mãe do C, 46 anos)

A maioria das famílias entrevistadas afirmou que levou um grande susto ao tomar conhecimento da gravidez; que entraram em estado de choque; que ficaram desesperadas. Muitas das mães entrevistadas disseram que chegaram a adoecer, que emagreceram bastante nos primeiros meses devido às dificuldades e problemas que tiveram que enfrentar. Algumas colocaram que sentiram medo da reação dos maridos. Os pais entrevistados afirmaram que se sentiram decepcionados com os filhos, mas que o que lhes restava era apoiar financeiramente porque os filhos ainda não tinham condições de manter uma família. No depoimento abaixo, uma mãe discorre sobre a sua reação frente à descoberta da gravidez de sua filha de 18 anos:

Ave Maria! - chorou muito -. Foi horrível! Se fosse com uma pessoa que não fosse agressiva com ela, até teria sido melhor. Hoje por exemplo ela está junto com ele e a gente não pode nem tirar ela dele porque ela quer, é assim que ela quer. Ela tem sofrido muito, até preso ele já foi depois que começaram a morar juntos. Nossa reação foi horrível, você acha bom, quer a criança, mas ao mesmo tempo você não sabe o que vai fazer. Não sabe o que falar para ela, não sabe como deve agir com ela, eu brigo ou apoio? Eu falei para ela que não queria aquilo para ela, que a gente

sonhou uma coisa melhor para ela, em vê-la formada. Ela estudou em escolas boas, mas ela nunca deu valor a nada, nada. Ela era muito rebelde. A reação do pai dela ainda foi mais estranha, ele disse para ela que queria que ela tirasse a criança, que era para ela tirar aquilo, disse aquilo era filho de Capeta com Desgraça... Ela ficou abalada, abaixou a cabeça e chorou. Eu morri... -chorou mais - Eu não queria que ela tirasse. O pai dela me culpou muito, foi tanta coisa. Você fica com vergonha dela, de saber que ela tinha uma vida sexual e que você não sabia, com vergonha dos vizinhos, saber que eles vão ficar comentando, deles ficarem pensando que ela fez isso porque viu a mãe fazendo algum ato sexual. Eu sei que isso não aconteceu porque a gente sempre tomou muito cuidado com isso. (Mãe da C, 53 anos)

A entrevista, a seguir, apresenta o depoimento de uma mãe que passou pela situação de gravidez na adolescência com todas as suas três filhas:

Quando eu descobri eu fiquei nervosa e briguei, disse que ia colocar ela para fora, disse um monte de coisa, mas não fiz. Só que meu marido e eu não colocamos ela para fora porque temos medo que aconteça alguma coisa pior com ela na rua, então a gente aceitou de novo. Não aceita numa boa, mas aceita. Minhas outras filhas também ficaram grávidas, mas pelo menos os maridos assumiram, cada uma vive na sua casa. Teve uma que ficou grávida com 14 anos e outra com 17. Essa diz que o dela também assumiu, mas ela mora é aqui dentro de casa mais eu. Eu tenho muito desgosto porque eu tive três filhas e todas ficaram grávidas antes de casar. Eu queria que elas tivessem se casado igual eu me casei... - chorou bastante - Eu me casei virgem, de véu, de grinalda, tudo certinho. Eu sonhava em casar uma das minhas filhas virgens, só que como as duas primeiras já tinham engravidado antes de casar, ela passou a ser a única esperança, mas aos 15 anos aconteceu a mesma coisa, só que ela nem se casou. (Mãe da G, 47 anos)

Apenas a mãe de uma das adolescentes entrevistadas disse que reagiu de modo natural, sem repreender e sem culpar a filha pela gravidez. Ela colocou que procurou compreender e apoiar a filha, principalmente, porque ela já sofria muito em casa por causa do pai dela. Por outro lado, o depoimento, a seguir, apresenta o caso de uma mãe que afirmou que a descoberta da gravidez da filha foi pior do que a morte do próprio marido, que morreu em um acidente de carro deixando-a com três filhas pequenas para criar:

No primeiro momento eu não acreditei, eu falei que o pai do rapaz deveria estar enganado. Eu fiquei muito surpresa, tinha uns 5 anos que eu tinha perdido meu marido e a gente agora é que estava começando a reestruturar novamente a nossa vida e de repente vem um outro choque. É muito duro porque quando você está se organizando aparece uma pessoa dizendo que veio comunicar que a minha filha estava grávida. Eu insisti em falar que ele estava enganado, mas ele dizia que ela estava grávida sim, eu perguntava se ele estava falando da minha filha mesmo... Ele dizia que sim, que era minha filha mesmo. Depois veio o rapaz e disse que tinha namorado com ela uns 4 meses e que era verdade Ela já estava com uns 4 meses nesse período, eu nunca havia percebido nada. Eu cheguei a comentar com o meu orientador espiritual que a dor da morte do meu marido doeu menos do que a gravidez da minha filha, agora é que eu estou me recuperando, começando a ver

outros lados. A minha reação foi meio de isolamento, de choque. (Mãe da S, 35 anos)

Alguns dos familiares entrevistados afirmaram que sentiram vontade de expulsar os filhos de casa ao tomar conhecimento da gravidez. É importante colocar aqui que algumas das adolescentes entrevistadas que não moravam mais com seus pais tinham sido colocadas para fora de casa pelos pais após a descoberta da gravidez.

6.3. A família tinha conhecimento da vida sexual do(a) adolescente?

Eu não sei quando ela ficou pela primeira vez, na verdade eu só fiquei sabendo das coisas que ela fazia depois que soube da gravidez. Ela ficava com ele na nossa casa, ela dava remédio para a gente dormir para que ela pudesse ficar com ele. Ela colocava o remédio no suco para a gente dormir e ficava com ele em casa, até na nossa cama eles ficavam. Eu descobri porque um dia me ligaram e perguntaram como ela estava... Eu comecei a falar por alto para ver se pessoa falava o que queria. A pessoa começou a lamentar que eu só tinha uma filha e que ela tinha coragem de fazer aquilo com os pais, que era um horror! Eu falei que concordava para ver se ela me contava tudo, então ela disse que a minha filha me dava remédio para dormir. Ela sabia por exemplo que o pai dela tem problema do coração, ela podia ter matado ele, quando ela colocava sonífero no suco e a gente não sabia e acabava dormindo demais... Dali por diante eu só vivia com sono, sem saber o que estava acontecendo (Mãe da C, 53 anos)

A grande maioria dos familiares entrevistados, afirmou que desconfiava que os adolescentes já haviam se iniciado na vida sexual. Porém, diziam que não tinham certeza e que não tinham coragem de conversar com o adolescente sobre o assunto. Os dois pais entrevistados colocaram que sabiam que seus filhos já tinham vida sexual ativa, mas que preferiam não fazer perguntas ou conversar sobre o assunto porque não queriam invadir a privacidade dos filhos. Duas mães afirmaram que suas filhas engravidaram na primeira relação e que, por isso, elas tinham certeza que suas filhas não tinham tido uma vida sexual antes da gravidez. O depoimento a seguir clareia um pouco essa colocação.

Não. Eu nem suspeitava. Para você vê a primeira menstruação dela veio em janeiro do mesmo ano em que ela engravidou, ela menstruou em janeiro e em junho ela engravidou. Então ela era uma menina, só tinha 15 anos, pensava que ela nunca tinha nem beijado, que ela ainda era virgem... Eu não estava esperando. (Mãe da S, 35 anos)

6.4. Fatores que mais contribuíram para a gravidez

Até hoje eu não sei muito bem, inclusive na época eu falei que admirava dela ter engravidado mesmo com todo o conhecimento que as meninas de hoje têm, porque na minha época, com a idade que ela tinha eu não sabia nem da metade. Hoje nós temos tantos preservativos, a televisão que fala sobre isso a todo momento, as revistas, as pessoas do colégio, todo mundo comenta. Eu não sei porque ela engravidou. Talvez eu trabalhava demais quando ela era pequena e por isso não tive tempo para orientá-la... Como o pai dela já tinha morrido ela cresceu quase sem diálogo. (Mãe da S, 42 anos)

Domingues (1999) enfatiza que, o atual modo de vida da família, não propicia que os pais fiquem muito tempo com os filhos, o que pode levar ao distanciamento nessas relações, desde a infância. A tentativa de resgate, quando ocorre, se dá na adolescência, quando surgem evidências de que algo de 'anormal' está ocorrendo com o filho.

Muitos dos familiares entrevistados afirmaram que ainda desconheciam os fatores que contribuíram para a gravidez. Muitos disseram que não foi por falta de informação uma vez que hoje os jovens podem contar com a televisão e com as revistas para obter mais conhecimento. A relação com o pai também foi apontada, em três depoimentos, como um fator contribuinte para a gravidez na adolescência. Duas mães afirmaram que acham que suas filhas engravidaram porque não souberam lidar com a morte do pai na infância e por isso se trancaram muito para o diálogo. Outros depoimentos apontaram que, a relação agressiva dos pais com as filhas e a violência doméstica, foram os fatores que mais contribuíram para a gravidez. Um desses depoimentos apresentamos abaixo:

O que contribuiu para isso foi o comportamento do pai dela. O pai dela sempre foi muito ignorante, ela vivia muito presa, batia muito nela, colocou ela para trabalhar muito cedo. Eu acho que ela ficou revoltada, ela chegou até a falar que ela sempre quis sair de casa, mesmo antes de engravidar, mas o pai não deixava, então, se ela engravidasse teria um motivo para ele expulsar ela de casa, para ela se ver livre... (Tia da J, 32 anos)

Os familiares apontaram também a falta de tempo dos pais para conversar com os filhos. Disseram que o fato de ter que trabalhar demais acaba diminuindo o diálogo familiar e fazendo com que os filhos cresçam sem saber o que é certo e o que é errado. Disseram também que a televisão, principalmente as novelas, ensinam muitas coisas erradas para os filhos, mas que eles não podem fazer muita coisa nesse sentido. O modo como o adolescente foi criado, pela família, também apareceu como um dos fatores contribuintes. Segundo uma avó entrevistada, a sua neta só engravidou porque não recebeu a educação correta por parte de sua mãe. Fatores

como a curiosidade natural do adolescentes e a irresponsabilidade para lidar com o sexo também foram apontados:

Eu acho que foi irresponsabilidade dos dois e dela principalmente por ser mais velha, mais experiente. Eu não quero defender ele porque ele é nosso filho porque ele também teve sua culpa. Na verdade, parecia até que eles queriam fazer aquilo porque viam outros, mas eu sei que não foi isso porque ele é um camarada que gosta muito de criança. Talvez queria descobrir o que era ser pai, só pode, eles sabiam como se prevenir. (Pai do C, 50 anos)

Domingues (1999), salienta que os adolescentes acabam desenvolvendo um 'pensamento mágico', que corresponde à idéia preconcebida de que nada de ruim poderá acontecer consigo, independente das ações praticadas. Esse pensamento mágico, quando somado à falta de maturidade do adolescente, à curiosidade de experimentar o novo e a perspectiva do desafio, resulta, quase que invariavelmente, em um dano. No que se refere à possibilidade de engravidar, ao ter uma relação desprotegida, a maioria dos adolescentes, mesmo conhecendo algum método contraceptivo, deixa de utilizá-lo.

6.5. Como o/a adolescente convive com a gravidez - maternidade/paternidade?

Ela me surpreendeu! Antes quando ela não demonstrava que estava grávida, ela fez com que ninguém desconfiasse de nada. Depois que o pai do rapaz veio e me contou a reação dela foi de desespero, de desespero mesmo. Chorava o tempo inteiro, chegou a ir até para o psicólogo. O padre da nossa Igreja é o nosso orientador espiritual e ele fez o papel de pai, de orientador, de tudo mesmo. Eu nunca vi tanto choro, eu até fiquei preocupada com a criança. A única coisa que eu pude fazer foi pedir ao Senhor para ter piedade. Ela ficou assim até o 6^o mês. Depois do 6^o mês eu acho que ela caiu em si, viu o que estava acontecendo, foi reagindo e viu que a gente tinha que encarar a realidade. A gente teve que perceber que não tinha mais uma menininha dentro de casa, mas que tinha sim uma criança gerando outra. Então a gente foi trabalhando isso na nossa cabeça, em todo o nosso ser porque foi um abalo para toda a família. Mas até hoje ela ainda reage, ela fala que vai prestar vestibular, que vai fazer isso e aquilo, mas a gente percebe que quando ela está no meio dos primos ela fica mais no cantinho dela, ela se sente um pouco rejeitada, ela se auto-rejeitou muito e isso nós ainda estamos trabalhando dentro da cabeça dela. Depois que ela teve a neném ela chorou muito e ficou muito tensa com medo de vir alguém para tomar a criança. Na escola ela não foi afetada, porque a gente trabalhou para que ela pegasse todo aquele sofrimento e transformasse em ânimo, em força, em coragem, porque ela tinha que continuar, aconteceu, aconteceu, só não podia era repetir. Hoje ela está mais madura, mais forte e tem se mostrado muito responsável. (Mãe da S, 35 anos)

Quase todos os depoimentos dos familiares apontaram que os adolescentes também ficaram abalados ao tomar conhecimento da gravidez e que, principalmente, nos primeiros meses da descoberta, não foi fácil para o adolescente conviver com a realidade. As entrevistas

mostraram que tanto os adolescentes do sexo feminino quanto do masculino sentiram dificuldades para enfrentar a gravidez. Entretanto, a maioria dos familiares dos adolescentes que já eram mães ou pais, afirmou que apesar das dificuldades enfrentadas no período da gravidez, hoje eles são bastante responsáveis com os filhos e com suas obrigações, tendo se tornado mais independentes e maduros.

Eu acho que para a pouca idade dela até que ela enfrentou muito bem, até mesmo na primeira gravidez quando ela perdeu o neném, que eu não sei nem porque perdeu. Eu acho que era porque ela ainda era muito criança, só sei que ela perdeu o bebê já com 6 ou 7 meses de grávida e que ela sofreu muito. Hoje ela me surpreende, cresceu muito e demonstra, em muitos casos, mais maturidade que as irmãs mais velhas. A maior dificuldade que ela enfrentou acho que foi comigo mesmo, hoje acho que ela tem um pouco de dificuldade com a escola porque ela não pegou as explicações durante a licença e agora está com dificuldades para fazer os trabalhos da escola. (Mãe da S, 42 anos)

O depoimento abaixo apresenta o depoimento da mãe de um adolescente do sexo masculino, envolvido em situação de gravidez e sua percepção do modo como o filho está convivendo com toda essa nova situação:

Até os quatro meses eles passaram pelo maior sufoco, ele sofreu muito com medo que o pai dele o expulsasse de casa, mas depois que ele percebeu que nós tínhamos aceitado a cabeça dele melhorou muito. Isso tudo mexeu muito com ele, eu não estava vendo mais nem ele estudar. Acho que ele fica mais preocupado pelo fato de ainda não trabalhar, de não estar podendo morar ainda com ela. Eu vejo que eles também não têm muita certeza se vão querer morar juntos ou não, eles ainda são muito infantis... (Mãe do W, 42 anos)

Alguns familiares salientaram que o adolescente entrou em depressão durante o período da gravidez, sendo que, no caso de algumas meninas, elas chegaram a perder muito peso, a ficarem anêmicas. Colocaram também que essas situações aconteceram em alguns casos por culpa da pressão da própria família que passou a cobrar muito do adolescente. Outros familiares, no entanto, afirmaram que não sabiam muito como os adolescentes estavam convivendo com a gravidez ou com a maternidade/paternidade porque desde a descoberta da gravidez que não existia mais um diálogo aberto entre eles.

O depoimento abaixo apresenta o caso de um pai que afirma que seu filho não encontrou muitas dificuldades porque a família o apoiou e o ajudou em todos os momentos que se fizeram necessários:

Eu acho que ele não enfrentou muitas dificuldades porque a gente assumiu toda a gravidez, fez todos os exames particulares. A criança está aí hoje e a gente mantém

até uma boa relação com a mãe dele, ela se mudou aqui para perto, a gente paga o aluguel. Nós assumimos as despesas com a alimentação do menino, ajudamos na compras de fraldas, roupas, Hoje eles não têm nenhuma relação íntima, parece Ele vai na casa dela, pega a criança e só. A criança fica mais é aqui em casa, a mãe dela também ajuda a cuidar dele. Agora um fato curioso é que ele nunca foi de estudar muito não, sempre estudou para tirar média, só que na época da gravidez ele começou a dar muito trabalho na escola, o diretor chegou até nos chamar para conversar em uma reunião de pais, quando eu lhe falhei sobre o que estava acontecendo. Ele passou a conversar demais em sala, tinha passado a se comportar como se algo tivesse se perdido, como se de certa forma a vida tivesse perdido o sentido. Em casa ele chegou a entrar em depressão, mas com nossa ajuda ele se reergueu. (Pai do C, 50 anos)

6.6. O/a adolescente está preparado/a para ser pai (mãe)?

Ele não está preparado, o cabra não tem emprego, não tem nada, como é que ele pode estar preparado para ser pai. Para estar preparado o cabra tem que ter um emprego, uma casa, tem que ter condições para sustentar a mulher e o filho e ele não tem. Ela também não está. O negócio agora é a gente apoiar esses dois. (Pai do W, 52 anos)

Todos os familiares entrevistados disseram que os adolescentes ainda não estavam preparados para ser pai. No caso das meninas, a maioria dos familiares colocou que elas também não estavam preparadas corporalmente e muito menos emocionalmente. Salientaram que, ser mãe, exigia um preparo que elas ainda não tinham, ainda eram muito imaturas e impacientes para cuidar de um filho. No caso dos meninos, os familiares colocaram que eles ainda não estavam preparados porque ainda não tinham condições financeiras para arcar com as despesas de um filho, de uma família. Todos ainda dependiam dos pais financeiramente. Apesar disso, alguns dos familiares de adolescentes que já tinham se tornado mães afirmaram que elas estavam surpreendendo com sua responsabilidade e zelo com o filho. Todos afirmaram que isso só estava acontecendo porque a família tinha delegado a responsabilidade de cuidar do filho para a adolescente-mãe:

Ela não estava preparada de jeito nenhum para ser mãe, só que hoje ela é uma ótima mãe. Eu acho que ela se tomou uma ótima mãe porque eu sou de uma família muito dura e desde o início eu coloquei que a criança seria responsabilidade dela porque eu trabalho o dia inteiro, que eu não teria tempo para olhar o tempo todo. Eu falei que iria ajudar no que eu pudesse, tanto que eu até pedi 8 dias de acompanhamento quando a neném nasceu, fiquei ao lado dela, ajudei e ajudo até hoje, mas é ela que faz tudo mesmo, é quem dá banho, quem faz sopa, quem troca. Ela adora fazer isso, ela adora a neném, ama de coração. (Mãe da S, 35 anos)

6.7. A gravidez modificou a vida da família ou do/a adolescente'?

Modificou e muito! Hoje eu já vejo com mais cuidado a questão da adolescência. Tenho minhas outras duas filhas, com quem eu já sou mais aberta, já converso mais, converso sobre quase tudo. Eu estava construindo uma imensa casa e tive que parar por uns tempos porque tinha que fazer um quarto para a neném, comprar enxoval, pagar exames. A vida dela mudou, hoje ela mesma já orienta as irmãs, fala para elas não vestirem tal roupa, dizem para elas me escutarem porque se ela tivesse me escutado teria sido melhor para ela. Então isso modificou muito a vida da família. Ela mesma ficou mais aberta, conversa mais, diz o que está sentindo e o que não está sentindo. Ela tem mais garra hoje, sonha mais com o futuro, em fazer uma faculdade. Ela quer se formar em Direito com medo de que um dia o pai queira tomar a filha dela e que ela não tenha como se defender... Hoje a nossa família é mais unida. (Mãe da S, 35 anos)

A maioria dos depoimentos mostrou que a gravidez contribuiu para que a família mudasse o seu modo de educar os filhos, passando a dialogar mais e a perceber o que estava se passando com eles. Muitos afirmaram que perderam o medo de conversar com os filhos sobre sexo e, que a conversa mais aberta serviu para unir mais a família. Entretanto, alguns dos entrevistados disseram que a gravidez mudou a vida da família para pior, transformando a convivência familiar em algo muito complicado, cheio de acusações, brigas e sofrimentos.

No depoimento abaixo a mãe de um adolescente coloca que a gravidez mudou os planos da família com relação aos planos que tinha para a vida do adolescente, além de ter alterado a situação econômica também. A gravidez é vista pela mãe do garoto como algo que vai dificultar em muito a construção de um futuro mais promissor para o filho:

Mudou sim, às vezes a gente pensa nos problemas dele, na idade em que tudo isso aconteceu, a gente não esperava que ele viesse a ser pai com essa idade. A gente pensava para ele o mesmo que a irmã dele está fazendo, uma faculdade, um emprego bom, nele poder comprar as coisas dele com o dinheiro dele. De repente tudo mudou, parece que os nossos planos tinham desabado. Agora vamos ter que dar as nossas economias para que ele possa começar a vida. (Mãe do W, 42 anos)

Alguns dos familiares colocaram que a gravidez modificou mais a vida do adolescente do que dos familiares, sendo que, alguns adolescentes, pareciam até ter gostado de certas mudanças e das novas responsabilidades. Foi colocado também que a gravidez modificou a vida do adolescente porque ele se tornou mais maduro, responsável e até mesmo econômico. Os dois depoimentos abaixo acabam retratando alguns dos assuntos tratados:

Modificou mais a vida dela do que a da família. Até pouco tempo quem lavava as roupinhas, as calcinhas dela era eu e de repente ela teve que passar a lavar as roupas para o marido militar, com aquelas roupas pesadas; teve que cuidar da casa; do bebê; das fraudas. Eu acho que a vida dela mudou demais, mas apesar das dificuldades eu acho que ela gostou. (Mãe da S, 42 anos)

A vida dela mudou muito, quase que completamente. Ela era muito criança e ficou mulher de uma hora para outra, teve outras reações, passou a se preocupar mais com as coisas. Ela hoje é muito mais responsável, é uma mãe maravilhosa e está muito mais dedicada aos estudos. Mais eu percebo que não foi fácil para ela, que ela sofreu demais (Tia da J, 32 anos)

6.8.0 que o/a adolescente espera da família e da escola ?

Eu acho que ela pensa que eu vou cuidar do filho dela para ela. Ela sempre teve roupa lavada e passada, ela não tirava o prato da mesa, não fazia nada, hoje ela não tem nada disso, ontem mesmo ela estava lavando roupa. Na escola ela não está preocupada porque quando eu mando ela estudar para cuidar melhor do futuro ela diz que não é para eu me preocupar porque os professores vão ajudá-la porque ela está grávida. Como vão ajudá-la se ela não estuda? Eu acho que a escola até dá o apoio, sabem conversar com os pais, não recriminam. Mas eu acho que ela já está querendo demais. (Mãe da C, 53 anos)

Grande parte dos familiares entrevistados afirmou que o adolescente espera que a família assuma todas as responsabilidades. Espera que a família cuide do filho para ele, para que ele possa continuar levando a mesma vida de antes. Responderam também que muitos dos adolescentes esperam que a escola compreenda a sua situação, ajudando-os a passar de ano, como pode ser visto no depoimento abaixo:

Da escola ela espera que eles possam ajudar para que ela não reprove. Da família eu acho que ela espera que a gente a apoie, que ajude a criar o filho, ela já falou que em hipótese alguma ela quer ir para a casa da família dele. Ela disse que tem medo de ir e depois eles ficarem jogando indireta, que estão sustentando ela e o filho. (Mãe da L, 38 anos)

Por outro lado, a maioria dos respondentes colocou que o que os adolescentes mais esperam, tanto por parte da família como por parte da escola, é que elas não os abandonem, que os apoiem. Esperam que elas contribuam para que ele possa superar os conflitos internos e externos causados pela gravidez na adolescência:

Bom, eu acho que eles esperam muito da gente, mas sei que vou ter que fazer o que for possível, eu não vou desamparar ninguém não, eu vou apoiar. Eu falei com o pai dela que se ele quiser deixar ela vir para cá ela pode vir que eu sustento os dois, os três. Na escola as coisas devem ter ficado difícil para eles, principalmente para a menina, mas para ele também porque eles esquentaram muito a cabeça com isso aí. Acho que ele queria que a escola apoiasse mais. Ele fez um negócio sem pensar e isso prejudica, agora ele deve ficar se perguntando porque ele fez isso. Então acho que eles esperam que a escola compreenda isso aí. (Pai do W, 52 anos)

No depoimento abaixo a mãe de uma das adolescentes de 15 anos afirmou que ela fez o que sua filha esperava que sua família deveria fazer por ela. Afirmou também, que não sabia se a escola também havia correspondido à altura do esperado pelos adolescentes envolvidos em situação de gravidez:

No fundo ela esperava que eu fizesse o que eu fiz, ela sabia que eu iria apoiá-la, ela sabia do meu amor por ela. Ela estudava no Guará e quando ela engravidou ela mesmo pediu para mudar de escola, então ela veio grávida fazer o último nessa escola... A escola se manteve indiferente, eu acho que é porque são muitas meninas na mesma situação. Eu tenho uma aluna de 13 anos que engravidou e que eu fiz o enxoval e ajudei muito ela. Acho que eu estou agindo como ela esperava, não sei se a escola está correspondendo também, nunca tinha pensado nisso... (Mãe da S, 35 anos)

7. A Família e a concepção de Educação Sexual

Nesta questão buscou-se identificar se a família costumava conversar com seus filhos sobre questões ligadas à sexualidade, bem como a concepção que a família apresentava em relação à sexualidade e à educação sexual. Buscou-se identificar ainda, se a família tinha conhecimento da Lei que obriga as escolas de Ensino Fundamental e Médio do Distrito Federal a incluir a educação sexual dentro de suas grades curriculares, se a família era contra ou a favor da inclusão da educação sexual no currículo escolar. Esta questão procurou identificar também, o modo como a família percebia o seu papel e o papel da escola frente à educação sexual dos adolescentes. Investigou se, na opinião da família, a educação sexual poderia prevenir novos casos de gravidez na adolescência e, se a família teria interesse em participar de um programa de educação sexual desenvolvido pela escola dos filhos.

7.1. A família conversava sobre sexo com o/a adolescente?

Nunca conversei sobre isso com minhas filhas, nunca! Veja bem, na minha infância, na minha adolescência minha mãe também não falava sobre isso, então eu nunca tive muita informação. Outro motivo é que eu fiquei viúva muito cedo, com 4 filhas pequenas para criar, tendo que virar pai e mãe. Trabalhava o tempo todo, viajava sempre para fazer compras no Paraguai, quase não ficava em casa, eu não tinha tempo para conversar com ela, quando eu vim dialogar com ela já não adiantava mais, ela já estava grávida. (Mãe da S, 42 anos).

A maioria dos familiares entrevistados afirmou que não costumava conversar sobre questões ligadas ao sexo com seus filhos. Alguns chegaram a afirmar que nunca tocaram no assunto e que jamais tocariam porque é muito complicado para alguém que recebeu uma educação de "outros tempos" ter que falar sobre isso com os filhos. A avó entrevistada colocou que, no tempo dela, era uma imoralidade se tocar nesse assunto e que, por isso, ela jamais

conversou sobre sexo com quem quer que seja. Outros disseram que não conversam sobre sexo com os filhos porque sentiam vergonha ou, até mesmo, porque nunca tinham muito tempo para conversar com eles. As mães dos adolescentes do sexo masculino colocaram que sentiam muita vergonha de tocar no assunto com o filho, principalmente pelo fato de eles serem homens. O depoimento abaixo retrata um desses pontos de vista:

De vez em quando eu conversava com ele, só que mais na brincadeira porque é meio constrangedor para uma mãe conversar sobre isso com o filho homem, eu acho que a gente tem mais liberdade com as meninas. Além disso, ele sempre dizia que sabia das coisas. Ele sabia não só como evitar a gravidez mas também como evitar doenças. Ele sabia de muita coisa pela televisão, pelos colegas, talvez até pelo colégio. (Mãe do W, 42 anos)

Guimarães (1995), salienta que no campo da sexualidade, o jovem recebe, através dos meios de comunicação, solicitações sexuais fragmentadas, de acordo com os interesses do consumo. Isso contrapõe-se a um grande silêncio das vozes educativas que, na escola, se calam, e na família, se esfriam.

Muitos dos entrevistados, principalmente os dois pais acima, colocaram que não conversavam com os filhos porque achavam que não precisava mais conversar sobre sexo com eles, uma vez que a televisão já tinha ensinado tantas coisas para eles, que os pais estavam eram atrasados no assunto em relação a eles. Já o depoimento das mães era mais voltado para a questão da cobrança, a maioria delas afirmou que só tocavam em assuntos ligados ao sexo com as filhas quando queriam dizer para elas tomarem todos os cuidados para não engravidar. No entanto, três mães disseram que sempre procuraram orientar as filhas, uma delas disse que a filha não gostava de conversar sobre o assunto e que ela sempre a deixava falando sozinha. As outras duas disseram que o diálogo era bastante aberto e que elas pensavam que as filhas já estavam suficientemente orientadas devido a tantas conversas sobre o assunto:

Eu costumava conversar com ela, eu falei que isso não era certo porque ela era uma pessoa da Igreja, ela sabia que sexo antes do casamento não é certo. Agora eu falei que se ela estivesse disposta, se ela quisesse ela deveria se prevenir, poderia me pedir anticoncepcional, camisinha. Ela falou que não pensava nesse assunto não. Eu ficava tranqüila já que eu tinha me proposto a ajudar se ela precisasse. Eu continuo conversando com ela agora, pois temo outra gravidez por agora já que ela vai continuar com ele. A minha preocupação é que quando essa criança nasça ela engravide novamente... (Mãe da L, 38 anos)

Alguns dos familiares disseram que a gravidez contribuiu para que eles passassem a perceber a importância de se conversar desde cedo com os filhos sobre as questões ligadas ao

sexo, sem medo e sem constrangimento. Alguns afirmaram que ainda encontravam certa dificuldade mas que estavam buscando vencer tais barreiras porque ainda tinham outros filhos, viriam os netos e eles precisavam dialogar mais sobre o assunto. Precisavam dialogar para evitar não apenas a gravidez, mas também as doenças. Muitos disseram que os pais não podem confiar que os filhos já sabiam tudo sobre o assunto, que a televisão ou que a escola ensina por eles. Salientaram que os pais precisam superar os seus próprios tabus, buscando conversar sobre o que acham certo e/ou errado com os filhos. Os pais precisariam estabelecer mais limites e resgatar certos valores. Disseram também que os adolescentes que já haviam se envolvido em uma situação de gravidez precisavam ser orientados para que não engravidem novamente. Segundo o depoimento de grande parte dos pais, a gravidez abriu espaço e deu mais liberdade para que a família passasse a dialogar mais abertamente sobre a sexualidade dos filhos.

Domingues (1999), salienta que por um motivo ou por outro, os pais deixam de participar do desenvolvimento dos filhos, o que reflete na ausência de diálogo sobre temas, como, por exemplo, a educação sexual. Ela fica a cargo dos amigos da rua, da televisão, das revistas e de outros meios; sendo que a família, em poucas ocasiões, é incluída nesse aprendizado.

7.2. O que a família entende por educação sexual ?

Eu acho que a educação sexual é você orientar desde que a criança começa a entender as coisas. A educação sexual tem que ser dada em casa, na escola, na Igreja, nos Grupos de Jovens. Tem que ser uma coisa mais aberta porque a adolescência de hoje está muito evoluída. Passa as coisas aí na televisão, você vê nas novelas o tempo todo, mas as coisas passam de uma forma muito vulgar e eu acho que não tinha que ser desse jeito. A televisão só joga as coisas, as coisas erradas, qualquer um deita com qualquer um, sai uma vez com o namorado e já vai para a cama e essa tem se tomado a realidade de hoje. Eu acho que o que está acontecendo é que os adolescentes estão se baseando muito pelas novelas. (Mãe da L, 38 anos)

A maioria dos entrevistados concebia a educação sexual como uma educação que deve ser dada pela família e pela escola, visando orientar o jovem para que ele não tenha problemas com uma gravidez na adolescência ou com doenças como a AIDS. Muitos dos familiares afirmaram que essa educação deve ser iniciada desde cedo e que deve discutir também a influência que a televisão exerce sobre o comportamento dos jovens de hoje. Alguns dos familiares colocaram que a educação sexual deveria servir para mostrar para os jovens que não se deve fazer sexo antes do casamento e que eles precisam namorar com mais respeito. Outros

familiares afirmaram que a educação sexual deveria explicar que a relação sexual traz prazer, que é algo positivo, mas, que, também, traz conseqüências negativas para a pessoa e para a sociedade, se praticada de modo incorreto e sem a devida prevenção:

Eu acho que é você explicar sobre os perigos do sexo. É como eu tentava fazer com ela, falava para ela que o sexo é maravilhoso, mas tem um porém, você tem que usar preservativo ou anticoncepcional, tem várias formas para você se prevenir. Eu acho que na educação sexual você tem que colocar os prós e os contra, mas eu não conseguia fazer isso porque as colegas dela colocavam ela contra mim. As colegas dela diziam que eu era chata, enjoada, eu não era nada disso, eu só estava preocupada com a minha filha. (Mãe da C, 53 anos)

Entretanto, dois dos pais entrevistados compreendiam a educação sexual como algo que incentiva e estimula o jovem para a vida sexual. O depoimento abaixo revela um desses pontos de vista:

Eu acho que é só sacanagem mesmo, é um tipo de educação para a sacanagem. O moleque aprende isso aí, essa educação aí é sozinho mesmo, com os colegas. (Pai do W, 52 anos)

7.3. A família tem conhecimento da obrigatoriedade da educação sexual ?

Não, nós não sabemos dessa Lei. Eu não sei se ela está sendo trabalhada na escola dele, acho que não porque o diretor até contou que estava preocupado com o número de meninas grávidas, mas que não sabia o que fazer, não falou nada de Lei. Os meus filhos também nunca falaram sobre isso, acho que não tem nada disso nas escolas não. (Mãe do C, 46 anos)

Eu não sabia dessa Lei, mas eu acho que eles não estão cumprindo ela não. Minha filha nunca comentou comigo que teve alguma aula de educação sexual. O meu filho de 10 anos é que chegou aqui na semana passada mostrando uma camisinha e dizendo que ele estava tendo aula de educação sexual, que a professora estava ensinando como usar e quando usar. Agora na escola dela eu nunca vi nada. (Mãe da L, 38 anos)

Dos familiares entrevistados, apenas um, respondeu que já tinha ouvido falar algo sobre a Lei na televisão, mas que não sabia muito bem do que se tratava. Os outros afirmaram não ter conhecimento algum sobre a Lei. A maioria acreditava que, a escola do filho, não deveria saber também da existência da Lei, porque se sabia não estavam levando a questão muito a sério. Entretanto, uma das mães entrevistadas colocou que apesar da Lei tornar obrigatório que as escolas trabalhem a educação sexual nas escolas, é dever, em primeiro lugar, da família oferecer *este* tipo de educação para os filhos.

Eu não tenho conhecimento da Lei que obriga as escolas a trabalhar com isso, mas eu acho que seria obrigação dos pais. O problema é que geralmente os pais têm aquele velho tabu, o que causa um certo constrangimento para falar, então eu acho que acaba sendo necessário que a escola ofereça isso aí. É como se você estivesse jogando a sua responsabilidade nas costas dos professores, mas por outro lado eu vejo que eles vão estar olhando, vão estar explicando sem tanto constrangimento, sabendo que é a profissão deles. (Mãe da S, 42 anos)

7.4. Qual o posicionamento da família acerca da inclusão da educação sexual no currículo da escola?

Nossa! Eu sou a favor da educação sexual na escola. Tem que ter mesmo, desde a 1ª série. Tem que envolver principalmente os pais, apesar de ter pais que não aceitam. Agora eu acho que essa matéria tem que ser dada com muito cuidado, tem que ser com uma pessoa que esteja realmente bem preparada. Eu acho que essa é uma questão bastante delicada e que se for tratada com descaso pode se tornar banalidade. (Pai do C, 50 anos)

Eu sou a favor porque hoje em dia os adolescentes não são como antes, na minha adolescência eu não sabia muita coisa que a minha filha já sabe hoje. Os adolescentes de hoje estão muito evoluídos, sabem de coisas que antigamente, nessa idade a gente não sabia. Só que apesar de serem evoluídos eles ainda apresentam carência nessa área, eles são evoluídos em termos de praticar mesmo, mas são carentes em termos de conhecimento mesmo porque os pais não conversam. Então os professores deveriam conversar porque existe uma certa vergonha do lado do pai para conversar sobre esse assunto. Pelo menos uma vez por semana teria que ter um professor para dar aula sobre educação sexual, para falar abertamente sobre doenças, sobre gravidez, sobre as coisas de adolescente. A cada fato novo que fosse surgindo eles poderiam chamar atenção dos alunos para que eles ficassem atentos. A questão da idade também é importante, isso poderia começar desde a 4ª série, dependendo da idade ia se falando sobre certo tipo de assunto, iria se limitando e modificando em termos de aprofundamento do assunto. (Mãe da L., 38 anos)

Todos os familiares entrevistados se mostraram favoráveis a inclusão da educação sexual. Entretanto, os posicionamentos divergiram quanto a forma como deveria ocorrer essa inclusão. Alguns enfatizaram que os professores precisariam estar muito bem preparados para trabalhar com o tema e que a escola teria que levar muito a sério esse trabalho uma vez que estaria lidando com a vida dos seus filhos. Alguns pais ressaltaram que a escola já deveria estar trabalhando essa questão há muito tempo e que as questões ligadas à sexualidade não devem ser discutidas apenas com os adolescentes do ensino médio, mas desde cedo, com as crianças, ainda no ensino fundamental. Alguns pais colocaram que são a favor porque a escola estaria falando de um assunto importante com seus filhos, que para eles é muito complicado abordar. Outros afirmaram que são a favor sim da educação sexual na escola, mas que ela deveria ocorrer de modo a complementar a educação dada pela família. Os dois depoimentos a seguir demonstram

também o modo como alguns dos familiares consideram que deve ocorrer a inclusão da educação sexual no currículo escolar e quais deveriam ser as suas prioridades:

Eu sou a favor da inclusão. Eu acho que tinha que se reservar um horário, mostrar através de fitas as doenças sexualmente transmissíveis; o aborto e suas conseqüências para a criança e para a mãe. Tem que mostrar também sobre a gravidez, os sintomas, o que sente no período. Tinha que ter uma aula mostrando tudo isso. (Mãe da C, 53 anos)

Eu acho que essa educação deveria resgatar valores perdidos, primeiro tinha que se buscar resgatar os valores porque a adolescência é uma fase muito difícil. Talvez poderia ter umas palestras, umas dinâmicas para que o adolescente se encontrasse, se definisse nessa etapa tão terrível. O negócio não é só usar camisinha, é você saber o momento certo, a hora certa e a maneira como deve ser feita. Eu acho que é só depois do casamento sim, esse é um dos valores que está perdido. O problema é que as orientações sexuais de hoje só falam em camisinha, preservativo e tal. Será que esse é o tipo de orientação que deve ser dada? E os valores, onde ficam? Esse trabalho poderia ser feito em parceria com um psicólogo, com técnicas de psicodrama. O orientador educacional e professor de Ensino Religioso também poderiam trabalhar essa questão na escola. Os pais poderiam vir para a escola, a comunidade tem que participar. Se não for feito por profissionais capacitados, é melhor que não tenha esse trabalho, a gente sabe que tem muitos profissionais que precisam ser orientados primeiros para poder orientar, então tem que ser uma coisa com muita cautela, com uma visão normal e natural das coisas. (Mãe da S, 35 anos)

Muitos dos entrevistados salientaram que o processo de inclusão da educação sexual no currículo escolar deveria envolver também a participação dos pais, porque muitos precisam obter mais conhecimento para que possam ter condições de conversar abertamente com o filho sobre sexo, orientando de modo correto. Colocaram ainda que esse trabalho seria bom também para a escola, que poderia aprender muito com as famílias dos alunos. O depoimento a seguir demonstra que apesar dos familiares se colocarem a favor da educação sexual na escola. Alguns ainda acreditam que esta educação deveria ocorrer em dois momentos distintos: um para os meninos e, outro, para as meninas:

Eu sou a favor, agora eu acho que deveria haver uma separação, mulheres para um lado e homens para o outro. Isso iria corrigir todo mundo, o professor iria corrigir na escola e iria ajudar o pai a corrigir em casa, acabaria com aquela liberdade... (Avó da J, 62 anos)

7.5. A educação sexual escolar poderia contribuir para a prevenção da gravidez na adolescência?

A educação sexual poderia não só prevenir a gravidez como evitar muitas doenças sexualmente transmissíveis. Poderia ajudar também os adolescentes que já estão

enfrentando a gravidez porque eles ainda não estão com a cabeça totalmente sustentada e sabem que terão muitas dificuldades. Muitos deles nem o apoio da família recebe e estão sozinhos. Por isso um trabalho desse na escola poderia ser muito útil para os alunos. (Mãe do W, 42 anos)

Todos os respondentes acreditavam que a educação pode contribuir também para a prevenção da gravidez na adolescência. Muitos dos familiares apontaram que a educação sexual na escola poderá contribuir também para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e para uma maior conscientização do jovem e da sociedade como um todo com relação a uma vivência sexual mais segura e responsável:

Não sei se eliminaria pois é claro que alguns casos ainda aconteceriam, mas diminuiria bastante. Só que as escolas não trabalham muito com isso, essa escola onde ela estuda por exemplo não desenvolve nenhum trabalho em educação sexual, a não ser que eu não saiba. (Mãe da S, 42 anos)

Alguns familiares ponderaram sobre as possibilidades e limites da educação sexual e colocaram que ela realmente pode contribuir, mas que a sociedade precisa estar ciente de que a educação sexual na escola não pode ser encarada como a solução de todos os problemas. Colocaram que a contribuição da educação sexual escolar no que se refere à prevenção da gravidez ganha maiores projeções na medida em que oferece oportunidades para que as pessoas conheçam mais sobre a sua sexualidade, na medida em que elas ampliam o seu conhecimento e obtêm mais informações:

Eu acho que a educação sexual não vai resolver, prevenir tudo, mas tem aquelas pessoas que querem prevenir e não sabem, não conseguem se controlar. Essas pessoas poderiam ser bastante ajudadas pela educação sexual, agora quando é um caso mesmo de irresponsabilidade, quando a pessoa parece querer engravidar mesmo fica mais difícil. Tudo que a gente pode conhecer mais sobre um assunto é interessante, seja lá em que idade seja, às vezes passa muita coisa que a gente até faz mas não aprendeu direito como fazer por falta de conhecimento, por isso a educação sexual ainda poderia ajudar os adolescentes que já passaram por esses problemas. (Pai do C, 50 anos)

7.6. O que compete à família e à escola no que se refere à educação sexual do adolescente ?

O que acontece hoje com a escola é que ela é indiferente à sexualidade, quando você passa e os meninos estão se beijando, se abraçando você passa e finge que não vê. A escola ainda não acordou para esse lado, de convidar esses adolescentes, de criar encontros, palestras para poder discutir com eles, para questionar junto com eles algumas questões sobre a sexualidade. A escola ainda não fez esse papel e isso deveria acontecer. O orientador com o diretor e com um grupo de professores

poderiam iniciar esse tipo de trabalho, poderiam fazer umas entrevistas com os adolescentes e a partir disso começar a montar encontros, palestras, técnicas de psicodramas. A escola teria então esse papel de prevenção, de orientação das alunas que também já estão grávidas. A escola teria também que buscar o contato com a comunidade porque na verdade, as nossas escolas não abrem ou não sabem abrir espaço para a comunidade, há muita distância ainda entre comunidade e escola. Se tivesse esse entrosamento, com o envolvimento real da direção, da escola e da comunidade isso seria mais fácil. O papel da família seria o de buscar, de se abrir. Como eu era muito inexperiente eu me fechei, me isolei, deixei com que cada um vivesse a sua vida isoladamente, era a vida da minha filha e pronto. Eu poderia ter buscado ajuda, poderia ter conversado na escola com os professores, mas eu não fiz nada disso, eu só tive o compromisso de ir lá para pegar os trabalhos para ela fazer em casa e pronto. Eu acho que eu agi assim porque eu sei que a gente não encontra muita abertura na escola... Eu percebi o quanto nós seres humanos somos limitados. A recepção da escola não foi tão eficiente. O papel da família é dialogar, é conversar, é dizer o que está acontecendo, é mostrar as coisas. A gente tem que dá abertura para a discussão em família, a gente tem que sair do nosso casulo. O papel da família é ajudar, é ir de encontro, é favorecer outros tipos de divertimento para os nossos adolescentes porque muitas vezes a gente prende demais por medo, não deixa sair, não deixa fazer nada e isso é ruim. A gente tem que dar mais oportunidades, só que com limites. (Mãe da S, 35 anos)

Todos os entrevistados colocaram que, tanto a escola quanto a família, precisam conversar mais com os jovens sobre sexualidade, precisam orientar mais, impor mais limites e discutir certos valores que andam meio perdidos como o respeito a si mesmo e ao próximo. Entretanto, alguns familiares colocaram que apesar de existir até uma Lei sobre o assunto, a escola ainda não está fazendo o seu papel no que se refere à educação sexual dos educandos. Alguns pais ressaltaram que cabe à comunidade exigir que a escola cumpra a Legislação:

Eu acho que os pais devem cobrar para que essa Lei saia do papel, devem ir ao colégio para ver o que está acontecendo; exigir que os professores trabalhem mesmo o assunto para evitar tantos problemas, tantas doenças, tanta gravidez precoce. Eu acho que os dois devem falar: os pais têm que dar conselhos para os filhos e a escola também, mas eu acho que é muito difícil para os pais fazer isso porque têm muitos pais que eles mesmo não sabem. Como a escola tem pessoas com mais conhecimento caberia mais a ela. (Tia da J, 32 anos)

Grande parte dos familiares, apesar de admitir que cabe também à família educar sexualmente filhos, enfatizou muito mais a necessidade de a escola estar fazendo este trabalho do que os próprios pais. Justificaram tal posicionamento pela dificuldade que a maioria dos pais encontram para conversar sobre sexo com os filhos, principalmente, aqueles pais mais idosos. Entretanto, alguns pais ressaltaram que a educação sexual mais importante é aquela que vem da família e que a educação da escola deveria servir apenas para complementar a educação da família. No depoimento abaixo, nó podemos ver um depoimento bastante radical, quando a avó

de uma das adolescentes grávidas chega a sugerir que a escola e a família ofereça para os adolescentes uma educação mais voltada para o medo e para a repressão:

Primeiro vem a educação de casa e em segundo a da escola. Se você dá exemplo dentro da sua casa, na escola também ele vai dar exemplo. As crianças precisam voltar a crescer com medo dos pais, do professor, do diretor, dos avós. Elas estão perdendo o respeito pelas pessoas e a família tem que consertar isso aí. A escola teria que trabalhar junto com os pais, trabalhar com pai e filho, trazendo os pais para a escola pelo menos uma vez por mês. Poderiam até juntar os pais com os filhos para que todos conversassem juntos sobre esse tema que é tão difícil para os pais falarem sozinhos... (Avó da J, 62 anos)

A maioria dos entrevistados colocou que cabe à escola oferecer oportunidades para que os pais também participassem do trabalho de educação sexual, uma vez que tanto os filhos quanto os pais poderiam aprender juntos. Muitos disseram que essa medida poderia evitar conflitos entre a orientação da escola e a orientação da família. Alguns foram bastante enfáticos ao colocar que, trazer os pais para as discussões educacionais ainda não é uma coisa que esta escola estivesse fazendo com qualidade. A escola precisaria dar, pelo menos, o primeiro passo nesse sentido:

Eu acho que a escola tem que ajudar os pais também. Ela deveria dar a teoria lá na sala para os pais continuarem em casa, dentro do seu conhecimento, é claro que a escola tem que orientar o pai também. A escola deve colocar para os pais o que pode ser tratado naquela faixa etária da criança, porque para cada idade você vai falar um tipo de coisa e de um modo diferente. Eu sinceramente não saberia como lidar com esse tipo de coisa. (Pai do C, 50 anos)

No depoimento abaixo a mãe fala da sua experiência em participar de Encontros de Pais em outra escola onde sua filha havia estudado:

O professor é quase um psicólogo, ele poderia então explicar para os pais, porque nem todos os pais sabem como conversar com o filho sobre uma coisa dessa. Então se o filho chega em casa e diz que teve uma aula sobre sexo o professor vai estar provocando uma conversa sobre o assunto em casa, o pai também vai colocar seu ponto de vista, sem tanto receio. Na escola particular onde ela estudava antes era assim, tudo que acontece lá eles passam na Reunião de Pais, eles falam que tem que ter a parceria entre colégio e família, que não adianta a escola colocar uma coisa se o pai não concorda, não sabe o que está se passando. Todo mês então tinha essa reunião. Eu acho então que o colégio deveria chamar os pais para discutir sobre a forma de participação deles e tudo. Eu acho que tem que ter um trabalho para os alunos e também para os pais. Se o professor está interessado os pais tem mais é que ir junto, eles devem ser os mais interessados. Na verdade tem professor que se preocupa mais com o aluno do que os próprios pais. (Mãe da C, 53 anos)

Alguns pais colocaram que a escola tem que rever os seus próprios valores, discutir com toda a comunidade antes de iniciar esse trabalho. Eles temem que um trabalho de educação sexual dentro da escola sirva mais para incentivar do que para orientar e conscientizar o jovem. Por isso, ressaltaram a necessidade de os professores estarem realmente preparados e dos pais estarem realmente de acordo e a par de todo o trabalho a ser realizado:

A família deve educar do seu modo, conforme a experiência que ela tem. A família tem que assumir a maior responsabilidade na educação sexual dos seus filhos. Eu acho que a escola hoje está muito evoluída, que a educação sexual da escola está mais para um incentivo. A escola está oferecendo um incentivo maior para a pessoa praticar. Eles estão seguindo muito os casos da novela, os professores tinham que oferecer uma educação mais igual, como se fosse uma norma da escola a ser cumprida por todos. A escola tem que vê o que serve mesmo para a pessoa, os professores têm que falar a mesma língua. O professor tem que ver que se a camisinha não está servindo ele tem que falar para os jovens e mostrar outros métodos. (Mãe da L, 38 anos)

Para que os professores possam "falar a mesma língua", como sugere o depoimento acima, é preciso que a escola trabalhe a educação sexual de modo integrado e incluído dentro de sua proposta pedagógica, visando realmente a sua efetivação na prática pedagógica.

As Diretrizes para uma Política Educacional em Sexualidade (Brasil, 1994) fixam que a educação sexual deve, em primeira instância, ser uma responsabilidade da família. A escola deve complementar a educação que a família oferece. Deve oferecer uma educação bem planejada, visando promover a integração entre a família e a escola.

7.6. Se a escola desenvolvesse um programa de educação sexual as famílias participariam?

Eu participaria do trabalho da escola para tomar coragem para conversar sobre isso com os outros, com os netos, porque eu nunca conversei porque a minha mãe não me ensinou sobre isso e eu não tenho coragem de sentar com meus filhos e conversar. Eu acho que outros pais também participariam. Como tem uma reunião todo mês com o diretor e os pais para conversar sobre as notas e o comportamento dos meninos, deveria ter pelo menos uma reunião por mês ou a cada 6 meses para falar sobre isso. Os pais poderiam saber o comportamento que o filho está tendo em relação à educação sexual. Os pais aceitariam e participariam porque do jeito que está o mundo de hoje isso aí iria cair do céu, você pode ter certeza. Iria ter mais pais numa reunião dessas do que numa reunião bimestral para entrega de notas, principalmente quem tem filha mulher que é muito discriminada. A preocupação dos pais hoje é muito grande em relação a sexo, antigamente era muito difícil você ver uma mãe solteira, hoje tem tantas meninas por aí grávidas com 14 anos. (Mãe da L, 38 anos)

Guimarães (1995) salienta que a família deverá participar ativamente das discussões para se pensar a Educação sexual na escola, e os conteúdos devem brotar de vivências reais na comunidade. Se o educador se afastar da sexualidade vivida pelo aluno, ele incorrerá no erro da doutrinação ou do academicismo vazio.

8. A Escola e os casos de Gravidez na Adolescência

Esta questão teve por finalidade identificar a maneira como a escola tomava conhecimento dos casos de gravidez entre os alunos adolescentes e o modo como a escola estava organizada para lidar com essa problemática. A luz dos posicionamentos do pessoal da escola, procurou-se identificar os fatores que mais contribuem para a gravidez na adolescência; como os alunos envolvidos em situação de gravidez se comportam na escola; como fica o seu rendimento educacional e; quais as maiores dificuldades enfrentadas por eles nesse período

Os depoimentos do pessoal da escola foram agrupados por se considerar que todos dizem respeito à forma como a escola percebe a questão aqui estudada.

TABELA 14 - Distribuição do pessoal da escola quanto ao sexo

SEXO	FREQÜÊNCIA	FREQÜÊNCIA PERCENTUAL
Masculino	14	60,9%
Feminino	9	39,1%
TOTAL	23	100%

Fonte: Pesquisa de Campo, 1999

A tabela 14 aponta que a maioria dos entrevistados da escola pertencia ao sexo masculino, 60,9% enquanto que 39,1% pertencia ao sexo feminino. A maioria das pessoas que compunham a direção da escola pertenciam ao sexo masculino

Eu participaria e acho que muitos outros pais também participariam. Seria como se você estivesse no meio: fica você, a menina e o colégio. O colégio fica como se fosse o seu interprete, falando o que você tem vontade mas não tem coragem de dizer. (Mãe da S, 42 anos)

A maioria dos pais afirmou que participaria e que seria muito interessante se a escola realmente fizesse um trabalho nesse sentido. Os familiares colocaram que a escola estaria demonstrando que realmente se interessa pelos problemas da comunidade. Estaria prestando um serviço muito importante para a sociedade, já que estaria ajudando a família a educar sexualmente seus filhos, um assunto que para eles ainda é muito difícil. Alguns familiares, principalmente os dois pais entrevistados, disseram que apesar da importância do trabalho, eles não poderiam participar muito porque eles não dispunham de muito tempo, porque tinham que trabalhar. A maioria das mães afirmou que participaria porque elas também precisariam aprender mais. Algumas colocaram que seus maridos não participariam ou por falta de tempo ou porque eram muito machistas e não admitiriam que se falasse sobre sexo com suas filhas.

Eu acho que alguns aceitariam e outros não. No caso do meu marido mesmo, ele é muito machista e seria capaz de não ir, de não aceitar que a escola falasse sobre isso com a filha dele. Mas acredito que os que fossem acabariam aceitando, seria bom. (Mãe da W., 44 anos)

Depoimento do pai:

Eu não sei muito sobre esse negócio de escola porque isso ai sempre ficou por conta da mulher. Se fosse no meu caso eu acho que deveria ser conveniente chamar os pais para dar uma orientação. A família teria que aceitar, aqui em casa por exemplo, certamente a mãe dele iria e eu poderia até ir junto, quem sabe? (Pai do W, 52 anos)

No depoimento abaixo, uma mãe, que também é professora, coloca que envolver os pais dentro das atividades da escola não é fácil, mas que seria necessário que a escola iniciasse o trabalho na área de educação sexual com bastante perseverança e responsabilidade:

Todo início é bem difícil, talvez no primeiro momento, nos primeiros anos a participação iria ser bem pouca, mas com o tempo as coisas poderiam mudar muito. A comunidade de Ceilândia é carente, mas é uma comunidade aberta, o que você propõe as pessoas fazem, realizam, participam porque eles também precisam dessa ajuda. Então em um primeiro momento pode vir um, dois, três pais, mas a escola não pode desistir, porque depois vem mais um e outro até se ter uma estrutura montada. (Mãe da S, 35 anos)

TABELA 15 - Distribuição do pessoal da escola quanto à função exercida

SEXO	FREQÜÊNCIA	FREQÜÊNCIA PERCENTUAL
Diretor/vice	2	8,7%
Assistentes	5	21,8%
Coordenadores	2	8,7%
Chefe de Secretaria	1	4,3%
Professores	13	56,5%
TOTAL	23	100%

Fonte Pesquisa de Campo, 1999

A tabela 15 mostra que a maioria dos entrevistados do pessoal da escola era professor, 56,5%. O tempo de serviço desses respondentes apresentava um tempo médio de 5,3 anos.

8.1. Modo como a escola toma conhecimento dos casos de gravidez na adolescência

Quando a aluna começa a dar muito problema de comportamento a gente já pensa que é um problema de gravidez. Normalmente elas mesmas procuram a gente porque elas têm escondido da família. A aluna fica muito agitada, problemática, anda chorando, triste. Elas procuram apoio na escola, principalmente com os professores que elas têm mais confiança e aí tentamos ajudá-las. Outro caso é que elas não conseguem esconder por muito tempo, porque a gravidez vai acabar aparecendo. Nós fizemos uma pesquisa recentemente e em cada sala de aula e, a escola tem 19 salas de aula, tinha uma média de uma ou duas garotas grávidas. O número é bastante elevado. E o que é de impressionar é que a gravidez hoje não é mais dos coleguinhas, porque antigamente elas se envolviam com os próprios colegas, mas hoje a gente nota que são de pessoas bem mais adultas do que adolescente. (Diretor da escola)

O depoimento do diretor demonstra que, muitas vezes, a escola fica sabendo da gravidez pelos próprios adolescentes, que o procura para conversar sobre o caso. Assim como outros depoimentos coletados, evidencia que o adolescente envolvido em situação de gravidez geralmente fica mais isolado, mais triste. Alguns professores apontaram que, no caso das meninas, elas geralmente começam a passar mal, a chorar, a se isolar mais, a faltar às aulas. No caso dos meninos, geralmente eles começam a conversar mais, a dar mais trabalho. No que se refere ao conhecimento dos casos dos alunos do sexo masculino envolvidos em situação de

gravidez, a maioria dos respondentes afirmou ser mais difícil identificar esse casos, uma vez que a gravidez não é evidente, enquanto que nas meninas é facilmente visível:

Adolescente grávida em sala é o que mais tem, quer dizer, nós até que estamos passando por um momento agora nesse final de ano que não estamos tendo tantas alunas adolescentes grávidas, mas há e já foi muito pior. Foi pior ainda quando nós tínhamos a 8ª série aqui, todas as salas tinha uma ou duas adolescentes grávidas, era um absurdo. Eu sou muito popular entre os alunos e no bate-papo e mesmo em sala de aula eu acabo sabendo dos casos. Geralmente elas falam meio sem jeito, mas a gente acaba conversando. Eu tenho mais casos nos primeiros anos do que no terceiro ano. Com os meninos é mais difícil identificar porque entre fazer o filho e assumir é outra questão, mas alguns assumem. (Professor de Ensino Religioso)

A maioria dos depoimentos apontou que a escola geralmente toma conhecimento da gravidez através dos próprios adolescentes envolvidos em situação de gravidez ou de seus colegas. Eles costumam comentar o fato com alguém da direção ou com algum professor. Muitas foram as respostas que afirmavam que eles tinham sido as primeiras pessoas com quem o adolescentes tiveram coragem de conversar sobre a gravidez:

A aluna procura a gente, uma vez uma me procurou e a barriga nem estava aparecendo ainda, ela tinha abertura comigo e antes mesmo de falar com os pais ela veio falar comigo sobre o que eu achava que ela deveria fazer. (Assistente Pedagógico)

Alguns dos respondentes afirmaram que tomam conhecimento da gravidez através dos atestados, da licença à maternidade. Um professor chegou a comentar que teve um caso de uma aluna que ele só veio saber da gravidez quando ela retornou da licença à maternidade, segundo ele, em alguns casos elas escondem demais a gravidez e como são muitos alunos, fica difícil identificar. Esta constatação evidencia um certo descaso por parte de alguns professores em relação a gravidez, omitindo-se no seu papel como educador. Evidencia que o professor não conhece os seus alunos e que não acompanha o seu desenvolvimento global como pessoa humana. Alguns professores se justificaram e colocaram que o tempo de contato com os alunos é muito reduzido e que isso acaba dificultando geralmente a abertura para um diálogo mais aberto entre professor-aluno no que se refere a essas questões:

O nosso contato maior é em sala de aula, são 50 minutos e nesse tempo a aluna não chega para conversar com você sobre isso e nem você tem a liberdade de chegar nela. A orientação que a gente dá, normalmente, é dentro da matéria de biologia, onde a gente trabalha muito a sexualidade, principalmente no 1º ano. O maior índice de gravidez ocorre no 1º ano. Quando elas chegam eu procuro orientar, mando elas procurarem um médico. Normalmente eu acho que a orientação é mais familiar nesse aspecto. (Professora de Biologia)

8.2. Modo com a escola estava organizada para lidar com a gravidez na adolescência

A escola não tem um trabalho nesse sentido, normalmente a aluna é encaminhada para conversar com a vice-diretora pelo fato dela ser mulher, então há uma maior interação. Mas um trabalho especificamente não há. (Assistente Pedagógico)

Todos os entrevistados responderam que a escola não dispõe de um trabalho planejado de assistência ou orientação aos alunos envolvidos em situação de gravidez. Uma das medidas mais apontadas pelo pessoal da direção foi encaminhar a aluna para conversar com a vice-diretora da escola ou então com o diretor. Entretanto, a vice-diretora afirmou que a escola precisava contar com o apoio de um orientador educacional para realizar esse trabalho de assistência, não apenas aos alunos como também às suas famílias e aos próprios professores. Ela acredita que esse trabalho poderia não somente apoiar os alunos que já estavam vivenciando o problema como também para preveni-lo:

Nós não temos um orientador educacional, então basicamente nós chamamos a aluna para conversar e muitas vezes ela não se abre da primeira vez e agente persiste até que ela fale, mas é lógico que nós não temos a formação de um orientador educacional, nós temos aquela formação de mãe, professor, mulher, homem... O orientador poderia fazer um trabalho de orientação porque em casa eles não têm. A família muitas vezes não está preparada para isso ou então trabalha muito e acaba não tendo tempo para ouvir os filhos e eles sentem muita falta de uma pessoa que os ouça e eu acho que a escola poderia fazer esse papel também... Quase sempre sou eu que chamo as meninas para conversar ou então o diretor que também faz isso muito bem. Eu sempre pergunto se elas estão seguindo orientação médica, se estão tomando alguns cuidados com alimentação, em ir ao médico. (Vice-diretora)

Grande parte dos professores entrevistados ressaltou que procurou orientar na medida do possível, uma vez que existem muitas limitações. Os dois depoimentos abaixo evidenciam a procedimento tomado por dois professores junto aos alunos envolvidos em situação de gravidez:

Como a gente tem pouco tempo para lecionar a disciplina, nos poucos contatos eu procuro dar uma orientada no sentido de falar que filho precisa de carinho, que não é brincar de boneca, que vai dar trabalho, mas que depois você acaba gostando. O que me preocupa mais com relação a gravidez na adolescência é que geralmente eles não têm uma mentalidade formada do que é ser mãe, do que é ser pai, aí acabam achando que é brincar de boneca e aí quando o menino chora ele não quer brincar mais. Muitas vezes essas adolescentes acabam passando a responsabilidade para suas mães e elas é que vão cuidar da criança. Geralmente é a avó que acaba criando os filhos dessas adolescentes e isso não é muito legal. (Professor de História)

O procedimento que vou adotar vai depender da aluna ou do aluno. Teve uma que me procurou e abriu o caminho para que eu tentasse ajudá-la. A família do rapaz queria obrigá-la a juntar-se com o pai do seu filho, não havia amor e tal. Então eu a orientei para que ela conversasse com os pais dela, que ela não deveria construir uma família que viesse a estragar a vida do bebê, dela, do rapaz. Eu procurei então conscientizar, sendo criança ainda ou não ela tem que tomar uma decisão a partir do momento que ficou grávida. A gente busca conversar quando há abertura. (Professora da Português)

Alguns professores reclamaram do modo como a escola estava lidando com os adolescentes envolvidos em situação de gravidez, principalmente, com as adolescentes que tiram a licença maternidade. Segundo eles, por não ter um trabalho muito planejado para lidar com essa clientela a escola acaba facilitando demais a vida dessas alunas na escola. Acreditam que a escola deveria estabelecer prazos mais rígidos para a entrega de trabalhos, exigir maiores responsabilidades dessas alunas, avaliar os trabalhos com critérios mais firmes. Colocaram que essas alunas acabam tendo certos privilégios em relação aos colegas e que por isso, só reprovam quando desistem de voltar para a escola após a licença:

Eu adoto o que a FEDF manda a gente adotar, que a aluna vai ficar em sala até quando consegui, depois vai ganhar neném e eu vou e passo trabalho para ela fazer. Só que eu não gosto disso não, porque a aluna que está grávida é privilegiada na escola e gravidez para mim não é doença, ela pode muito bem vir assistir aula. Essa aluna acaba sendo privilegiada porque ela não reprova, ela recebe um trabalho e pronto. Copia tudo e... Eu converso muito pouco com elas porque meu tempo é muito curto e não dá. (Professor de Química)

Por outro lado, alguns professores admitiram que encaram a gravidez de seus alunos adolescentes com a maior naturalidade. Outros afirmaram que não faziam nada frente à situação e que não sabiam o que deveriam fazer. Outros colocaram que esses adolescentes se isolam muito e que por isso eles preferem não se aproximar, não fazer nada, optando pela omissão frente a situação. O depoimento abaixo nos leva a refletir sobre qual deveria ser o real papel do educador frente a uma a aluna adolescente grávida:

Quando eu sei que uma aluna está grávida eu não faço nada. A maioria das alunas que estão grávidas, elas mesmo se discriminam, ficam no canto da sala, não chegam na gente. Eu mesma tinha uma aluna grávida que só vivia reclusa, só ela e uma amiga dela, não davam espaço para mais ninguém. Elas são muito fechadas, muito. Então eu prefiro ficar na minha. (Professora de Matemática)

A observação participante mostrou que a gravidez entre as alunas adolescentes da escola é motivo de preocupação também para outros dos sujeitos da escola, tais como: porteiros,

auxiliares, bibliotecárias. Ao demonstrar sua preocupação com o fato, a porteira da escola colocou em uma conversa informal:

Eu tenho tanta pena destas meninas, elas não têm com quem deixar os filhos em casa, por isso trazem a criança para a escola. Eu tento ajudar, quando posso eu cuido dos bebês aqui mesmo no portão, seguro eles enquanto elas fazem as provas, mas não é sempre que dá. (Porteira da escola)

8.3. Fatores que mais contribuem para a gravidez na adolescência

Na minha opinião, atualmente é a mídia. Eu creio que a mídia está sendo a principal responsável, principalmente porque se colocam programas que não passam por um determinado crivo educacional, psicológico de qualidade e isso dá a entender que a gravidez na adolescência é algo natural, normal. Eu acho que não há uma preocupação técnico-científica ou educacional para abordar a questão dentro da mídia. Há uma inversão de valores, a mídia passa uma idéia de que o adolescente tem que ter direitos à liberdade, às suas decisões, é certo que ele deve ter isso sim, mas precisa de limites também. Como o adolescente está testando os limites, os valores sociais, culturais, essa visão deturpada de valores a partir da mídia acaba influenciando e prejudica o seu desenvolvimento. (Professor de Filosofia)

A influência dos meios de comunicação, principalmente da televisão, a inversão de valores, a desestruturação familiar e a influência de amigos foram apontados como os fatores que mais contribuem para a gravidez na adolescência, no ponto de vista do pessoal da escola. Muitos colocaram que a vida moderna tem contribuído para que os pais tenham pouco tempo para acompanhar o desenvolvimento dos filhos, para dialogar com eles, para impor limites. Isso tem feito com que muitos jovens tenham uma liberdade sem controle e sem responsabilidades. Alguns salientaram que, outro fator que contribui bastante para a gravidez, é a curiosidade do adolescente que, geralmente, o leva a iniciar-se na vida sexual de modo muito imaturo e precoce. Colocaram também que informações deturpadas, principalmente, aquelas passadas pelos colegas e pela televisão, também acabam contribuindo para que tantos adolescentes se envolvam em situação de gravidez:

A informação errada e a perda dos valores familiares. Antigamente os valores eram mais concretos e hoje a sociedade tem perdido esses valores e isso tem feito com que as pessoas decaiam socialmente. Eu citaria por exemplo os valores familiares de respeito mútuo; até mesmo em termos religiosos; de limitação, da pessoa saber os seus limites, a época que pode, a época que não pode, da pessoa saber o seu lugar de criança, o seu lugar de adolescente. O lugar de adolescente por exemplo, ou melhor, a época certa para se engravidar não é na adolescência, a adolescência é época para estudar, para ter lazer. A gravidez só deveria vir depois dos vinte anos, quando você já terminou os estudos, já viveu sua época de criança, de adolescente, já está na juventude, é por aí. (Professora de Sociologia)

A situação financeira das famílias e a carência de informações também foram apontadas como alguns dos fatores contribuintes. Foi colocado que, apesar de muitos adolescentes hoje saberem se prevenir das doenças e da gravidez, ainda tem uma grande parte que não sabe. O problema, segundo os respondentes, é que os adolescentes não encontram espaço para perguntar para a família porque teme a reação dos pais e também não tira as dúvidas na escola porque esta não tem dado a abertura necessária e não está preparada para atendê-lo nessa questão. Assim, a desinformação por parte das famílias e, até mesmo, dos próprios jovens ainda são fatores que contribuem bastante para a gravidez na adolescência:

A miséria que está instalada em todas as famílias. Há sempre alguém com certo poder aquisitivo que se aproxima das famílias e acaba se aproveitando da situação. O básico é principalmente o fator econômico. São famílias muito pobres, muito carentes, muito necessitadas. Também há a falta de informação com relação ao estudo sobre sexo e tudo mais, porque se poderia evitar essa gravidez se tivessem um conhecimento adequado. (Diretor da escola)

No depoimento abaixo a professora ressalta o aspecto financeiro dos jovens como um dos fatores que têm contribuído bastante para a gravidez precoce. Muitas vezes, o jovem deixa de comprar o método contraceptivo por não ter condições de comprar:

Desinformação, principalmente nessa região aqui de Ceilândia. Os adolescente aqui são extremamente, não diria atrasados, mas desinformados com relação ao sexo seguro, com camisinha, apesar da gente trabalhar muito essa parte e da televisão também mostrar muito isso aí. Agora, um dos problemas é que elas não têm dinheiro para comprar a pílula, para ir a um ginecologista e outras não tem nem condições, tempo para ir para um Posto de Saúde e passar um tempão lá tentando uma consulta com um ginecologista. (Professora de Biologia)

8.4. Modo como os alunos envolvidos em situação de gravidez na adolescência se comportam na escola

O comportamento varia de aluna para aluna, as alunas dos 3º anos por exemplo procuram muito mais os professores, correm atrás mesmo, já com as alunas dos dois primeiros anos não é a mesma coisa porque elas sabem que ainda vão ter o 2º e o 3º ano... Então elas não ligam muito, deixam de estudar, faltam muita aula, acabam sendo muito prejudicadas em termos de notas no final do ano. O comportamento delas fica completamente diferente porque elas passam a não se preocupar mais com os estudos, elas passam a se preocupar apenas com a sua gravidez. Elas acabam achando que a escola vai acabar dando um jeito para passar. Elas vêem o professor como amigo e sabe que ele vai ajudar, que ela vai poder levar o filho para sala, que vai poder fazer trabalho, uma série de coisas. Talvez seria bom até que o professor não fosse tão amigo porque essa amizade acaba sendo prejudicial na vida educacional e até mesmo profissional do aluno, ele vai terminar o 2º grau sem o conhecimento necessário. (Professora de Sociologia)

Todos os respondentes afirmaram que a gravidez provoca uma mudança de comportamento do adolescente dentro da escola, principalmente, nas meninas, uma vez que o caso delas é mais perceptível. Entretanto, os entrevistados divergiram em relação à mudança. Alguns afirmaram que a mudança de comportamento vai depender da série que a aluna está fazendo, outros, que vai depender se na família dela o caso já não é recorrente. Disseram também que vai depender se elas estão recebendo apoio ou não da família e/ou dos parceiros. O depoimento abaixo aponta que essa mudança vai depender também, no caso das meninas, do período da gravidez em que elas se encontram:

Elas têm um comportamento normal até determinado mês de gestação, depois daquelas que são mais danadas, mais bagunceiras passam a ficar mais sossegadas, eu acho que até pelo peso da barriga e tudo mais. As que são quietinhas continuam assim, isso no comportamento físico. Agora no comportamento psicológico a gente vê que há um amadurecimento, com a maior parte, não todas. Algumas dessas adolescentes nem ligam, falam que a irmã já ficou, que outra já ficou, então já é um caso recorrente na família, então essas vêem a situação de um modo mais natural, mas outras não, essas tomam um choque e assumem uma postura mais séria. (Professor de História)

Os entrevistados colocaram que, na maioria dos casos, as meninas começam a faltar muito, ficam muito agitadas em sala. Ficam mais sensíveis, choram por qualquer motivo e apresentam um forte desequilíbrio emocional. Tal comportamento ocorre geralmente, no início da gravidez, quando ela ainda está vivendo uma fase mais conflituosa com a família. Muitas usam roupas folgadas durante toda a gravidez e procuram disfarçar e esconder até o último instante; outras já procuram mostrar que estão grávidas e que não estão nem aí para o que os outros pensam, ficando até mais agressivas e evitam tocar no assunto:

Ela tenta levar uma vida normal mas no fundo é uma coisa só de exterior, lá dentro mesmo fica tudo quebrado. Tenta se posicionar igual aos outros para tentar não dar na cara que está mal. (Assistente Pedagógico)

Nos dois depoimentos abaixo, são retratados a diferença do comportamento geralmente apresentado na escola pelos adolescentes do sexo feminino e masculino envolvidos em situação de gravidez:

Elas mudam o comportamento sim, no sentido de que elas não podem mais fazer as coisas que faziam, agir da forma que agiam, havendo uma auto-repressão e com isso o convívio acaba se limitando. Com os meninos é diferente porque geralmente isso não chega à escola, eles vão ser pais e acabam vivendo isto em outro contexto, no âmbito mais familiar e acaba não chegando aqui, principalmente porque no caso deles a gravidez não é evidente (Assistente Administrativo)

Elas se comportam de uma forma mais séria, até se aplicam mais. A pessoa é obrigada a amadurecer precocemente. As alunas parecem se esforçar mais e a tentar mais do que antes. As alunas ficam mais abaladas emocionalmente, choram muito. Os primeiros meses são muito difíceis para elas, muito mesmo. É uma pressão muito grande estar envolvido com uma gravidez na adolescência. Eu tenho um aluno que é o pai do filho de uma das minhas alunas que está grávida. O peso sobre o rapaz é menor, mas esse rapaz ficou abalado. Ele ficou assim porque ele gosta muito da moça e porque a mãe dele está obrigando que eles morem juntos e eu acho que ele também não quer isso. Ele gosta da moça mas não sabe se é a pessoa com quem ele queria viver para o resto da vida. Agora ele está normal, se no início ele ficou sério, agora ele voltou a fazer as malandragens que ele fazia antes. De vez em quando ele diz que não fez um trabalho porque estava nervoso porque a namorada está grávida, ele usa até a situação para se justificar, mais do que ela. (Professora da Português)

8.5. Rendimento educacional dos/as alunos/as envolvidos/as em situação de gravidez na adolescência

O rendimento cai bastante. Eu tenho uma aluna, inclusive uma boa aluna, que depois que ficou grávida o rendimento começou a declinar e depois que teve o filho o rendimento ainda caiu mais ainda. Ela me disse que não tem mais tempo para estudar, que tem que cuidar do filho. Eu tive uma aluna que perdeu dois bimestres, primeiro porque ela estava de licença à maternidade, depois porque quando ela voltou para a sala o bebê adoeceu e ela pegou um atestado, então. Na minha opinião há um grande prejuízo educacional porque o professor começa a passar trabalhos extras, acaba sendo uma coisa muito negativa educacionalmente, mas o governo quer que a gente passe de qualquer jeito, faz todo um sistema para a aprovação. Isso é negativo porque a aluno cria uma expectativa de que você vai ajudá-lo de qualquer forma, que você vai passar trabalhos, que ele vai passar. (Professor de Filosofia)

A exceção de dois entrevistados, todos os demais afirmaram que a gravidez provoca uma queda significativa no rendimento educacional dos alunos envolvidos, principalmente, no caso das meninas que, além da gravidez, ainda têm o período da licença à maternidade. Alguns colocaram que as alterações hormonais ocorridas durante a gravidez também colaboram para que a adolescente tenha uma queda de rendimento, uma vez que ela passa a sentir mais sono, enjoos, calor. Por outro lado, no depoimento a seguir o professor coloca que a gravidez contribuiu para que algumas de suas alunas se esforçassem mais nos estudos e, por isso, o rendimento delas acabou melhorando:

O rendimento melhora porque elas têm que fazer trabalhos, se interessam mais. Sabem que têm que ser mais responsáveis, que vão precisar mais dos estudos... Também elas podem levar o trabalho para casa e tudo mais. Algumas acabam se esforçando mais do que os outros alunos.. Agora tem umas que não estão nem aí, se apoiam nos trabalhos e levam a coisa por aí. Pensam que estão grávidas e que por isso vão passar mesmo. Algumas melhoram bastante depois que voltam da licença. (Professor de Física)

Alguns dos entrevistados enfocaram que a questão do rendimento tem que ser analisada mensalmente:

Com relação ao rendimento escolar nós temos que colocar por meses. No caso, o que eu percebo na questão do rendimento é que quando ela vem para a escola o rendimento continua o mesmo, agora já a partir do 7º mês, quando a barriga já está mais pesada, já é mais difícil a locomoção e ainda junta o calor, o frio, o sono, aí elas começam a faltar e o rendimento cai, é natural porque não existe a presença na sala para acompanhar o conteúdo, então cai. Quando ela ganha a criança, ela entra de licença à maternidade e aí ela vai ser avaliada com trabalhos indiretos e às vezes com uma prova já no final da licença. Da experiência que eu tenho é que as adolescentes que engravidaram e não desistiram passaram... A licença ajuda bastante, uma coisa é você ter a avaliação em sala de aula, a assiduidade, a participação, outra coisa é você fazer um trabalho, que muitas vezes, é a cópia do livro, muitas delas, simplesmente copiam. Mas eu tenho também uma aluna que ficou grávida e que só tirou um mês da licença porque achava terrível esse negócio de fazer trabalho, porque não aprende nada. Tem aquela questão de fazer o trabalho sem ter a explicação, sem saber como resolver. Pode até copiar, mas não sabe o que está fazendo. São poucos os casos de alunas que tiram os 4 meses, geralmente elas voltam antes, assim que já melhorou, que a criança já está mais forte. Muitas trazem a criança no carrinho para a sala de aula, os professores têm que aceitar isso também, às vezes têm sala aí que a gente tem 3, 4 carrinhos com crianças porque sabe que se não deixar elas não vêm, então seria um prejuízo maior ainda. Então, a questão do trabalho em si, geralmente prejudica na aprendizagem, mas ajuda muito elas a passarem ,ajuda muito. (Professor de História)

A maioria dos professores entrevistados denunciaram que, muitas das adolescentes grávidas, acabam utilizando a gravidez para conseguir mais regalias dentro da escola. Mais uma vez surge uma certa insatisfação do professor com o modo como a escola está lidando com a licença à maternidade. Alguns apontaram que o período da licença à maternidade é muito longo, e que apesar de reconhecer a sua legalidade e importância, acaba sendo muito prejudicial para a aprendizagem da aluna. Reclamaram do fato de que, muitas vezes, eles acabam sendo indiretamente pressionados para facilitar a vida da aluna, favorecendo para que ela passe de ano. Estaria a licença possibilitando a desonestidade? Qual deveria ser o papel da direção da escola e dos próprios professores frente a essa questão? A licença incomoda a todos ou apenas a alguns professores? Esse parece ser um problema que merece ser discutido e resolvido a partir de discussões com o próprio coletivo da escola.

Outros professores colocaram que, depois que o filho nasce, é que a situação se complica, sendo que, muitas vezes, a adolescente traz o filho para a sala de aula, o que acaba sendo prejudicial, até mesmo, para a concentração dos outros colegas e do próprio professor:

Em termos de rendimento acadêmico, a maioria é baixo, alguma ou outra consegue se salvar, mas a maioria não. O que ocorre é que essas alunas grávidas colocam muito a gravidez como um ponto para conseguirem notas. Elas sabem que a gente tem que dar uma atividade para elas, então, geralmente os professores dão trabalho e é muito fácil você passar de ano com trabalhos praticamente durante o ano todo. Então elas vão levando como se não quisessem nada porque sabem que em um determinado ponto elas vão conseguir recuperar devido aos trabalhos que vão ser passados. Foi justamente por isso que a outra aluna desistiu porque nós decidimos que iríamos dar provas e não trabalhos, então ela desistiu, disse que não viria mais. Por que não vem mais? Ela tem condições de estudar em casa, ela tinha tirado a licença antes de ganhar o neném, ela estaria em casa sem fazer nada. Por que ela não poderia pegar o livro e estudar? Ela disse que não vinha, que não iria estudar também mais não. (Professora de Matemática)

Observou-se que alguns professores se sentem muito incomodados com a presença dos filhos das alunas em sala de aula. Uma professora colocou o seguinte posicionamento em um Conselho de Classe onde foi levantado o caso de uma adolescente que estava trazendo o filho para a escola:

Essas meninas tinham era que criar vergonha na cara, se cuidar mais. Agora o que não dá é elas ficarem trazendo essas crianças para a sala de aula porque isso atrapalha não só a ela como aos colegas. Fica complicado dar aula com um bebê chorando na sala. (Professora)

Posicionamento de outro professor:

Apesar de atrapalhar um pouco eu não me importo muito porque sei que esse é um único jeito que elas encontraram de não abandonar a escola. Só que a escola poderia encontrar um meio de fazer com que as crianças tivessem um lugar para ficar enquanto as mães assistem as aulas. Muitas escolas por aí já estão fazendo isso. (Professor)

Os professores, principalmente, aqueles das áreas de exatas, reclamaram que essas alunas não levam os estudos à sério. Não estudam para as provas enquanto podem e depois ainda esperam que os professores passem trabalhos simples para que elas possam ser aprovadas facilmente. Provas, nem pensar!

Os professores colocaram que o rendimento do menino geralmente cai também, principalmente no início da gravidez, quando ele ainda está muito envolvido com a fase da descoberta, sem saber se vai assumir ou não, sem contar ainda com o apoio dos pais. Depois o rendimento vai se estabilizando e, muitas vezes, volta ao normal. Uma das professoras entrevistadas colocou que um de seus alunos adolescentes, cuja namorada estava grávida, chegou a pedir, várias vezes, para que ela compreendesse a situação dele, para que ele passasse uns trabalhos para melhorar suas notas que tinham caído muito devido aos problemas que ele estava

enfrentando. Ela verificou junto à secretaria e percebeu que realmente as notas dele tinham caído muito. Ela afirmou que acabou compreendendo uma vez que a gravidez não afeta apenas a vida das mulheres, mas dos homens também.

8.6. Dificuldades que o adolescente enfrenta dentro e fora da escola

Primeiro é o próprio despreparo para ser mãe, para ser pai, justamente porque a gravidez já está vindo em um momento inesperado, pois ainda são adolescentes. Um jovem nessa idade não tem aquele prepare principalmente se ele for simplesmente um estudante que não trabalha e que depende estritamente da condição da família. Este jovem ainda não tem a estrutura para suportar a posição de mãe. Então acontece que a adolescente de 12,13,14, 15 anos fica grávida e quando ela dá a luz, quem é que vai segurar a barra dela? Quem vai criar o filho dela? A mãe, a avó? Então a adolescente, muitas vezes, acaba praticamente se isentando de uma responsabilidade que até então passaria a ser estritamente dela. (Coordenador Pedagógico)

Os respondentes apontaram a rejeição da família, o preconceito dos colegas e a imaturidade para ser pai/mãe como as maiores dificuldades enfrentadas pelos adolescentes envolvidos em situação de gravidez:

A princípio é aquela rejeição, até mesmo da família pelo fato de não ter sido uma coisa programada e além disso, muitas vezes, pelo fato da adolescente não ter ainda uma certa concepção de vida, uma ideologia formada. Ela vai queimar uma etapa da vida dela e isso vai gerar uma série de transtornos, inclusive no meio que ela convive porque vai ver suas colegas, vai ver que não aconteceu com elas e vai se ver diferente das colegas e vai criar um preconceito com relação a ela mesma, vai passar a ter limitações... (Assistente Administrativo)

Na família é inicialmente a rejeição, que eu acho que faz parte do processo natural e que ela é até importante neste contexto, mas essa rejeição com o tempo é trocada pelo amor. É claro que isso vai depender muito da formação religiosa e moral da família, uma vez que esta questão moral está ligada ao grau de educação que essa família tem. Quando a família já está mutilada moralmente no que diz respeito à berço cultural e moral, quando os pais não têm o mínimo de bom senso, são ignorantes quanto aos fatos a rejeição é muito mais grosseira e chega até a gerar desligamento da família mesmo que seja por um certo período. Na sala de aula também a princípio há uma certa rejeição, ainda que mais disfarçada, essa rejeição ocorre principalmente se o aluno não é bem entrosado e se dá mais sob o aspecto moral. (Assistente Pedagógico)

A dificuldade financeira também foi apontada por muitos dos entrevistados. A maioria afirmou que as meninas são mais recriminadas e cobradas que os meninos. Geralmente levam toda a culpa pela gravidez:

A maior dificuldade que eles enfrentam é financeiramente e até mesmo a discriminação. Embora a gente fale que nossa sociedade seja uma sociedade liberal, ela ainda é muito preconceituosa com as mães solteiras. Os meninos, geralmente, não assumem muito o papel de pai, eles acham que a culpa é só da menina porque ela não se preveniu. A sociedade esquece que se a menina podia ter tomado um anticoncepcional o menino também poderia ter usado uma camisinha, então, no geral a culpa é acarretada só nas meninas e não nos meninos. Elas acabam sendo discriminadas pela família, pelos colegas porque elas passam a não fazer mais parte daquele grupo, se você fazia parte de um grupinho na sala, quando você volta da gravidez você não faz mais porque aquele grupo não tem responsabilidade, na maioria das vezes, e como ela já tem um filho ela já passa a ter mais responsabilidade. Na maioria das vezes essa pessoa toma-se mais responsável, agora, tem outras que colocam esse filho para a mãe, para os pais dela cuidar, até mesmo porque não tem as condições financeiras para manter. (Professora de Sociologia)

Por outro lado, alguns professores acreditavam que tanto os adolescentes do sexo masculino quanto do sexo feminino envolvidos em situação de gravidez enfrentam dificuldades, principalmente, devido à cobrança da família. Denunciaram que muitas famílias só são presentes na hora de cobrar, porque para dialogar e orientar elas nunca dispõem do tempo necessário:

Todos enfrentam dificuldades, seja menino ou menina, todos passam pelos mesmos problemas. Logo de cara com a família, ela nunca é presente, só é presente na hora de falar que a pessoa a traiu, que a pessoa deixou de atender, que sujou o nome da família. Depois vem a questão de sala de aula, na sala de aula é difícil, fica todo mundo comentando, os alunos das outras turmas ainda criticam mais, quando é da própria sala eles têm até mais cuidado. (Professor de Ensino Religioso)

Alguns professores enfatizaram que aqueles adolescentes que estão desempregados, que não contam com o apoio da família, dos parceiros e dos amigos encontram mais dificuldades. Muitos deles chegam até mesmo a abandonar a escola. De acordo com a maioria dos entrevistados, as dificuldades se acentuam após o nascimento da criança, principalmente no caso das meninas. Algumas delas são expulsas de casa, não contam mais com o apoio dos parceiros e têm que deixar a escola para trabalhar e cuidar sozinha do filho.

9. A Escola e a sua percepção de Educação Sexual

Nesta questão buscou-se identificar o modo como pessoal da escola percebia a sexualidade; como abordava as questões ligadas à sexualidade dentro da escola e, como entendia a educação sexual. Buscou-se também, identificar se o pessoal da escola tinha conhecimento da Lei que torna obrigatório a inclusão da educação sexual no currículo das escolas de Ensino Fundamental e Médio do Distrito Federal, o posicionamento do pessoal da escola a respeito da

inclusão da educação sexual no currículo; a quem caberia a responsabilidade da educação sexual dentro da escola; se os profissionais encontravam-se preparados para trabalhar na área; se a FEDF tem oferecido oportunidades de aperfeiçoamento na área. Finalmente, buscou-se identificar se a educação sexual poderia atuar como mecanismo de prevenção da gravidez na adolescência e, o que compete à escola e à família no que se refere à educação sexual dos adolescentes.

9.1. Concepção da escola acerca da sexualidade humana

Eu acho que o rapaz e moça têm sua sexualidade individual e todos nós temos. A fase da adolescência é a fase da descoberta, descoberta das diferenças de sexo, onde começam aparecer os seios, os pêlos, a transformação hormonal. É uma descoberta e eles não sabem como lidar com essa descoberta, os meninos por exemplo, quando começam a mudar a voz eles evitam até falar ou participar em sala; as meninas também sentem toda a transformação. A sexualidade para mim é uma coisa muito bonita e que pouca gente sabe dar valor a sua sexualidade, a sua intimidade, até mesmo por uma questão social, de costume mesmo. As pessoas não vêem a sexualidade, ela fica sempre em décimo plano, não se comenta em casa, não se fala e aí a pessoa passa essa transformação tão importante na sua vida, sem saber curtir, sem se gostar. Eu acho que sexualidade é a primeira forma da gente começar a se gostar, a gostar do seu corpo, a sentir que você é uma mulher, que você é um homem. (Vice-diretora)

Sexualidade é uma coisa que está presente em nós todos os dias, desde o nascimento até a morte. (Professor de Educação Física)

A maioria dos entrevistados respondeu compreender a sexualidade humana como algo que faz parte da vida da pessoa e que está presente em todos os momentos. Alguns colocaram que a sexualidade está ligada ao autoconhecimento, à capacidade de conhecer o seu corpo, aos seus sentimentos, os seus desejos e os seus limites. Entretanto, muitos colocaram que a sexualidade é geralmente compreendida apenas no seu aspecto biológico, esquecendo-se de suas outras funções:

A sexualidade também envolve um aspecto da cidadania e é nesse ponto que eu encontro uma lacuna, um problema. Tem se dado muita ênfase à sexualidade enquanto elemento biológico, de determinação da libido, de apropriação e desenvolvimento dessa libido e é justamente na adolescência que ela aflora e alcança a sua maior potencialidade. O problema é que esquecem os outros elementos. Tem se dado muita abertura à sexualidade no sentido biológico, mas têm-se errado ao esquecer de abranger os limites sociais, o padrão psicológico e social da sexualidade. (Professor de Filosofia)

No depoimento abaixo, o coordenador pedagógico da escola coloca que a sexualidade humana está ligada também à educação e à personalidade da pessoa:

Estaria contida dentro da sexualidade a sua opção de vivência sexual e a partir do momento que você fez sua opção e de como você vai se aplicar a essa opção, ou seja, qual o tipo ou grau de relacionamento que você quer ter com outras pessoas, se está na hora, a forma como isto deve ser feito. A sexualidade envolve a educação, a sua opção de escolha, a forma em que você se aplica a isto e está intimamente ligada ao seu eu, à sua personalidade, à sua forma de escolha para tocar sua vida em relação a opção de vida ou de escolha que você fez. (Coordenador Pedagógico)

Outros porém, disseram que a sexualidade está voltada para o aspecto biológico da pessoa, às manifestações do corpo e da capacidade reprodutiva:

É o conhecimento do corpo, da sua capacidade de se reproduzir, conhecimento das suas sensações, dos seus hormônios. (Professora de Biologia)

Alguns entrevistados afirmaram que não sabiam falar muito de sexualidade e que eles só conseguiam relacionar sexualidade com sexo. Alguns dos professores entrevistados afirmaram que a sexualidade é algo que ligado à padrões morais e que deve controlar o comportamento humano. No depoimento abaixo a professora afirma que hoje essa questão está muito promíscua e acaba fazendo uma pequena confusão entre a concepção de sexualidade e relação sexual:

Eu vejo que atualmente essa questão está muito promíscua, não é mais fazer amor, é fazer sexo e não é por aí. Sexo é uma coisa muito séria, que pode gerar uma nova vida, então tem que ser uma coisa bem preparada que não pode ser feita aleatoriamente. (Professor de Geografia)

Conforto et al. (1998) salienta ser salutar repensar o papel de cada segmento da sociedade, no caso os educadores encarregados da formação integral do indivíduo, na busca de mudanças e no entendimento da sexualidade humana. A educação em sexualidade pode e deve ser compreendida como uma das alternativas de mudanças socioculturais, no sentido de oferecer, aos indivíduos, instrumentos mais conscientes no preparo para a vida. Entretanto, é importante que a escola compreenda a sexualidade de modo integrado e em todas as suas dimensões.

9.2. Modo como a escola traía as questões ligadas à sexualidade

Sempre que a gente pode a gente trás palestras, os professores de biologia trabalham também em sala sobre sexualidade, menstruação e até levam material, principalmente no 1º ano, nos 2º e 3º não, pois nestas séries fala-se mais de genética, mas também tocam nesse ponto. Acho que o 2º ano é que não trabalha com essa questão, não tem esse assunto no conteúdo, mas o 1º e o 3º ano trabalham. A escola tem falhas com relação à sexualidade, com relação a tudo isso, eu acho que o discurso deveria ser muito mais aberto, mais divulgado. Se

tivéssemos uma orientadora aqui ela poderia nos ajudar muito, porque muitas vezes a gente não sabe como lidar com essas situações. (Vice-diretora)

Os assistentes e os coordenadores pedagógicos afirmaram que a escola não tem abordado a sexualidade dentro do seu currículo, salvo alguns trabalhos realizados pelos professores de biologia e algumas palestras que a escola havia promovido para os alunos sobre DST/AIDS. Disseram que a escola não tem trabalhado com esse tema porque não dispõe de profissionais especializados na área, porque a grade curricular não dá abertura para a inclusão do tema e, porque os professores ainda não estão preparados:

A gente não tem nenhum projeto, nada para trabalhar a sexualidade na adolescência, pelo menos eu não sei, do tempo que estou aqui eu nunca vi. Eu acho que ocorre assim: a aluna está lá e se ela sente vontade de conversar com o professor ela conversa ou não, a escola não interfere muito na vida do aluno. O trabalho é muito individual e cada professor aborda essas questões da forma que acha mais conveniente, não tem nenhum projeto da escola nesta área. (Coordenadora Pedagógica)

Os depoimentos dos professores confirmaram o depoimento dado pela coordenadora pedagógica. A maioria afirmou que a escola não está muito aberta e preparada para lidar com as questões relacionadas à sexualidade, mas que eles acabam abordando o tema direta ou indiretamente dentro de sala. Nos depoimentos abaixo, os professores apontaram o modo como acabam incluindo o tema dentro de suas áreas de conhecimento:

Eu sempre procuro abordar essa questão porque eles têm necessidade. Em História, por exemplo, a gente tem a questão do crescimento familiar, da questão econômica. Tudo que se passa na televisão eles estão fazendo. A questão do sexo na televisão é muito fácil, se você observar os programas que são assistidos, principalmente no mundo feminino você vai ver que são as novelas. Você vê nessas novelas que um cara está deitado com uma mulher aqui e no outro capítulo ele já está com outra. Então você tem que fazer com que eles percebam que não é bem assim, que eles podem querer uma coisa diferente. (Professor de História)

Quando a gente está trabalhando com população, controle de natalidade a gente sempre fala que não pode haver a gravidez precoce, que pessoas com idade inferior a 18 anos devem evitar ter filhos, apesar disso estar acontecendo tanto ultimamente. Antes as pessoas casavam mais cedo, com 13,14 anos e tinham um número maior de filhos, mas a gente fala que a situação hoje está diferente. Quando a gente fala de controle de natalidade a gente faz até uma comparação entre os países desenvolvidos e os que não são. Então a gente fez uma comparação sobre o porquê deles terem menos filhos, que eles sabem da responsabilidade de se ter filhos, que o governo controla e aqui já tudo mais solto e as dificuldades são maiores. (Professora de Geografia)

Alguns professores acreditavam que a escola não está dando a devida importância para as questões da sexualidade dos adolescentes, deixando de perceber que ao trabalhar com a sexualidade ela estará trabalhando também com questões relacionadas à violência, à cidadania. No depoimento abaixo o professor aponta que os próprios alunos têm apontado as relações entre sexualidade e limites:

Essa questão já começa em Platão, ele tem um livro, chamado 'O Banquete', que é justamente sobre o amor. Há um mês atrás por exemplo eu discuti com eles a questão da violência na adolescência e eu pedi para que eles fizessem uma dissertação sobre a questão da violência entre adolescentes e surgiram vários trabalhos que relacionando violência e sexualidade, foi muito interessante. Teve uma adolescente de 15 anos, por exemplo que colocou que a questão da violência e do problema da sexualidade exagerada do jovem hoje está ligada à falta de limites, ela colocou que eles têm muito, mas não têm limites para saber agir. Na minha opinião a questão da sexualidade está sendo mau tratada pela escola e olha que ela está diretamente relacionada com a questão da violência que também acaba sendo mau tratada, com a questão da impunidade, com a desorganização geral de determinados padrões morais que vêm sendo tidos como ultrapassados. (Professor de Filosofia)

Martínez & Pascual (1998) salientam que a sexualidade, como a afetividade, o caráter ou a personalidade, constitui um aspecto essencial da pessoa, um aspecto ímpar, do qual não se pode prescindir no momento de estabelecer um programa educativo integrador que também vise abranger a pessoa em todas os seus aspectos e contribua para unificar todas as suas dimensões. Por isso, faz-se necessário abordar o tema em todos os seus aspectos, partindo de múltiplas perspectivas: biológicas, psicológicas, afetivas, sociais, culturais, éticas, religiosas, higiênico-sanitárias e outras. Os autores acreditam que, se o tema não for tratado levando em consideração todos esses pontos de vista, corre-se o risco de obter uma visão simplista e fragmentada da realidade.

Alguns professores enfatizaram que apesar de procurar abordar o tema, percebiam que os alunos ainda encontram dificuldades para falar sobre sexualidade em sala de aula, principalmente quando o professor ainda não tem muita intimidade com a turma:

Sim, eu já abordei várias vezes esse ano, só que eles não se sentem muito abertos para falar sobre sexualidade. Agora no quarto bimestre por exemplo eu falei sobre sexualidade e muitos alunos ficaram tímidos para comentar. Eles fizeram grupinhos de meninos e de meninas para comentar. Eu acho que eu falo muito aberto sobre sexualidade e muitas pessoas ficam com vergonha, mas não deveriam ficar porque a sexualidade é tão importante para nossa vida quanto ter, comer, beber. É importante porque se a pessoa está bem, feliz na sua vida afetiva, nas demais coisas também estará. Agora se a pessoa vai mal na vida, o humor. Tem pessoas que se tronam até agressivas quando não deixam se sobressair

a sua sexualidade, elas ficam assim porque se prendem muito, às vezes, até por causa da família. Eu abordo a sexualidade de um modo mais geral dentro da disciplina, falo que para exercer a sexualidade você tem que se conhecer antes, que é muito importante tanto para o homem quanto para a mulher conhecer-se a si mesmo, o seu corpo. A relação entre a sexualidade e a Sociologia é enorme até porque a sexualidade é um espaço social, real e às vezes é muito constrangida pela nossa sociedade. Isso porque a nossa sociedade é muito preconceituosa embora se fale que é liberal, as pessoas então ainda não têm aquela abertura para a sexualidade. (Professora de Sociologia).

A professora de biologia salientou que o tema faz parte do seu conteúdo e que ela trabalhou bastante com seus alunos, entretanto, reclamou que o tempo é muito curto para abordar um conteúdo tão extenso:

Esse ano eu trabalhei muito com vídeos explicativos sobre fecundação, com cartazes, com panfletos, com leituras, mostrei como se colocava a camisinha, fizemos uma Feira de Ciência onde estavam expostos todos os métodos anticoncepcionais, até a camisinha feminina. Trabalhamos também as doenças sexualmente transmissíveis. Mas não dá para trabalhar muito porque o tempo é curto e o conteúdo é muito extenso. Então agente aborda mais é o conteúdo mesmo, a parte biológica. (Professora de Biologia)

A partir de conversas informais com outros professores de biologia observou-se também que o conteúdo ligado à sexualidade era abordado apenas à luz dos aparelhos reprodutores e dos métodos contraceptivos, sendo que alguns ainda arranjavam um tempo para abordar as doenças sexualmente transmissíveis. Todos disseram que era muito conteúdo e que não dava para ficar falando muito sobre o tema, por isso abordavam mesmo só a parte biológica.

Conforto et al. (1998) colocam que os currículos escolares já incluem temas relacionados à saúde sexual e reprodutiva. Geralmente esses conteúdos encontram-se nos programas de ciências, variando a profundidade e abrangências, de acordo com a série para qual são oferecidos. Não é raro o professor de ciências não estar à vontade para falar sobre sexualidade e talvez, seja esse um dos motivos que expliquem as restritvidades do tratamento do assunto ao campo da biologia, sem que haja espaço para uma reflexão mais problematizada sobre sexualidade. Para os autores, o próprio pragmatismo da abordagem biológica tende a encobrir os valores subjetivos ligados ao significado do sexo na vida das pessoas. Neste caso, os professores precisam estar preparados para debater, polemizar, lidar com tabus, tirar dúvidas e não explicar a sexualidade somente pelas suas propriedades biológicas.

No depoimento abaixo, a professora afirmou que fala de temas ligados à sexualidade quando quer chamar a atenção dos alunos, mas que não inclui muito o assunto dentro da sua área;

Eu não saberia te dizer muito bem, mas a maneira mais fácil de você conseguir com que um aluno associe um conteúdo é fazendo uma ligação entre o conteúdo e uma sacanagem, ou seja, ao sexo. Se você fala em sexo ele nunca mais esquece aquele assunto, é fundamental. Agora parar para trabalhar essa questão mesmo, eu não tenho parado, eu não tenho trabalhado não. Eu até falo que é muito bom você sentir um desejo por alguém, mas que não pode ser uma coisa desvairada, sem controle, tem que se ter consciência, saber o que se quer da vida, não se tomar vulgar. Eu trabalho com redação, às vezes eu sugiro temas que de certa forma estão relacionados, como casamento. (Professora da Português)

Grande parte dos professores respondentes afirmou que não aborda o tema em sala de aula; ou porque considera que o tema não tem muita ligação com o seu conteúdo, ou porque o tempo da hora aula é muito curto; ou porque os alunos não dão abertura; ou até mesmo porque não gostam de falar sobre o assunto. Tais situações serão retratadas nos depoimentos a seguir;

Eu não abordo essas questões em sala de aula. É muito difícil, eu acho que a maior facilidade seria com o professor de biologia, mas para o resto dos professores seria muito difícil. Primeiro porque o tempo é muito corrido e a gente tem aquele cronograma. Além disso, os próprios alunos não gostam de falar, têm vergonha, não são maduros para falar sobre isso. Se alguém fala por exemplo sobre uma coisa dessas na sala eles abrem um olho maior que o mundo, eles acham até que o professor está mudando de assunto, são até capazes de chegar em casa e falar que o professor só quer saber de sexo, só quer falar sobre isso. Esse assunto poderia até entrar na minha matéria, nas questões de dados, mas teria que ser feito um trabalho conjunto com outro professor, por exemplo, um professor de português daria um texto e nós iríamos trabalhar juntos. Os alunos iriam ler o texto na aula de português e depois iriam tirar os dados do texto na minha aula, para nós trabalharmos. É lógico que eu poderia dar o texto, mas texto é um problema porque a gente tem 50 minutos em sala de aula e não tem como fazer isso. Não dá porque o currículo exige que a gente dê aquela matéria, o que ocorre é que essa exigência não deixa a gente expandir a sua matéria. O conteúdo não dar espaço para a gente falar de assuntos atuais. (Professora de Matemática)

A minha disciplina é na área de exatas. Essa trabalho para mim é mais difícil do que para um professor de história, sociologia, biologia que são disciplinas mais humanas. (Professor de Física)

Conforto et all. (1998) denunciam que as resistências em lidar com problemas relacionados à sexualidade, ou mesmo, à resistência em reconhecer que se trata de um problema, só agravam seus efeitos. As dificuldades encontram-se internalizadas na sociedade e, de certo modo, refletem-se nos comportamentos de risco; sexo sem segurança, sem prevenção. Os autores

ênfatizaram ser premente a construção da compreensão que comportamentos sexuais sádios são construídos no interior de processos de aprendizagem dos indivíduos.

Uma professora admitiu que não aborda as questões ligadas à sexualidade, mas que essa é uma falha:

Eu não abordo muito essas questões em sala de aula, mas eu acho que é uma falha, pois a gente sabe que os nossos alunos são adolescentes e que eles precisam saber mais sobre isso aí. (Professora de Inglês)

Os PCN de 5^a a 8^a série (Brasil, 1998) determinam que se a escola deseja ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário reconhecer que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar e que engloba as diversas dimensões do ser humano.

9.3. Concepção de educação sexual

É você ensinar a pessoa a conhecer o seu corpo, a se amar primeiro, a se ver como uma pessoa que pode amar alguém. É ensinar a pessoa a se valorizar para que ela possa valorizar alguém e para que possa escolher o que realmente quer e o que pode lhe fazer feliz. (Assistente Pedagógico)

Muitos dos entrevistados concebiam a educação sexual como algo que vai contribuir para o crescimento e para a valorização da pessoa humana; uma educação que vai dar mais oportunidades para que a pessoa possa optar conscientemente por uma vivência sexual mais responsável e feliz:

A educação sexual é você fazer com que o aluno amadureça, com que ele entenda que a sexualidade da pessoa não está voltada só para o sexo, que ela não descobre a sexualidade dela só quando ela transa pela primeira vez, ela descobre a sexualidade a partir do momento que sente alguma coisa no corpo, que ela sente as diferenças. E sexualidade é você mostrar para o educando ele em relação ao corpo dele e também os benefícios ou as conseqüências e até mesmo os malefícios que o sexo pode trazer para a vida pessoal. (Coordenadora Pedagógica)

Vitiello (1997) salienta que o processo da educação sexual é bastante amplo, abrangente e complexo, compreendendo uma série de fases. Esta educação deveria estar voltada para a formação de atitudes referentes à maneira de viver a sexualidade. O autor questiona o porquê de existir tantas gestações indesejadas e tantas doenças sexualmente transmissíveis nos dias de hoje, já que existem tantos métodos eficientes de prevenção e conclui que não se trata

apenas de falta de informação nem exclusivamente por falta de acesso a esses métodos. O que falta é uma atitude, é um comportamento coerente de utilizá-los. O processo educativo deve então, propiciar ao educando um crescimento de dentro para fora, com base num processo reflexivo.

Alguns professores enfatizaram que a educação sexual contribui para que a pessoa compreenda a sexualidade em todas as suas dimensões. Contribui para que o jovem deixe de ver a sua sexualidade apenas a partir das suas ligações com a prática sexual. A educação sexual é vista por muitos como algo que vai além da informação e da prevenção. Colocaram ainda que a educação sexual é uma preparação para a vida devendo contar com todo um embasamento técnico e humano e ocupar um espaço privilegiado na vida da pessoa. Ressaltaram também que a educação sexual é aquilo de que a sociedade precisa para resgatar os valores e a estruturação da família. A educação sexual é vista também como um fator contribuinte para a formação plena do cidadão:

É ensinar a pessoa a compreender a sua sexualidade. Mas não é ensinar porque a pessoa já tem um corpo de mulher ou um corpo de homem, só basta usar a camisinha que ela já pode praticar sexo. Eu sou completamente contra isso. Isso não é a resolução, não se pode colocar a camisinha como a salva-guardas de todas as coisas. Na minha opinião essa é uma forma de educação errônea, é uma educação simplória. A educação, na verdade, é uma preparação para que uma determinada virtude seja desenvolvida na pessoa, para que ela saiba encontrar o meio termo, para que ela saiba agir ética e moralmente dentro de um padrão mediano. Como a educação é um preparo para o homem ser um cidadão, visto que ele é um ser político. Se o homem é um ser político, o preparo dele tem que ser para ele ser um cidadão e a sexualidade também entra nesse ponto da cidadania. Estou falando da educação para tornar-se um cidadão, é algo muito mais amplo. Como cidadão o adolescente vai saber que a sua sexualidade quando utilizada de modo precipitado vai provocar efeitos pessoais e comunitários, principalmente entre aqueles que o conhecem. Tanto é que as pessoas não se preocupam com a questão de controle de natalidade e não percebem que isso aí é uma situação muito séria porque veja, uma adolescente que não está bem preparada no sentido que eu estou colocando, vai perder muitas possibilidades futuras: vai ficar difícil para ela fazer uma boa universidade; o filho vai estar crescendo e ela não vai poder estudar, trabalhar. Então ela acaba sendo levada para uma sub-posição social e financeira. (Professor de Filosofia)

Netto (no prelo) salienta que, além de transmitir a informação rigorosamente científica, a educação sexual deve, sobretudo, fomentar atitudes positivas em relação à dimensão 'sexual', que é constitutiva do ser, e que portanto, é necessariamente vivida. O que possibilita comportamentos baseados no respeito a si próprio e ao outro, na responsabilidade pela conduta sexual e na capacidade de realizar escolhas livres, conscientes e autênticas. A educação sexual é vista pela autora como um dos principais caminhos para uma efetiva mudança de atitude.

O depoimento do diretor aponta a educação sexual como aquela educação que deve ter por finalidade colocar os jovens no "caminho correto":

A educação sexual é colocar os jovens no caminho correto, saber lidar com seu corpo, saber entender melhor das funções do seu corpo. Mas não podem ser educados por pessoas que não tenham também essa educação, que não conheçam realmente o assunto. Porque normalmente eles não aprendem em casa pela dificuldade da família e outros são tímidos e não perguntam aos seus professores, mas aí vão aprender na rua, com colegas que às vezes, também não têm a orientação para isso, não têm o conhecimento suficiente. Eu continuo dizendo que falta ainda privilegiar essa área na educação da juventude. (Diretor da escola)

No depoimento abaixo, o professor salienta que a educação sexual está ligada à vida e que portanto, ela não deve reprimir e nem inibir ninguém:

São um conjunto de práticas educativas que visam uma melhor compreensão da sexualidade humana, não é inibir, nem fazer terrorismo com ninguém. É demonstrar que o sexo é uma prática bela, que é bom, mas que há necessidade de se cuidar uma vez que a idade é muito importante nisso aí. Lembrando que a educação sexual está intimamente ligada à vida, se alguém pega uma DST mais simples as coisas podem se resolver, é só ir à farmácia e comprar um remédio que o médico passa, agora se pega uma AIDS, não resolve não, aí você dança. Eu trabalho também com a questão sexual do homem e não só da mulher porque na realidade o homem também pode sair prejudicado, dependendo do caso, ele é que vai ter que pagar uma ou mais pensões alimentícias. (Professor de Ensino Religioso)

Netto (no prelo) lembra que a educação sexual inicia-se com o nascimento e prolonga-se por toda a vida, acompanhando e adequando-se ao processo de desenvolvimento individual. Sendo de responsabilidade de todas as instâncias que interferem na educação global do indivíduo, particularmente, da família e da escola.

Muitos professores ressaltaram que a educação sexual deve estar voltada também para a questão da prevenção e dos limites, mostrando que o sexo é algo positivo, mas que pode trazer malefícios ou benefícios para a vida da pessoa:

Os alunos pensam que é aula de sexo, mas a educação sexual é valorizar e mostrar para o aluno a sua sexualidade. É tentar orientar o aluno para o que seja a sexualidade, sobre os limites, os desejos, os prazeres, sem deixar de lado o fator da prevenção. A gente fala em gravidez, mas a gente não pode se esquecer das doenças sexualmente transmissíveis, talvez o combate à essas doenças esteja até contribuindo para a prevenção de casos de gravidez na adolescência e outras coisas mais. A grande campanha do uso da camisinha como forma de prevenção à AIDS deve estar prevenindo a gravidez de modo indireto. Na aula sobre educação sexual deve se mostrar também as conseqüências disso aí, de como é a vida de um aluno que é pai ou mãe adolescente, deve mostrar que a sexualidade tem o seu preço, se vai acontecer ou não isso vai ficar a critério deles, que eles têm um livro arbítrio para usar como bem entender, cabe a nós apenas orientar. (Professor de Física)

Alguns colocaram que a educação sexual seria uma preparação para a vida. Portanto, deve contar com todo um embasamento técnico e humano e ocupar um espaço privilegiado na vida da pessoa. A educação sexual seria aquilo de que a sociedade precisa para resgatar os valores e a estruturação da família. Os professores de Geografia e de História ressaltaram que a educação sexual poderia contribuir também para o controle das taxas de natalidade nessa faixa etária. Para outros professores, a educação sexual serviria para resgatar a auto-estima do aluno, prevenindo até mesmo o uso indevido de drogas e possíveis envolvimento em situações de risco.

Werebe (1998) salienta que a educação sexual é indispensável para ajudar as crianças e os jovens a integrar a sexualidade positivamente na personalidade, a contribuir para que possam realizar projetos de vida pessoal e social como seres sexuados. Chama a atenção para o fato que a educação sexual não é uma panacéia que poderá resolver sozinha, com um golpe mágico, todos os problemas relativos à vida afetiva e sexual das crianças e jovens. Segundo a autora é preciso se ter em mente de que todas as ações educativas têm um poder limitado e que seus efeitos se fazem sentir muitas vezes a longo prazo, se houver continuidade no trabalho.

9.4. A escola tem conhecimento da obrigatoriedade da educação sexual ?

Eu ouvi falar, li a respeito da Lei em algum lugar, mas talvez no ano 2000 isso seja colocado para a próxima etapa. Esse ano está terminando e não tem mais como fazer nada com os currículos. Vamos ver se no próximo ano isso seja colocado realmente em pauta e a gente possa trabalhar com mais assiduidade isso aí. A escola deve ter essa Lei por aí, talvez lá com a secretaria, eu não tenho certeza, mas nós não fizemos nenhum trabalho ainda com ela. (Diretor da escola)

Eu já ouvi comentários, mas não tenho conhecimento dessa Lei aqui na escola não, a não ser que a parte pedagógica ou a direção tenha discutido Ela, talvez isso possa ter ocorrido. Eu acredito que têm disciplinas no núcleo comum da educação geral que poderia até ser trocada por uma educação sexual, por uma educação de trânsito, etc. Eu acho que tem que se fazer uma alteração efetiva no currículo da educação geral, tem matérias que podem realmente sair e outras que têm que entrar de qualquer jeito. A nova LDB com certeza vai contribuir para essa mudança, pois ela deixa um espaço de 25% para novas disciplinas. (Chefe de Secretaria)

Os depoimentos acima retratam as respostas da maioria dos entrevistados e evidenciam que a escola não dispunha da Lei, ou pelo menos, que nunca havia discutido sobre

ela coletivamente. O diretor acreditava que a Lei estivesse na Secretaria e o secretário acreditava que a direção tivesse a Lei. Parece inacreditável! O diretor na função de gestor educacional precisa assumir a sua parcela de responsabilidade no cumprimento da Lei. Entretanto, como irá fazê-lo se continuar por negligenciar, até mesmo, a sua existência na escola?

A maioria dos entrevistados colocou que já tinha ouvido falar sobre Ela através da televisão, de jornais ou de colegas de outra escola. Nenhum afirmou que havia tomado conhecimento da Lei dentro da escola ou que já tivesse discutido sobre o assunto em alguma coordenação pedagógica:

Eu nunca li essa Lei não, eu já ouvi falar que vai ser incluída no currículo escolar e tal, mas até agora, nada. Eu nunca participei de um estudo, de nada sobre isso e olha que só este ano eu já trabalhei em mais de 3 escolas públicas. (Professora de Artes Plásticas)

No depoimento abaixo a professora tomou conhecimento da Lei através dos seus alunos do Ensino Fundamental, que passaram a cobrar que os professores trabalhassem realmente com a questão em sala de aula, na época em que souberam da sua aprovação:

Tenho conhecimento sim, mas nunca a li, não sei bem qual é o seu conteúdo. Eu fiquei sabendo da Lei através dos meus alunos da outra escola. Eles sabem que a lei existe, eles ficaram sabendo na época em que foi aprovada. Eles perguntavam se no próximo ano eles iriam ter aula de educação sexual, mas a gente nunca sabe. Eu nunca li a Lei e eles cobram muito. Eu me lembro inclusive que os alunos que me cobraram foram alunos de 7^a e 8^a série, em outra escola que trabalhava ainda. Eu acho que eles cobram porque eles mesmos acham que isso é bom para eles. Eu acho que a educação sexual deveria ser oferecida desde a 5^a série. Se fosse assim, quando ele chegasse na 8^a em diante ele não teria mais vergonha de perguntar. (Professora de Matemática)

Alguns professores afirmaram que não tinham conhecimento da Lei, mas que consideravam importante a sua existência. Entretanto, colocaram que a Lei deveria ter sido mais divulgada junto às escolas e que a escola precisa de suporte técnico e humano para tornar a Lei em realidade. Apenas a vice-diretora afirmou já tinha lido a Lei, mas afirmou que tinha feito isso na outra escola onde ela havia trabalhado e que não havia discutido com mais ninguém sobre o assunto.

9.5. Posicionamento da escola acerca da inclusão da educação sexual no currículo

Eu sou totalmente a favor da obrigatoriedade da inclusão da educação sexual no currículo escolar. Tudo que venha para o crescimento da pessoa eu sou a favor,

mesmo que seja obrigado. Se deixar à vontade, vai acontecer o que está ocorrendo. O critério que eu coloco é que deve ser para o crescimento e aprendizado do aluno, para que ele possa viver melhor com sua própria vida. Que esses pesos que ele carrega hoje até por falta de informações deixem de existir e ele possa ser mais feliz na vida, que possa inclusive usar sua sexualidade de maneira tal que não tenha o risco de uma gravidez indesejada, não tenha o risco de um filho indesejado, de uma AIDS, ou de uma outra doença sexualmente transmissível que esteja em evidência. Se ele tiver informações ele vai evitando. Pela nova LDB nós temos 75% de matérias de núcleo comum e 25% são optativas para ser colocadas pela própria unidade de ensino. Dentro desses 25% é que teria a possibilidade de incluir a educação sexual no currículo do ensino médio. Precisamos pensar nisso aí no ano que vem. (Diretor da escola)

Todos os respondentes se posicionaram a favor da inclusão da educação sexual. O depoimento acima demonstra que o diretor acredita ser possível incluir a educação sexual no currículo, principalmente, devido à nova organização curricular proposta pela LDB. Reconhece o grande potencial da educação sexual como forte mecanismo de prevenção da gravidez, de doenças sexualmente transmissíveis. Como algo que possa contribuir positivamente para o crescimento do aluno.

Muitos dos entrevistados colocaram que, antes de se iniciar esse trabalho na escola, faz-se necessário a preparação e qualificação dos profissionais da escola na área de educação sexual, com vistas a inclusão do tema dentro dos projetos da escola:

A princípio teria que ter profissionais capacitados para poder ministrar a disciplina, nesse sentido ele faria toda uma programação em torno do assunto. Como não existe a disciplina, teria que ser montado um Projeto Educacional, onde se faria todo um apanhado junto aos professores e a todos os segmentos da comunidade escolar. Com isso haveria uma maior projeção e assimilação por parte de todos e ficaria mais fácil colocar a educação sexual em todo o contexto. (Assistente Administrativo)

Eu sou a favor. Atualmente quem tem trabalhado essa questão é a professora de biologia, mas eu acho que deveria ser um trabalho de todos os professores, pegar um momento para fazer um projeto onde todos pudessem trabalhar e não só um professor. Se existisse esse projeto teria como eu trabalhar o tema, de alguma forma teria. (Professora de Inglês)

Ainda com relação ao modo como deveria ocorrer a inclusão da educação sexual no currículo, houve muitas divergências por parte dos respondentes. Uns afirmaram que não deveria ser algo obrigatório, mas opcional, outros afirmaram que deveria ser obrigação apenas do professor de biologia; outros que deveria ocorrer dentro de um contexto interdisciplinar e outros, de modo contextualizado. Alguns desses pontos divergentes podem ser observados nos depoimentos abaixo:

Sou a favor, mas acho que a inclusão da educação sexual na escola deveria ocorrer dentro de um contexto interdisciplinar, não somente para um professor específico, mas para que todos os professores tivessem um preparo para lidar com o tema regularmente ou pelo menos uma vez por semana. Se fosse só com um professor o trabalho poderia perder o sentido, ficar vazio, por isso o trabalho precisa ser acompanhado de outros agentes. (Assistente Pedagógico)

Sou completamente a favor da inclusão da educação sexual na escola, porque a orientação é o ponto chave para uma boa definição em relação à sexualidade. A inclusão deveria ocorrer dentro de uma disciplina com um professor preparado para aquilo, sem induzir ou levar o aluno a nada, tem que deixá-lo à vontade. Deveria ser criado um programa com todas as turmas da escola. (Assistente Pedagógico)

Como disciplina eu sou contra, agora se for contextualizada tudo bem. Eu acredito até que isso já seja feito, a gente sempre está falando, mas não é feito com muita orientação, cada professor faz o que lhe vem à cabeça, não existe um projeto da escola. Eu acho que a FEDF poderia até mandar pessoas para falar com os professores, com os meninos, com as meninas, para ajudar nesse sentido. (Professor de Física)

No depoimento abaixo, o coordenador pedagógico retrata a opinião de muitos dos entrevistadas. Ele aponta que a educação sexual deveria ser incluída ainda no currículo do ensino fundamental e não apenas no ensino médio:

Eu vejo que deveria começar lá nas categorias de base, ou seja, ainda no 1º Grau. Deveria haver, eu não sei se uma disciplina, mas como eu já falei, uma janela em várias disciplinas para que esse assunto conseguisse ser debatido, mas é claro, dentro do grau de compreensão do aluno. O que seria: que os alunos do 1º Grau viessem tendo esse acompanhamento até a nível de 2º grau. (Coordenador Pedagógico)

A professora de biologia abordou a importância de a escola ter o material didático para trabalhar com o assunto em sala de aula:

Eu sou a favor da inclusão. A priori, a FEDF deve muito em termos de material didático. Hoje em dia já se tem muitos mapas sobre o corpo humano, sobre o aparelho reprodutor, eu acho que a gente deveria trabalhar mais o visual ao invés do falatório que fica muito cansativo. Os professores até que são muito criativos quando vão dar esse tipo de matéria, trazem fita de vídeo que fazem com que o aluno veja a questão. Eu acho que falta material. (Professora de Biologia)

Alguns dos professores entrevistados afirmaram que não estavam esperando por uma definição da escola nessa área. Uma vez que os alunos precisavam de conhecimentos sobre sexualidade, eles já estavam trabalhando a educação sexual em sala de aula, dentro de suas áreas de conhecimento, ainda que de modo isolado, fora de uma proposta coletiva da escola.

Verardo, 1989 citado por Guimarães (1995), acredita que a educação formal, através de disciplinas como biologia, psicologia, informação sexual, atua de modo a reforçar os fragmentos. Ressalta que temas como: aparelho respiratório, circulatório e reprodutor, são examinados como se não tivessem nada uns com os outros a não ser uma justaposição quase mecânica. Esse ser fragmentado não se integra num todo, que é a pessoa.

9.6. A quem caberia a responsabilidade de trabalhar com a educação sexual na escola ?

Primeiramente à direção da escola porque ela é a ligação da escola com a FEDF, então a ela cabe essa ligação e com essa ligação cabe ao professor aproveitar isso aí para levar o aluno para as atividades promovidas pela escola, incentivar e fazer com que o aluno realmente participe porque muitas vezes o aluno tem até vergonha de participar. A direção tem que saber mobilizar todo mundo para esse trabalho. (Professor de Física)

Com relação à responsabilidade de se trabalhar a educação no currículo escolar, os respondentes divergiram bastante. A grande maioria afirmou que o trabalho deveria ficar a cargo do professor de biologia ou de algum outro profissional da área de saúde; outros acreditavam que caberia ao orientador educacional, a um psicólogo ou a um especialista em educação sexual para desenvolver esses trabalho na escola. Uma parcela significativa afirmou que deveria ser responsabilidade de todos os profissionais da escola, de todos os professores. Outros enfatizaram que deveria ser de responsabilidade dos professores de ensino religioso, educação física e artes e, alguns ressaltaram que caberia, primeiramente, à direção da escola, como pudemos observar no depoimento acima.

O diretor da escola pontuou que apesar de não existir nada institucionalizado, a responsabilidade de trabalhar a educação sexual na escola tem ficado a cargo do professor da área de biologia:

Como não existe hoje institucionalizado essa disciplina é o professor de biologia que tem feito um trabalho excelente nessa área com fotos, textos, etc. Tem trabalhado em sala de aula realmente, todos os professores de biologia. Se existisse essa disciplina teria professores específicos para a área, para isso precisaria estar dentro da grade curricular e talvez até os professores de biologia poderiam fazer isso, só que não teriam de cuidar de outros conteúdos mas só dos conteúdos dessa área. Na verdade, todos os professores na sua maturidade de sala de aula têm condições de trabalhar certos temas e eu acho que poderia até ser conveniente também. Mas veja bem, o professor de português não estaria com a matéria afim, um professor de matemática também não. Eu defendo ainda profissionais que pudessem trabalhar com aquela matéria específica, que tivesse preparado e especializado na área, como os professores de biologia e até os profissionais de

saúde que possam vir a contribuir com isso aí. Não adianta por exemplo eu que entendo de eletricidade dar aula sobre sexologia, teria que ser pessoas da área de saúde (Diretor da escola)

Por outro lado, um dos assistentes pedagógico colocou que qualquer profissional da escola pode fazer o trabalho, desde que esteja preparado:

Qualquer pessoa que trabalhe no interior da escola e que se sinta capacitado para trabalhar o tema poderia fazê-lo. Se o governo oferecesse um curso de capacitação qualquer um poderia se capacitar e fazer o trabalho. (Assistente Pedagógico)

O secretário da escola acredita que caberia aos professores de biologia, a profissionais da área requisitados pela escola, à igreja e aos orientadores educacionais:

Primeiro eu acredito que seja a responsabilidade total dos professores de biologia e também de profissionais de fora que nos auxiliem a partir de palestras, com exibição de vídeos, etc. Acredito que a Igreja também pode ajudar a escola nisso aí. Atribuo também uma função de grande importância para os orientadores educacionais, pois acho que o exercício desse papel contribuiria até mesmo para a valorização desse profissional que, às vezes, faz um trabalho totalmente desconectado da própria educação e da sua função. Ele vai mais a fundo e tem meios para poder orientar até melhor do que um professor ou um diretor de escola. (Chefe de Secretaria)

No depoimento abaixo, o professor também ressalta a importância da presença de um Orientador Educacional na escola, uma vez que esse profissional poderia orientar os alunos e mobilizar os professores para o trabalho na área de educação sexual:

Aí está o problema porque a educação sexual é dada muitas vezes por um colega na rua, pela prima, por qualquer pessoa que aparece. Dentro da escola, eu acredito que deveria ter pelo menos um orientador educacional, sexual. Deveria ter pelo menos um profissional para trabalhar nessa área. Eu acho que esse profissional poderia ter um acesso maior a essas pessoas. Agora o que a gente vê dentro da escola é que eles não têm nada, não tem orientação sexual nenhuma. O que tem são algumas conversas com alguns professores, então um professor fala uma coisa e outro fala outra. Eles não têm uma coisa planejada, eles saem buscando opiniões e vão formando seus conceitos. Esse orientador deveria fazer um trabalho integrado com o conteúdo de outros professores. Por exemplo, eu vou pegar biologia que é mais próxima, quando o professor for trabalhar o funcionamento do organismo essa pessoa pode entrar com uma palestra, com uma aula, com orientações de educação sexual. Eu acredito que se você tiver constantemente aquela aula, ela pode até cair em descaso para o próprio aluno, porque vai funcionar como um conteúdo. Eu acho que orientação, a pessoa procura, por isso tem que ter uma pessoa disponível para conversar com ela, essa pessoa poderia ficar em uma sala ambiente mesmo, numa sala onde a pessoa pudesse conversar, ele seria quase um psicólogo. O aluno poderia conversar sobre seus problemas sexuais e aquela pessoa iria escutar, porque, às vezes, quando você está ministrando uma aula você tem uma tendência

a ditar, a falar quase como uma regra e em sexo não existem muitas regras, só o respeito. (Professor de História)

Grande parte dos professores entrevistados enfatizaram que esse deve ser um trabalho coletivo e integrado. Deve contar com o envolvimento de todos da escola, não apenas do diretor, do orientador ou do professor de biologia, mas com todos, desde o porteiro da escola até os próprios pais do alunos:

Ao conjunto de professores, de alunos, todo mundo. Você pode acompanhar por exemplo o que está acontecendo na Inglaterra que é um país de Primeiro Mundo e que hoje enfrenta o maior drama com a gravidez na adolescência. O trabalho deles lá está começando em casa, eles estão remunerando os pais para tomar essa providência e vão multar os pais que não tomarem as providências. (Professor de Ensino Religioso)

O assistente administrativo vai mais fundo em suas colocações e afirma que o trabalho envolve um projeto maior, devendo ser de responsabilidade não somente da escola, mas também da Fundação Educacional:

Eu acho que não estaria voltado só para a escola, é um projeto muito maior que teria que ter um respaldo a nível da FEDF mesmo. A Fundação também é responsável pelo trabalho. Deveria ser uma coisa extremamente estudada e realmente colocada em prática e isso não cabe somente à direção de uma escola ou a um professor específico. Tem que ter esforço conjunto para que se possa colocar a educação sexual em prática. (Assistente Administrativo)

As entrevistas evidenciaram que há uma certa dúvida em relação ao profissional responsável em desenvolver a educação sexual dentro da escola. A grande maioria considera que esta responsabilidade cabe a todos os educadores da escola, afirmando ter facilidade para trabalhar com temas ligados à sexualidade humana, em salas de aula, mas reivindicaram maiores oportunidades de preparação e aperfeiçoamento sobre o assunto.

Vitiello (1997) enfatiza que a educação sexual somente alcançará o ápice de seus objetivos se a escola, como uma instituição, a ela se dedicar. Todos os membros da comunidade escolar devem receber treinamento para lidar com o tema, devem buscar conhecer mais sobre a área, desde o porteiro ao diretor da escola. Para o autor, não é obrigatório, como habitualmente se pensa, que o melhor professor para trabalhar com educação sexual, seja sempre o de biologia, que, aliás está frequentemente muito comprometido com os aspectos biológicos da sexualidade. O educador que vai exercer essa atividade precisa ter uma visão ampla do tema, porque, se o sexo é biológico, a sexualidade é sobretudo cultural. A autora coloca que muitos professores de

biologia têm essa visão e são excelentes educadores sexuais, no entanto, ressalta que a educação sexual pode ser exercida por educadores de qualquer formação, desde que ele tenha uma preparação específica e que conserve perto de si a sua capacidade de amar. Que tenha a coragem de desafiar seus próprios tabus e preconceitos, reconhecendo suas próprias falhas, cultivando em alto grau a tolerância e furtando-se aos julgamentos fáceis.

Werebe (1998) ressalta que todos os professores, qualquer que seja a disciplina que ensinam, que desejam se ocupar de educação sexual e possuem os requisitos principais para desempenhar este trabalho, só precisam receber uma formação especial. A formação dos educadores sexuais deve, pois, compreender uma formação pessoal ao lado da formação científica. A autora também acredita que não se deve atribuir a ação educativa da educação sexual apenas aos professores de Ciências, Biologia ou áreas afins, uma vez que outras áreas (psicologia, psicanálise, sociologia, antropologia, etc) também são indispensáveis para o estudo destas questões. Salienta que, sempre que possível, a educação sexual deve ficar a cargo de educadores que possuem as qualidades necessárias para realizar este trabalho e que receberam uma formação especial no campo. A autenticidade constitui uma das qualidades da qual estes educador precisará. A autenticidade se traduz pela não modificação das atitudes, gestos, tom de voz quando o educador trata de questões sexuais. O educador que não se sente à vontade quando fala de sexo, embora possa dominar os conhecimentos que transmite, reflete nas suas atitudes o seu mal-estar: ora gagueja, ora se põe a gesticular, ora eleva o tom de voz, ora se põe a andar pela classe- atitudes contrárias às que assume normalmente, despertando nos alunos também o mal-estar, a desconfiança em relação à sua coerência.

9.7. Os profissionais de educação encontram-se preparados para lidar com o tema ?

Não tem cursos na área, os professores da nossa escola são professores da escola tradicionalista. É aquela escola antiga, que a gente aprendeu na faculdade, em sala de aula, no quadro negro. Alguns se especializaram, mas não dentro dessa área, tem professor que fez curso, que se orientou, mas com relação à área de sexo eu não conheço nenhum que tenha. Então a nossa escola ainda é uma escola tradicionalista, a gente vai para a faculdade aprender a trabalhar com giz, com apagador e a formação que os professores estão trazendo é essa, é o que as faculdades estão colocando e é o que nós estamos recebendo. (Diretor da escola)

Muitos fariam um trabalho brilhante, mas outros não fariam até porque acham que é só sua matéria que importa e que na sua matéria não tem abertura para nada. Muitos teriam uma certa resistência, mas muitos abraçariam a causa e eu acho que é uma questão da escola colocar mesmo essa questão e que isso seja crescente dentro da escola. Se em um primeiro ano se consegue a adesão de 5 professores, já

no segundo ano serão mais 5 e por aí vai. É um trabalho progressivo, acho que com 3 anos dá para a gente fazer. Mas hoje são poucos os que estão realmente preparados, são poucos os professores que têm alguma formação na área, se tiver, apenas alguns tiveram essa matéria na Faculdade. (Vice-diretora)

A maioria do pessoal da direção considerou que os professores da escola ainda não estavam preparados para trabalhar com a educação sexual em sala de aula. Alguns acreditam que muitos professores se sentiriam inibidos, inseguros. Outros salientaram que as faculdades não estão contribuindo para que os professores tenham contato com o tema nos seus cursos de formação. Alguns afirmaram que talvez só o pessoal de biologia é que pudesse estar preparado, caso contrário, algum outro professor que tivesse feito algum curso de aperfeiçoamento no intuito de "pular barreira":

Se tem alguém com essa formação é a moçada da área de biologia e ninguém mais, a não ser um professor ou outro que tenha feito um curso nessa área para pular barreira como a gente fala na FEDF. Mas penso que de um modo geral não deve ter quase ninguém que tenha esse curso de formação, que esteja preparado, realmente capacitado para isso, a não ser algum professor de biologia. (Assistente Pedagógico)

Os depoimentos dos professores evidenciaram que alguns se consideram preparados, apesar de não terem recebido formação na área, para trabalhar com a educação sexual. Muitos até já o fazem e sentem facilidade para falar sobre sexualidade com seus alunos. Outros colocaram que não estavam preparados e que não sentiam facilidade para trabalhar com a questão em sala de aula. Alguns desses pontos de vista podem ser melhor observados nos depoimentos abaixo:

Eu tenho facilidade porque minha criação, minha família nunca viu o sexo como um tabu. Por exemplo, minha mãe nunca escondeu, nunca teve a história da cegonha. A medida que a gente foi crescendo, as perguntas que a gente tinha curiosidade em saber, que perguntava na rua a gente sempre tinha a liberdade de perguntar para a minha mãe. Na faculdade eu não vi nada que falasse sobre educação sexual, sobre sexo, nada. Como profissional eu nunca fiz nenhum curso nessa área, mas eu acho que é uma coisa que agente necessita. Tem aqueles livros para-didáticos sobre sexo, drogas, eu costumo sempre estar lendo. O professor de biologia também sempre está lendo esses negócios sobre sexualidade, métodos anticoncepcionais e eu procuro sempre está lendo, procurando, mas eu não tenho uma formação. (Professor de História)

A maioria dos professores que afirmaram sentir facilidade para trabalhar com a educação sexual em sala de aula, disseram que essa postura era oriunda da educação que tinha recebido de seus pais quando criança; do gosto pela comunicação, da vontade de conhecer mais

sobre o assunto; da própria experiência de vida. Outros salientaram que a procura dos alunos pela área é intensa o que fez com que eles buscassem se aprofundar mais sobre o tema:

Eu não tenho nenhuma dificuldade para trabalhar com essas questões. Eu acho que o que contribuiu para essa facilidade foi a informação mesmo, eu procuro ler bastante porque eu sei que a qualquer momento eles vão estar me perguntando alguma coisa, porque eles perguntam. Eu ainda não tenho nenhuma formação nessa área, mas eu estou até pretendendo fazer um curso nessa área. A procura dos alunos está me levando a querer fazer um curso na área. A demanda é grande e eu sinto que eu preciso me preparar para isso. (Professora de Artes Plásticas)

A professora de biologia afirmou que não sente dificuldade de trabalhar com o tema, principalmente, porque o seu conteúdo contribui para a abordagem:

Eu sinto muita facilidade para falar sobre esse assunto com meus alunos, eu não tenho o menor pudor para falar sobre sexualidade, eu não tenho vergonha. Eu ajo assim porque a gente tem que fazer com que o aluno se sinta à vontade para falar sobre isso. O que contribui para a minha facilidade é que a própria matéria já exige da gente uma certa desenvoltura, coloca a gente para falar sobre isso, nós temos que nos preparar para dar a matéria. Eu acho que o que mais contribui é a formação que eu tenho, como eu te falei, quanto mais desinformados o aluno, pior vai ser para ele, mais ele vai se sentir preso para falar sobre o assunto, o mesmo acontece com o professor. A gente tem que falar abertamente mesmo. Eles sempre vem perguntar as coisas para o professor de biologia, dificilmente para um professor de matemática. Eles nos procuram porque é nessa matéria que o professor fala sobre o assunto, o professor de matemática, o de química não falam. Eu já participei de duas palestras nessa área porque eu gosto demais. Eu participei de um Fórum pela UNB com a professora Jerusa, eu gostei muito. Participei também de uma outra palestra sobre reprodução pela UNB, eu não me lembro quem foi a palestrante. Volta e meia tem uns panfletos sobre eventos, cursos que vão acontecer na área e a gente tem que participar e como eu me interessou eu procuro sempre participar. Na Faculdade de biologia eu não vi nada sobre educação sexual, especificamente, curricularmente não vi nada, aliás, deveria, porque não são todos os formandos que saem com a disponibilidade para falar desse assunto, muitas pessoas sentem dificuldade para falar sobre o assunto (Professora de Biologia)

Grande parte dos professores afirmaram sentir dificuldades para abordar o tema em suas áreas de conhecimentos. Enfocaram que essa dificuldade era originária de uma educação muito tradicional recebida pela família e pela escola com relação à sexualidade, da falta de preparação na área ou mesmo, porque discordava que sua matéria teria que abordar questões ligadas à sexualidade:

Não sei, acho que tenho um pouco de dificuldade. Eu acho que se alguém vier perguntar alguma coisa a gente até conversa, mas eles não falam muito comigo sobre isso não, acho que não dou muita abertura. Dependendo do aluno, na primeira instância eu fico meio receosa de responder alguma coisa, mas mesmo assim a gente conversa. Quando é mulher é mais fácil, a gente conversa com mais facilidade. Os homens são mais difíceis de chegar e perguntar alguma coisa. O que contribuiu para a minha certa dificuldade de falar sobre esse assunto com meus

alunos foi justamente a falta de educação sexual quando eu estudava. Eu não tive essa liberdade. Eu não tenho a liberdade de conversar sobre isso porque não me deram espaço. Até mesmo com a minha família eu tenho vergonha de falar, tem certos assuntos que a gente não fala, se pintar um problema com a vizinha a gente até conversa, fala, um fala para o outro e tal, agora se não for devido a um problemas desses a gente nem toca no assunto, é muito difícil. Também, eu não vi nada sobre educação sexual dentro do meu curso de formação acadêmica. Depois eu também não fiz nenhum curso na área. (Professora de Matemática)

Conforto et all. (1998), afirmou que quanto mais se reprime o enfrentamento da dificuldade em se lidar com a própria sexualidade, mais se torna complicado lidar com a sexualidade do outro. Conseqüentemente, isso pode agravar as relações interpessoais com as adolescentes grávidas ou com os adolescentes com quadros de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis e/ou AIDS.

No depoimento abaixo, o professor colocou que não trabalhava com o tema porque não concorda que o professor tivesse que trabalhar com a questão da sexualidade, uma vez que os próprios pais não assumem a sua responsabilidade. O professor justificou-se, afirmando que sua metodologia de trabalho não facilita a abordagem de tais questões:

A minha metodologia de trabalho acaba não facilitando esse tipo de abordagem. Eu acho que essa dificuldade acontece porque o adolescente é geralmente tratado de uma forma simplificadora e no final das contas o que você tem são alunos que só gostam de discutir o assunto entre eles mesmos ou vendo na televisão, por aí. Por outro lado eu também sou contra a idéia de se colocar o professor como pai do aluno, isso se procede em muitos casos. Não se pode ter aquela idéia de que o professor tem que tratar de um assunto porque a família não trata. Há uma diferença entre o trabalho do pai e o trabalho do professor. É difícil também essa história de que se tem que tratar do assunto sem tabus, não existe essa história, o tabu é algo social, cultural e vai sempre existir. A questão tem que ser colocada de modo que possa ser analisada dentro de sua total configuração social e não apenas sob o ponto de vista de um microscópio. Na minha formação acadêmica eu não recebi nenhuma formação mais concreta dentro dessa área, a não ser em termos abstratos, a partir de leituras, textos ligados mais diretamente a outros temas. A escola não é o lugar onde você vai obrigar as pessoas a seguir certos padrões morais, você vai colocar os padrões morais para que a pessoa possa seguir aquele que melhor lhe convir. (Professor de Filosofia)

No depoimento a seguir, a professora admitiu sentir um pouco de dificuldade para trabalhar com o tema, entretanto, demonstrou um certo interesse em trabalhar com a educação sexual desde que a escola trabalhasse com a questão a partir de projetos:

Eu não tenho conversado sobre esse assunto. Mas eu acho que só sentiria facilidade se fosse um projeto da escola, neste caso, eu acho que não teria problema algum. Eu acredito que eu não converso por aquele motivo de querer chegar e passar o conteúdo. As vezes eu até converso isoladamente com um aluno ou outro, mas pegar aquele minuto para falar com a turma inteira propriamente sobre o assunto,

não. Acho até que seria válido. A gente não trabalha muito esse assunto por colocar a questão do conteúdo muito em primeiro plano. (Professora de Inglês)

Werebe (1998), ressalta que a formação dos educadores sexuais deve incluir técnicas de discussão em grupo. Tais técnicas devem permitir-lhes, nas sessões de educação sexual, um clima de confiança que favoreça as comunicações no interior do grupo e a expressão livre dos educandos, sem constrangimentos e medos, de suas inquietudes, dúvidas e ignorância em relação à sexualidade. A autora enfatiza que quando o educador não se sente à vontade nas intervenções de educação sexual, ele pode procurar "escapar" desta situação, seja recusando responder às questões "embaraçosas", colocadas pelos alunos, seja fazendo longas exposições com detalhes técnicos que absolutamente não lhes interessam.

No depoimento abaixo, o coordenador pedagógico coloca que um especialista na área ou talvez um orientador educacional, poderia contribuir para que os professores se sentissem mais preparados para trabalhar com o tema:

De repente há professor que até por receio, por inibição não tocam em assuntos relacionados à sexualidade. Acho que se um técnico, um especialista na área viesse a se dedicar aos alunos seria de bom grado também se ele tivesse essa abertura com o professor, porque o professor na realidade ele está habituado a vir aqui e cumprir apenas com a tarefa dele de passar os seus conhecimentos e os seus conteúdos programáticos dentro da sua disciplina. Raramente você vê um professor abrir um espaço dentro da disciplina dele para discutir com um aluno dele sobre educação sexual, sobre sexualidade, sobre problemas dos adolescentes com relação à sexualidade. Tenho certeza de que os professores acertariam a ajuda desse técnico, pelo menos a grande maioria aceitaria conversar, discutir, eu não tenho a menor dúvida disso. Essa pessoa poderia ser um orientador educacional por exemplo. (Coordenador Pedagógico)

Guimarães (1995) aponta que no trabalho com a educação sexual, inicialmente, os professores revelam os sentimentos de adequação ou não para lidar com o tema e que o temor de falar de sexo em sala de aula fica bastante diminuído à medida em que o professor recebe uma preparação especial e tem assessoria constante. Para a autora, só quando o professor se tornar consciente de sua condição para ser educador sexual é que ele poderá efetivamente contribuir para a elaboração de uma comunicação mais fácil sobre a sexualidade humana, possibilitando a criação de materiais significativos para programas de Educação Sexual.

9.8. A FEDF tem oferecido cursos de aperfeiçoamento na área ?

Não, eu não conheço. Na realidade se houve cursos nessa área, pelo menos não chegou ao meu conhecimento, a não ser que promoveu e eu não soube. Agora

temos que admitir que a FEDF tem dado várias oportunidades de aperfeiçoamento em várias áreas, a EAPE está aí promovendo cursos de várias áreas de ensino, com conteúdos variados e é possível que tenha até havido algum curso nesse sentido, mas não que nós aqui tenhamos tido conhecimento ou feito. (Diretor da escola)

Todos os respondentes consideraram que a FEDF não tem dado o suporte necessário para o aperfeiçoamento dos profissionais de educação na área de educação sexual. Muitos colocaram que fica difícil para as escolas cumprirem a legislação se a FEDF não oferece oportunidades para que os seus profissionais se aprofundem na área. Alguns afirmaram que a Empresa (FEDF) tem até oferecido alguns cursos para os professores através da EAPE - Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais em Educação, mas denunciaram que tais cursos são pouco divulgados, com vagas limitadas e muito pouco voltados para a área de educação sexual, principalmente para a sexualidade do adolescente:

Eu acredito que a FEDF não tem apresentado muitos recursos na área, uma vez ou outra a gente vê alguns cursos oferecidos aos professores relativos a esta área ou até mesmo palestras, mas eu acho que deveria ser uma coisa mais direcionada, um projeto maior, com base em uma boa divulgação a princípio. Um trabalho para os Centros Educacionais, Centros de Ensino, uma coisa bem direcionada mesmo e a partir daí começar a implantação efetiva de um projeto, com profissionais nas escolas, com orientação. O Orientador Educacional poderia dar um grande suporte para escolas durante a implantação de todo esse projeto. (Assistente Administrativo)

No depoimento abaixo, o assistente pedagógico pontua que a nova estrutura curricular dá espaço para que a educação sexual seja incluída dentro do currículo, entretanto, ressalta a necessidade de um maior respaldo por parte da FEDF para que essa implantação se concretize:

A FEDF ainda está muito desestruturada para manter um apoio desse dentro da escola. Nós precisamos de um respaldo, de uma abertura da FEDF para fazer esse trabalho, se ela nos fala que nós podemos lançar o conteúdo que ela nos mandará um profissional que vai nos preparar aí fica mais fácil. Agora nós temos 25% de abertura na grade curricular e nós podemos lançar esse tema, mas para isso precisamos de mais apoio da Empresa. O trabalho que você está fazendo na escola com certeza vai servir para que a educação sexual entre dentro desse espaço de 25% da grade curricular, está nos despertando uma vez que você está fazendo o trabalho com a direção, com os professores, com os pais, com os alunos. Isso já está nos fazendo refletir sobre um tema tão importante e que às vezes acaba esquecido. (Assistente Pedagógico)

Um dos assistentes pedagógicos considerou que a FEDF não tem dado a devida atenção à área da educação sexual nas escolas, porque a sociedade e a própria comunidade escolar não tem exigido seus direitos:

A FEDF não tem oferecido a oportunidade necessária nessa área, mas eu acho que a Empresa trabalha com um processo de estímulo e resposta e que só vai dar uma resposta se sentir necessidade disso. Quando alguém grita lá de baixo que está precisando de alguma coisa aí a Empresa vai ter que responder, se ela responde ela está cumprindo o papel dela, agora se não ocorre nenhuma queixa ela também não está sendo omissa não. Eu acho que a Empresa não é culpada diretamente disso aí não, a culpa tem sido da própria comunidade envolvida diretamente com o adolescente por não ter se preocupado em exigir isso da FEDF. Há uma certa acomodação por parte da comunidade e da própria escola que impede a oferta desse trabalho. (Assistente Pedagógico)

Os professores entrevistados colocaram que a FEDF não tem privilegiado essa área e que por isso não pode cobrar que seus profissionais trabalhem com o tema em sala de aula. Muitos salientaram que a FEDF deveria oferecer mais incentivos para que os professores procurassem se aperfeiçoar. Colocaram que, muitas vezes, há até um certo interesse dos professores para se aperfeiçoarem, mas que não são todas as escolas que os liberam para fazer os cursos. Os professores afirmaram ainda, que o sistema da FEDF não tem contribuído para o aperfeiçoamento de seus profissionais. Outros afirmaram que não tinham vontade de fazer cursos na área. Alguns afirmaram que estavam buscando informações sobre cursos que seriam oferecidos na área, ainda que fora da Empresa, na Universidade de Brasília, no Instituto de Ciências Sexológicas e Orientação Familiar - ISOF e outros. Grande parte dos respondentes afirmou que a FEDF deveria contribuir para que as escolas sensibilizassem seus professores para a importância da educação sexual nas escolas, dando condições para que eles pudessem fazer um trabalho de qualidade:

Eu acho que deveria ter mais cursos, eu acho que esses cursos deveriam ser de acesso para todos os professores, de todas as áreas, pois esse é um problema que a gente vive em sala de aula constantemente, então, às vezes não precisaria ficar chamando outras pessoas para falar sobre isso. Eu acho que esse assunto deveria fazer parte do conhecimento de todos, inclusive porque não é só base para os alunos como é base para os professores também. (Professor de História)

No depoimento abaixo, a professora de biologia ressaltou que a FEDF não tem oferecido cursos na área, mas que tem procurado, pelo menos, divulgar os cursos que outras Instituições estão oferecendo sobre o assunto, ficando a cargo do professor fazer ou não:

A FEDF não tem oferecido muita coisa na área, mas ela divulga os cursos que estão acontecendo na área mesmo não oferecendo. A FEDF mesmo não tem promovido muita coisa, a não ser que esteja havendo um convênio com outras instituições para que ofereça cursos na área. A palestra ajuda, mas uma leitura suplementar pode auxiliar também. (Professora de Biologia)

Os PCN de 5^a a 8^a série (Brasil, 1998) ressaltam ser necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, o que irá possibilitar a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Os professores precisam estar cientes de suas próprias dificuldades diante do tema. As questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens irão contribuir para a preparação do professor, qualificando-o para a intervenção prática e dialógica junto aos alunos. A formação do educador sexual deve ocorrer de forma continuada e sistemática, propiciando a reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho.

Werebe (1998) enfatiza a necessidade de se preparar os educadores que vão se encarregar das intervenções sobre a sexualidade. Ressalta que não basta apenas assegurar-lhes esta educação apenas por cursos ou seminários, mas sobretudo, é preciso oferecer-lhes o material didático necessário. É necessário instrumentalizar a escola e seus educadores. É necessário também oferecer condições para que se estabeleça um diálogo permanente entre os educadores para que possam confrontar experiências e trocar idéias.

9.9.A educação sexual poderia contribuir para a prevenção de novos casos de gravidez na adolescência?

A educação sexual escolar poderia prevenir, ajudar. A gente percebe que a gravidez provoca uma ruptura na vida dos adolescentes do 1^o, 2^o ou 3^o anos. Por mais que ela continue estudando, lutando com a família e tudo mais, ela se sente podada. É podada porque tem um filho para criar, porque tem uma responsabilidade muito grande, ela não tem a mesma diligência que ela teria para estudar antes, ela se preocupa porque o filho também está ali, muitas vezes falta às aulas, sonha em fazer uma faculdade mas sabe que não pode fazer porque sabe que o custo com a criança é muito elevado ou não tem quem possa ficar com a criança. Muitas vezes o namorado não assume e isso a deixa mais angustiada. O menino também acaba saindo prejudicado. (Vice-diretora)

Todos os respondentes coloraram que a educação sexual na escola contribuiria para a prevenção da gravidez na adolescência, bem como para a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Ressaltaram que uma gravidez na adolescência traz muitos prejuízos para a vida educacional e profissional e que por isso seria necessário orientar os alunos para que eles não corressem tal risco.

Os PCN de 5^a a 8^a série (Brasil, 1998) ressaltam que o trabalho sistemático da educação sexual dentro da escola articula-se com a promoção da saúde, com a prevenção de

doenças sexualmente transmissíveis, com o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos e, com a prevenção de problemas sociais graves, como o abuso sexual e a gravidez indesejada.

Alguns professores ressaltaram que a educação sexual é importante porque vai ensinar muitas coisas que, para os adolescentes, parecem insignificantes:

Eu acho que o conhecimento é sempre válido e pode sempre ajudar uma pessoa. Muitos alunos poderão até dizer que não precisam, que não querem. Eles acham que nunca pode acontecer com eles, nenhuma adolescente quando está transando pensa que vai ficar grávida ou então pensou que aquilo não iria acontecer com ela. A orientação sexual é importante porque ela pode ensinar desde as coisas que a gente pensa que é insignificante até as coisas que eles não têm conhecimento mesmo e eles não aprendem com a mãe. Ela não vai ensinar como colocar a camisinha. Com quem eles aprendem? Eles aprendem na rua, na maioria das vezes, errado. Eu acho que deve ter sim, lógico que não comigo porque eu não tenho formação. (Professor de História)

No depoimento abaixo, o professor ressalta que, educação sexual na escola, poderá contribuir ainda para a formação cidadã dos educandos, elevando o seu senso crítico e reflexivo em relação a alguns comportamentos sociais:

A educação sexual poderia contribuir para muita coisa. Assim como a educação geral é um preparo para a pessoa se transformar em cidadão, a educação sexual como parte dessa educação pode e deve servir como um instrumento para formar esse cidadão em um determinada área. Eu vejo por exemplo que esse estudo não deveria ficar alojado só na Sociologia ou na Filosofia, a Geografia por exemplo tem muito a ver, principalmente quando você trata de questões políticas, econômicas; ou também quando você trata na História sobre as mesmas questões. Eu creio que a educação no sentido específico da sexualidade, tem que mostrar a realidade para o aluno, para o adolescente. Tem que mostrar que ele deve entender o seu lugar e como o seu lugar afeta totalmente outros destinos. Pode ser muito bonito o Raí, sendo o avô de filha com 15 anos, atrizes tendo seus filhos independentes, mas será que para elas vai ser positivo? (Professor de Filosofia)

Vitiello (1997) pontua que a educação sexual deve promover a felicidade individual e coletiva, preparando as pessoas para usarem de maneira responsável sua liberdade. A educação sexual não deve restringir-se apenas aos objetivos de evitar gestações indesejadas ou doenças sexualmente transmissíveis, mas sim promover a felicidade sexual das pessoas. Deve-se educar para uma liberdade responsável, que faça com que o indivíduo não apenas busque o prazer pessoal, mas respeite a liberdade sexual, os limites e a integridade do outro. Neste caso, evitar a AIDS e a gestações indesejadas serão conseqüências naturais. A educação sexual deveria voltar-se para o amor maduro. Amor este que envolve dar e receber, amar e ser amado, enfim toda uma forma de comunicação e troca bilateral. Uma forma de amar que dignifica e torna mais pleno o

exercício da sexualidade e que deve ser o alvo e o verdadeiro objetivo de todo o preparo que envolve a educação sexual.

9.10. O que compete à escola e à família no que se refere à educação sexual dos adolescentes ?

Eu acho que hoje existe um problema muito grande na relação entre a escola e a família, porque a família empurra para a escola a educação do filho e a escola não tem a capacidade de assumir toda a educação. Então em muitos aspectos isso fica falho. Eu acho que a escola e a família tem que trabalhar sempre unidas para formar a pessoa. Às vezes se você formar uma pessoa de um modo correto, dar uma educação boa para ela em casa, em todos os sentidos e se você complementar na escola, com certeza você vai ter uma pessoa mais consciente... Eu acho então que o papel da educação sexual escolar é complementar a educação que a família deveria dar, mas se a família não tem abertura para dar, nesse aspecto, eu acho que a escola tem que assumir toda a educação, porque eu acho que para a família, falar sobre sexo, mesmo às portas do século 21 ainda é muito difícil. Ou melhor, a escola poderia contribuir também para o conhecimento desses pais. É aquela coisa, se você fala, de repente pode dar a impressão de que você está incentivando, se você não fala, parece que não existe. É uma coisa que a própria família, como não recebeu orientação, também não sabe dar. Eu acho que na escola não se faz nenhum tipo de trabalho, experiência com essas alunas, elas ficam grávidas e continuam como alunas normais. A escola poderia fazer um trabalho de grupo com as adolescentes grávidas, onde elas pudessem trocar as experiências, aprender mais. Ela vai ter um filho e a gente sabe que nem sempre elas vão procurar aqueles cursos que alguns Postos de Saúde oferecem para grávidas. Elas precisam saber até como se troca uma fralda, o porquê de se amamentar. O orientador seria muito importante nesse trabalho, ele poderia coordenar tudo, fazer as avaliações. Eu acho que esse era um trabalho que deveria ser feito. Eu acho que a primeira coisa que deveria ser feita no início do ano em biologia era o trabalho sobre gravidez na adolescência, mas só deixam para o final, quando se chega lá já tem um monte de grávida. (Professor de História)

A maioria dos entrevistados enfatizou que a educação sexual é tanto uma responsabilidade da família quanto da escola, ainda que em graus e momentos diferenciados. Denunciaram que vem ocorrendo uma certa transferência de responsabilidades: a família transfere para a escola e a escola para a família. Nesse jogo de empurra e empurra, são os jovens que acabam se prejudicando. O orientador educacional é mais uma vez apontado pelos respondentes, como um profissional necessário no processo de inclusão da educação sexual na escola:

Orientar, abrir espaço e não deixar só a critério da televisão ou de amigos. A escola trabalha o universo e a família tem um trabalho mais individualizado, mais íntimo, onde todos os exemplos, os papéis dos familiares, irmãos também educam. Com relação à escola eu acho que nós temos que fazer o trabalho, só que precisamos de um orientador. Primeiro o orientador teria que diagnosticar qual o problema que o atinge, o que é mais urgente para o adolescente, somente depois deste diagnóstico é que ele iniciaria o trabalho, que começaria a tratar a questão com esses alunos,

realizando um trabalho com o grupo. Mesmo que na primeira vez viesse 5 alunos, na próxima viria 10 e assim por diante. Este trabalho poderia ser feito em horário contrário e também em horário de aula... Seria uma participação informal, nada de formalidades para ele aluno, seria mesmo uma coisa de sentar no chão, discutir em grupo, responder questionário, assistir vídeo, desenhar o que ele sente, o que ele pensa, de dar o seu depoimento enquanto jovem para ajudar outros jovens que estejam lá e que talvez estejam angustiados com alguns problemas, com fitas, textos, tem muita coisa que feia sobre sexualidade, sobre gravidez, e que passa batido muitas vezes. A escola não discute, a sociedade não discute e aí termina que a situação se complica. Eu acho que o orientador também poderia trabalhar junto com o professor porque muitas vezes o professor não tem a formação ou a aptidão para trabalhar a educação sexual e eu acho que o orientador poderia despertar isso no educador. Eu acho que tudo que você coloca, que você discute dentro da escola tem fruto e, mesmo que não consiga resultados com 10, consegue-se com 1. Tudo que você propõe, mesmo que tenha resistência no grupo, você sempre tem algum benefício. O orientador poderia entrar nas coordenações, nós temos aqui coordenações dirigidas por área e dentro dessas coordenações ele poderia dirigir uma também, mesmo que fosse uma ou duas por mês e fazer um trabalho também de transformação com os professores da escola. (Vice-diretora)

A fala da vice-diretora salientou que a família educa sexualmente seus filhos, ainda que não tenha consciência da educação que fornece nesse sentido. Chamou a atenção para a necessidade de a escola trabalhar também a questão. Pontuou que a escola precisaria contar com o apoio de um orientador para facilitar tal abordagem:

A escola tem um papel, eu acho que até mais importante do que a família, pelo fato da dificuldade da família. Muitos dos familiares não têm nem o 5º ano primário, não têm o 1º grau. Então a escola sim, a escola poderia fazer um trabalho melhor de chamar inclusive a família para dentro da escola. Se a gente pudesse, porque tem família que tem medo de professor, tem medo de servidor, tem medo de escola. Eu sempre defendo que tem família que acredita que porque matriculou o filho na escola, acha que já fez tudo pelo filho e isso não é verdade. A família teria que vir para a escola, teria que conhecer os professores, os diretores, os servidores, inclusive se interessar pela vida estudantil. Se a gente pudesse fazer isso, a gente teria que fazer um trabalho junto ao adolescente e à sua família porque na realidade são poucas as famílias que têm condição de contribuir e por isso elas teriam que aprender junto com os filhos essa área que é tão importante. (Diretor da escola)

A fala do diretor da escola ressaltou a importância de uma parceria entre a escola e a família na educação dos educandos. Pontua que a família deve estar presente na escola e que esta deve buscar trazer a família para dentro dos seus muros. O depoimento do diretor fala que algumas famílias parecem temer a escola, o diretor, o professor. Esse temor, esse medo, não estaria acontecendo em decorrência do distanciamento entre a escola e a comunidade? Estaria a escola desenvolvendo alternativas para trazer as famílias para dentro de seus muros? Estaria a família por dentro da proposta pedagógica da escola? Por dentro das atividades realizadas pelas escola?

No depoimento abaixo, um dos assistentes pedagógico afirma ser muito perigoso fomentar a possibilidade de uma parceria entre a escola e família. Ressalta a importância da educação conteudista em detrimento da educação global. O importante é que o professor trabalhe o conteúdo. Trabalhar valores, sentimentos e família seria uma perda de tempo e algo muito arriscado. É lamentável constatar que um profissional que representa a direção da escola apresente uma concepção tão limitada de valores, de currículo e de educação:

O interessante seria uma integração escola-família, mas nos moldes de hoje é impossível essa integração escola-família, principalmente porque a gente tem um conteúdo a ser trabalhado, a gente tem um monte de coisa a fazer, a gente também correr loucamente atrás de dinheiro, entendeu. Se você fomenta a possibilidade de integração da escola com a comunidade nesse ponto de vista... A gente vai ter que trabalhar nesse campo sentimental e isso aí é uma coisa muito perigosa, que não funciona. (Assistente Pedagógico)

Mas a maioria dos entrevistados acredita ser possível essa parceria. A escola deve procurar a educação sexual de modo integrado com a família desde o ensino fundamental, com vistas a prevenir situações de risco no futuro:

No momento em que a escola não oferece, que os nossos governantes não oferecem a educação sexual para os nossos alunos, nós vamos ter problemas lá na frente, quando o aluno estiver fazendo o 1º grau ou 2º grau, então nós vamos ter alunos no CAGE, nas prisões, nós vamos ter que envolver psicólogos, tudo isso aí. Agora se começarmos a fazer o trabalho de educação sexual dentro das escolas, desde o início do Ensino Fundamental, o aluno vai pegar essas informações e vai levar de volta para dentro de casa, mostrando as coisas para os próprios pais, para os irmãos menores, nós estaríamos resolvendo e evitando grandes problemas sociais. Deveria haver uma maior integração entre escola e família. Quando o aluno vai para a escola e a família não participa da vida escolar do aluno, quando simplesmente manda o filho para a escola e não participa da sua formação escolar, tudo fica mais difícil. No momento que a família está presente na escola, não só no aspecto da educação, mas em todos os componentes curriculares, as coisas melhoram bastante. (Professor de Educação Física)

Alguns professores se referiram à desestruturação familiar como um entrave para a educação sexual dos adolescentes. Esse problema tem levado a sociedade a depositar todas as esperanças, com relação à formação da pessoa, apenas na escola.

Ultimamente, com a fragmentação do conceito de família, com a fragmentação da estrutura da família no próprio dia a dia, tem-se passado a autoridade da educação, o conteúdo da educação somente para o professor, para a escola. Na minha opinião não é isso que deve acontecer. O que deve acontecer é fortalecimento da família. Hoje em dia, vem a mídia e tantos outros aspectos que interferem, as pessoas separam e casam, separam e casam; juntam-se para ver no que vai dar. Há uma fragmentação, não há uma união com parâmetros estabelecidos e a fragmentação se tomou normal. Para o adolescente essa fragmentação se tomou mais normal ainda, comum, aceitável. O ponto central é que ao invés de se buscar reconstituir a família

como uma forma de educação segura e plena, simplesmente se faz modelos educacionais psicológicos ou sociológicos normativos, que acabam valendo como a teoria da família. Então o primeiro ponto que a educação deveria visar deveria ser a reconstrução da família. Em cima disso aí sim, você poderia estabelecer que à família compete a educação no sentido mais íntimo e que aquelas áreas que fogem aos pais, que são mais técnicas e mais formalizadas caberiam à escola. Então seria um complemento ideal, um não poderia existir sem o outro. Não podemos é colocar a escola como a salvadora da pátria, onde o professor tem que virar pai, psicólogo, padre, amigo e tudo mais. Agora a escola poderia ser um bom caminho para se buscar resgatar a reestruturação familiar. Antes, competia à escola o padrão formal e à família o padrão íntimo da educação, isso acontecia antes, bem ou mau essas duas instituições se comprometiam com isso aí. Hoje, como a família se desestruturou e o governo está pouco interessado na educação, para você vê, ele não é obrigado a manter o 2º grau, por lei ele só é obrigado a manter o 1º grau. Eu posso até parecer retrógrado demais, mas eu preferia a época do tabu, onde se tinha solidez pelo menos, do que essa época que se vive, a época da liberdade, onde não há a solidez educacional. Essa história de que você pode fazer filho a partir de uma produção independente já faz parte dessa fragmentação, onde a família não tem mais importância de valores morais, éticos, políticos, não tem mais valor social. As crianças perderam tudo isso. Então você imagina, se a base do adolescente está na família e na escola e ele perde essas duas, o que nós vamos ter são ser pessoas que vão reproduzir a situação, que vão gerar problemas sociais. (Professor de Filosofia)

A fala da professora de inglês também ressalta que não cabe apenas à escola a função de oferecer educação sexual. No depoimento a seguir a professora destaca a importância do diálogo no trabalho que deve ser feito tanto pela família quanto pela escola:

Eu vejo que a solução é o diálogo mesmo, os pais não podem jogar a responsabilidade para a escola, para a televisão, a família é muito importante. O pai e a mãe tem que sentar e esclarecer, não se pode mais fazer como antigamente. (Professora de Inglês)

A professora de biologia chama a atenção para a necessidade de o professor buscar aperfeiçoamento na área, uma vez que o tema precisa ser trabalho no currículo da escola:

A família tem que orientar, mesmo que para isso tenha que se informar mais. A escola tem que saber que tem que ter a disciplina no currículo. O professor tem que saber passar para o aluno, tem que saber orientar, tem que se aperfeiçoar. (Professora de Biologia)

No depoimento abaixo o professor coloca que, muitas vezes a escola e a família, até fazem o seu papel, mas que os comportamentos e os valores dos adolescentes de hoje não contribuem, não dão espaço para que o trabalho seja feito de modo eficiente:

Muitas vezes a família e a escola estão fazendo seu papel, mas o que acontece é que muitas vezes o adolescente quer romper barreiras, quer sempre extrapolar, extrapolar e fica muito difícil. Parece que eles mesmo não querem, fica uma história de que as pessoas são caretas. Os valores do adolescente de hoje mudaram

muito, você conhece vários tipos de adolescentes, vários grupos e cada grupo vive de uma maneira diferente e deixa rolar também o que tem que rolar só para ficar sabendo como é que é. Eu acho que o lema: "Sexo, drogas e Rock' n Roll" eu acho que nunca acabou. Infelizmente. (Professor de Física)

De um modo geral, a partir dos depoimentos do pessoal da escola, ficou evidente que compete à escola implantar a educação sexual em seu currículo, seja através de uma disciplina ou de modo interdisciplinar, contextualizado e transversalizado. Os depoimentos apontaram que a escola deve trabalhar numa perspectiva de prevenção e esclarecimento, sendo que esse trabalho deve ser iniciado com os pais dos alunos. A escola deve envolver a comunidade para que ela entenda e participe do trabalho. Deve esclarecer e informar sem interferir na educação sexual que a família oferece, nos seus valores. Tem que procurar respeitar a educação da família, complementando naquilo que lhe parecer mais necessário. A escola tem que discutir os temas ligados à sexualidade, colocando alguns limites e resgatando certos valores. Tem que zelar para que a educação sexual oferecida não estimule os jovens ao invés de orientar e conscientizar. Tem que primar para que suas informações sejam corretas e para que seus profissionais estejam realmente habilitados para trabalhar com o tema.

No que compete à família, o pessoal da escola ressaltou que a família precisa estar integrada com a escola. A família tem que estar ciente de que seu filho precisa receber educação sexual em casa e que para isso é preciso que haja abertura, diálogo. Os depoimentos deixam claro que a base da educação sexual é familiar, mas que o fato de muitas famílias serem preconceituosas e cheias de tabus acaba impedindo que seus filhos recebam uma educação sexual familiar positiva. Afirmaram que a família não pode se omitir e que precisa orientar seus filhos, ainda que tenha que se informar mais sobre os assuntos ligados à sexualidade. Salientaram que os pais precisam aceitar a sexualidade dos seus filhos e que precisam ter consciência da sua importância no processo de educação sexual dos filhos. Devem perder o medo e a vergonha de conversar sobre um assunto tão presente e tão necessário para que seus filhos tenham uma vida mais feliz. Enfatizaram que a família deveria assumir a sua responsabilidade, entendendo que a escola não pode assumir tudo sozinha. De acordo com o depoimento de um dos entrevistados, caberá à escola dar continuidade a algo que já deveria ter sido iniciado pela família desde os primeiros dias de vida da pessoa.

Ressaltaram que a família e a escola deveriam caminhar juntas. Cada uma fazendo o seu papel. Contribuindo para que o indivíduo chegasse à sua maturidade sexual, se posicionando de modo mais consciente e seguro frente às situações de risco ligadas, não apenas, ao exercício

da sexualidade, mas também às drogas, à violência e outros. Admitiram que tem sido difícil para a escola trabalhar com o assunto porque os profissionais ainda não se encontram preparados e porque o acesso à família ainda é algo muito difícil para a escola. Acreditam que os pais precisam participar mais da vida escolar dos seus filhos.

Pontuaram que a educação sexual e a conscientização do adolescente compete tanto a escola quanto à família. A família deveria oferecer a base da educação e a escola deveria apenas complementar. Acreditam que se a família oferecer essa base e a escola realmente complementar, a sociedade poderá se tornar mais positiva e feliz.

Para Guimarães (1995), é a bagagem da educação informal, adquirida na família e na comunidade, o ponto de partida para se pensar a educação sexual na escola. Os programas educacionais sobre a sexualidade humana jamais poderão ignorar, repudiar, ou mesmo antagonizar as influências primeiras na construção da sexualidade.

V - CONCLUSÕES DO ESTUDO

A escola, sendo capaz de incluir a discussão da sexualidade no seu projeto pedagógico, estará se habilitando a interagir com os jovens a partir da linguagem e do foco de interesse que marca essa etapa de suas vidas e que é tão importante para a construção de sua identidade.

(PCN de 5^a a 8^a Série)

O estudo evidenciou a necessidade da implantação da educação sexual no currículo escolar. A análise das questões do estudo contribuiu para uma maior compreensão do problema estudado. A conclusão está estruturada a partir de quatro tópicos centrais de reflexão: o primeiro faz referência à educação sexual como mecanismo de prevenção, não apenas da gravidez na adolescência, como, também, de outros problemas que emergiram durante o estudo, como por exemplo a prevenção das DST/AIDS; o segundo, diz respeito a alternativas e desafios para a inclusão da educação sexual dentro do currículo do ensino médio; o terceiro, discute o perfil do educador sexual e as condições necessárias para que realize o seu trabalho; o quarto tópico apresenta o desafio e a necessidade de parceria entre escola e família no que se refere à educação sexual do adolescente, apresentando, também, sugestões de outras parcerias possíveis.

1. A EDUCAÇÃO SEXUAL COMO MECANISMO DE PREVENÇÃO

A educação sexual abrange muitos aspectos e o fator da prevenção da gravidez na adolescência representa apenas um desses importantes aspectos. No processo de inclusão da educação sexual na escola, não se pode observá-la apenas sob o prisma da prevenção da gravidez na adolescência ou das doenças sexualmente transmissíveis. Faz-se necessário um olhar mais abrangente que englobe todas as finalidades e objetivos da educação sexual, em todos os seus

aspectos e dimensões. A pesquisa apresentou diferentes concepções e finalidades da educação sexual, dentre elas:

- a educação sexual é uma das mais importantes e viáveis alternativas de prevenção, não somente da gravidez entre adolescentes, mas, também, de outros problemas decorrentes do exercício inadequado da sexualidade, como a AIDS. A grande maioria dos entrevistados ressaltou a contribuição que um trabalho voltado para a educação sexual das crianças e adolescentes poderia trazer no sentido de prevenir, também, o aumento dos casos das doenças sexualmente transmissíveis, principalmente da AIDS,
- além do importante papel de prevenção e esclarecimento que a educação sexual deve assumir, caberá a ela, também, o papel de apoiar os adolescentes que já estão enfrentando o problema da gravidez na adolescência. Alguns entrevistados afirmaram que além de prevenir a gravidez a educação sexual na escola poderia, também, servir de apoio para aqueles adolescentes que já se encontravam envolvidos com uma gravidez. A educação sexual deveria conscientizar e orientar os jovens envolvidos em situação de gravidez para a construção de um novo projeto de vida. Deveria atuar junto a esses adolescentes com o objetivo de apoiar e de prevenir para que a gravidez não se repita nas mesmas condições anteriores;
- grande parte dos adolescentes entrevistados colocou que a educação sexual poderia contribuir para que o jovem se conhecesse mais, soubesse mais sobre sua sexualidade, sobre seus sentimentos, desejos e atitudes;
- alguns entrevistados colocaram que a educação sexual está diretamente ligada ao controle da taxa de natalidade entre adolescentes e de outros problemas sociais como a desestruturação familiar, a violência e, até mesmo, à prevenção do uso indevido de drogas,
- as entrevistas evidenciaram que, ao trabalhar a auto-estima e a autoconfiança, a educação sexual possibilita que o jovem acredite no seu potencial e sonhe com melhores condições de vida e perspectivas de futuro. Desperta a responsabilidade e os limites de suas ações, evidenciando os prós e os contras de medidas impensadas e imaturas que poderão colocar em risco suas aspirações e projeções pessoais e profissionais. Esse aspecto foi levantado por todos os segmentos da

pesquisa. A educação sexual é vista como um meio bastante viável para o fortalecimento do respeito a si próprio e ao próximo,

a maioria dos entrevistados ressaltou que a educação sexual deve ser dada pela família e pela escola, visando orientar o jovem para que ele não tenha problemas com uma gravidez ou com doenças como a AIDS;

alguns respondentes afirmaram que a educação sexual pode contribuir para o crescimento e para a valorização da pessoa humana, dando oportunidades para que a pessoa possa optar por uma vivência sexual mais responsável e feliz. Contribui para que o jovem deixe de ver a sexualidade, apenas, a partir das suas ligações com a prática sexual. Possibilita perceber a sexualidade humana em todas as suas dimensões e não somente a partir da dimensão biológica;

foi colocado também que a educação sexual deve explicar que a relação sexual traz prazer, que é algo positivo, mas, que, também, traz conseqüências negativas para a pessoa e para a sociedade, se praticada de modo inadequado e sem a devida prevenção;

alguns dos entrevistados, principalmente, o pessoal da escola, afirmou que um trabalho sistematizado em educação sexual pode contribuir, de modo significativo, para a formação do cidadão e para abordagens de vários temas sociais.

À medida em que a educação sexual resgata o amor próprio, a consciência individual e coletiva e o respeito entre os sexos, contribui para a construção de uma sociedade mais humanizada, democrática e mais ética.

2. ALTERNATIVAS E DESAFIOS PARA A INCLUSÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO

Todos os sujeitos da pesquisa colocaram-se a favor da inclusão da educação sexual dentro do currículo escolar, apesar de divergências quanto ao modo de se perceber essa inclusão. As conclusões foram as seguintes:

- o momento atual da educação pública do Distrito Federal é bastante positivo para a implantação efetiva da educação sexual dentro do currículo escolar, uma vez

que o novo currículo proposto para as escolas públicas encontra-se em fase de experimentação e adaptação;

- a educação sexual dentro do currículo possibilitará a reflexão de preocupações comuns à sociedade nos dias de hoje, tais como: gravidez precoce, AIDS, drogas, desestruturação familiar, violência doméstica e outros;

a Legislação que obriga a inclusão da Educação Sexual no currículo das escolas públicas do Distrito Federal ainda é muito pouco conhecida pelo pessoal da escola, pelos pais e pelos adolescentes;

- alguns entrevistados colocaram que a responsabilidade de trabalhar a educação sexual dentro da escola cabe a todos. Outros, que cabe, apenas, ao professor de biologia ou a um especialista;
- o Orientador Educacional foi apontado por alguns adolescentes, pais e professores como um profissional que poderia contribuir bastante para o processo de inclusão da educação sexual no currículo,

na opinião de alguns entrevistados, a educação sexual é necessária, mas só alcançará seus objetivos dentro da proposta curricular de uma escola se puder contar com profissionais qualificados, material didático adequado, motivação da comunidade escolar, com inserção no projeto pedagógico e com a conscientização e participação da comunidade local;

- não se pode deixar para incluir a educação sexual apenas no Ensino Médio. Para alguns dos entrevistados, é preciso atacar o problema pela raiz. A educação sexual escolar precisa começar pela fase inicial de escolarização e não pela etapa final;
- os depoimentos de alguns dos professores respondentes demonstraram que é perfeitamente viável a abordagem de questões ligadas à educação sexual dentro de seus conteúdos. Apesar de alguns admitirem que ainda não realizam tal abordagem, podemos perceber que algumas práticas isoladas já aconteciam dentro da escola estudada;

alguns pais ainda temem que a educação sexual na escola sirva mais para incentivar do que para conscientizar o filho,

alguns entrevistados ressaltaram que a inclusão da educação sexual no currículo escolar poderá ser muito útil, mas que não poderá ser encarada como a solução de todos os problemas.

A pesquisa apontou que o professor de biologia ainda é visto como um dos profissionais mais indicados para trabalhar com a educação sexual na escola. É preciso superar a idéia ultrapassada de que apenas o conteúdo de biologia dá abertura para a abordagem de questões ligadas à sexualidade humana. Podemos citar por exemplo: as questões demográficas que podem ser vistas em geografia à luz da educação sexual e da prevenção da gravidez na adolescência; a exploração de peças teatrais, a partir de temas relacionados à sexualidade, podem ser vistas dentro de educação artística; a interpretação de textos dentro de português; a influência da gravidez e da AIDS para a economia dentro de matemática; a história da mulher e do homem na sociedade e as relações de poder dentro de história e sociologia; os valores familiares e tantas outras questões dentro da filosofia e demais áreas do conhecimento.

Os professores podem trabalhar temas ligados à sexualidade a partir de debates, palestras, discussões em grupo. Caberá ao professor transversalizar os assuntos dentro da sua área de conhecimento e escolher a metodologia a ser utilizada para trabalhar com seus alunos. Os professores precisam estar cientes de que para tornar o currículo escolar mais próximo da vida real dos alunos, mais contextualizado e interdisciplinar, não basta, apenas, incluir os temas transversais. É fundamental que ocorra primeiramente, uma mudança no modo de pensar e de agir. A interdisciplinaridade não representa apenas uma estratégia curricular, ela representa um novo modo de pensar a educação que pressupõe o envolvimento e a responsabilidade de todos os envolvidos. A interdisciplinaridade não pode adotar um modelo excludente, não pode excluir ou optar por uma ou por outra área de conhecimento, tem que incluir todas. Nesse sentido, não é permitido a adoção de um "coronelismo acadêmico", onde algumas áreas ou alguns educadores pretendem dominar todo o conhecimento. A interdisciplinaridade deve procurar liberar o ser humano por inteiro, em todas as suas dimensões, visando criar uma experiência de vida muito mais positiva.

A escola que se predispõe a incluir a educação sexual dentro do seu currículo necessita passar, primeiramente, por essas reflexões, por uma mudança de conceitos e concepções que fundamentam o modo de pensar a sexualidade humana. Precisa perceber a sexualidade em todas as suas dimensões e, não somente, à luz de sua dimensão biológica e reprodutiva.

Ao pretender desenvolver um trabalho eficiente de educação sexual a escola estará diante da necessidade de atacar em duas frentes: de um lado precisará desenvolver um trabalho de prevenção sistemático e progressivo, desde as primeiras séries da educação básica e, por outro lado, desenvolver um trabalho de prevenção e apoio a curto prazo, com vistas a propor alternativas de assistência e de apoio aos jovens que já estão vivenciando problemas relacionados ao exercício da sexualidade.

É fato que a maioria dos jovens que se encontram hoje no ensino médio não receberam educação sexual na escola, trazendo as mais diferenciadas informações e concepções acerca da sexualidade humana, obtidas a partir das mais variadas fontes de informação. Um dos caminhos é possibilitar que os educandos tenham acesso a uma educação sexual de qualidade desde os primeiros anos de vida, desde o seu ingresso na escola. Como diz o velho ditado popular: "é melhor prevenir do que remediar". Se as crianças crescerem com noções básicas de educação sexual, poderão ter maiores oportunidades de realizar escolhas mais conscientes e responsáveis. Ao iniciar com a reflexão de questões relacionadas às diferenças e semelhanças entre meninos e meninas, à importância da família e do respeito entre as pessoas, a importância do amor a si e ao próximo, a escola estará contribuindo essencialmente para a formação de uma juventude mais harmoniosa, responsável, humana e consciente de seus limites.

É salutar que haja uma consciência coletiva com relação a importância e urgência da educação sexual na escola. É fundamental que este ideário seja próprio do coletivo da escola e que não seja visto apenas como um ideário de governo. Todos os membros da comunidade escolar precisam se sentir parte do movimento. A legislação já é um caminho rumo a este objetivo, entretanto, é preciso reconhecer que neste país, criar leis, não é problema, o problema é efetivar a sua implantação, dando condições para que as coisas realmente aconteçam como manda a legislação. Além do interesse da escola e da sensibilização de todos os agentes da comunidade local, faz-se necessário, também, o apoio e a vontade política dos gestores no sentido de tornar viável a implantação da legislação que torna obrigatória a inclusão da educação sexual.

Se a educação sexual na escola já é legalizada por lei, agora é preciso apenas que haja uma política mais integradora. A sua efetiva implantação no currículo da escola passa a ser um problema também de gestão. O governo tem que instrumentalizar melhor a escola para que seus professores possam trabalhar o tema com competência e responsabilidade. Precisa oferecer maiores oportunidades de aperfeiçoamento para os professores, sensibilizando-os para o trabalho com o tema; o diretor precisa, antes mesmo de criar mecanismo de mobilização e integração da

comunidade escolar, desenvolver entre seus professores o interesse, o envolvimento e, principalmente, a competência para discutir questões relacionadas a uma temática tão complexa.

O diretor, no seu papel de gestor, precisa reconhecer que encontra-se diante da necessidade de criar oportunidades para que os professores das diferentes áreas do conhecimento revelem os seus talentos, promovendo o comprometimento de todos no processo de implantação da proposta, com vistas à uma aprendizagem mais significativa por parte dos alunos. O seu papel é fazer com que aconteça uma educação de melhor qualidade. Se o diretor discutir a proposta levando em consideração a reciprocidade, a parceria, o respeito aos diferentes pontos de vistas do seu corpo docente, dos auxiliares, da comunidade e dos alunos, não só a inclusão da educação sexual no currículo se efetivará de forma mais consciente como a possibilidade de êxito será maior.

Os assistentes e os coordenadores pedagógicos terão pela frente a responsabilidade de divulgar e de discutir a legislação e os temas ligados à educação sexual junto a seus professores nas coordenações pedagógicas. Os professores precisam compreender que as questões ligadas à sexualidade estão relacionadas a tudo que diz respeito à pessoa humana, por isso, não fazem parte apenas do conteúdo de biologia.

Faz-se necessário conscientizar o professor da importância de um maior comprometimento com a educação, compreendendo que são educadores de adolescentes e que seus alunos são pessoas sexuadas. A concepção de educação meramente conteudista, além de ultrapassada, não contribui para a formação plena, democrática e cidadã do aluno. Os objetivos da educação sexual enriquecerão a prática educativa, tornando-a mais próxima da construção de um ser humano mais autoconfiante, democrático e ético;

O novo currículo do Ensino Médio enfatiza a importância da contextualização e da adoção de temas transversais com vistas a tornar a aprendizagem mais significativa e útil para a vida do aluno. A medida que a escola conseguir trabalhar, efetivamente, de modo interdisciplinar e contextualizado, abordando as questões sociais com competência e responsabilidade, os educandos e a sociedade como um todo só terão a ganhar. Implantar efetivamente a educação sexual dentro de uma escola é um grande desafio, mas não há dúvidas de que é algo perfeitamente possível.

A educação sexual só alcançará resultados na medida em que passar a ser encarada pela escola, pela família e pela sociedade como um todo como uma alternativa útil e necessária para a conscientização de nossos jovens e para a prevenção de grandes problemas sociais. É uma

alternativa positiva rumo à construção de uma sociedade mais organizada, planejada e feliz. O estudo revelou que, tomar essa proposta uma realidade ainda é um grande desafio para todos os envolvidos: sociedade, escola e família.

3. O PERFIL DO EDUCADOR SEXUAL

Com relação ao perfil do educador para trabalhar com a educação sexual, o estudo evidenciou que:

a maioria dos professores entrevistados admitiu ter facilidade para lidar com o tema, mesmo não estando trabalhando ainda,

- Foi constatado que a maioria absoluta do pessoal da escola (direção, assistentes, coordenadores e professores) não havia participado até o momento das entrevistas, de nenhum curso, discussão coletiva ou qualquer outro meio de aperfeiçoamento profissional na área de educação sexual,

alguns professores admitiram eximir-se diante das questões ligadas à sexualidade, ou por receio ou por falta de conhecimento sobre as forma de lidar com o tema;

de acordo com alguns entrevistados, o professor deve ser flexível e dinâmico, motivando seus educandos para que eles sintam interesse em participar das atividades e discussões propostas, de maneira clara, aberta e realista,

- alguns entrevistados apresentaram a concepção de que, caberia ao educador, ensinar o que seria "certo" e o que seria "errado" para os alunos,
- grande parte dos adolescentes entrevistados ressaltaram que a educação sexual não deveria ser dada apenas por um professor, de uma determinada área do conhecimento. Enfatizaram a necessidade de os professores se aperfeiçoarem mais sobre o tema para que perdessem o medo de falar de um tema tão importante para eles, que é sua sexualidade;
- os pais ressaltaram que o professor precisa estar realmente preparado e que deverão informá-los do trabalho a ser realizado. É preciso que o professor receba o preparo adequado para lidar com a sexualidade dentro da escola. Para os pais o projeto tem que ser de toda a escola e, não somente, de um professor. É

fundamental que todos os membros da escola falem a "mesma língua" em relação à educação sexual dos alunos.

Constatou-se que a facilidade para se trabalhar com questões relacionadas à sexualidade humana e à educação sexual como um todo, não quer dizer por si só que este educador esteja preparado para fazer um bom trabalho na área, podendo, de certo modo, até colocar em risco as finalidades da educação sexual. A facilidade em falar sobre o assunto não deixa de ser um dos requisitos necessários para ser um educador sexual competente, uma vez que essa facilidade é geralmente adquirida a partir da aceitação da própria sexualidade. Ao pretender trabalhar com a educação sexual o professor terá que adquirir conhecimentos básicos acerca da sexualidade humana, do reconhecimento e do respeito à sexualidade individual e coletiva. Terá que adotar uma postura ética, consciente e responsável na sua prática educativa.

O educador sexual encontra-se diante da necessidade de rever seus próprios valores, rever sua postura enquanto ser sexual, tendo consciência de que o modo como exerce sua sexualidade não pode ser ditado como o modelo ideal para seus educandos. Sua visão de mundo não poderá, em hipótese alguma, se sobrepor à visão de mundo do seu educando. Ao abordar o assunto em sala de aula, o professor tem que saber dar oportunidades para que os educandos problematizem, reflitam e discutam à luz de diversos pontos de vistas.

O papel social a ser desempenhado pelo professor é muito importante. Ao adotar uma postura de omissão frente à uma situação social tão grave quanto a gravidez na adolescência ele estará negando o seu papel como educador e como cidadão.

Considerando as constatações, no que se refere a perfil do educador, os PCN de 5^a a 8^a série (Brasil, 1998), ressaltam ser fundamental que os educadores reconheçam como legítimas e lícitas, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestas acerca da sexualidade uma vez que fazem parte de seu processo de desenvolvimento. Entretanto, para que o professor esteja apto a trabalhar a sexualidade em sala de aula de modo a problematizar as questões e orientar as discussões, faz-se necessário que ele tenha acesso à formação específica para tratar do assunto, o que lhe trará uma postura profissional segura e consciente no trato desse tema

4. ESCOLA E FAMÍLIA: UMA PARCERIA NECESSÁRIA

Integração escola-família, eis um dos maiores desafios da escola que pretende incluir a educação sexual no seu projeto pedagógico. O estudo evidenciou que:

a educação sexual é um caminho de mão dupla, se por um lado a escola tem que promover sua inclusão no currículo, por outro lado, a família precisa, também, desempenhar a sua insubstituível função de educar sexualmente a partir do diálogo e da vivência familiar;

ao vir para a escola o indivíduo traz os valores e a cultura que lhes foram transmitidas a partir da vivência familiar. Este indivíduo já traz consigo uma representação dos papéis sociais do homem e da mulher, uma noção de respeito entre os sexos e entre as pessoas, uma nomenclatura própria dos órgãos sexuais, uma visão particular da sexualidade humana. Muitas vezes, o aluno traz experiências negativas e visões deturpadas ou equivocadas em relação à sexualidade humana o que se apresenta a partir de um série de tabus e preconceitos. Outros parecem querer ir contra os valores familiares, seus fundamentos e seus limites e, por isso, quando não encontram espaço na escola, para realizar tal fato, procuram nos amigos, ou na rua, o espaço ideal;

ao pretender promover a educação sexual de seus alunos a escola precisa estar ciente da função da família neste processo. É um trabalho integrado e a escola precisa estar aberta para os pais, chamando-os para discutir e apresentar propostas, para trocar experiências e contribuir para o fortalecimento do conhecimento teórico da família acerca de questões ligadas à educação sexual,

- as famílias, em sua grande maioria, não têm muito acesso ao conhecimento formal sobre sexo. A grande maioria ainda sente dificuldades tremendas em falar sobre o assunto com seus filhos. Para alguns entrevistados, esse fato pode ser contornado a partir do momento que estas famílias tiverem a oportunidade de obter mais conhecimento sobre a sexualidade e sobre a educação sexual;
- grande parte do pessoal da escola colocou que, trazer o pai para a escola para discutir a educação de seus filhos, parece ter se tomado um grande problema para a escola, nos dias atuais. A família parece achar mais cômodo transferir para a escola todas as suas responsabilidades com relação a educação dos filhos,

principalmente, no que se refere à educação sexual, tema que a assusta e a inquieta;

os pais colocaram que a escola não tem buscado trazer os pais para discutir questões ligadas à vida dos seus filhos. Disseram que a escola poderia fazer alguns *Encontros de Pais* ou algo parecido, onde pais, professores e alunos poderiam discutir juntos sobre questões importantes. A maioria dos pais disseram que, se a escola desse oportunidade, eles participariam das discussões sobre o tema.

A história das famílias entrevistadas, assim como a história da maioria das famílias brasileiras, está centrada na concepção de uma sexualidade à luz de uma visão deturpada, "suja" e receosa. É desejável trazer essas famílias para discutir novas posturas, com vistas a encarar a sexualidade dos jovens como algo real e natural e que precisa ser orientada de modo aberto e positivo. O que se constata, atualmente, é que os pais encontram tempo para o jogo, para a novela, para as compras e, até para a bebida, mas não encontram tempo para participar de uma reunião de pais na escola do filho, geralmente sob a desculpa de que têm que trabalhar. Este tempo acaba sendo cobrado mais tarde quando o filho começa a apresentar problemas na escola, na rua e por aí vai. Os pais só comparecem à escola quando têm que pegar os boletins escolares ou quando são convocados para assinar a advertência ou transferência do filho. A escola parece ter se acomodado com esta displicência familiar e acaba por não exigir dos pais a sua necessária presença e parceria no que se refere à educação das crianças e jovens. Na verdade, o que realmente acontece, parece estar ligado a uma questão de valores e prioridades o que contribui para a acomodação referida.

Mediante essa realidade, algumas alternativas começam surgir, como por exemplo os encontros de pais que algumas escolas vêm realizando na tentativa de desenvolver um trabalho de parceria, envolvimento e formação das famílias. Tais encontros tratam de questões relevantes para educação dos filhos, como por exemplo: droga, gravidez na adolescência, violência doméstica e outros. Esses encontros são organizados, geralmente, pela direção e equipe pedagógica da escola, podendo contar, também, com colaboração e participação dos professores e alunos. Em muitos deles, as famílias têm a oportunidade de discutir juntamente com especialista e com os próprios jovens os modos de encarar situações que lhes causam angústia como a droga e a gravidez precoce. Cabe à direção da escola colocar em relevo a realização de eventos que aproximem as famílias, incentivando-as e provocando-as para o debate, tornando a sua presença na escola o mais agradável possível e despertando o interesse de retornar.

A organização escolar precisa passar por uma reformulação e estreitar laços com a família e, com a comunidade em geral, caso contrário a escola se transformará em local inócuo, sem atingir realmente a finalidade de educar para a cidadania e para a felicidade.

Neste particular, os PCN de 5^a a 8^a série (Brasil, 1998), ressaltam que o diálogo entre a escola e as famílias, poderá contribuir para que a sexualidade deixe de ser tabu, passando a ser objeto de discussão na escola, possibilitará a troca de idéias entre esta e as famílias. Neste caso, a educação sexual contribuiria, também, para muitas mudanças na esfera doméstica, contribuindo para uma revisão de papéis sexuais e de posturas sexistas. Se a escola e a família não assumirem as suas responsabilidades de propiciar uma educação sexual de qualidade para nossas crianças e jovens, essa tão importante missão ficará à cargo da televisão, dos coleguinhas e da rua.

A escola integrada com a família poderá buscar, também, a parceria de outras instituições para realizar este trabalho, como por exemplo, as instituições ligadas à proteção e amparo da criança e do adolescente, às instituições de saúde, às instituições de apoio à cultura e ao lazer, além de outras. A gravidez na adolescência, a AIDS, o crescimento demográfico desordenado, a violência doméstica são questões ligadas às mudanças que ocorrem nos valores e no modo de vida da sociedade atual, inclusive, no processo de educação sexual da população. Assim sendo, a educação sexual não é apenas uma responsabilidade da escola, mas de toda a sociedade.

VI - EDUCAÇÃO SEXUAL: PROPOSTAS, DESAFIOS E RECOMENDAÇÕES

A sexualidade, como a afetividade, o caráter ou a personalidade, é um aspecto essencial da pessoa, um aspecto fundamental, do qual não se pode prescindir no momento de estabelecer um programa educativo integrador que procure abranger a pessoa em todos os seus aspectos e ajude a unificar todas as suas dimensões.

(Tomás Martínez & Cosme Pascual)

O presente estudo permitiu identificar o posicionamento que a escola, os pais e os adolescentes envolvidos em situação de gravidez, apresentam com relação à vivência da gravidez na adolescência e à inclusão da educação sexual no currículo da escola. Percebemos que a sexualidade humana ainda continua sendo um problema para muitos jovens e, principalmente, para as famílias e para a escola. Os jovens iniciam cada vez mais cedo sua vida sexual, mas a família e a escola continuam a ignorar tal fato, deixando muito a desejar com relação à função de formar jovens conscientes de seus limites e responsáveis por suas ações. A televisão e outros meios de comunicação ainda continuam a alcançar grande destaque como fonte de informações para crianças e jovens nos assuntos relacionados à sexualidade.

A gravidez na adolescência é apenas um dos problemas provocados por uma cultura sexual de aprisionamento, desconhecimento, medos e tabus. Nossa sociedade prefere procurar alternativas que remediem ao invés de prevenir e orientar. A escola encara a gravidez entre adolescentes como algo natural nos dias de hoje, sem buscar alternativas de prevenção e de orientação à gravidez. A família prefere acreditar que jamais terá que enfrentar tal situação, fechando os olhos para a sexualidade de seus filhos, sem dar a devida orientação.

A postura a ser adotada em um trabalho efetivamente de prevenção exige a participação de todos. Exige que a família assuma a função de educar sexualmente seus filhos.

Exige que a escola assuma que está diante de um grande problema social e que precisa buscar reforços, conhecimentos e parceiras para enfrentá-lo com propriedade e competência. Exige que os diretores das escolas façam valer a legislação que torna obrigatória a inclusão da educação sexual no currículo escolar. Exige que o currículo escolar seja contextualizado na prática e não apenas na teoria. Exige que os órgãos responsáveis pela educação local e nacional realmente ofereçam subsídios para que a escola atue com competência no que se refere à educação sexual, capacitando o corpo docente e oferecendo alternativas para a realização do trabalho.

Faz-se necessário que a escola desenvolva uma discussão democrática em torno dos conteúdos e objetivos da educação sexual. Essa discussão deverá envolver toda a comunidade escolar: direção, professores, alunos e pais. Uma das questões que devem ser analisadas se refere à qualificação do corpo docente para trabalhar com o tema de modo a formar uma consciência no aluno. Para tanto, os professores precisarão além de conhecimentos na área de educação sexual, ter naturalidade e vontade para lidar com o tema, orientando realmente os adolescentes.

A escola pública ainda encontra empecilhos diversos que dificultam a inclusão da educação sexual no currículo escolar. A própria escola é a primeira a colocar a barreira construída e cristalizada a décadas e décadas. Um dos motivos destas barreiras é o preconceito que os próprios educadores trazem com relação à concepção de sexualidade. Tal postura é causada pela ignorância e culto a valores culturais ultrapassados. A escola não pode permanecer mergulhada no desconhecimento da sexualidade, enquanto a sociedade vem mudando seus padrões de comportamento e clama por maiores conhecimentos neste sentido.

Não cabe à escola toda a responsabilidade de oferecer educação sexual. Por outro lado, é inegável o seu papel no sentido de buscar se aperfeiçoar no trato dessas questões, contribuindo assim para quebrar não somente o preconceito existente em sua própria comunidade escolar, mas, também, aquele que está presente no seio de toda a sociedade que a cerca. Esta postura da escola poderá até ser criticada inicialmente por seus próprios membros, depois pelos pais e por outros membros da comunidade, mas, certamente, esta questão será solucionada se o trabalho for levado adiante com determinação, seriedade, responsabilidade e competência. A educação sexual se apresenta como mecanismo de prevenção da gravidez precoce, das DST/AIDS e outros problemas. É, também, um meio de fortalecimento e contextualização do currículo escolar, tornando-o mais próximo da realidade dos alunos e por isso mais útil para a sua vida e para a sua formação cidadã. Não podemos ser ingênuos a ponto de considerar que a educação sexual é chave para solucionar todos os problemas ligados á

sexualidade, mas é preciso reconhecer que ela se apresenta no contexto atual como um recurso fundamental no trato dessas questões.

O currículo básico das escolas públicas do Distrito Federal encontra-se em fase de experimentação e possíveis reformulações. É um momento propício para a inclusão da educação sexual. A escola necessita de subsídios para trabalhar com mais eficácia as questões ligadas à sexualidade humana. A gravidez na adolescência e a AIDS representam dois grandes problemas sociais. Precisam ser enfrentados a partir de uma educação esclarecedora, preventiva, crítica e conscientizadora. Por outro lado, percebemos que a escola estudada ainda não se encontra preparada para lidar com esta realidade. A grande maioria dos sujeitos entrevistados desconheciam, até mesmo, a legislação que torna obrigatória a inclusão da educação sexual na escola. O descaso do pessoal da escola em relação as questões sexuais podem ser o resultado da falta de preparo adequado desses profissionais para lidar com a área.

A pesquisa deixou claro que os professores da escola estudada não dispunham da formação adequada para trabalhar com o tema em sala de aula. A quantidade dos cursos oferecidos para o aperfeiçoamento dos professores na área de educação sexual ainda é muito modesta e não atende à demanda existente. A educação sexual poderia ser incluída dentro de muitos conteúdos de cursos oferecidos para os profissionais de educação, principalmente, os cursos introdutórios. Entretanto, cabe ressaltar que essa alternativa não seria suficiente para formar educadores aptos a lidar com a educação sexual dos educandos. Ao trabalhar com essa área o educador precisa muito mais do que de simples conceitos, ele tem rever sua própria concepção de sexualidade, de ser humano, de cultura e de sociedade. Para tanto, seria necessário que o educador recebesse uma formação mais abrangente, que o habilitasse realmente para trabalhar nessa área com competência, segurança e responsabilidade.

Uma vez que as universidades ainda não se voltaram para essa questão no momento de formular os programas dos cursos formadores de educadores, faz-se à necessário que esses profissionais procurem uma formação específica na área para lidar com o tema. Certamente, uma das maiores dificuldades será a de conseguir fazer com que todos os professores da escola, seja ela de ensino médio ou não, tenham a formação adequada em educação sexual. Essa realidade evidencia ser salutar que as universidades, instituições responsáveis pela formação dos professores, reflitam sobre a importância da educação sexual na sociedade atual e incluam a temática dentro dos diferentes cursos de formação.

Não seria necessário também que acontecesse uma discussão junto aos diretores de todas as escolas de educação básica do DF, no sentido de discutir as questões ligadas à educação

sexual de nossas crianças e jovens? Tal discussão poderia refletir e propor ações educativas que informassem e formassem efetivamente nossa juventude. A educação sexual precisa ser incluída na escola desde as primeiras séries. É salutar buscar meios que possibilitem aos educadores lidar com segurança e responsabilidade frente às questões ligadas à sexualidade humana. A recomendação inicial do estudo se reporta ao diretor da escola desde que caberá a ele a função de promover a sensibilização inicial da comunidade escolar, no sentido de refletir sobre a importância de se incluir efetivamente a educação sexual no currículo da escola. Nesta etapa caberá à direção da escola perceber a relevância da questão e buscar parcerias para a realização do trabalho, junto a órgãos competentes que lidam direta ou indiretamente com questões ligadas à sexualidade.

A direção, juntamente com toda a sua equipe pedagógica poderá promover estudos coletivos com os professores sobre a legislação e as teorias que envolvem a educação sexual; encontros com os pais e representantes da comunidade para discutir as funções de cada membro frente à educação sexual do jovem. A escola deverá dialogar constantemente com os alunos no sentido de conhecer mais as suas necessidades, seus interesses e carências, desse modo o trabalho a ser realizado estará de acordo com a realidade da clientela ao qual se destina. O diretor deverá buscar junto à Secretaria de Educação as condições para favorecer a discussão junto à comunidade e para o aperfeiçoamento de seu corpo docente na área de educação sexual, bem como o material didático que dará suporte ao trabalho.

A equipe pedagógica, caberá a função de contribuir para que a inclusão ocorra efetivamente de modo contextualizado e transversalizado dentro do currículo. A direção da escola e a equipe pedagógica têm um papel fundamental no processo de implementação da proposta. O diretor, os assistentes, os coordenadores e o serviço de orientação educacional serão peças-chaves. O papel do orientador educacional poderá ser relevante no sentido de manter relações dialógicas com todos os membros da comunidade escolar, principalmente, com os alunos e com os pais.

É fundamental que os professores reconheçam que ao trabalhar com temas ligados à realidade do aluno, no caso, com temas ligados à sexualidade eles não estão perdendo tempo, mas sim desempenhando com mais responsabilidade o seu papel de educador. Como a sexualidade está presente em tudo que diz respeito à vivência do homem, os professores precisam reconhecer que quase todos os conteúdos carregam em si alguns tópicos que podem contribuir para a discussão de tal questão. Os professores encontrarão espaço dentro de seus conteúdos para trabalhar a educação sexual, bastando para isto começar a perceber a educação

sexual como necessária, buscando conhecer cada vez mais a área. Hoje, não basta mais o professor se acomodar e dizer que não recebeu informações sobre educação sexual, que não fez cursos na área, que não está preparado para isso. Os alunos demonstram ser cada vez mais necessário que o professor saiba sobre o assunto, a realidade social também evidencia essa necessidade, portanto, ele precisa buscar aperfeiçoamento na área. Todas as propostas educacionais só se efetivam na prática se os professores estiverem realmente sensibilizados, motivados e, acima de tudo, preparados.

A família encontra-se diante do desafio de aceitar a sexualidade dos seus filhos, de conhecer mais sobre a sexualidade humana e sobre a importância da educação sexual na família e na escola. Sabe que precisa aprender a dialogar com seus filhos sobre as questões referente à sexualidade, diminuindo os efeitos negativos de uma educação sexual distorcida que eles recebem, muitas vezes, a partir dos meios de comunicação e dos amigos. A pesquisa evidenciou a dor das famílias ao tomar conhecimento de que o/a filho/a estava envolvido/a em situação de gravidez. Na maioria dos casos essa dor acabou sendo superada pela chegada da criança, em outros, a mágoa e o sentimento de traição impossibilitaram a comunicação, a relação e a aceitação do fato, levando alguns pais a expulsar as filhas de casa. Reconhecemos que aspectos culturais não são modificados de repente, por isso, para que a família chegue ao grau de aceitação desejável da sexualidade, a parceria com a escola é fundamental.

É fato que todo processo de mudança envolve dificuldades, e neste particular, a família também precisará ser ajudada através de um processo educativo. A proposta de inclusão da educação sexual no currículo precisa integrar também a família. Precisa estar ciente de que a família, também, tem a sua contribuição a dar em relação a questão. Para tanto, a escola não pode isolar-se, ficar trancada no seu próprio mundo, ela precisa cativar, conquistar a família para que juntas elas possam encontrar uma melhor forma de trabalhar a questão.

É salutar que os adolescentes se conscientizem que o exercício inadequado de sua sexualidade poderá prejudicar para sempre a construção do seu projeto de vida. Percebemos que a gravidez faz com muitos dos adolescentes tenham não poder dar continuidade aos seus estudos. Outros utilizam-se da gravidez para tentar obter mais facilidades junto aos professores. Em todos os casos ficou evidente que o envolvimento em uma situação de gravidez altera todo o projeto de vida desses jovens.

Tanto os adolescentes do sexo feminino quanto os do sexo masculino precisam estar cientes dos cuidados necessários para o exercício de sua sexualidade. A educação sexual é importante tanto para as meninas quanto para os meninos. O adolescente do sexo masculino

precisa assumir uma postura sexual mais responsável, estando ciente das conseqüências do seu comportamento sexual. Uma gravidez não é responsabilidade exclusiva da adolescente. Entretanto, tal percepção só acontece a partir de muita discussão, conhecimento e reflexão. A valorização pessoal contribuirá para uma postura sexual mais segura, responsável e consciente. Uma nova concepção de sexualidade contribuirá para que a essa questão seja relacionada apenas aos atos sexuais. O conhecimento de outras questões ligadas à sexualidade contribuirá para uma vivência sexual mais completa, saudável e feliz. Contribuirá para perceber a pessoa humana em todas as suas dimensões.

A contribuição da escola no trato das questões ligadas à educação sexual só poderá ser mais efetiva se o trabalho for mais sistematizado. Essa sistematização só acontecerá a partir do momento que a educação sexual estiver incluída no currículo, na proposta pedagógica da escola. Para tanto, faz-se necessária uma mudança de concepção de educação sexual, de sexualidade e do próprio modo de pensar a adolescência. Os dados obtidos no estudo evidenciaram a necessidade e a urgência de um trabalho voltado para a questão. A inclusão da educação sexual de forma contextualizada e/ou transversalizada dentro do currículo da escola estudada, escola de ensino médio, poderá contribuir para a formação de um cidadão mais consciente de suas responsabilidades e com maior capacidade de se relacionar melhor e com maior qualidade consigo mesmo, com o outro e com o mundo em que vive de um modo geral. Macedo (1992) afirma que ao discutirmos a sexualidade, estamos dando oportunidades para que as pessoas tomem consciência de que são pessoas humanas integrais, com direitos inalienáveis.

Durante o processo de imersão no campo de pesquisa algumas questões foram surgindo e despertando grande interesse. Sugerimos portanto que as questões, a seguir, poderão contribuir bastante para uma compreensão mais abrangente dos problemas relacionados à gravidez na adolescência e à educação sexual como um todo. Deste modo, recomendamos:

- conhecer mais profundamente o perfil dos adolescentes que se envolvem em situação de gravidez: sua história de vida, meios de acesso à cultura e ao lazer, o contexto familiar onde vivem;
 - investigar, em maior profundidade, o sentimento do adolescente do sexo masculino frente à gravidez e à paternidade precoce;
- trabalhar os objetivos da educação sexual em uma perspectiva interdisciplinar, envolvendo todos os atores e todas as áreas do conhecimento;

realizar estudos sobre a educação sexual e sua possível relação com a prevenção da violência e, principalmente, da violência doméstica;

investigar se um trabalho contínuo e progressivo na área de educação sexual pode contribuir para o resgate da família e de seus valores;

investigar a contribuição de um trabalho sistematizado em educação sexual para contribuir para a construção de um melhor projeto de vida.

A escola tem um grande potencial como educadora sexual e se apresenta como a instituição, também, responsável pela mudança da mentalidade sobre a sexualidade humana. A vontade e o interesse coletivo de promover uma educação de qualidade e voltada para o exercício pleno da cidadania e do amor constituem elementos fundamentais no processo de mudança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, M. C. S. *O Papel da escola na educação sexual do adolescente*. São Paulo: Universidade Metodista de Piracicaba. Dissertação de Mestrado, 1991.
- ARATANGY, L. R. "Sexo, drogas e outros enrosocos". In: *O prazer o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde*. Marcos Ribeiro (Org.). São Paulo: Editora Gente: Cores - Centro de Orientação e educação sexual, v. 1, p. 347-356, 1999.
- BARROSO, C. (Org). *Gravidez na adolescência*. Brasília: IPLAN/IPEA, 1986.
- BARROSO, C. e BRUSCHINI, M. C. *Educação sexual: debate aberto*. São Paulo: Vozes, 1982.
- BERNARDI, M. *A deseducação sexual. Tradução de Antônio Negrini*. São Paulo: Summus, 1985.
- BEMFAM. *Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde 1996*. Sociedade Civil Bem-Estar Familiar no Brasil: BEMFAM/Macro Internacional, 1997.
- BERQUO, E. "Quando, como e com quem se casam os jovens brasileiros". In: *Comissão Nacional de População e desenvolvimento: Jovens acontecendo nas trilhas das políticas públicas*. Brasília: CNPD, 1998, p. 93-107.
- _____. "Prefácio". In: *Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento*. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999. v. 1, p. 15-17.
- BEZERRA, W. *Manual do Telespectador insatisfeito*. São Paulo: Summus, 1999.
- BRASIL, MEC/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais de 1ª a 4ª Série: Apresentação dos Temas Transversais, Ética*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais de 1ª a 4ª Série: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais de 5ª a 8ª Série: Temas Transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, MEC/ Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Bases Legais*. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.

_____. VSEPESPE. *Diretrizes para uma política educacional em sexualidade*. Brasília, MEC/SEPESPE, 1994. (Série Educação Preventiva Integral, 2).

_____. Ministério da Saúde. *Bases Programáticas da Saúde do adolescente*. Brasília: Ministério da Saúde, 1997.

_____. *Promoção da Saúde do Adolescente*. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas da Saúde: 1999.

_____. *Sexualidade, prevenção das DST/AIDS e uso indevido de drogas: Diretrizes para o trabalho com crianças e adolescentes*. Brasília: Ministério da Saúde, 1998.

CAMARANO, A. A. " Fecundidade e anticoncepção da população de 15-19 anos". In: *Seminário Gravidez na Adolescência*. Elisabeth M. Vieira et all. (Org.). Brasília: Ministério da Saúde, Associação Saúde da Família e Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional, 1998. p. 35-46.

CAMPOS, M. C. S. S. *Educação: agentes formais e informais*. São Paulo: EPU, 1985. (temas Básicos da Educação e Ensino).

CANNON, L. R. C. " Prefácio". In: *Seminário Gravidez na Adolescência*. Elisabeth M. Vieira et all. (Org.). Brasília: Ministério da Saúde, Associação Saúde da Família e Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional, 1998. p. 11-12.

CAVALCANTI, R. C. "Educação Sexual no Brasil e na América Latina". *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v.3, n.1, p. 164-177, 1993.

CAVASIN, S. M. P. & ARRUDA, S. " Educação Sexual e comunicação para adolescentes". In: *Seminário Gravidez na adolescência*. Elisabeth M. Vieira et all. (Org.). Brasília: Ministério da Saúde, Associação Saúde da Família e Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional, 1998. p. 110-118.

- CENEVIVA, W. "Censura na TV e no rádio". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 de outubro de 1999. São Paulo, p. 3.
- CONFORTO, M. T. A. et all. Saúde sexual e reprodutiva na adolescência: o desafio de institucionalizar ações na saúde e na educação. Brasília: Editora Rumo, 1998.
- COSTA, M. V. (Org.) *Escola Básica na virada do século: cultura, política e educação*. São Paulo: Cortez, 1996.
- DELORS, J. (Org.) "Educação: um tesouro a descobrir". *Relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Rio Tinto/Portugal: Edições Asa, 1996. UNESCO, 1996. Coleção Perspectivas Atuais.
- DOMINGUES Jr, J. S. "Fatores etiológicos relacionados à gravidez na adolescência: vulnerabilidade à maternidade". In: *Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento*. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999. v. 1, p. 223-229.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. *Educação Sexual no Brasil: o estado da arte de 1980 -1993*. São Paulo: USP, 1995. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, 1995.
- FOGAÇA, A. "Educação, Qualificação e Pobreza: um resumo da crise Educacional Brasileira" In *Ensino Básico na América Latina: experiências, reformas, caminhos*. Helena M. B. Bomeny (Org). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- FRUET, M. S. B. *Adolescência, sexualidade e AIDS*. Campinas, SP: Faculdade de Educação da UNICAMP, 1995. (Dissertação de Mestrado em Metodologia de Ensino).
- GOLDBERG, M. A. A. *Educação sexual: uma proposta um desafio*. 4ª. ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- GUIMARÃES, I. *Educação Sexual na escola: mito e realidade*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.
- LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. *Pesquisas em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- LYRA, J. L. " Participação masculina na gravidez adolescente". In: *Seminário Gravidez na adolescência*. Elisabeth M. Vieira et all. (Org). Brasília: Ministério da Saúde, Associação Saúde da Família e Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional, 1998. p. 119-126.

- MACEDO, C. C. "Catolicismo e sexualidade: uma visão nativa". *Comunicações do SER*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 42, p. 38-44, 1992. Número especial.
- MARTINEZ, T.P. & PASCUAL, C. P. Compreender a sexualidade: para uma orientação integral. Tradução de Maria L. Garcia Prada. São Paulo. Paulinas, 1998.
- MATANO, M. S. C. *Orientação sexual: projeto de ação pedagógica da rede municipal de ensino de São Paulo (1978-1982)*. São Paulo: PUC, 1990. Dissertação, (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990.
- MORETTI, E & QUEIROZ, R. M. M. "Perfil da sexualidade do adolescente". *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v.9, n.1, p. 79-99, 1998.
- NETTO, J. M. F. Concepções de sexualidade humana e respectivos modelos de educação sexual. Material do Programa de Formação de especialista em Educação Sexual. Brasília: ISOF (Texto no prelo).
- PINHEIRO, D. "Onde você aprendeu isso?" *Veja*, ano 32, n. 16, 21 de abril de 1999, p. 112-118.
- PIROTTA, W. R. B. & PIROTTA, K. C. M. "O adolescente e o direito à saúde após a Constituição de 1988". In: *Cadernos da juventude, saúde e desenvolvimento*. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999. v. 1, p. 30-40.
- RIBEIRO, M.O. Ideologia reproduzida na abordagem da sexualidade humana: análise do discurso de estudantes de enfermagem. São Paulo: USP, 1990. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade de São Paulo, 1990.
- ROUCO, J. J. M. "Aspectos sociais e culturais". In: *O prazer o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde*. Marcos Ribeiro (Org). São Paulo: Editora Gente: Cores - Centro de Orientação e educação sexual, v.1, p.93-100, 1999.
- SCHIAVO, M. R. "*Merchandising social: sexualidade e saúde reprodutiva nas telenovelas*". *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 9, n. 2, p. 168-183, 1998.
- SCHMIDT, M. J. e PEREIRA, M. de S. *Orientação Educacional*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1964. (Escola e Vida, 3).
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL, FEDF/DP. Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas do Distrito Federal - Ensino Médio. Brasília: Secretaria de Educação/FEDF, 2000. (Versão Experimental)

- SORDILI, A e SALLUM, E. "Não basta ver, tem de participar". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 de outubro de 1999. tvfolha, p.8-9.
- SOUZA, M. M. C. "A maternidade nas mulheres de 15 a 19 anos como desvantagem social". In: *Seminário Gravidez na Adolescência*. Elisabeth M. Vieira et all. (Org.). Brasília: Ministério da Saúde, Associação Saúde da Família e Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional, 1998. p. 74-91.
- SUPLICY, M. *Sexo para adolescentes: amor, sexualidade, masturbação, virgindade, anticoncepção, AIDS*. 3. ed. São Paulo: FTD, 1995.
- _____. "A importância da mãe no desenvolvimento da capacidade amorosa". In: *O prazer o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde*. Marcos Ribeiro (Org.). São Paulo: Editora Gente: Cores - Centro de Orientação e educação sexual, v. 1, p. 55-60, 1999.
- TAVARES, R.M. "Aspectos psicológicos". In: *O prazer o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde*. Marcos Ribeiro (Org.). São Paulo: Editora Gente: Cores - Centro de Orientação e educação sexual, v. 1, p.87-92, 1999.
- TIBA, I. *Puberdade na adolescência: desenvolvimento biopsico-emocional*. 3. Ed. São Paulo: Agora, 1986.
- VASCOCELOS, N. A. de. "Homossexualidade feminina". In: RIBEIRO, Marcos (Org). *Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p. 343-359.
- VIEIRA, M. et all. "Mãos dadas para a vida: Instituições, especialista e governo buscam soluções eficazes para enfrentar o aumento da gravidez entre as adolescentes no país." *Época*, ano II, n. 92, 21 de fevereiro de 2000, p. 52-57.
- VITIELLO, N e VITIELLO, F. "Os Meios de Comunicação de Massa e os adolescentes". *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, São Paulo, v.4, n. 1, p. 15-23, 1993.
- _____. et ai. *Adolescência hoje*. São Paulo: Roca Editora, 1988.
- VTZZOLTO, S. M. et.al. *Educação Sexual e Prevenção ao Uso de Drogas*. Florianópolis, SC: Lunardelli, 1997. (Coleção Vida Feliz).
- WEREBE. M. J. G. "Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão?" *Cadernos de pesquisa*. São Paulo, n. 36, p. 99-110, fev. 1981.

_____. *Sexualidade, Política e Educação*. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1998.

ZAGURY, T. "O adolescente no Brasil". In: *O prazer e o pensar: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde*. Marcos Ribeiro (Org). São Paulo: Editora Gente: Cores - Centro de Orientação e educação sexual, v. 2, p. 75-86, 1999.

ANEXOS

(ROTEIROS DE ENTREVISTAS)

OBS: Entrevistas semi-estruturadas

**ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PESSOAL DA DIREÇÃO E EQUIPE
PEDAGÓGICA**

Sexo: Formação Acadêmica:
Cargo/Função: Tempo de Serviço da Escola:

1. Como você toma conhecimento dos casos de gravidez na adolescência, dentro desta escola? Você tem conhecimento do número de casos de alunas adolescentes que estão grávidas? Quais os procedimentos adotados pela escola ao tomar conhecimento de um novo caso de gravidez na adolescência?
2. Quais os fatores que mais contribuem para a gravidez na adolescência?
3. Do seu ponto de vista, quais as maiores dificuldades que um/a aluno/a que passa por uma gravidez na adolescência, enfrenta dentro e fora da escola? Comente:
4. Qual o comportamento apresentado na escola pelos/as alunos/as que estão enfrentando a gravidez na adolescência? Comente:
5. O que você entende por sexualidade? De que modo esta escola aborda as questões ligadas à sexualidade do adolescente?
6. O que você entende por educação sexual? A educação sexual escolar poderia contribuir para a prevenção de novos casos de gravidez na adolescência?
7. Você tem conhecimento da *Lei 1.575 de 22 de Julho de 1997*, que torna obrigatória a inclusão da educação sexual nos currículos das escolas do DF? Você é contra ou a favor a inclusão da educação sexual no currículo escolar? Caso você seja a favor, como deveria ocorrer essa inclusão? Justifique:
8. Na escola, a quem cabe a responsabilidade de oferecer educação sexual para os adolescentes?
9. Na sua opinião, como está a formação dos professores e demais profissionais da escola com relação ao trabalho com a educação sexual dos adolescentes? A FEDF tem oferecido oportunidades de aperfeiçoamento na área de educação sexual para os professores?
10. Do seu ponto de vista, o que compete à escola e à família no que se refere à educação sexual dos adolescentes?

ANEXO II

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES

Sexo: _____ Curso de Formação Acadêmica: _____
Disciplina que Ministra: _____ Tempo de Serviço da Escola: _____

1. Como você toma conhecimento de que um de seus alunos vai ser pai ou mãe na adolescência? Hoje, você saberia dizer quantas de suas alunas adolescentes estão grávidas? Que procedimento você toma ao saber que um de seus alunos adolescentes está envolvido em uma situação de gravidez?
2. Quais os fatores que mais contribuem para a gravidez na adolescência? Comente:
3. Do seu ponto de vista, quais as maiores dificuldades que o/a aluno/a, que passa por uma gravidez na adolescência, enfrenta dentro e fora da escola?
4. Como suas alunas grávidas ou seus alunos que serão pais se comportam em sala de aula? Como fica o seu rendimento durante este período?
5. O que você entende por sexualidade? De que forma você aborda as questões ligadas à sexualidade do adolescente dentro desta escola? Comente:
6. O que você entende por educação sexual? A educação sexual escolar poderia contribuir para a prevenção de novos casos de gravidez na adolescência?
7. Você tem conhecimento da *Lei 1.575 de 22 de Julho de 1997*, que torna obrigatória a inclusão da educação sexual nos currículos das escolas do DF? Você é contra ou a favor a inclusão da educação sexual na escola? Caso você seja a favor, como deveria ocorrer essa inclusão? Justifique:
8. Você sente facilidade em conversar sobre sexualidade com seus alunos? O que você acha que mais contribui para este comportamento? Você tem alguma formação acadêmica ou profissional na área de educação sexual? Você acha que a FEDF tem se preocupado em oferecer um aperfeiçoamento profissional na área de educação sexual para seus professores?
9. Na escola, a quem cabe a responsabilidade de fornecer educação sexual para os adolescentes? Comente:
10. Do seu ponto de vista, o que compete à escola e à família no que se refere a educação sexual os adolescentes?

ANEXO III

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PAIS

Sexo:	Idade:
Escolaridade:	Estado Civil atual:
Idade dos Filhos:	Nº de Filhos:
Renda Familiar:	Sexo do filho em questão:

1. Como você ficou sabendo que seu/sua filho/a seria pai/mãe na adolescência? Qual foi a reação da família?
2. Quais os fatores que mais contribuíram para que seu/sua filho/a adolescente esteja tendo que lidar com esta gravidez?
3. Você tinha conhecimento da vida sexual do/a seu/sua filho/a antes dessa gravidez? Comente:
4. Como seu/sua filho/a está reagindo ou reagiu ao fato de enfrentar uma gravidez na adolescência? Ele/a está enfrentando alguma dificuldade? Caso a resposta seja afirmativa, quais?
5. A gravidez modificou a vida da família, do/a seu/sua filho/a? Você acha que seu/sua filho/a está preparado/a para ser pai/mãe na adolescência? Comente:
6. Antes da gravidez você costumava conversar com seu/sua filho/a sobre sexo, prevenção de gravidez, DST/ AIDS? E agora, você tem conversado sobre a gravidez, outros? Comente:
7. Na sua opinião, o que seu/sua filho/a espera que a família e a escola possam fazer para ajudar os alunos que estão enfrentando a questão da gravidez na adolescência ou a paternidade/maternidade precoce? Você acha que a escola tem dado o apoio necessário para seu/sua filho/a neste período? Você já foi à escola para conversar com a direção ou professores sobre o assunto? Comente?
8. O que você entende por educação sexual? Você tem conhecimento da *Lei 1.575 de 22 de Julho de 1997*, que torna obrigatória a inclusão da educação sexual nos currículos das escolas do DF? Você é contra ou a favor da inclusão da educação sexual no currículo escolar? Caso você seja a favor de que modo deveria ocorrer essa inclusão?
9. A educação sexual poderia contribuir para a prevenção de novos casos de gravidez na adolescência? Ela ainda poderia ajudar os alunos que já estão enfrentando uma gravidez na adolescência ou que já se tornaram pais adolescentes? Comente:
10. Do seu ponto de vista, o que compete à escola a escola e à família no que se refere à educação sexual dos adolescentes? Se a escola desenvolvesse um trabalho de educação sexual incluindo a comunidade, você acha que os pais participariam, aceitariam? Comente:

ANEXO IV

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS

Sexo:

Idade:

Série:

Estado Civil:

Reside com:

Trabalha?

Período da gravidez:

1. Como era sua vivência sexual antes da gravidez? Você usava algum tipo de anticoncepcional? O que você acha que mais contribuiu para esta gravidez? Comente:
2. Qual foi sua reação quando descobriu que seria mãe/pai na adolescência? E seu/sua parceiro, como ele/a reagiu? Comente:
3. Como você está convivendo com esta gravidez? Você está enfrentando alguma dificuldade? Comente:
4. Essa gravidez mudou sua vida, seus planos para o futuro? Comente:
5. O que é sexualidade para você? Antes da gravidez, seus pais ou professores costumavam conversar com você sobre sexo, DST/AIDS, métodos contraceptivos? E hoje, eles conversam com você sobre a gravidez? Comente:
6. Na sua opinião, o que a família e a escola devem fazer ao tomar conhecimento de um caso de gravidez na adolescência? E no seu caso, qual foi a reação da família e da escola? Comente:
7. A escola oferece algum tipo de apoio às alunas que estão enfrentando uma gravidez na adolescência ou ao adolescente que será pai? Comente:
8. O que a escola poderia fazer para prevenir novos casos de gravidez na adolescência? Na sua opinião, esse trabalho de prevenção ainda poderia ser útil para os alunos que já estão envolvidos em uma situação de gravidez na adolescência? Comente?
9. O que você entende por educação sexual? Você é contra ou a favor à inclusão da educação sexual no currículo escolar? Justifique sua resposta:
10. Você está conseguindo conciliar a gravidez com os estudos? Você pretende continuar estudando após o nascimento do seu filho? Comente?